A mulher que fugiu de Sodoma

José Geraldo Vieira

romance

Editora Leitura

Chamado de mestre da prosa por Manuel Bandeira, José Geraldo Vieira surge como romancista com *A mulher que fugiu de Sodoma*, título que faz referência ao quadro de Rubens, pintor barroco, adquirido por um dos personagens da trama. Seu tema central é um dos grandes vícios da humanidade: o jogo, pano de fundo de uma narrativa densa, questionadora e reflexiva. Digo pano de fundo porque vários outros são os assuntos que transitam pela trama: o casamento, o amor, o dinheiro, a riqueza, a arte, a medicina, a viagem, a boêmia, a amizade, a sedução, a compaixão. A maneira como o escritor organiza a mente de Mário, o jogador, faz que sejamos corpos viajantes dentro do universo mental do romancista. Essa mágica da escrita, da composição do texto, é a grande arte de José Geraldo Vieira.

Sodoma, por exemplo, não é só uma cidade, mas todo um contexto que marca a vida dos protagonistas, Lúcia e Mário. A Sodoma de Lúcia é a casa do milionário que a mantém presa, sem que ela se dê conta, a uma vida segura, com viagens, festas, etc. A Sodoma de Mário é o mundo de pra-

zeres mundanos parisienses, no qual o jogo está inserido. Todo o livro é assim a visão da Sodoma bíblica, de onde Lot tenta escapar. A representação é o quadro – *A fuga de Lot* – de Rubens e, segundo consta, *A mulher que fugiu de Sodoma*, um estudo para esse quadro inacabado.

Também impressiona em José Geraldo Vieira o mapeamento dos espaços, tamanha a riqueza de detalhes e definição. O Rio de Janeiro – dos bairros de Laranjeiras e Botafogo – e Paris são as duas grandes cidades do romance, com suas ruas e arquitetura humanizadas.

Elis Crokidakis

Aqui está o grande mestre do romance brasileiro de hoje.

Erico Verissimo

Poucos romancistas contribuíram com tanta coisa nova para a novelística brasileira quanto José Geraldo. [...] Não sei de figura mais nobre no cenário atual de nossa literatura.

Jorge Amado

José Geraldo Vieira tem o gênio literário, é na literatura brasileira uma das mais eminentes encarnações do escritor, do romancista.

Wilson Martins

A mulher que fugiu de Sodoma *recebeu a consagração da crítica de seu tempo, nunca deixando de ser mencionado, quando formulada tal indagação, entre os dez mais importantes romances brasileiros de todos os tempos.*

Temístocles Linhares

www.editoraleitura.com.br
leitura@editoraleitura.com.br

a mulher que fugiu de SODOMA

romance

José Geraldo Vieira

a mulher que fugiu de SODOMA

romance

A MULHER QUE FUGIU DE SODOMA – romance

Editor
Nissim Yehezkel

Revisão
Rafael Cota
Luciara Assis

Projeto gráfico e capa
Vanderlucio Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Vieira, José Geraldo
A mulher que fugiu de Sodoma : romance / José Geraldo Vieira.
– Belo Horizonte: Editora Leitura, 2008.

1. Romance brasileiro I. Título.

07-10189 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura brasileira 869.93

ISBN 978-85-7358-811-8

Impresso no Brasil
Belo Horizonte – 5ª edição – março / 2008

Rua Pedra Bonita, 870 • Barroca
Cep 30430-390 • Belo Horizonte • MG • Brasil
Telefax: (31) 3379-0620
www.editoraleitura.com.br • leitura@editoraleitura.com.br

"Ce que nous appelons une belle âme, ne l'est devenue qu'au prix d'une lutte contre elle-même, et jusqu'à la fin elle ne doit pas cesser de combattre.

Si le romancier a une raison d'être au monde c'est justement de mettre à jour, chez les êtres les plus nobles et les plus hauts, ce qui resiste à Dieu, ce qui se cache de mauvais, ce qui se dissimule; et c'est d'éclairer, chez les êtres qui nous paraissent déchus, la secrète source de pureté."

DIEU ET MAMMON

François Mauriac

— *primeira parte* —

I

Olhou de esguelha para o gradil e as janelas. Ao transpor o jardim e o terraço escolheu entre as chaves da penca a Yale da saleta. Entreabriu devagar a porta; e tendo entrado não acendeu a luz: lá fora já clareava.

Deteve-se uns segundos circunvagando o olhar pelas sombras indistintas dos móveis; invejou-lhes a quietude e subiu a escada cautelosamente para os degraus não rangerem. Ao entrar no quarto logo pôs de alcatéia o recurso da invenção, pois já passava das quatro horas da madrugada. Abeirando-se pé ante pé da orla da cama, debruçou-se um pouco sobre o corpo da mulher, e assim que lhe percebeu o relevo e a tepidez veio para o seu lado habitual, principiando a despir-se. Viu-a virar-se para o canto e proferir duas ou três palavras. Alertou a imaginação ante aquela vaga reprimenda.

Nele a mentira tinha sido sempre a oportuna destruidora de embaraços. Aplicava-a com habilidades instantâneas de simulação, quer para ajeitar atrasos e demoras, quer para tecer coincidências viáveis. Sem hesitações nem redundâncias, tudo muito verossímil. Estirado na cama ficou à espera de perguntas que decerto viriam em série.

Mas, imóvel, virada para a parede, Lúcia não disse palavra. Pelo ruído e pelo ritmo da respiração ficou em dúvida se ela teria ou não readormecido. Jazia a poucos centímetros do seu corpo, quieta, talvez propositalmente calada e a deduzir as razões confusas que o obrigavam a chegar àquelas horas.

Ouviu bater horas no relógio da fábrica; caiu num subsono muito tênue, mas logo acordou com noção exata da realidade material e moral. Começou o seu exame de consciência.

Antemanhã, quando o quarto, meio aclarado, entrou também a agir no seu espírito como presença admoestadora, notou que a insônia lhe era mais angustiosa do que as próprias causas dela, visto lhe deformar, em projeções, a minúcia do raciocínio. Ajeitou-se melhor; procurou posições mais estáveis, cobriu-se bem, até aos ombros, como um enfermo; mas a insônia continuava. Os retângulos de luz justapostos e paralelos, coados através das persianas, eram amostras da claridade verídica do dia nascente, de mais um dia igual aos outros e cujas horas só lhe traziam cortejos de lembranças insuportáveis. Pôde observar o relevo da colcha sobre o corpo da mulher. Desde o ombro e a linha do busto até o extenso promontório que ia dos joelhos aos pés sob a alvura da colcha.

Inventou divagações para estancar a voz íntima que lhe lia o seu diário; sem querer, se viu meditando, com perplexidades amorfas. Como sempre, começou a julgar-se vítima não sabia bem de quê nem de quem. E mais uma vez compreendeu, com muita lucidez, que ia a caminho direto duma situação ruinosa; concordou consigo próprio que o seu passado e o seu presente eram antecâmaras dum recinto próximo onde deveria cair de bruços.

Nessa madrugada, como em muitíssimas outras, ele tinha vindo do jogo. Chegara, horas antes, num táxi decrépito, e durante todo o percurso, que lhe pareceu interminável e ao mesmo tempo instantâneo, viera encolhido, taciturno, a olhar estupidamente o aspecto da rua e o aspecto do seu infortúnio. Quanto mais perto de casa ia ficando mais apreensivo se tornara, e, cada esquina dobrada, cada edifício reconhecido, cada trecho revisto, as árvores ao longo das calçadas, o asfalto luzidio, outros

carros que cruzassem o seu, tudo lhe avivara na imaginação um séquito de situações agudas e que se juntaram às antigas como subsídios para o desfecho. Perto de casa, quando a certeza de chegar lhe pôs, como sempre, uma constrição na garganta, tomou-se de uma coragem e de um arrependimento infantis e imediatamente se preparara para a ginástica da mentira.

Nas primeiras noites, dois anos antes, ao chegar, costumava encontrar Lúcia ainda acordada e que o encarava com um susto transitório e complacente. Beijava-a com a certeza de estar cometendo um sacrilégio; tecia desculpas, sem hesitações, num malabarismo de oportunidades, citando reuniões em associações médicas, encontros demorados num café ou num bar, horas de inquietação à beira dum enfermo, conferências inesperadas, conseguindo assim o seu intuito, que era não deixar a mulher refletir. Mas, pouco a pouco, meses depois, surdas desconfianças, certos fatos dúbios, um modo estranho de emocionar-se antes de desculpar-se, certos gestos e palavras repetidas, verdadeiros pleonasmos convincentes, começaram a motivar perguntas difíceis e em cujas respostas ele punha apenas o timbre da mentira. E ela, só pelo acento quase gutural das palavras, começou a perceber quando havia verdade e quando havia embuste; sentiu, então, uma surpresa, que em vez de diminuir se transformava num mal físico.

Foi, pois, com um concentrado pavor que ele, nesse raiar de mais um dia de complicações horríveis, viu a mulher levantar-se, tocar-lhe de leve no ombro, inspecioná-lo com uma atitude nova e, dando às sílabas uma entoação especialíssima, perguntar:

– Que é que tens? Em que estás pensando? Ele exclamou, com veemência:

– Não tenho nada. Não estou pensando em coisa alguma.

– Pois eu sei que estás pensando num assunto que te desorienta, que te rouba o sono e a tranqüilidade.

– Ora, filha, deixa de adivinhações. Não tenho nada; não estou pensando em nada.

Lúcia então o envolveu num olhar demorado, numa análise lenta, fechou os olhos, procurou corrigir com evidente esforço as linhas do desespero que a transfigurava, passou as mãos pelas fontes, conteve um soluço, porque tinha horror das situações teatrais, novamente dissociou as sílabas, como se elas lhe afogassem a garganta, e disse, baixo, com esforço, como se tirasse as palavras de um abismo e isso lhe causasse fadiga:

– Pensa bem no que andas fazendo... Há na tua vida, desde os primeiros meses do nosso casamento, um segredo que escondes, mas que cresce. Entras sempre fora de horas, às duas e às três da madrugada. Inventas desculpas, compões planos para iludir a minha ingenuidade. Cuidarás que sou tão simplória? Não paras em casa um só momento. Jantas apressado, com a atenção presa num mistério. Leio em teu rosto uma permanente preocupação que te amofina e que te desorienta. Andas desmazelado, tu que sempre tinhas primado pelo apuro da tua pessoa; já nem ao menos fazes a barba com a pontualidade e o escrúpulo quase maníaco de antigamente. Vestes sempre o mesmo terno. Há de até parecer que eu, tua mulher, não zelo por ti. Percebo que tens dívidas e que elas se aglomeram; não saio a compras, mesmo para as indispensáveis, porque o que deixas é insuficiente; tenho vergonha de aparecer aos fornecedores só porque me lembro que lhes devemos, e isso me deprime. Diariamente telefonam para cá sujeitos com insistência e desconfiança, perguntando se estás e a que horas te encontrarão. Isso tudo me apavora e me humilha. Há em ti um mistério que arrastas desde que nos casamos e que eu tenho procurado, em vão, adivinhar.

Sentado na beira da cama, como criança repreendida, Mário ouvia calado, procurando arrancar das fontes inexauríveis da mistificação uma evasiva. Mas a sinceridade e o ar doloroso com

que Lúcia esperava uma só palavra eram tão autoritariamente decisivos, que uma inibição o tomou no silêncio com que suportou a análise quase fluorescente do seu olhar. Ela, agora calada, observava-o com ânsia, quase cheia de pudor, como diante dum homem desconhecido, apertando o *peignoir* de encontro ao busto. Viu, de repente, que ele ia mentir, que tinha achado um novo filão na galeria lôbrega; então um desespero incontido a alucinou. Percebeu que havia de fato um mistério, mas um mistério torvo; avançou para o marido, segurou-o pelos alamares do pijama, puxou-o a alguns centímetros do seu rosto afogueado e gritou:

– Pelo amor de Deus, não mintas. Não mintas. Eu sou a tua mulher! Desde pequenos nós nos queremos bem! Vais caminhando para um fim que tu mesmo ignoras. Olha-me, conta-me tudo, dize-me toda a verdade. Eu sei que te posso salvar!

Ele viu de perto o rosto, a pele, a configuração microscópica dos poros, as saliências mínimas, as depressões impalpáveis daquele rosto colado ao seu; e a boca cheia de treva que lhe dizia: "Eu sei que te posso salvar".

Encheu-se de um remorso quase convulsivo, mas obstinadamente mentiu, dizendo não haver motivos para aflições, que, de fato, estava atravessando uns períodos de transtornos materiais, fáceis de resolver e que se os não mencionava era apenas porque não se achava no direito de roubar a tranqüilidade de ninguém. Que o pior já estava passado, que tudo pendia já agora para uma solução.

E, enquanto falava temia a reflexão de Lúcia, sentindo que estava a dois passos de confessar tudo. Bastaria um simples e pequeno acaso, um encontro de olhares, uma repetição de frases, um modo especial qualquer de franzir, por exemplo, a testa, para que de repente, dominado, sem saber como nem por que, contasse toda a verdade. E era justamente a verdade e a noção

real que a mulher viria a ter do seu brio, da sua honra e da sua fraqueza que o obrigavam a esconder a tragédia interior.

Calou-se logo e com uma decisão estranha, dando a entender que urgia um ponto final nessa luta mútua, ergueu-se, dirigiu-se para o banheiro e lá ficou um tempo enorme.

Quando voltou e começou a aprontar-se, a mulher já estava vestida; mas ao invés de descer como de hábito, parecia esperá-lo. Ele sofria, irritado, a presença e o mutismo com que ela o observava; sentou-se numa poltrona (a poltrona dos convalescentes como ambos diziam) e ficou quieto, a olhar as tábuas do chão, como a decifrar um problema. Ao fim de alguns segundos se levantou e foi escancarar as janelas, com a aflição de um cardíaco a procura de ar.

– Que é que tu tens?

– Deixa-me, por favor.

Ela, porém, o trouxe para a borda da poltrona e lhe disse com meiguice bizarra:

Senta-te, aqui. Esta é a poltrona dos que estão doentes. Tu estás doente. Assim. Fica bem quieto que eu te quero hipnotizar. (E sorria com um alvoroço que os conturbou.) Vamos, que é que te amofina?...

– Mas, criatura, já te disse que não tenho nada.

Ela então o largou como quem se solta dum cabo de alta voltagem, e num salto felino, ela que era tão lenta e ponderada nas atitudes, se atirou de bruços na cama ainda revolta e tépida, e começou a chorar desatinadamente.

– Lúcia, isso não tem feitio. Ora essa...

No meio do quarto, virado para a cama, observava o sofrimento da mulher e não sabia o que fazer, se acudi-la, se descer. Resolveu sair e, apalermado, ainda com o colarinho e a gravata na mão, abriu a porta do quarto. Ela, então, se ergueu, limpou, quase com ódio, as lágrimas; atirou-se à maçaneta da porta e o injuriou só

com a máscara do silêncio, na firmeza de uma revolta em que todo o seu ser tomava parte. E Mário sentou-se, apertou a cabeça nas mãos e ficou muito tempo, calado, com a respiração irregular. Ouvia agora que Lúcia dizia qualquer coisa, diante dele, como a fazer considerações; mas não entendia nada e não distinguia senão o esboço das coisas, como se um veneno lhe estivesse a correr na rede tumultuosa do sangue. Quando ficou mais lúcido, ela estava ao seu lado, limpava-lhe o suor das têmporas e o ninava como uma criança ou como um enfermo.

Foi então que, passando muito devagar os dedos pelos lábios como a desfazer a impressão amarga duma náusea, e abaixando os ombros como se fosse retirar um peso, ele juntou as mãos, olhou-as como se elas não fossem suas, passou uma sobre a outra como a verificar-lhes a temperatura e o tremor, encarou o chão como se fosse um trecho árido de estrada, encheu-se de um hausto de ar e exclamou, numa exacerbação incontida:

– Lúcia, sabes, eu estou perdido... Radicalmente perdido.

Ele próprio se encheu de pavor quando ouviu o som das suas palavras. Encarou a mulher, com susto, como se ambos tivessem ouvido um estampido ou presenciado uma catástrofe. Aconchegaram-se ambos um de encontro ao outro; e ele repetiu, como se nessas palavras houvesse um recurso de salvação:

– Radicalmente perdido...

O silêncio que se fez deformou a elasticidade cruel dessas palavras e se fechou sobre elas. Ela pôs no chão o seu olhar transido, porque não teve forças para alteá-lo à altura de metro e tanto onde um outro olhar, paralelo ao seu, também olhava a dança do assoalho.

Ele repetia, como durante um subdelírio, numa hora de febre:

– Estou radicalmente perdido.

Quando ambos tiveram coragem para se fitar houve como uma repulsa. E novo silêncio, como um compressor, veio abafar

o som daquela sentença. Ele sabia que ia confessar tudo, abrir os seus segredos como quem abre pastas de algodão com sangue e pus. Ela contraiu-se, sentiu que aquele momento era um século de aflição caindo como chumbo sobre a sua mocidade, e ficou na posição inerte dum confessor que sabe que não perdoa nada, mas que é mero veículo do perdão de Deus, simples intermediário entre um sofrimento que vai escoar para o sofrimento difuso e subterrâneo das coisas todas deste mundo.

– Não posso mais! Não tenho mais energia, nem vontade, nem nada! Os bons propósitos que a toda hora faço de nada servem. Já não acho estímulo: motivo algum, nem mesmo de ordem moral, me tem impedido de...

– De quê, Mário, de quê?

Então, confessou tudo. O vício crescente, empolgante do jogo. O começo, ainda em tempos de solteiro. As mentiras, os vexames, as dívidas, as tentações, os recursos, as longas noites e as madrugadas insuportáveis de remorso vão. E sem querer gesticulava, falava alto, com pormenores, recompondo cenas com rigor exuberante.

– Sem que tu percebesses, procurei um remédio, uma fortaleza, um conselho, um amparo. E tudo foi e tem sido inútil. É decididamente uma doença da vontade, uma intoxicação; não sei, não posso, não consigo refrear. Ah! Um amigo! Ter um amigo, o inestimável tesouro duma amizade que exercesse sobre mim poderio, prestígio, vigilância, que me dominasse física e moralmente, como se eu fosse um irresponsável, um ébrio, um cocainomaníaco. Ter um amigo verídico a espreitar sempre o demônio da minha desdita, a adivinhar os recursos infernais da minha mentira permanente, a obrigar-me a uma higiene de vontade, secando todos os meios de possibilidade criminosa! Alguém que reeducasse o meu raciocínio. Quanta vez, como agora, nas horas horríveis de prestar contas à minha consciência,

eu não me tenho enchido duma clarividência e duma energia angustiosa sem que isso de nada me valha nunca, pois na noite seguinte volto, recontinuo. Sim. Durante o dia inteiro, ultimamente, num alvoroço de superexcitação, espero a hora do jogo. Tu não sabes o que isso é, numa cidade como esta, o jogo!... Espero em ânsia, como se tivesse fome e sede desse vício. Penso no mágico sortilégio, na sinistra emoção e na crescente surpresa desse diabólico vício, como se nele eu pudesse encontrar uma saciedade, uma vacina, uma repentina e providencial solução. A princípio, eu tinha continuado apenas para ressarcir pequenos prejuízos; aumentados estes, continuei ainda para recuperar o perdido. Depois, embora capacitado de ser impossível isso, continuei, automaticamente, sabendo que cometia uma ação má. Muita vez declarei comigo mesmo (é interessante como, nessas circunstâncias, conversamos conosco sempre): "Juro que hoje será a última vez. Se ganhar pagarei, logo amanhã cedo todas as minhas dívidas mais inadiáveis". E, cheio de compunção, com projetos que intimamente me pareciam válidos, esboçava o programa: "Se ganhar pago tudo, absolutamente tudo e nunca mais voltarei a freqüentar estas espeluncas". Ia jogar. Tomava-me de um estado ansioso, indescritível. Enfurecia-me comigo mesmo. Arrependia-me. Media com nitidez sistemática o alcance do meu gesto. A caminho de casa repetia os juramentos. Lembrava-me de certos amigos que nunca tinham tido esse vício e procurava fortalecer meus propósitos com diversas comparações tomadas ao acaso. Mas nas noites seguintes ia de novo. Perdia. A situação em dados instantes atingia um estado tão grave que eu cuidava que ia endoidecer; e a melhor solução ainda me parecia que era continuar, arriscar, até provocar um repentino golpe de sorte. A medida que me ia enredando perdia o domínio das decisões. Endividava-me com um sangue frio, pasmoso, e com uma habilidade sempre nova e inédita; fui perdendo o escrúpulo e

a cerimônia; todos os planos e todos os recursos para arranjar dinheiro, desde a carta solene a um amigo de pouquíssima intimidade até a promissória descontada na vil raça danada dos agiotas; desde o bilhete lacônico a um camarada lembrado após percorrer uma lista mental enorme, até a epístola vergonhosa que, mostrada a terceiros, definiria certamente o meu caráter. Enfim todos os expedientes repetidos, alterados durante estes anos foram fontes donde extraí dinheiro que meti no jogo. Embora compreendendo a razão de certos cumprimentos não respondidos ou evitados, e embora percebendo ironias e indiretas de pessoas de trato afável, não modifiquei esses planos; mas as recusas vieram surgindo. Inda assim todo o dinheiro obtido era avaramente guardado de dia para o golpe noturno. Ora ganhava e ora perdia. Muita vez cheguei aqui com contos de réis escondidos no bolso. E muita vez vim de bonde desde a cidade por não me ter sobrado dinheiro para o táxi. Certas semanas a má sorte era duma teimosia agressiva; eu tinha então explosões de ódio e de desespero; perdia a compostura e cheguei até, muita madrugada, por estas ruas acima, a pensar, vaga e indefinidamente, no suicídio, apenas teoricamente, como bom poltrão. Mas também me acontecia a sorte mudar e ganhar durante longos períodos de horas e até de dias; compreendendo ser preciso ter coragem e aproveitar o ensejo já de si tão raro, tomava-me de sangue frio e dobrava paradas, esperando os lances com a sofreguidão dum irresponsável. Dispunha, então, com a intuição e a prática de quase profissional, os altos cilíndros de fichas em números e sítios que davam matematicamente, numa exatíssima obediência. Mudava de mesas. Continuava a ganhar. Cidadãos tristes, com caras típicas de freqüentadores, desde a mocidade desses antros, seguiam-me os gestos, perguntando-se uns aos outros quem eu era, qual o meu nome, dizendo que eu era corajoso e hábil; depois, chegando-se a mim, às vezes até me chamando de tu ou você, com uma

vergonha provisória, fazendo cara sofredora, me pediam, em voz trêmula, duas fichas para ir para casa. Que eu os desculpasse, tinham perdido tudo, estavam de má aura. Devolveriam depois... E, com o dinheiro obtido, esgueiravam-se, iam jogar nas outras mesas, ao fundo. E eu ia ganhando. A certeza de que no dia imediato ia poder pagar grande parte de minhas dívidas, algumas feitas em circunstâncias especialissimamente graves, me enchia de desassombro e de desenvoltura paradoxais. Com repentina presciência retirava, em dados momentos, paradas colossais antes do mau golpe, e um grupo de parceiros formava um círculo ao redor, para me ver nas evoluções do meu crime arrogante. Então, excitado pela curiosidade alheia, pelo fumo e pelo álcool, já altas horas arriscava uns lances últimos e decisivos. Perdia nisso, um terço, a metade ou quase todo o lucro. Reiniciava o tormento, arrependido por não ter trocado tudo e saído. Eu teria podido, momentos antes, receber na caixa ou das mãos dum ficheiro, notas e mais notas com que remir grande parte das minhas faltas, lavar e desinfetar depois os dedos e iniciar vida nova, soterrando no fundo do meu ser o meu segredo, extirpando-o de mim como um câncer eletrocoagulado. Mas o demônio, que abaixado num desvão do meu ser espreitava a minha tragédia, me sussurrava: "Tenta a tua sorte; hoje ganhas uma pequena fortuna". E eu continuava. Quando me lembrava que tu estarias a essas horas sozinha em casa, nesta cama, a considerar talvez mil coisas, logo me enchia de angústia. Certos golpes, certos transes no jogo, me apertavam o coração numa angina cruciante; enquanto esperava as decisões das cartas ou da roleta, tanto nesses antros de ruas esconsas como no salão feérico dos casinos, sentia o sangue me bater nas fontes com o ritmo bárbaro que ocasiona os derrames. Continuava ganhando. Estourava bancas. Deixava cabisbaixos e raivosos determinados banqueiros que ficavam a me olhar com serena filosofia, mastigando pontas úmidas de charutos. Mesmo

jogando, lembrava-me de certos lucros fantásticos, lidos não sei onde e ocorridos em Monte Carlo, em Enghein e em Deauville. E, nesse estado febril, curvado sobre o pano verde – cuja só lembrança na minha infância me infundia asco – ganhando e perdendo, passava horas, entre pessoas de um cunho *sui generis*, lá metido sem noção de tempo nem de responsabilidade, com a polpa dos dedos grossa de os roçar no pano e com as pálpebras e as conjuntivas inchadas pelas insônias. E a verdade, Lúcia, é que eu devo a amigos íntimos e não íntimos, a agiotas, a pequenos bancos, a conhecidos. E vivo num torvelinho, não tenho hora de sossego nem de descanso no meu espírito.

Todo esse tempo, Lúcia tinha ouvido com sofreguidão, mas de olhos cerrados, porque a realidade era abrasadora. Quando Mário se calou e ficou a fitá-la como um homem que durante uma hemoptise tivesse pavor do próprio aspecto, ela estava em pé, diante dele, com as mãos juntas, a observá-lo também, e repetia, quase em surdina:

– A que ponto tu chegaste... A que ponto tu, pois, chegaste...

Via-o agora a uma distância, do outro lado, numa margem afastada, sem nitidez bastante, sozinho, como na beira dum litoral de degredo. Ele encheu-se ainda mais de rubor e a procurou nos olhos com uma cobardia de náufrago. Ela foi até a janela que dava para o jardim e ficou, sem se apoiar, olhando e não vendo absolutamente nada. Qualquer coisa de muito transparente se tinha quebrado na sua pobre alma. Sentia um êmbolo de fogo lhe subir e descer na garganta; esperava não sabia o quê, mas achava impossível que nessa hora nada acontecesse de sobrenatural e de horrível aos outros mortais. Juntou as mãos nos seios, à altura do coração, ficou inerte, ouvindo as passadas desse outro louco que lhe corria e cambaleava no peito, entre a dupla almofada dos pulmões, como um prisioneiro se esfacelando de encontro a paredes maciças. Observou uma acácia dourada, cujas flores

pendiam sobre a rugosidade decorativa do tronco; depois viu as flores mexerem com movimentos amebóides, como pequenos seres de vida polipeira, contraindo-se, alargando-se, quais membranas vivas dentro duma água clara. Mas era ilusão. Eram as lágrimas que lhe deformavam numa refração falsa as coisas belas e puras deste mundo.

Foi nesse instante, daí dessa janela, que ela ouviu, como num pesadelo, a voz de Mário. Voltou-se instantaneamente e ele lhe repetiu:

– Nem eu, nem tu, ninguém me poderá salvar... Porque o pior não é isso. O pior é que esta noite, sim, esta noite, perdi dinheiro que não era meu, dinheiro que estava comigo acidentalmente, em confiança.

– Tu fizeste isso?... Quanto?

– Dezesseis contos.

– Onde?

– Por aí...

– Tu és louco, louco! Onde arranjaste esse dinheiro? De quem o...

Diante dele, com as mãos abertas à altura do rosto, esperava o nome.

– Absolutamente não te digo. De mais a mais, não conheces. O que é preciso é arranjar, incontinenti, essa quantia.

– Essa pessoa sabe?...

– Sabe e espera até às duas horas da tarde. Às duas e um quarto já será tarde. Irá dar queixa na polícia por apropriação indébita e... estelionato.

A fisionomia de Lúcia encheu-se de palor cadavérico. Pareceu envelhecer num segundo. Toda a mocidade lhe fugiu do rosto, e certa máscara aturdida, de uma seriedade quase escultural, lhe deu semelhança com estátuas emergindo de ruínas.

Ela voltou a se apoiar no peitoril da janela. A acácia dourada lá estava, no centro do jardim, com suas flores trêmulas, e parecia

despojar-se dos seus flocos de ouro e oferecê-los com efusão, derramando-os sobre a grama e o cimento.

Observou que as pétalas minúsculas, douradas, caíam numa oferenda alegre, movidas por sincera abnegação, muito humildes, rojando pelo chão, às vezes se levantando com o vento, outras vezes rodopiando como seres vivos que quisessem ascender até ela.

De novo o pranto lhe modificou as coisas, e foi através dele que continuou a olhar o céu, muito puro, ainda à espera do sol, tão azul e tão profundo, de um diâmetro desvairadamente infinito. E lhe pareceu que ela transbordava do seu próprio corpo, que enchia com a sua alma todo esse infinito sossego e que caía, longitudinalmente, como uma barra de fogo. Uma tonteira e um calafrio lhe crisparam os membros; sentiu que se despenhava, que a queda levava milênios, que não acabava mais, e que era feita dentro de uma atmosfera de incêndios e de dilúvios. Percebeu, difusamente, que a morte não seria pior nem tão longa. E ouvia alaridos no recesso do seu corpo.

Caiu sobre o assoalho, escorregando pela parede rente à janela.

Quando voltou a si e entreabriu as pálpebras, o marido estava ao seu lado, de joelhos, dizendo coisas cujo nexo ela desconhecia e odiava.

Ela sentou-se naquele chão, apoiando-se como se estivesse ferida; recompôs um pouco os cabelos, envolveu num olhar inexpressivo o marido, e balbuciou com uma sinceridade sobre-humana:

– Agora eu só queria era morrer, acabar...

E, como se visse uma perspectiva de suplícios diante dos olhos, e considerasse que todo o esforço era em vão, aceitou o ombro que Mário lhe oferecia e se deixou levantar arrastadamente.

Mas, de súbito se soltou desse amplexo e recuperando todo o potencial duma vitalidade desatinada, correu para o quarto de vestir e se trancou por dentro.

Quando abriu a porta parecia outra mulher, tão mudada estava no físico e nas maneiras. Havia nela a desenvoltura de quem estudou e concertou um plano decisivo. Veio chegando para perto de Mário e dizendo na revolta duma síntese verbal:

– Tens sido um formidável ator!

Mário aceitou a exprobração como um réu. Ela ainda sublinhou as palavras com um acento causticante:

– Onde se vai arranjar esse dinheiro?... Anda, sugere uma idéia, tu que és tão fértil em estratagemas!

Ele, atarantado, procurava o dinheiro, os dezesseis contos, no ar, nas paredes, no côncavo das mãos vazias e trêmulas.

– Mexe-te. Põe o chapéu, vai para a rua. Às duas e um quarto já será tarde.

E, subitamente, pegando-o pelo braço como criança que se conduz a um castigo:

– Mas de quem tiraste, subtraíste essa quantia? Que recurso sórdido inventaste para obter essa importância desproporcional às tuas possibilidades de homem desmoralizado?... Hás de dizer tudo, mas tudo!

Ele ficou calado, de cenho franzido, como quando em pequeno lhe exigiam qualquer coisa.

– Mário, de quem é esse dinheiro?

Diante dele, envolvendo-o em teias de autoridade e de prestígio, o foi vencendo, vencendo.

– Ah! Não dizes?... Mas eu saberei e irei procurar.

Ele, então, passando o lenço nos lábios, olhando as paredes, o assoalho e as mãos de Lúcia, disse com um esforço inexprimível:

– Esse dinheiro é dum colega meu, o Dr. Silva Soares. Está hospedado no Hotel Minas-São Paulo.

– Onde é isso?

– No Campo de Sant'Ana, entre a Rua Senador Eusébio e a Rua Visconde de Inhaúma. Esteve uma tarde destas no meu

consultório, gabando muito a sua clínica em Rio Preto; é mordomo da Santa Casa local, veio ao Rio adquirir para ela arsenal cirúrgico e de esterilização. Levei-o para isso à Casa Lohner, ao Lutz Ferrando e à Casa Moreno. Trazia lista completa, queria orçamento. Optamos pela Casa Moreno, que era a que expedia mais depressa. E a mais barateira. Ficou de pagar tudo quando lhe entregassem o despacho da Estrada de Ferro; anuiu, logicamente, em dar um terço adiantado, restando só dezesseis contos. Deixou-me na Avenida; queria rever sossegadamente o Rio após seis anos de ausência. Conhecemo-nos na enfermaria do Álvaro Ramos; estava eu no segundo ano de medicina e ele no quinto.

Esses detalhes não me interessam.

– Dias depois fui visitá-lo no hotel...

– Já com alguma idéia preconcebida, naturalmente.

– Quando bati, ele não veio abrir a porta do quarto; gritou lá de dentro: "Entre!" Encontrei-o deitado. Torcera o tornozelo ao descer dum bonde ali no refúgio para pedestres entre o Ministério da Guerra e a estação da Central. Mal conseguira chegar ao hotel. Examinei-lhe o pé. Inchado, roxo, dolorido. Perguntou-me a que horas eu ia para o consultório. Respondi que hoje era dia do Tancredo, pois alternávamos; segundas, quartas e sextas eu; terças, quintas e sábados, ele. Que dali do hotel eu ia para a Assistência Municipal, logo adiante da Casa da Moeda; eu tinha plantão até as quatro e meia.

"Ótimo, então. Você vai me fazer um favor. Descontar este meu cheque, visado, no Banco do Brasil, e liquidar minha conta na Casa Moreno, verificando bem se já despacharam a encomenda para Rio Preto. Larga a Assistência ainda a tempo, pois a Casa Moreno, só fecha às sete. O telefone do hotel está com defeito e não consigo sair para ao menos telefonar."

"Em princípio está bem. Mas das seis às oito tenho plantão na Policlínica de Botafogo."

"Não importa. Venha cear comigo aqui no quarto. Este hotel tem excelente restaurante. Mas lhe peço uma coisa: que o Sílvio da Casa Moreno dê recibo com duas vias. Você não imagina como aqueles mesários da Santa Casa são complicados, invejosos. Todos eles médicos com ciúmes da minha situação. Procuram melindrar-me a torto e a direito."

"O.K. Está na hora de ir para a Assistência." – Levantei-me.

"A vinda de você foi providencial. Sem telefone, com o pé esquerdo feito um bolo, de que maneira me mexer? Mas de qualquer jeito embarco amanhã cedo. Com o troco que você trouxer pago esta semana de hotel e vou mancando para o rápido das nove horas. Fico estirado aqui na cama o dia todo, mais a noite; na certa, melhorarei."

"Acho imprudência; mesmo porque daqui a Rio Preto tem baldeações."

"Eu é que sei da minha vida, meu velho." – E entregou-me o cheque, dando um gemido ao tirá-lo duma pequena pasta. – "Está vendo? Mesmo que me pusessem num táxi, que adiantaria? Naquele trecho da Rua do Ouvidor não entram carros. Se voltar depois da hora do jantar peço ao gerente que nos arme aqui no quarto uma boa ceia."

Até as quatro horas fui forjando o plano. Receber o dinheiro e ir jogar. Sim, descontava o cheque e faria horas para o jogo aos dados numa sala da Rua Acre. Banqueiros fortes, freqüência limitada e distinta, paradas altas. Ganhar o máximo no mínimo tempo. Evidentemente posta de lado a possibilidade de pagar a encomenda. Volveria ao hotel o mais cedo possível, mas sem dúvida nunca antes das nove no mínimo, pois a função só começava às sete. Como ousei semelhante ação? Ultimamente, sem que tu saibas, venho cometendo os piores despautérios.

– Não penses que não percebo, que não me dou conta. Mas nunca te imaginei capaz de tamanha ignomínia.

– É que tenho dívidas cuja solução é impreterível; dívidas feitas em condições quase idênticas, compromissos contraídos despudoradamente. E ante aquelas trinta e duas notas de quinhentos, em dois maços, um em cada bolso interno do paletó, me pareceu chegado o ensejo de ganhar uma boa soma capaz de remir os piores embaraços. Fiz horas dando voltas, com aqueles dois calombos no peito. Desci devagar até a Rua Larga, dobrei na esquina do Ginásio Dom Pedro II, fui Rua Acre abaixo até o Cais do Porto. Às sete e dez (vi as horas num botequim) não vacilei mais. Virei autômato, como se fosse outra pessoa que eu mesmo lastimasse. Subi. Na sala já estavam sete ou oito jogadores. Às sete e meia se formou a primeira banca, ao redor dum sujeito muito pachorrento que só para limpar os óculos e conferir os dados levou um tempo irritante. Aquela gente tinha uma acomodação fácil que olhá-los nesse instante era o mesmo que supô-los ali desde a véspera. Aclimatei-me ao ambiente e logo aos primeiros golpes ganhei e me certifiquei de que de fato eu ia estourar esse banqueiro. E, realmente, meia hora depois, ganhei no "pequene" seis vezes, dobrando sempre; e o banqueiro, depondo o copo me observou exclamando: "Amanhã tem mais." Veio e sucedeu a essa banca outra, longa, interminável, dum fôlego maldito, que lutava tenazmente com a minha sorte, anulando as minhas investidas, e que durou mais de duas horas. Fumei durante esse tempo mais de um maço de cigarros. Ao anoitecer eu já estivera ganhando uns seis contos. Não chegava!... Era preciso bem mais... Apalpava os bolsos cheios de cartões e isso me dava uma coragem maluca. Ah... Em poucos minutos eu ia sair, correr num táxi para o reles hotel do pobre Silva Soares, e, despreocupadamente, fingindo uma desculpa provavelmente aceita, entregar o dinheiro, conversar um pouco e sair. Reparei, assustado, nas

luzes. As luzes sempre despertam o subconsciente. Compus mentalmente a cena da minha mentira: "Olá, Silva Soares! Então como vamos de entorse? Nada feito. Cá estão os dezesseis contos. Encomenda atrasadíssima. Faltam peças; somente daqui a dois ou três dias. Por isso não paguei. Aliás, foi melhor. Como você poderia embarcar com o tornozelo nesse estado? Deixe-me ver. Hum! Na mesma. Talvez fosse bom uma radiografia, pode haver fratura do maléolo. Agora, a ceia prometida. Bravos! Segunda-feira venho buscar você, vamos à Rua do Ouvidor. Fiz ou não fiz bem em não pagar? Que horas são? Não vim antes porque além do meu plantão na Policlínica de Botafogo tive que render o Monteiro que, como quase sempre, faltou. Você se lembra do Monteiro, apelidado o Rubiáceas? Filho de senador, um cabide de empregos."

Alguém, que eles chamam de "sr. Barítono", está ganhando absurdamente. Não paro mais de fumar. Sinto as orelhas pegarem fogo. Tenho agora o pressentimento de perder tudo. Tomo precauções negativas que me aniquilam ainda mais rapidamente. Troco o antepenúltimo maço de contos de réis; abro o penúltimo, e, incontinenti, troco também o último. Lanço o dinheiro com uma pressa ágil. Cidadãos observam e gozam o meu azar enquanto vão acertando lentamente rolos de fichas encardidas. Perdi... Olho as horas num relógio de parede. Onze e meia da noite!... Há, pois, quase cinco horas que estou jogando. Chamo a um canto o proprietário da casa que sai devagar do cubículo da Caixa, que me ouve com indiferença insultante e que me responde: "É impossível atendê-lo. O prejuízo nosso é enorme. O Barítono ganha mais de 18 contos. Sinto bastante." Peço o chapéu, desço as escadas e caio no silêncio pardo dessa rua comercial que a noite esvaziou de transeuntes. Transborda do meu peito uma opressão que me impele, e sinto vontade de gritar, de fragmentar-me em estilhaços. Desço a rua, ao rés

da calçada, atônito, sem querer recordando épocas esparsas e longínquas da minha infância... Rememoro fatos esquecidos de colégio, a hora plácida e serena de dormir, sem preocupação alguma... Bailam-me na memória, não sei a propósito de quê, nomes e fisionomias de pessoas que não revejo há mais de dez ou quinze anos. Tomo um bonde que com o seu rumor de ferragens me leva pela perspectiva da Rua Larga. Junto do edifício da Central do Brasil, salto e me oriento em direção ao hotel, ali, bem perto. Ouço apitos de trens. Tentação amorfa e incompleta de partir. Estou, agora, rente às grades do Campo de Sant'Ana. Que placidez, lá dentro! Globos elétricos. Relvas em declives até à beira romântica dos lagos. Árvores tortas, reviradas sobre o gradil. Largo espaço calmo, através dele se vendo o outro lado sossegado das ruas... Vejo-me de súbito em frente do hotel. Ao invés de fugir, subo, um a um, os degraus daquela escada atapetada por um nojento pano vermelho. Em cima, no corredor que uma lâmpada mortiça aclara, vejo a depressão das portas, sempre iguais, dos quartos. Leio numa placa o número 33. Esse número se baralha, se entrelaça e toma brilhos diante de mim. Bati, entrei e confessei tudo, mas tudo, ao Silva Soares... Que horror, meu Deus! Ele ouvia em pé, numa atitude de espanto e de asco. Peço-lhe perdão. Desatinadamente me encara, e sinto que tem ímpetos de me esbofetear. Lembra-se dos seus dezesseis contos de réis, da sua miserável clínica de interior a cinco mil réis a consulta; revê longas jornadas num *Ford* para atender um casal de colonos a alguns quilômetros ou fazer parto num lar primitivo de cearenses emigrados. Quer bem ao seu dinheiro pelo que ele representa de esforço, de economia e de prêmio a uma luta ingrata. Perdoa tudo, lá isso é o de menos. Mas quer o dinheiro, inteirinho, ali, sobre aquela mesa. Dá mesmo um prazo. Que horror!

Calou-se. Adivinhou os pensamentos de Lúcia, que o tinha ouvido como se estivesse com a idéia presa no refúgio de morrer, de acabar para sempre.

Quis implorar uma única palavra, fosse qual fosse, de Lúcia; mas vendo-a imóvel e impenetrável, saiu do quarto. Quando descia em direção à saleta, a mulher o chamou, como se entre eles nada tivesse havido e lhe disse, como quem dá uma ordem vulgar:

– Tens alguma idéia para toda ou parte dessa importância?

Ele fez que não, com a cabeça.

Ficou pensativa uns instantes. E depois disse, como se falasse consigo mesma:

– Vou pedir ao Dr. Varela.

– Não! A esse, não.

– Por quê?... Deves-lhe também?

– Sim.

– Resta pedir ao *seu* Máximo, da farmácia. Ou também deves a esse?

Como ele dissesse que também a esse devia, ela tomou uma seriedade de reflexão maior, e indo ao armário tirou o chapéu, enterrou-o na cabeça sem mesmo se olhar ao espelho, e desceu a escada precipitadamente. – Espera-me na Galeria Cruzeiro. Não saias de lá sem que eu chegue.

II

Àquela hora havia pouco movimento, e Lúcia andou um pouco a pé, rente ao gradil, como solicitando um conselho à sabedoria daquela manhã. Parou, com o espírito transido de angústia, defronte do portão de Natália Cordeiro e apertou o botão da campainha. Um jardineiro apareceu no fundo do jardim.

Quando ela perguntou por Natália, o homenzinho lhe mostrou um carro que ia saindo pelo largo portão da garagem.

– Ali, ali vai a patroa, minha senhora. Psiu! Olhe, o chofer já percebeu e está à espera da senhora.

Lúcia virou-se e viu Natália, que de fato ia sair e lhe fazia um sinal alegre inclinando-se pela portinhola do *Packard*.

– Entra para aqui. Vou a uma missa, bem cedo, na igreja de Nossa Senhora do Parto; vem comigo. Rezas e assim estamos juntas do mesmo modo. Mas que é que tu tens? Estás tão pálida, tão esquisita! Que foi que te aconteceu?... – Lúcia subiu para o carro e assentou-se ao lado esquerdo; beijou a companheira que já não via desde meses.

– Lastimo não poder refrear-me. Não vá você pensar que isto é uma encenação. Mas a verdade, Natália, é que eu estou passando por um transe mortal. Você não calcula; ninguém pode, nem de leve, calcular a circunstância horrível e excepcional que me obrigou a vir incomodar você.

E, baixando a voz, com esforço e vexame, concluiu:

– Natália, eu preciso, já, imediatamente, de dezesseis contos.

Natália a encarou com grande pasmo. Depois, visivelmente perturbada, falou:

– Eu não tenho comigo mais do que uns setecentos mil réis. Mas dezesseis contos?! Onde é que nós vamos arranjar essa importância? Nunca vi dezesseis contos juntos, nunca. As minhas jóias não dariam isso. Demais, estão trancadas no cofrezinho e a chave é ele quem a traz sempre. Como há de ser? Palavra, Lúcia, tu agora me pões estupefata. Dezesseis contos. Mas é uma quantia absurda para nós mulheres! Talvez até para a rainha Guilhermina! Sabes quanto vale o nosso tostão na Alemanha? Vinte bilhões de marcos, que foi por quanto no mês passado comprei em Berlim uma caixa de fósforos. Quem, nas minhas relações, me poderia emprestar? Tu não conhecerás ninguém que, com a minha garantia, te ceda isso? Eu assino qualquer papel, vou, pessoalmente, interceder, comprometo-me, não me incomodo nem mesmo com o juro.

– Não conheço ninguém, absolutamente ninguém.

– Vê se te lembras. Faze um esforço. Espera, deixa eu própria correr, assim, de cabeça, certos nomes, a ver se entre as minhas relações descubro uma pessoa... E ia dizendo, quase soletrando, nomes de gente de destaque social, mas logo retrucava: – Esta não tem. Aquela também não. – Mas, de repente, exclamou: – Tenho um plano. E quase certo. Creio que estão arranjados os teus dezesseis contos. Mas é muito cedo. O banco só abre às dez horas. Vamos à missa, depois faremos tempo pela cidade.

Lúcia apertou-lhe as mãos e começou a chorar.

– Escuta, filha. É nos bancos, desde muitos séculos, positivamente, que se arranja dinheiro. Vamos singelamente a um banco.

Na velha igreja de Nossa Senhora do Parto, as duas ajoelharam-se, assistiram à missa e encheram-se de esperança naquele recinto semiescuro. À saída, repararam que ainda era cedo.

— Vamos de automóvel até a curva da Amendoeira. Nada nos adianta a cidade a estas horas; além disso, precisamos conversar. Não tenho o direito de saber para que precisas dessa quantia; mas qualquer pessoa, mesmo um estranho, só em te olhar descobrirá que estás desfigurada e que uma idéia fixa te verruma a cabeça. Que foi que aconteceu?

Enquanto a limusine corria pela Glória, Lúcia explicava a Natália as linhas gerais do seu martírio. Ia tão atarantada que não sentiu a beleza decorativa desse trecho da cidade.

A extensa avenida, paralela ao mar, as edificações, as árvores formando alamedas, as estátuas, o morro da Glória, a massa pardacenta do hotel e, em torno, manchas verdes de vegetação, como em postais italianos de Garda ou de Como, e, sobre isso, a luz intensa, quase palpável, duma exuberância cruel, dando uma fímbria azulada a todo o horizonte visual, tudo isso passou despercebido aos sentidos de ambas, que só viam o panorama, também ardente, de aspectos também equatoriais, dum pobre território humano batido pelas tormentas. No Flamengo, Lúcia disse:

— Você, sim, é feliz...

— Na verdade, eu tenho sossego de espírito. E isso é a maior riqueza.

Voltaram, rumo à Avenida. Iam, agora, mais perto do mar. Olhavam, caladas e como que absortas, a cantaria da muralha, e a superfície azul, verde e violácea da baía. Viam toda a imponência dessa manhã, queriam comparticipar dessa majestade de aspectos extasiantes; mas, pelo contrário, se sentiram amesquinhadas.

— Tu — ia dizendo Natália, — como sabes, nós não somos ricos, embora tenhamos fama disso pelo modo ousado com que meu marido se mete em negócios e sempre com uma sorte e uma clarividência invejáveis. Aparentamos muito. Vivemos num luxo que é para ele apenas noção de conforto; de modo que, se eu te

repetir, como ainda há pouco, que nunca vi dezesseis contos de réis juntos, nada nisso há de extraordinário. Acontece a muita gente, não é mesmo? Se eu for pedir a meu marido esse dinheiro, ele dá uma gargalhada e manda examinar-me por uma junta, pensando que estou com febre e que deliro. Mesmo que eu me abrisse com ele e narrasse o teu caso especial e típico, faria conclusões em torno, proclamaria verdadeiros axiomas sobre a indisciplina de vida do próximo, gabaria o método e a previsão da sua própria, e eu continuaria a passar aos seus olhos como mulher que de contabilidade só conhece a necessária para pagar domésticos, açougue, padaria e mendigos que batem à porta nos sábados. É, além disso, pouco vulgar, raríssimo mesmo, a gente ver mais de uma vez, na vida, emergência como a que se te apresentou hoje. Mas tem coragem. Já podemos ir para a cidade.

Inclinou-se para a frente e ordenou ao chofer: "Banco Transcontinental". Ficaram depois as duas caladas, com uma cerimônia mútua. O automóvel entrou na Avenida e, após demoras e interrupções nas esquinas, foi parar em certa rua a essa hora já movimentada. O edificio do banco, recém-construído, era duma arquitetura bárbara, extravagantemente moderna. Ao entrar, Natália chamou Lúcia, que tinha hesitado, e lhe disse:

– Vem; juntas teremos mais sangue frio.

– Quero falar com o sr. Ludwig.

O porteiro conduziu-as a um pequeno *bureau*, onde solicitou que escrevessem o nome e o motivo da conferência. Natália escreveu apenas o seu nome no pequeno talão. Sentaram-se e tiveram que esperar. Lúcia, muito ressabiada, reparava com certo respeito no mármore escuro que forrava as paredes e nos rodapés de madeira lavrada que iam até as abóbadas, lembrando salões de bordo. Elevadores invisíveis, incrustados na parede, de vez em quando se abriam, recebendo e despejando pessoas atarefadas.

– O sr. Ludwig pede à Sra. Cordeiro o favor de entrar – veio dizer outro porteiro, que ao mesmo tempo abria, com unção, meia folha da porta do escritório dos diretores. Como Lúcia fizesse menção de ficar, Natália a puxou pelo braço. Entraram no confortável gabinete e iam dispor-se a esperar quando um homem simpático, ainda novo, com uma cicatriz de duelo universitário no queixo, apareceu com papéis nas mãos e, vendo Natália, se apressou a cumprimentá-la sorrindo com certa fidalguia. No seu andar quase marcial sobressaía desembaraço. Falava corretamente o português.

– Como vai a senhora? Bem? Paulo vai bem? Ainda ontem esteve aqui; tomamos café juntos e não resolvemos o que queríamos porque estivemos todo o tempo a recordar as nossas *farras* em Bonn.

Natália, virando-se para Lúcia:

– Uma amiga íntima. O sr. Ludwig, amigo de Paulo, desde os tempos de universidade na Alemanha.

O sr. Diretor acomodou-as perto, em fofas poltronas. Sentou-se ele próprio em frente duma secretária de pau preto, arredou um cinzeiro onde um *Danemann* fumegava, e perguntou, com bonomia:

– A que devo a honra de uma visita tão matutina?

Natália, chegando-se mais para a beira da poltrona, com prestígio natural nos modos e na voz, começou assim:

– Encurtando o assunto (em geral as mulheres derivam muito quando falam e isso irrita e atrasa expedientes), e pondo de lado explicações que o sr. Ludwig, no seu cavalheirismo, me evitará, vou entrar na razão que me faz tão inopinadamente vir recorrer a um banco. Sr. Ludwig – e aí a sua voz se fez firme, de um cunho quase imperioso – eu preciso de dezesseis contos de réis!

O jovem diretor da carteira comercial do Banco Transcontinental passou a mão pela cicatriz marcial, tamborilou os dedos sobre

o cristal que cobria a secretária imponente, arredou mais o cinzeiro, dispôs em melhor ordem os papéis que tinha colocado sobre uma pasta, sorriu e perguntou:

– A senhora me desculpe, Dona Natália, mas Paulo sabe disso? Ela retrucou vivamente:

– Paulo ignora e ignorará sempre esta minha transação.

Ludwig, acariciando a cicatriz, num relance as observou, a ambas, e sagazmente perguntou:

– Essa importância é para a senhora propriamente, ou para outrem?

– Para mim. É lógico que é para mim.

E, notando que Ludwig sorria sempre com muito poderio e sem se conturbar, continuou:

– É evidente que para eu, Natália, esposa de Paulo Cordeiro, procurar um dos diretores dos muitíssimos bancos do Rio de Janeiro, principalmente, no caso, uma pessoa de nossas relações pessoais, eu que nunca entrei num estabelecimento desses, é claro que deve haver uma circunstância de exceção, um motivo agudo, uma razão talvez mais de urgência do que de...

Mas logo enrubesceu, gaguejou, limpou os lábios com um lenço, arrependeu-se do tom que tinha tomado.

– Logicamente – obtemperou Ludwig. – É claro. Para a esposa dum homem munificente como é o meu prezado amigo Paulo vir a um banco solicitar e propor um pequeno empréstimo particular, deve haver um motivo.

Ficou uns momentos brincando com um lápis, dilatando e estudando a emoção de ambas; depois mudou de tom:

– Seria indelicadeza de Ludwig von Strausen pedir o aval de Paulo Cordeiro para essa transação. Mas, quem agora lho pede não é Ludwig von Strausen, e sim um simples diretor da Carteira Comercial deste banco, que não age pessoalmente nem autonomamente, e que não pode fugir a praxes, porque é mero

funcionário, embora de categoria romanticamente apelidada de "Diretor".

– Está bem, Sr: Ludwig, não transgrida ordem de seus superiores. Com licença. Paulo fará gosto em vê-lo em nossa casa. Continuamos a receber nas primeiras quintas-feiras de cada mês. Adeus sr. Von Strausen.

– Ao seu dispor, D. Natália. Seu criado respeitador, minha senhora.

Na rua, subindo para o automóvel, Natália considerou, com decepção:

– Nós, mulheres, somos duma ingenuidade cândida.

Em Natália Cordeiro o que sobressaía, à primeira vista, era a inteligência, o desembaraço.

– Não faz mal, filha; vamos procurar meu mano. Se ele puder dar um jeito, arranja-me até o impossível. É corretor de algodão. Seu Cláudio, vamos à rua da Candelária, ao escritório de meu irmão.

Esse escritório era num primeiro andar, por cima de uma loja. Tiveram dificuldade em entrar porque um caminhão descarregava fardos, atravancando a calçada larga apenas de setenta centímetros.

– É melhor esperares aqui embaixo, Lúcia. Sozinha posso explicar melhor.

– Luís! – disse ela ao chegar em cima e logo dando de frente com o irmão, que contava uma anedota a dois sujeitos que riam como possessos.

– Olá, tu por aqui? Estava contando a estes fabricantes uma anedotazinha. Enquanto não se vende algodão conquista-se amizade. Eles só compram de quem lhes aviva o fígado durante o ano inteiro.

– Escuta, Luís! Preciso que me arranjes uma certa quantia. Se te for impossível, quero que me endosses um título meu de dezesseis contos que facilmente descontarei.

– Ó Natália, tu que tens? Sucedeu-te alguma doença mental? Eu posso lá avalizar um papel de dezesseis contos? Nem para mim arranjo um conto e seiscentos, quanto mais dezesseis! Tu não sabes o que estás aí a proferir. Se eu soubesse que tinha crédito para emitir ou para avalizar títulos, nesta quadra e com esta crise pavorosa, não estaria com isto. Sabes o que isto é?... São *memoranda* de bancos! Tu sabes que para te servir eu viraria este alto comércio pelo avesso; mas, no pé em que as coisas andam, eu não sei em que isto irá parar. E o que eu agora te digo a ti, os ricos me dizem a mim, constantemente.

– Eu sei que tu não podes. Mas estou aflita, quero servir a uma amiga e vim espontaneamente; mas não faz mal. Obrigada, Luís.

Embaixo, no último degrau da escada, diante de Lúcia que a esperava com ares de profundo desânimo, balbuciou:

– Só há um único e provável recurso. Vou pedir a Paulo. Se ele estiver de bom humor é possível, mas a questão é ser uma quantia imensa.

Retomaram o *Packard*. – Vamos ao escritório do senhor Paulo – disse ela ao chofer.

Lúcia ficou no automóvel e Natália desceu.

Ao vê-la, o marido se assustou. Ela, porém, o desviou para um canto e esteve durante uns cinco minutos a falar, sem que ele desse a menor manifestação.

Ouviu-a com expressão impenetrável, de modo que quando ela acabou não pôde prever, nem sequer, se escutara com atenção.

– Se eu te der esse dinheiro tu não penses que salvaste situação alguma. Muitíssimo pelo contrário, terás demonstrado geométrica e claramente a esse crápula que ele pode continuar nesse rumo, pois não faltarão pessoas para o livrarem de tais e novas entaladelas. Eu conheço vagamente esse cidadão, deve a amigos meus. Os dezesseis contos iriam logo para a mecânica

dos jogos de azar. Esse tipo quer fazer os outros de idiotas. Nem te fica bem andares metida nesse assunto. É uma questão de higiene. Dá uma desculpa qualquer a essa senhora e não te metas mais nessas empreitadas. É um conselho que te dou e que passa a ser também uma ordem.

– Se tu visses o estado, a angústia de Lúcia...

– Sim, é fácil calcular.

– Peço-te pelo amor de nossa filha!

– Mau, mau. Não metas nossa filha nesse assunto, por favor!

– Está bem. Adeus.

– Vem cá. Escusa de te retirares com esse tom. O que te digo parece amostra de mau coração. Não tens prática da vida e não sabes os limites das coisas. Com a minha cabeça estou agindo com mais caridade do que tu. Era só isso que eu te queria observar; agora, sim, agora, adeus.

Natália saiu muito sem jeito; nunca Paulo a tinha tratado com essa severidade.

Ao encontrar-se com Lúcia viu que ela chorava e que se queria despedir ali mesmo, tendo pressentido e adivinhado a recusa.

– Não, não vás embora. Vem comigo. Paulo está inteiramente desprevenido; duas falências em São Paulo, o balancearam muito. Além disso, remeteu, ontem, para o estrangeiro, dois grandes saques, em libras. Mas ainda não desanimei. Vou pedir, em Botafogo, nas Laranjeiras e até no Leme, fazer uma autêntica e rápida coleta entre minhas amigas mais íntimas. É provável que, um pouco aqui, um pouco acolá, se obtenha grande parte.

No Russel, Natália bateu no vidro que as separava do chofer e deu o endereço de Yayá Castro Motta.

O carro as levou com mais velocidade à rua Guanabara, parou em frente dum palacete. Natália entrou por um portão de serviço, o que dava a entender a sua intimidade, e demorou bem um quarto de hora.

Lúcia viu-a aparecer, mas não pôde adivinhar se o resultado tinha sido ou não favorável. Natália sorriu, entreabriu a portinhola e sussurrou:

— Já arranjei um conto de réis pagável como e quando eu quiser. E mais alto, batendo no vidro: — *Seu* Cláudio, toque para Voluntários. Pare na porta de D. Silvia Coimbra.

Ficaram de novo caladas e absortas enquanto o carro deslizava pela praia de Botafogo, vencendo um a um os táxis que passavam.

— Coragem. Pede a Deus que nos ajude. Se Sílvia tiver, dá... Se não tiver, em vez de duas criaturas nervosas, seremos três.

Demorou-se, no máximo, cinco minutos. Uma senhora de porte distintíssimo e aparentando meia-idade, a veio acompanhando até perto do portão. Aí a abraçou e ficou parada, dizendo adeus até que o automóvel sumiu.

— Pronto. Já dispomos de dois contos! A quem devo, agora, procurar? A Maria Heloísa está em Petrópolis. A Lulu Moritz embarcou há dias para a Europa. Mme. Azevedo... essa não tem ... Madame Veiga... Ah! Está na fazenda. É uma santa, arranjava tudo... Quem devo procurar? *Seu* Cláudio, vá subindo, devagar, a rua São Clemente, isto é, não, vamos ligeiro para as Laranjeiras.

Enquanto o *Packard* contornava esquinas, ela ia contando e arrumando as notas e dizia alto:

— Ainda falta tanto, meu Deus! Não se dará um jeito qualquer com este bocadinho? Esse homem não nos dará um prazo? Dois dias, mesmo só mais um dia! Por que tu não o vais procurar com esta quantia e implorar um prazo? Não vou contigo, é lógico... Onde é? Olha, desce aqui, toma um táxi, vai procurá-lo enquanto eu dou providências. A tua emoção, ao meu lado me atrapalha um pouco. Sozinha eu percorro este Rio inteiro, vou até aos subúrbios, posso até falar pelo telefone para Petrópolis, arranjar quase tudo. Toma, pega o dinheiro.

Lúcia desceu, com um feitio de expulsa infeliz. Fazia-lhe bem a presença e o expediente de Natália. Que energia, que decisão de vontade!

Invés de tomar um táxi, tomou ali mesmo no largo do Machado um bonde que arrastadamente foi descendo pela rua do Catete; esse trajeto, que desde pequenina conhecia, lhe pareceu longo e interminável. Em quase todos os postes de parada o carro detinha-se durante um tempo precioso. Tipos de feições neutras, que não pareciam sofrer nem tão pouco ser felizes, entravam, dispunham-se em ordem pelos bancos. Uns liam jornais, distraindo-se nesses cinco ou dez minutos com os crimes, as inundações, os *raids* de aviação, a guerra civil na China, e os anúncios de cinemas. Desceu na Galeria Cruzeiro e logo notou a presença de Mário. Parecia um homem diferente, apenas parecido em linhas muito gerais com o verdadeiro Mário, e que a esperou chegar, tímido, acabrunhado e quase servil.

– Vamos aqui, para um canto.

Entraram numa leiteria, ao fundo da passagem, sob o Hotel Avenida.

– Só Deus sabe por quais infinitos vexames atravessei. Expus uma amiga a dissabores. Incomodei pessoas a quem devia o meu respeito e a quem agora devo favores que afinal nada resolvem. Arranjei dois contos. Isso serve?

Ele, como criança em pânico, respondeu:

– Não! É preciso o dinheiro todo. A quantia inteira!...

E olhava para os lados, com pavor. Ela dominou-o e com olhar arrogante perguntou:

– Onde é esse maldito hotel? Como é mesmo o nome desse homem?

– Hotel Minas-São Paulo. Quarto nº 33. Dr. Silva Soares. – E escreveu nome e endereço num cartão.

Ela dirigiu-se imediatamente ao Hotel Minas-São Paulo, nas imediações da Estação Central. Durante o caminho duas vezes abriu a carteira e contou o dinheiro.

Analisou o prédio, duma construção antiga. Era um hotel modesto, com pequeno agrupamento de homens na porta, impedindo a entrada. Um porteiro a atendeu, palitando os dentes, e apenas lhe disse:

– É em cima, no quarto 33. Não sei se estará. Já saiu, hoje, várias vezes.

– Faça o favor de avisar que uma pessoa o procura.

– Faça o favor de subir e bater, a senhora mesma. Lá em cima está a Vesga, que lhe mostrará o quarto.

– Mas o senhor não tem uma pessoa que me anuncie?

– Se a senhora faz questão, vou pessoalmente. Eu aqui sou porteiro, garçom, arrumador, sou também quem vai de manhã e de noite esperar os trens.

Aguardou-o diante de um guichê imundo, onde havia uma placa cheia de chaves.

– Faça o favor. Por aqui. Ele está esperando.

Subiu. Já no corredor um homem sisudo e um pouco moreno veio ao seu encontro.

– Sou a esposa de Mário.

Ele fez: – Ah!... – prolongadamente.

– Peço-lhe a misericórdia de receber dois contos agora e esperar um ou dois dias. Preciso dar providências decisivas; eu, em pessoa, lhe virei trazer o resto.

O Dr. Silva Soares respondeu com certo desdém:

– Pretendo embarcar hoje mesmo. Embora me sinta bem doente, não quero permanecer mais nem sequer um dia aqui, no Rio.

E possuía uma rispidez específica, toda dele, em encará-la de baixo para cima, como um touro quando vai marrar.

– Aliás seu marido sabe disso perfeitamente. Eu lhe dei um prazo até hoje, às 2 horas.

Lúcia notou que ele dizia "duas horas" como quem dissesse uma data longínqua, quase incalculável, como a da aparição de um cometa daí a séculos.

– A senhora tome suas providências até essa hora. Esse dinheiro, de qualquer modo, tem que aparecer hoje...

– Mas, doutor, se for humanamente impossível arranjar para hoje, se só puder ser amanhã?

– Será o diabo... Eu terei, então, muito a contragosto, de agir de outro modo. Esse dinheiro não foi perdido no chão, não caiu das mãos de seu marido. Ele mesmo me deu bastantes detalhes do que fez com ele. Mas eu não quero e não tenho interesse em agir nesse sentido, sem dar tempo. Até as 2 horas... Bem; vou fazer uma coisa: espero até as 4 horas em ponto. Ele ou a senhora, que me tragam os dezesseis contos inteiros; em parte eu não aceito; é escusado teimar. Recebo o dinheiro, passo uma esponja em tudo. Fica tudo em segredo, juro não comentar com pessoa alguma este fato. Se for preciso, estou até disposto a passar um recibo com data de ontem.

– Bem, com licença.

Nos últimos degraus, ainda o percebeu, em cima, abaixar-se sobre a balaustrada e declarar peremptoriamente:

– Até as 4 horas!

Veio para a rua e olhou longamente tudo quanto a vista pôde abranger, procurando um recurso, uma inspiração, um milagre.

Atravessou a praça, que àquela hora era riscada por veículos em todas as direções. Uma algazarra infernal a ensurdecia. Apoiou-se ao gradil do Campo de Sant'Ana, porque sentiu as pernas bambas. Um sujeito triste, de luto, metido num fraque como um pássaro tristonho, parou, interrogou-a com espanto e respeito,

perguntou se desejava um copinho d'água. Desculpasse. Estava às ordens, podia ir buscar ali na esquina de Senador Eusébio.

Agradeceu com muita candura, chamou um táxi, que passou e que estava já ocupado. Chamou outro. Entrou, acomodou-se bem ao canto, como convalescente ao sair dum hospital, e disse:

– Rua Silveira Martins.

É que, inopinadamente, se tinha lembrado da tia Marta. Essa, se fosse preciso, lhe daria até o próprio sangue. E, ao pensar nela, como num refúgio sacrossanto, lhe pareceu logo ouvir a sua voz e o seu andar suave, um andar de quem teme acordar moribundos.

Viu, no relógio da Light, que já passava das onze. Isso lhe avivou a urgência de chegar o mais rápido possível.

Em casa da tia Marta ficou um bom quarto de hora, na salinha de visitas, ouvindo dois pianos, que tocavam em salas contíguas. A tia Marta vivia, desde a mocidade, de dar aulas de piano a alunas do instituto.

Quando aparecen beijou Lúcia com efusão de mãe e lhe disse com a sua vozinha de criança:

– Vieste na horinha do almoço. É almoço de pobre, mas serve.

Um piano parou e o outro tocava *Os milhões de Arlequim*.

– Conheces, Lúcia? São *Os Milhões de Arlequim*, os nossos milhões... Gostas?...

Lúcia baixou os olhos e respondeu de modo ambíguo:

– Mais gostaria se fosse uma marcha fúnebre...

– Ah! Realmente é mais enternecedor uma marcha fúnebre.

E nisto, ambas se estudaram com os olhos. E, então, ora com as mãos no ombro da tia Marta, ora nos joelhos, Lúcia lhe suplicou, soluçando, um remédio para o seu transe.

Quando ela se calou, exausta e branca, houve uma tristeza mortal no rosto ainda bonito da pobre tia Marta. Depois a

vivacidade que a envolveu como auréola lhe transmudou o rosto. Ergueu-se. Começou a passear pela saleta, imersa numa cogitação angustiosa e logo se sentou de novo. Os lábios então lhe tremeram, os olhos se encheram de água, onde umas pestanas longas e negras se vinham molhar e que, pesadas, a custo se reergueram para mostrar de novo os olhos límpidos.

– Que vai ser de ti, Lúcia? Que vai ser da minha pobre Lúcia?! Por que te deu Deus essa provação?

Mas era preciso agir, tentar qualquer cousa. Ergueu-se, saiu. Lúcia ouvia o ruído nervoso dos seus passos pela casa, entrando e saindo dos diversos cômodos, atarantadamente.

Pobre e inefável tia Marta. Ela pouco sabia o que todos sabem sobre a ração quotidiana de dor. Nos seus momentos de êxtase, quando observava o sofrimento alheio, sem comparticipar diretamente do transe humano, ela era um condensador de emoções.

Voltou à saleta. Sentou-se no sofá de palhinha. Aconchegou-se para perto da sobrinha:

– Trago-te duzentos mil réis. E umas moedas de prata ainda do tempo da Colônia e outras do Império. Tens aqui também um relógio (e aí a sua voz se tornou triste e gaguejada), ainda do tempo dele; e estas jóias, cuja cravação é antiga, mas que acho valerem um pouco. Esse anel, vês, foi de minha avó, que Deus a tenha, e o brilhante veio das minas e lavras de meu bisavô, o Alferes-mor João José Eusébio da Cunha e Lello. Vai empenhar ou vender isso. Sempre remediará um pouco, não achas? Pega; sentes o peso? É ouro antigo, do bom... – E enquanto falava olhava para a porta do corredor, receosa de que viesse alguém e as surpreendesse. – Vai, filha do meu coração. Não tens tempo a perder. Deus é grande. Deus é infinitamente bom e misericordioso. – Lúcia guardou tudo na bolsa, beijou a tia Marta, que ainda a reteve exclamando: – Como é que te vais arranjar? Que é que

se poderá fazer? Bota aqui a tua mão. Sentes como ele bate, o coração da tia Marta? – E Lúcia sentiu na palma da mão que esse coração pequenino sofria e se rebelava, porque nada podia fazer, e as suas pancadas eram longínquas, quase como um eco de luta ao fundo de um corredor escuro.

Sempre a mesma, boa e inefável tia Marta.

Em criança encobria as diabruras das irmãs e se deixava castigar no lugar delas. Ensinava catecismo, de noite, às criadas, para lhes salvar as almas. Em mocinha, encobria e solucionava as "cabeçadas do tio Gilberto", seu irmão mais moço, endividando-se por causa dele, costurando para lhe dar dinheiro, passando noites em claro a ver a que horas ele entraria e apenas o admoestando com uma frase típica, de timbre lancinante: "Mas tu, então, não tomas juízo?" Ajudando sempre a arrumadeira boçal a passar roupas a ferro e encerar o chão; se fosse, porventura, preciso despedir uma criada ou aparar o desaforo de algum fornecedor, lá vinha depois a nevralgia clássica, a fulgurante dor sobre os olhos e aquele feitio tristonho de ficar horas "pensando nisso".

Boa e inefável tia Marta, professora de música, desde vinte e muitos anos sempre amparando os parentes, e, desde menina, tocando com um recato apaixonado o taciturno e colossal Beethoven, ou interpretando Chopin, vibrando e ainda sofrendo e se comovendo ao ouvir os instrumentos humanos da dor.

Foi pensando nisso que Lúcia se dirigiu para o largo de S. Francisco, no mesmo auto que a tinha trazido da praça da República. Saltou perto do *Parc Royal*. Atravessou o largo. Costeou a Escola Politécnica e entrou numa casa de penhores na rua Luiz de Camões. Entrou num vão de tabique, apresentou as jóias e as moedas a um homem que, logo, à queima-roupa, lhe perguntou:

– Quanto quer?

– O senhor veja qual é o máximo que pode dar.

O homem, cujo paletó de alpaca luzia, pôs-se a pesar tudo numa balança, muito meticulosamente, como prático de farmácia pesando alcalóides. Depois, munido de uma lente, observou as pedras, veio até o balcão, confabulou com outro senhor; ambos a olharam, e um disse ao outro qualquer ordem curta.

– Dou-lhe oitocentos mil réis.

– Só?

– É impossível mais. Estas cravações são do tempo do onça.

– Está bem.

– Quer? Bem. Vou dar um conto de réis.

– Sim, senhor.

E pensava consigo. "Tenho, pois, já três contos. Faltam só..."

Enquanto isso o homenzinho do paletó de alpaca preparava e enchia a cautela, que trouxe para ela assinar.

Assinou e enquanto, junto de um formidável cofre o homem contava maços de dinheiro, ela observou que o outro empregado examinava um revólver e dizia:

– Setenta mil réis! Não vale mais. – E, enquanto dizia isso, virava a arma em vários sentidos, para a examinar melhor. Em dado instante Lúcia viu o cano do revólver e o orifício cheio de uma treva abismal. Recebeu o dinheiro, dobrou as notas e saiu com elas na mão, apertando-as muito, sentindo um atrito entre a polpa dos dedos e os metacarpos.

Faltavam ainda treze contos.

O carrilhão de S. Francisco batia doze pancadas e duas ou três sereias de edificios de jornais desferiam um grito sibilante. Meio-dia.

Voltou à Galeria Cruzeiro. O marido lá estava, rondando as pilastras, talvez se distraindo com o aspecto das pessoas que subiam e desciam dos bondes.

– Podes ir embora.

– Arranjaste?...

– Podes ir!

– Para onde? Não será melhor te acompanhar?... Já arranjaste?

Fez que não, com a cabeça, e repetiu:

– Podes ir.

Viu-o sumir, como um cão, entre o povo.

Foi para uma cabine telefônica e se pôs em comunicação com a residência de Natália Cordeiro.

Um minuto depois abandonou a cabine e saiu pela rua abaixo, como uma desvairada. As palavras de Natália lhe ecoavam na alma: "És tu, Lúcia? Procurei mais quatro pessoas. Duas estavam ausentes e as outras se desculparam; estavam desprevenidas. Falei para Petrópolis com a senhora do ministro Astrogildo e que é riquíssima. Respondeu-me por monossílabos, muito esquisita, creio que tinha alguém perto, talvez o marido; não me deu certeza, prometeu providenciar para daqui a dias. Entrega, pois, esse que arranjamos e consegue um prazo, qualquer que seja a condição. Não fiques nervosa. Faze o que te digo, não há outro meio".

Andando pela Avenida, ia considerando como é acabrunhador constatar que em torno de nós, homens e coisas não comparticipam da nossa aflição. Tudo fica indiferente e imutável, nada sofre a presença compacta da nossa dor, que transborda.

O martírio é real, tem peso atômico, é palpável, tem forma, tem relevo, tem arestas, e é uma barra pesando toneladas de opressão. E essa dor não causa nenhuma indução em torno?... Não estende suas linhas de força no ambiente onde estamos? Pois então tudo fica, como antes e como depois, perfeitamente neutro e indiferente? Pasmamos, aturdimo-nos diante da borrasca que atroa no nosso espírito e que arremete. Perdemos a serena atitude de seres e o calmo ritmo de criaturas de Deus para nos transformarmos em massa dúctil nas mãos de Satanás, tomados de um paroxismo e

de uma vibração mais intensos do que as convulsões que o tétano dá aos pobres recém-nascidos. E, enquanto vamos sem noção de tempo nem de espaço, verificamos, por intuição, nos homens todos em redor e em todas as coisas, a superfície fria e monótona da indiferença. Ninguém vê, ninguém percebe. Tudo corre como se fôssemos invisíveis, ausentes e imponderáveis. Pois é crível, então, que uma alma, essa coisa estupendamente vibrátil, na hora cruciante duma aflição inaudita, passando por outras almas não deixe no ar, como uma rotação de elétrons, de íons; um sinal físico de dor humana? Os homens em redor não percebem e passam. Os edifícios não tremem e continuam na rigidez vertical. E as próprias crianças, tão sensíveis, cujas almas registram tudo, nada sentem e continuam no deslumbramento.

Ia caminhando, ao acaso. Um landolé passou devagar e uma senhora, que ia abraçada a uma criança, a olhou e com um gesto repentino a cumprimentou com efusão, inclinando-se um pouco e até se virando para trás, para repetir o adeus.

A princípio não reconheceu quem fosse, mas, prestando atenção, se lembrou daquele rosto que sorria com felicidade e daquele braço que saudava com elegância. Subitamente se lembrou com nitidez. Era Ana Maria, sua companheira de colégio em pequena, companheira de classe e de prêmios, e que não via havia bem uns seis anos. Era arquimilionária, tinha mais fausto do que muita princesa de sangue, vivia largo tempo em França, era a esposa do opulento Nuno de Almada.

Parou. Voltou-se na direção que o carro tinha tomado. Pensou; avidamente, ficou a meditar nessa idéia que lhe assaltou o ânimo e que era procurar, instantaneamente, essa ex-companheira. Só esse designo e a força que sabia ainda ter para o realizar, a encheram de alívio. Eis, porém, que um conselho do seu íntimo lhe sugeriu a emenda de ir procurar diretamente esse senhor Almada dono das Docas Reunidas, acionista de empresas formidáveis,

diretor de companhias ciclópicas, e que através de secretários, estenógrafos, gerentes, procuradores e todo um maquinismo de homens, dividia lucros, inventava lugares, atendia. os pedidos mais inverossímeis e ainda achava tempo para jogar pólo, na Gávea, e freqüentar o Garnier, onde comprava literaturas de bibliófilo.

Mas nas Docas Runidas *o liftman* lhe disse, muito cortesmente:

– O sr. Almada? Não está não, senhora.

– E onde o poderei encontrar, agora?

– Talvez no Jóquei Clube, almoçando.

Esquecida do seu cansaço, subiu a Avenida. Já não procurava pensar no motivo da sua via-sacra.

Esquina de S. Pedro. General Electric. Geladeiras. Cartazes. Lâmpadas G.E. Vitrinas e mais vitrinas. Motores. Rádios. Ventiladores. Herm Stoltz. Banco Real do Canadá. Sindicato Condor. Casa Sucena, Bandeiras vermelhas, ágeis como flâmulas, nas janelas da casa Colombo. Esquina do Ouvidor. Camelots. Multidão. Vendedores de jornais. Vitrinas discretas, gênero Rue de a Paix, no Luís de Rezende. *Jornal do Commercio.* A Equitativa. Agrupamento de homens lendo um placar no *Jornal do Brasil.* Imbecis, já a essa hora aglutinados à porta de um café ou examinando os reclames da Fox Corporation, no Pathé. Esquina da rua Sete. É preciso atravessar quase correndo por causa do trânsito de bondes, caminhões, carroças e automóveis. Novamente joalherias. Relógios. Relógios a marcarem o tempo e a mostrarem que faltam só quatro horas para o suplício. Jóias. Colares. "Liquidação para entrega do prédio". Casa de frutas. Uma grande tartaruga na porta dum bar ocasiona congestionamento na calçada. Do outro lado, estão construindo um arranha-céu, em cujo lombo eréctil há sinapismos de anúncios: "Ao Mundo Lotérico. O Novo Ford. Cronômetros Vulcain. Automóveis Chevrolet."

Tabacaria Londres, com personagens estáticos na porta, olhando mulheres. Novamente a Galeria Cruzeiro, velha..., amarelenta. Bancas de jornais. Ruído de bondes, rangendo ao fazerem a curva. Muitos homens. Muitíssimas mulheres. Apregoam a *Vanguarda* e a *Esquerda*. Um eclesiástico corre atrás de um bonde de Águas Férreas. Lúcia atravessa a Avenida. Receia encontrar Mário. O asfalto ardente, dúctil, recebe o decalque, em baixo-relevo, dos seus sapatos. Sol cruel. Calor. Liceu de Artes e Ofícios. Palace-Hotel. Um gigante com alamares numa farda meio naval, meio de opereta, com um grande guarda-sol aberto, está parado na sombra, e é o feliz e opulento porteiro (desse recente columbário internacional, cujos andares são reservatórios de nacionalidades. Turismo em terra de febre amarela já extinta!... Jóquei Clube. Traseiros de carros de luxo encostam nas calçadas, à moda de grandes cidades americanas.

Na portaria do Jóquei Clube dizem que o sr. Almada deve estar numa assembléia geral do Banco do Brasil. E lhe explicam onde é.

Ei-la de jornada para o palácio da rua Primeiro de Março.

Ao entrar, sente remorso. Lembra-se do golpe do marido aí mesmo, nesse saguão... Informa sobre a assembléia geral. Ninguém sabe. Finalmente, um funcionário zeloso lhe participa que a assembléia "teve lugar" às 11 horas precisas. Ela indaga desse funcionário se, porventura, conhece e viu o sr. Nuno de Almada. O homenzinho a aconselha a tomar um elevador e solicitar informações na antecâmara da diretoria. Obedece. Em cima, nos salões suntuosamente vazios e silenciosos, quase ciciando como se velasse enfermos, um outro porteiro lhe repete que a assembléia acabou cerca de meio-dia. Quanto a esse sr. Almada, é lógico que, como toda a gente, o conheça somente de nome e de fama.

Em todo o caso, se compromete a indagar e pergunta a um empregado que passa sobraçando uma pasta:

– Ó seu Adeodato, viu por acaso aqui na reunião de hoje o sr. Nuno?

– Que Nuno? O pagador do guichê nº 6, das contas limitadas?

– Não, homem. O Nuno. O sr. Nuno de Almada. Os outros são nulidades...

– Ah! O Almada. Vi. Por quê?

– É que esta senhora tinha urgência em falar com ele.

– Pois saiu. Até me cumprimentou e por causa disso o Palhares também se viu obrigado a cumprimentar-me por espírito de imitação. Deve ter voltado para as Docas Reunidas.

Lúcia dirigiu-se para lá. Num salão do quarto andar um velhote a atendeu e, limpando os óculos, considerou:

– Eu sei onde estão os Guinle, o Gaffré, o Lineu de Paula Machado, o Modesto Leal, o Visconde de Morais, o Francisco Matarazzo, o Crespi, o Lunardelli; sei que o Presidente está no Catete, que Sua Santidade o Papa está no Vaticano, que o *São Paulo* está no dique; mas o meu prezado patrão, esse palavra de honra, esse ninguém lhe poderá dizer com segurança onde está. A senhora já telefonou para as diversas residências desse nababo? Pois é uma providência comparável a comprar vários bilhetes da mesma loteria. Em todo o caso, vou dar um endereço. Vá ao Jóquei-Clubé. Ah!... Já esteve. Bem. Então já não está aqui quem lhe falou. Experimente, todavia, ir ao prédio da contabilidade dos Moinhos Delta, aqui mesmo nesta Avenida. Às vezes ele está por lá uns minutos.

– Obrigada.

Quase correu aos escritórios dos Moinhos.

Mas não estava. Um homem carrancudo, que lia com dois óculos acavalados um sobre o outro, foi quem a atendeu:

– Saiba que o sr. Nuno, embora seja o dono disto aqui e de nós todos, desde o mês passado que não aparece. Também, para

quê? A senhora quer falar com ele em pessoa, ou quer se servir dos seus secretários, o Thompson, o Aleixo e o Sá? Esses estão sempre.

– E o senhor sabe a residência do sr. Almada?

– Algumas eu sei de cor... Quer a minha rica senhora que eu experimente ligar o telefone para essas?

– Seria um favor enorme.

– Oh! Excelentíssima. *Seu* Jônatas, seu Jônatas? Ligue, isto é, vá ligando o telefone para as casas de seu Nuno.

Um mulato velho e ponderado, pegou no telefone e com uma paciência de ofício obedeceu.

Enquanto isso o homem dos dois óculos disse:

– Há sempre muita gente à cata de seu Nuno. Ele foge... O Aleixo, o Thompson e o Sá, juntos não dão vazão. Lá dentro, olhe, faça o favor de espiar; vê, Excelentíssima? Aquilo tudo é gente de negócios. Mas a Excelentíssima, pelo modo, tem urgência de falar com ele, não é verdade? Ó seu Jônatas, vamos, homem, que diabo!...

– Seu Teixeira, seu Nuno não está em S. Clemente, não está na Avenida Atlântica, não está na Gávea; acho que ele está no Jóquei Clube.

– Qual Jóquei Clube, seu traste. Essa senhora vem agora de lá. Olhe, minha senhora, eu sinto não poder lhe ser agradável. Já foi ao Banco da Província?

– Seu Jônatas, telefone ligeiro, hein?, para a diretoria do Banco da Província e indague se o sr. Almada, por acaso, está lá. Calcule a senhora que eu, este seu humilde criado, uma vez procurei seu Nuno durante horas. A senhora sabe onde eu o fui topar? Adivinhe, Excelentíssima. Calcule... soltando papagaio, no morro, em S. Clemente, com a filha... É verdade:

– Seu Teixeira, o patrão, desde o ano de 1920 que não vai ao Banco da Província. Foi o que eles disseram.

– Olhe, minha rica senhora, tente esperá-lo nas Docas; lá é que ele é mais pontual... Não tem nada a agradecer.

Ia saindo, quando entrou um velhote franzino, nervoso, e a quem o sr. Teixeira perguntou:

– Seu Maia, saberá por acaso onde está o seu amo e compadre, Nuno de Almada?

O sr. Maia fez então um disrcurso:

– Nuno, o Grande, o Único, o Desejado, Aquele que nunca está mas cuja presença é permanente nesta e em outras empresas, o que todos procuram e invocam, o Sempre Ausente, pode agora estar, no mínimo, em dez lugares. Pode estar no Jóquei Clube, almoçando. Pode estar nas Obras da Fundação Almada. Pode estar na Sul-América. Pode, Deus do céu, estar no Hipódromo da Gávea, vendo o veterinário tratar o craque *Crispim*. Pode estar em S. Cristóvão, nos Moinhos. Pode ser que esteja dormindo em Petrópolis. Talvez esteja nos Frigoríficos, no Cais do Porto; e não será utopia calcular que esteja bem perto e entre agora mesmo por aqui a dentro. Encontrar o Nuno? O professor Agenor uma vez me disse que encontrar esse homem é mais dificil, de dia, do que um aviador, à noite, encontrar os rochedos de S. Pedro e S. Paulo. O melhor é desistir. Ele então aparece, por encanto. Mas, se se trata de urgência, o melhor alvitre é a fórmula que eu mesmo já usei com eficácia. É a seguinte: escrever em muitos papéis, como cédulas, os nomes dos lugares onde provavelmente ele poderá estar. Pôr os ditos papeizinhos num chapéu, à guisa de uma, e tirar um, com os olhos fechados, depois de sacudir para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo e depois centrifugar. O papel que diga onde ele está. Uma vez, há um ano... Haverá um ano? Não. Há muito mais de um ano, eu tive essa idéia, uma das poucas geniais que me rebentaram aqui, na cabeça. Pus no meu chapéu dez papeizinhos escritos e disse ao rapaz do lavabo do Jóquei: "Tira um papel destes, seu bocó". O garoto obedeceu,

vasculhou, e trouxe entre o polegar e o indicador um papel onde eu li: "Haras Almada". Zás. Entrei num táxi, percorri esse bairro lúgubre de S. Cristóvão, sempre paralelamente a cemitérios, trapiches e serrarias. Até então este seu criado fora a S. Cristóvão no mister sisudo e hipócrita de acompanhar enterros. Cheguei aos edifícios colossais, gênero Ruhr. Entrei. Embarafustei. Atravessei armazéns, sumi entre milhares de sacos de açúcar, onde tive oportunidade de me comparar a formigas. De repente estaquei, bradando: "Qual! Não passo dum idiota!... Devo ir mas é ao Haras Almada". Filei o automóvel do gerente, cujo motorista mediante larga gorjeta me levou a Jacarepaguá. Transpus várias cocheiras e na última fui surpreender Nuno metido num avental de couro a segurar a perna duma égua enquanto o ferrador cumpria o seu mister medieval. E sabe o que foi que Nuno me disse? "Espere aí, Maia; já vai chegar a sua vez".

Nisto a porta do elevador se abriu e dele foram saindo pessoas que o Maia, o Teixeira e o Jônatas cumprimentaram assim:

– Bom-dia, sr. Alaric. Salve, sr. Thompson! Mas que milagre, sr. Almada; seja bem-vindo!

Estarrecida, envergonhada mesmo, Lúcia se meteu no Otis que, descendo direto através de seis andares, a depositou no vestíbulo.

"Que é que vim fazer aqui? Será que peguei o hábito de Mário?" Para ela aquele senhor distinto e importante era o mito da Providência.

III

O guarda-portão indicou a escadaria e, pelo telefone de serviço, avisou que uma senhora procurava Madame Nuno de Almada.

Lúcia atravessou o extenso jardim, subindo a rampa; e diante dos degraus do palácio parou, sem saber se devia tocar a campainha ou esperar.

Lá da porta do seu pavilhão, o porteiro lhe acenou que entrasse.

Ao transpor o peristilo, um criado já a esperava. Ela disse o nome e que desejava falar com D. Ana Maria. O criado esperou que apresentasse o cartão, mas vendo que ela não entendia, fez uma reverência, saiu, designando-lhe, antes, um banco de estuque.

Quando foi introduzida no *hall*, sentiu enorme vexame e se arrependeu de ter tido a coragem de vir. Nunca havia visto luxo tão deslumbrante, nem tão suntuoso. Sentou-se num divã. Pôs-se a olhar os quadros, as estátuas, as faianças e os móveis. Parecia vestíbulo de castelo histórico. O lustre de bronze e cristal, ao centro, pendia do estuque do teto apainelado. Tapeçarias colgavam a parede ao longo da escada que conduzia ao andar superior. Os degraus de mármore tinham bronzes nas passadeiras e a balaustrada era regiamente larga, com frisos de metais cintilantes. Consolos com porcelanas e retratos, vitrinas com cristais e pratarias enriqueciam os cantos. Uma penumbra, ao fundo, mal deixava ver um piano de cauda, coberto com dalmáticas. E sobre

os losangos bicolores do chão, um tapete oriental abafava os passos. Sentia-se cheia de embaraço. Como não pudesse esperar sentada, porque o constrangimento a fazia irrequieta, foi mirar as credências de jacarandá, e mentalmente repetia as palavras que tencionava dizer.

Ouviu passos, sentou-se de novo, sentiu vacilar a sua esperança, enleada naquela austera magnificência.

Ana Maria, segurando afavelmente o braço duma senhora idosa que usava óculos de tartaruga e que tinha ares de preceptora estrangeira, apareceu e logo sumiu atrás de um biombo de laca. Depois surgiu e com uma alegria que lhe era inata e especial, a veio abraçar longamente. Lúcia, sem saber como começar o cruel assunto, baixou os olhos e dominou o tremor dos lábios. Mas sentiu uma grande confiança, quase um conforto no modo com que Ana Maria a obrigava a sentar. Então, com a voz entrecortada, como se arrancasse as sílabas dum precipício, ora alteando o tom, ora o diminuindo, confessou que vinha incomodar, fazer um pedido de exceção. Previamente lhe pediu desculpa pela ousadia, mas deu logo a entender que se tratava duma circunstância trágica.

– Fiquei muito contente e tive muito prazer em te ver, hoje, de relance, na Avenida. Desde que saímos do colégio tão poucas vezes nos encontramos. Fiz, nesse tempo todo, tantas amizades, mas nenhuma me deixou a impressão duradoura daqueles cinco anos. Tu eras para mim um modelo. Eu procurava imitar-te, estudava porque tu estudavas, rezava e comungava porque tu eras piedosa; enfim, exercias sobre mim um salutar domínio. Mas, casamo-nos, cada uma foi para o seu lado, com o seu destino, e pronto. Nada nos devia ter separado. E verdade que quase não estou nem paro no Rio. Passo mais (da metade do ano na Europa. Mas, ainda assim... Tens filhos? Não! Eu tenho uma filha, com oito anos. Sou mais velha do que tu.

Parou um pouco, estudou a ansiedade de Lúcia, e como para lhe facilitar o início do assunto, que percebeu ser angustioso, exclamou:

– Fiquei radiante, quando o Ciríaco me foi dizer que D. Lúcia de Montemor estava no *hall* e queria falar comigo. Ora, a Lúcia. Estás mudada, sabes, sempre bonita, mas com um ar concentrado; que é isso? Aliás sempre tiveste este feitio, lembras-te? A irmã Ludovica dizia que tu tinhas sempre a testa enrugada a resolver uma equação.

Lúcia ouviu um relógio bater horas e a idéia do tempo, do prazo, a obrigou a tratar do caso tremendo.

– Lastimo ter tido a coragem de vir agora à tua casa, porque te vi na rua e numa hora lancinante. E isso porque a razão que me traz, Ana, é, tão grave, tão fora do comum, que nem posso refrear a minha emoção. Nem sei como começar... Não calculas o transe horrível por que estou passando. Lembrei-me de procurar-te instantaneamente, logo que te vi. Foi Deus que fez o teu automóvel passar naquela hora. Ana, eu preciso hoje, já, de uma grande quantia.

– Quanto?

Então, quase sussurrando, respondeu:

– Preciso de treze contos de réis.

Ficaram ambas caladas, visivelmente perturbadas.

– É para uma questão de honra, uma questão melindrosíssima. O que eu tenho sofrido nesta manhã toda! Saí desatinada de casa; e eu, que nada tenho de meu, me vejo na contingência de arranjar, de uma hora para outra, essa quantia absurda. Perdi o domínio sobre mim mesma. Só sei de uma cousa; preciso desse dinheiro. Dá-mo, pelo amor de Deus! Arranja-me esta esmola, pelo divino amor de Deus.

– Coitada da minha Lúcia! Também, vês? também eu estou triste. Vejo-te tão perturbada, tão desesperada, tens uns olhos deste tamanho, pareces aturdida, cheia de pavor. Que é isso?

Fica tranqüila, tudo se há de remediar. Mais que fosse. Tudo se há de arranjar. Já me constava vagamente que a Lúcia não era feliz; precisas, pois de treze contos. Mas que urgência é essa? Não podes esperar até amanhã? Não tenho essa importância comigo. Tenho que pedi-la a Nuno.

Levantou-se, foi até a mesa Império, na sala próxima, e tocou uma campainha. Uma criada apareceu e esperou junto à porta envidraçada.

– Ligue o telefone para o sr. Almada. Ligue no telefone da minha saleta e eu falarei, daqui, desta extensão.

E ficou a esperar.

Enquanto isso, olhava Lúcia, sorria, disfarçava a própria emoção; via-se que tinha curiosidade em saber que secreto caso era esse.

– E o sr. Aleixo? Nuno está? É Ana Maria. Bem. Obrigada. Sim, se for possível.

Uma pequena pausa. Novo sorriso, cheio de conselhos tácitos, de esperanças sinceras.

– És tu, Nuno? Escuta. Eu preciso dum favorzinho, agora. Se é dinheiro? Ora, nem sempre. Mas agora acertaste. É, efetivamente de dinheiro que te falo. Mas desta vez é, como direi, um favor grande, uma importância graúda, treze contos. Treze. Tre-ze... Ouviste? Para quê? (Deu uma risadinha). Que falta de elegância e de discrição. És um santo. Se este mês ainda precisarei de outros favores? Não, é lógico que não. Bem, obrigada. Então manda já, pelo chofer. Bravos, adeus; Vê se não demoras a mandar. Como? Ah! Depois conversaremos...

Pousou o telefone no gancho, bateu as mãos uma na outra e exclamou, cheia de alegria:

– Pronto. Agora, muda esse rosto. Desfaze essa ruga. Isso te envelhece. És mais nova do que eu. Não tens vinte e dois anos ainda... Eu já os fiz há muito tempo.

Lúcia, cujo coração perdera o ritmo, levantou-se e abraçou-se nela, soluçando.

– Nem sei como te agradecer. Este teu gesto vai solucionar um estado de coisas angustiosíssimo. Não calculas quanto andei esta manhã, só porque não me lembrei de vir logo te incomodar. Ainda quando bati e esse porteiro me disse que entrasse, vacilei, cheia de vergonha, mas entrei porque não podia absolutamente deixar de entrar.

Ficou absorta, com os olhos no tapete. Uma serenidade, uma bonança, um torpor a enchiam agora. Estava tudo arrumado. Uma onda de gratidão, uma vontade de ajoelhar lhe deram às feições um fulgor de êxtase, como se tivesse presenciado um prodígio.

– Fizeste muito mal em ter vacilado. Fizeste muitíssimo bem em ter vindo. Sinto grande satisfação em ter podido atender ao teu pedido. É um favor, que pude fazer com uma simples telefonada pela circunstância de Nuno ter dinheiro. Mas se fosse pobre, se fosse preciso tomar providências complicadas, assumir compromissos, sair, dar voltas, agir intensamente, ir contigo providenciar, iria de ânimo forte, multiplicar-me-ia, envidaria todos os esforços. Quero-te um bem enorme, nunca te esqueci, sempre te admirei, acho que tu é que merecias a grandeza e a felicidade terrena que eu desfruto. Bendita riqueza que, ao menos, me serviu para desafogar esse teu coração.

– Eu sei que tu és boa. Mas lamento que nunca te haja procurado e que só agora me tenha servido da amizade de colégio para correr até a tua casa. Tenho levado uma vida recolhida, certas coisas me têm obrigado a um modo de vida...

– Eu sabia, por alto. Pessoas, nossas conhecidas, me deram a entender mais de uma vez que tu não eras feliz, isto é... – Sim, de fato, certos motivos íntimos...

– Mas, falemos de outras coisas enquanto o chofer não chega.

– Está bem, mas quero te confessar ainda uma coisa. Para arranjar esse dinheiro, saí de casa antes das oito horas. Fui bater à casa de Natália. Lembras-te dela?

– Natália Cordeiro? Costuma jogar bridge aqui conosco.

– Arranjou-me parte do dinheiro. Saímos juntas; ela procurou amigas, juntou dois contos, fez tudo quanto pôde. Mas tu assim não entendes. Eu tenho que entregar esses dezesseis contos, sim, os três contos que arranjei e os treze teus, a uma pessoa que só espera até às 4 horas. De modo... Mas estou contando tudo atrapalhadamente. Trata-se de uma situação grave, que podia redundar num escandaloso e miserável caso policial, calcula tu... Que horror! Tu és minha amiga, tenho obrigação de dizer-te para que e por que preciso desse dinheiro. Meu marido é um desmiolado, um leviano. Jogou, eu sei que tu guardarás segredo disso, dezesseis contos de réis que lhe não pertenciam. Temos que repor tudo até hoje de tarde. Vê só que horrível caso... A pessoa de quem ele gastou esse dinheiro só espera até de tarde, às 4 horas... Quis entregar-lhe os três contos que consegui com esforços e vexames mortais. Mas a pessoa quer, exige, está no seu direito, ameaçou-me de ir à polícia pôr tudo às claras. De modo que, sem obter um prazo, uma espera de dias, sujeitei-me a estas incríveis corridas, fiquei desatinada. Olha, Ana, quero confessar-te uma coisa. Quando te vi, tive instantaneamente a idéia de procurar, não tu, mas teu marido. É lendariamente rico, toda a cidade sabe disso. É milionário, e eu disse comigo mesma: "Esse homem, marido de Ana, é tão imensamente rico, quem sabe se eu o procurar, e lhe disser quem sou, se ele me atenderá?" Por tão pequena amostra do meu desvario verás como eu estava com a cabeça... Urgia liquidar essa dívida, contraída em maneiras tão deprimentes. Uma força indomável me levava a essa

leviana providência. Durante esse tempo todo, não me saía da cabeça o modo desprezivo com que o dono desse amaldiçoado dinheiro me recebeu e me emprazou a trazer, incontinenti, o dinheiro inteiro, ajuntando à saída: "Diga a seu marido que não continue nem abuse desses processos, pois pode acabar mal..." Imagina. Depois de procurar teu marido, consegui me convencer a mim mesma, após muitos desânimos, que era Ana Maria quem eu devia procurar. Deus seja louvado, Deus te pague... Nem tu calculas o bem infinito que me fizeste. Nunca te poderei mostrar minha gratidão, nunca te poderei exprimir quanto te quero.

– Cala essa boca. Não precisas agradecer nada. Está proibido falar-se nisso.

Uma criança veio espreitar na porta. Sorriu ao ser surpreendida e fugiu.

– É a minha filha. "Vai agora estudar piano, minha filha, vai. São horas". Calcula que não consigo convencer Nuno que a devemos pôr num colégio. A preceptora vai regressar para a Suíça, temos que procurar outra. É tão difícil. Nem Nuno nem eu podemos suportar a ausência dela um dia, imagina tu... De maneira que ela vai estudando mesmo em casa. É uma porção de horários, eu a acho fraca e nova para começar tão cedo, mas Nuno exige. Tem professora de várias coisas. A preceptora é quase uma figura dispensável. Às vezes eu assisto, também, às aulas. Vou, sem querer, recordando episódios de história, nomes de ilhas, cabos e penínsulas, datas, lugares de batalhas. Para que se há de querer meter naquela cabeça tanta coisa passada, inútil, não é? Mas a minha filha apreende tudo, decora tudo, sabe mais do que eu.

Lúcia, menos aflita, a ouvia com um sorriso dócil; depois disse, como se estivesse a divagar sozinha:

– Quando vejo uma criança assim, como tua filha, ou quando passo no sossego de um arrabalde e ouço exercícios de piano,

fico com saudade da minha infância. Sabes que eu só mesmo na infância é que consegui ser relativamente feliz. Mamãe morreu cedo e deixou meu pai com uma bonita renda. Mas os títulos caíram, as fábricas de que ela era acionista faliram, os papéis ficaram sem valor nenhum em 1919, ficamos remediados apenas. E natural, pois, que eu tenha saudade da infância. Só nessa quadra da vida fui contente e alegre. Eu tinha uma percepção, uma desconfiança de que, acabando a infância, haveria diferença, haveria de mudar. Bem razão tinha a irmã Latour quando, uma única vez é verdade, me aconselhou a entrar para uma comunidade religiosa. "*Au moins on y est sûre d'avoir de la sérénité...*" Ela dizia isso, porque sabia da nossa derrocada, coisa que então eu ignorava. Mas eu só agora vejo quanta razão possuía a irmã Latour. Ela me dizia que na vida religiosa tudo corria como quando se é criança. Ah! Se a vida na realidade, sempre e só corresse como quando se é criança... Vida de colégio interno... Não se sabe nada do mundo. Dele apenas eu via, sobre o muro, uns trechos de árvores, umas velhas mangueiras e o céu longe, com nuvens que passavam. Os dias sempre iguais. Ainda estou vendo a irmã Latour vigiando a aula, pé ante pé, com um caderninho na mão e um lápis a fingir que tomava nota das vadias e das tagarelas, esforçando-se para parecer séria, carrancuda e terrível, ela que tinha nascido para brincar, contar histórias de santos e querer bem a nós todas. Que falta ela não me fez na vida! Os estudos. O dormitório. As mesas do refeitório. As órfãs servindo, calmas, sem humilhação. Essas também nada sabiam da vida. Tinham perdido os pais. Deus lhes tinha dado muitas mães. E o pátio, com uma gruta de Lourdes artificial, onde cresciam tinhorões e samambaias maiores do que a imagem de Nossa Senhora. E, embaixo, no cimento rugoso, que fingia de penhasco; quanta vez não líamos, embevecidas, a inscrição: "Je suis L'Immaculée"? Um regatozinho também artificial sussurrava na sua poesia de canal,

com uma caneca amassada, presa a uma corrente, e pela qual as "bem comportadas" vinham beber água, mesmo sem sede, só para serem vistas e elogiadas pelas irmãs. As leituras edificantes, no refeitório. A voz esganiçada da menina Adélia, a que, depois, morreu do peito, lendo alto, com pausas cadenciadas, a vida de Santa Inês e de Santa Teresa. E a irmã superiora, lembras-te, Ana? Estás rindo? Eu também. Ela era velhinha, já corcunda, com oitenta anos, toda curvada para o chão, a arrastar os pés (ru-ru-ru...) no cimento do pátio e que, diziam, tinha vindo para o Brasil ainda no tempo dos navios à vela e que nunca mais voltara à França e, ainda assim, falando pessimamente o português.

Embora ainda triste e conturbada, sentia vontade de falar, como para esquecer a razão que a tinha trazido ali. Uma loquacidade nervosa, uma espécie de derivativo.

Ana Maria contemplava-a com muita amizade e também ia recordando esses tempos passados em comum:

– Do que eu mais gostava era do tempo do retiro espiritual. Três dias sem falar, nem estudar, nem brincar, pensando em Deus e meditando na morte. O bom padre Rivière a descrever o Paraíso e o Inferno, tão bem como se lá já estivesse estado, falando muito ponderado, entremeando as considerações ascéticas com anedotas, enchendo pachorrentamente os quarenta minutos obrigatórios.

– Bom tempo. Mas tudo mudou. Principalmente eu. Conheço os pequenos dissabores triviais e diários e conheço também os grandes, esses que modificam radicalmente a sensibilidade de uma mulher. Bem vês que não é da pobreza que eu me queixo, nem tampouco desta vida vulgar. Mas o que não suporto é o meio de mentiras e simulações em que tenho vivido desde que me casei. A minha infelicidade é não ter dominado até hoje o meu marido, embora pressentindo a situação, embora percebendo que íamos por um abismo. Com a minha inércia, com a minha

ingênua esperança, fui quase cúmplice neste descalabro. Eu tinha obrigação de reagir, de detê-lo. Muita vez, com um olhar, com um proposital silêncio, lhe disse muita coisa. Muita vez ele enrubesceu e ficou dias, enleado, sentindo-me exprobrar-lhe as irregularidades e os mistérios da sua vida. Mas nunca supus que ele fosse capaz de perder noções primárias de honra e de brio. Mais parece um pesadelo. Que profunda decepção! Esse fato de hoje cavou um limite, uma separação na nossa existência em comum. Toda ilusão de felicidade ou, pelo menos, de sossego, se desmoronou. Ele segmentou, bipartiu a nossa vida. Creio humanamente impossível uma acomodação, entenda-se, no sentido espiritual, porque a outra, perante o mundo, essa tem que se fazer. Eu mesma pasmo, penso sonhar, penso ter lido, parece que não foi comigo que se passou essa horrível tragédia. Quando, só muito tempo depois, se vem a perceber que a pessoa a que nos unimos e que para todos os efeitos sempre consideramos superior a qualquer, é uma decepção viva, pensamos ter um longo e minucioso pesadelo. É estranho o dom que a mentira descoberta tem de separar temperamentos... Tu, por uma questão especialíssima de bondade e elegância espiritual, solucionaste esta minha terrível situação, mas, para que isso se desse foi preciso pôr à mostra estados íntimos, segredos deprimentes, que deviam ficar no pudor do meu sofrimento pessoal. E isso é que me faz um mal-estar angustiante, porque, no final de contas, não se solucionou nada, antes se agravou tudo.

– Não é bem assim, Lúcia. Não tens culpa nenhuma. Estás vendo com olhos de desespero o que daqui a dias verás com olhos de esquecimento, porque tudo se há de endireitar; teu marido não pode ser nenhum monstro; se cometeu uma falta, tem, decerto, cometido ações nobres; uma pobre vítima do demônio do jogo. As duras lições destas horas amargas o hão de trazer ao senso comum. Tudo se esquecerá; traçar-lhe-ás um

programa, dominá-lo-ás com a vigilância da tua clarividência. É como um doente precisando de constante assistência. Não quero e nem devo entrar nesses debates de caráter meramente mútuo. Mas, basta ser teu marido, uma tua antiga paixão (no colégio tu te correspondias com ele, lembro-me muitíssimo bem), portanto uma pessoa que não conheceste do dia para a noite, para não ser, assim, um caso perdido. Será preciso método, rigor, uma verdadeira ciência de domínio, uma, como direi, permanente vigilância, um senso de adivinhação e, em pouco tempo, terás tudo normalizado. Peço a Deus, foste tu no colégio que me ensinaste a ser piedosa e agora ainda o sou, que te ilumine; não dês nenhum passo impensado, não tomes nenhuma deliberação. Podes arrepender-te; tens sobre ele a vantagem de duramente o conheceres e isso já te dará poderio.

Lúcia a escutava com grandes olhos, como se esses conselhos lhe abrissem uma perspectiva onde antes havia a crueldade branca dum muro; ou como se lhe tirassem do peito uma opressão. Mas não sabia bem se de fato essa tragédia podia ser esquecida, posta de parte, riscada da memória.

A criada, na sala próxima, pediu licença, esperou que lha dessem e disse:

– O sr. Almada entrou pelo portão da garagem. Quer falar com a senhora. Subiu, mandou avisar.

– Nuno? Que surpresa! Há quanto tempo não aparece em casa a estas horas. Com licença, Lúcia. Decerto ele veio trazer pessoalmente aquilo, ou, não sei bem... mas não pode ser, ele quando diz "sim"... Com licença, um pouco; olha, não demoro. Não fiques assim tão pálida. Venho já.

Saiu. A sua imagem clara desapareceu nos três salões que se sucediam; e Lúcia cuidou, com certeza veemente, que tudo estava perdido, que essa vinda do sr. Almada, essa palidez de Ana e esse próprio silêncio angustiante agora, no *hall*, tudo era sinal

de que infelizmente "não tinha podido ser". Essa seria, ia ser, indubitavelmente, a frase de Ana, quando voltasse. Já a via, lívida, com os lábios trêmulos, um certo desapontamento na voz e nas maneiras, dar uma desculpa e sinceramente sentir e comparticipar desse transtorno. Que horrível dia, que tremenda situacão!

Ana Maria, realmente ao atravessar os salões e ao subir a escada que do vestíbulo conduz aos dormitórios, teve um mau pressentimento e já se munia e se preparava com todos os ardis da sua inteligência aguçada, para lutar com a curiosidade e a pertinácia de Nuno.

Quando chegou e parou na porta, disse, com ar natural: – Não te esperava, agora.

Ele respondeu apenas com uma simples saudação jocosa.

– És tão ocupado, tens o tempo tão exíguo para o teu expediente, tuas horas são tão disputadas...

Ele pôs os dedos na cava do colete, passeou, fingindo importância, dando a entender que isso o lisonjeava por ser pura verdade.

– Costumavas avisar sempre, por intermédio de alguém.

Ele fez um ar de quem pede desculpas e de quem explica por mímica, que se tinha esquecido de avisar.

– Estás tão calado, cheio de salamaleques; isso não fica bem na tua idade e na tua posição.

Ele exagerou, entrou a passear dum lado para o outro com imponência, sorrindo, como se estivesse a representar diante de um operador cinematográfico.

– Que horror, Nuno. Deixa dessa atitude. Perdeste a voz?

Ele levou a mão à boca, fez que sim, que tinha perdido a voz, e ronronava, parecia querer gargarejar, bochechar, ou dizer que tinha dor de dente. Mas ao mesmo tempo disfarçava e dominava a vontade de rir.

– Virgem Santíssima, que coisa horrível, ter um marido ator.

Então ele fez uma atitude triste, deu a entender que realmente era pena, mas que não tinha culpa. E esculpia gestos no ar, dizia que a culpa era dela mesma, que o tinha escolhido assim mesmo.

– Se soubesses que raiva me dás com essas pantomimas! Olha, vem aí em setembro, um circo alemão. Talvez arranjes um lugar...

Ele, então, retomou o natural e imediatamente perguntou:

– Com que terno desço? O de palha de seda ou o de linho? Com este, estufo de calor. Vim mudá-lo.

– Ah!... E, é verdade, trouxeste os treze contos?

– Que treze contos? Então aquilo do telefone era verdade? Tomei por brincadeira. E, naturalmente, é brincadeira. Como tu és engraçada, com esse hábito de pregar susto!

– Mas então não foi isso que te trouxe aqui?

– Não, senhora, absolutamente; nem me lembrava mais dessa história.

– Oh! Não brinques! Não acho graça... Mas, afinal trouxeste?

Ele estranhou o timbre da voz e o pasmo do rosto. Ficou sério, passou a mão pelo queixo, devagar, enquanto a olhava de alto a baixo, como a querer adivinhar o sentido deste pasmo e disse, apenas:

– Não trouxe, não. Por quê? Para que era? – Retomou logo o feitio folgazão.

– Tu sabes o que são treze contos, Maria? Ora, façamos, ambos, mentalmente, vários cálculos rápidos. Convertamos isso em francos, em liras, em dólares... Sabes quanto é um franco em nossa moeda? Sabes quanto vale a libra e a quanto está o dólar? Tomemos os francos para a conversão ser mais impressionante. Bem, enquanto fazes essa simples e singela operação de câmbio eu vou mudar de roupa. Ponho o terno azul-marinho. De tarde vai sempre melhor, não achas? Olha, por favor faze recolher o

Rolls e manda preparar o *Daimler*. Tu, se quiseres sair, podes ocupar o *Rolls*.

Ela ficou sem saber o que dizer, enquanto ele se dirigia para os seus apartamentos.

Mas resolveu ir também, acompanhou-o, tímida, cheia de ódio para consigo mesma por estar assim tão sem expediente.

Ele entrou, não a fez entrar primeiro, como era seu costume. Decerto, para fingir que não a tinha visto vir.

Então, no meio do vestiário, entre esse tríptico de espelhos, ele parou, mirou-se, arrancou o paletó, pôs-se a observar de perto a barba, e como que a esperar que Ana Maria falasse.

Ela, calada, fingiu interessar-se pelo seu vestido, endireitou o cabelo, também ela muito próxima do espelho.

Diante do armário, uma peça enorme, ele pôs-se a analisar os ternos, cheio de dúvidas, sem saber qual escolher. E coçava a cabeça, simulava uma dúvida atroz.

– Oh! Fecha os olhos e tira qualquer ao acaso. Como estás enervante...

Arregalou os olhos diante dela e exclamou:

– Estavas aí?

Fingiu tão mal, disse essas palavras com voz tão jocosa, que ela também riu, abraçou-o e disse, baixinho, ao rés da orelha:

– Então, trouxeste os treze contos, Nuno?...

– Já fizeste aquela operação cambial? Já converteste essa quantia em francos? Se duzentos e cinqüenta réis são um franco... Aí tens tu a base, o ponto de partida para o teu raciocínio.

Começou a retirar dos bolsos do paletó o estojo de platina dos cigarros, um *carnet*, papéis, cartões, cartas, uma caixa de fósforo encapsulada em lâmina de ouro, níqueis, uma carteira e um caderno de cheques.

– Vês estas cartas? Hoje o Thompson me deu poucas, rasgou muitas. Ele só me entrega duas qualidades, as cômicas e as

importantes. Esta aqui, o que é que esta diz mesmo? Ah! Esta veio de Alagoas; é dum sujeito que eu não conheço e que me ousa pedir auxílio financeiro para levar a cabo uma patente de invenção sobre... moendas. Esta outra já está no meu bolso há muitos dias. O assunto acha-se embaixo dos elogios e das divagações. É dum sujeito que eu também não tenho a honra de conhecer e que, embora não tendo inventado nenhuma moenda, me pede também dinheiro para um negócio em que ele e eu enriqueceremos em dois anos. "No primeiro ano se semeia", diz ele. "O segundo ano será o da colheita, da messe, da vindima, da safra!" Safa!... E ainda por cima tu a me pregares um susto com essa história dos treze contos.

Retirou-se para o quarto com o terno no braço e Ana o ouviu assobiar. Nuno assobiando... Ele teria bebido muito, antes do almoço?... Que falta de compostura nele tão pragmático em casa...

Aproveitou a disposição do marido e o curto intervalo da separação, para munir-se de coragem. Investiria, havia de obter o dinheiro. Em que apuros não estaria Lúcia, entregue a cogitações dolorosas, lá embaixo. E a lembrança de Lúcia, essa tremenda história do jogo, lhe incutiram decisão e habilidade.

Ele saiu do quarto, todo transfigurado, metido no terno leve, pôs as cartas, os papéis, a cigarreira no bolso e continuou:

– É uma praga essa história de cartas circulares... Será que a minha boa e dileta amiga também recebeu alguma cartinha deste teor? Ainda ontem, no jóquei, conversando e me lastimando com o Linneu e o Guilherme, um deles, parece que foi o Linneu, foi o Linneu ou foi o Guilherme? Enfim, um deles me reconfortou, dizendo-me: "Consola-te comigo; queima-as; faze como eu, que já instalei um forno crematório lá em casa..."

– Escuta, Nuno, quando ainda há pouco te telefonei...

– Continuo a acreditar e a desconfiar que tu, também, minha Sant' Ana, estás sendo vítima de correspondências nefelibatas.

– Nuno, bem sabes que nunca te pedi nada fora do orçamento habitual.

– Serei indiscreto e rude, minha boa amiga, dizendo que o teu orçamento habitual excede habitualmente o meu orçamento?

– Não faças jogo de palavras. Eu preciso, e já, de treze contos de réis.

– Pois convence-te que, em pleno Rio de janeiro, não és a única pessoa que a estas horas precisa disso.

Ela segurou-o pelo ombro e com uma risada nervosa fez menção de retirar-lhe a carteira.

– Psiu... Que é isso? Ai, ai!

Escondeu a carteira, depois a tirou do bolso, abriu-a, mostrou que estava vazia. Ela principiou a revistá-lo. Ele fingia ter cócegas, dava uns pulinhos ridículos e propositadamente exagerados.

– Eu te pedi com urgência. Isso não se faz. O que são treze contos para um ricaço como tu? És tão rico como o Loewenstein e como o Marquez de Faria, teus sócios e amigos da Europa. Ficaste de mandar pelo chofer. Isso não é galante.

– Pois, filha, palavra de honra, tomei o teu telefonema por uma brincadeira. Como hoje é dia 13 e sexta-feira, pensei que me querias armar um espanto. Mas, já que não foi a brincar, natural é que ao marido diga a consorte para que e por que precisa desse dinheiro. Se é para pagar alguma conta, dá-me, que os meus secretários verificarão se não estamos sendo ludibriados e, se acharem certo, pagarão. Bem sabes que esses costureiros, fornecedores *et caterva* cuidam que somos ricos (e dizendo isso, ria gostosamente).

– É, de fato, uma conta, mas não tenho a fatura comigo, foi uma encomenda verbal; não fica chique, para quem é, pedir recibo nem conta... isto é... Oh! meu Deus, tu estás irritante.

– Sempre que a gente não tem consigo uma conta ou é porque nada deve ou porque a confiança é mútua; logo não deve haver urgência.

– Oh! Nuno, trata-se de um pagamento esquecido, que só hoje me lembrou, isto é... que só hoje reclamaram.

– Oh! diabo! Dize então de quem se trata que vou mandar o Thompson pagar e pedir desculpas.

– É duma modista... Eu tinha esquecido.

– Treze contos, duma modista? Mas se toda a tua roupa vem de Poiret e de Lelong! Ainda não há uma semana se remeteu dinheiro para Paris a esses pândegos.

– Parece incrível, sim senhor, que tu, um *gentleman*, um conde do Papa, cheio de condecorações, oficial da Legião de Honra, com a tua casaca coberta de crachás e de fitas, cheio de manias de esnobe, que viveste tanto em Londres, entre lordes, me sujeites a um interrogatório destes por causa da ninharia dum dinheiro cujo destino te devo encobrir por simples caridade... Sim, senhor. Um homem, cuja fama de perdulário é notória, que até de Alagoas, essa coisa geograficamente vaga, recebe cartas pedindo dinheiro. Um homem que mora ao mesmo tempo em três palácios; que se deixa explorar alvarmente por velhos amigos que vão gastar em cabarés o que lhes dás para a indústria; um criador de cavalos que não perdem nunca; que manda vir veterinários para os seus cavalos de corridas e de pólo; que recebe do Jorge quadros suspeitos a quarenta e mais contos; que levanta arranha-céus de vinte andares e que decerto vão ficar vazios meses ou anos, só por orgulho e fatuidade; que não tendo coragem de comprar um hiate manda vir de Livorno lanchas Isotta para correr com o Arnaldo e o Gudin pela baía; um homem destes me levanta um interrogatório destes, porque não quer soltar treze contos, que provavelmente emprestaria ao Maia para o Maia gastar com as francesas das pensões chiques... Pois bem, esse nababo, esse amigo de Agha Kan, quer, em casa, na intimidade, conferir contas, verificar se está sendo roubado. Para uso externo, um Mecenas; em casa, é o que se vê...

– Perdão, não, senhora; não é isso. Se vim em pessoa ver do que se tratava e por que motivos precisavas dos treze contos, foi porque achei vago, e até misterioso esse teu telefonema; não pela quantia que me pedias, mas pelo tom e timbre, percebes, com que fizeste o pedido. Mas, afinal, para que é esse dinheiro? Conheço-te muitíssimo bem para saber, pela tua voz, quando estás nervosa, principalmente se queres aparentar serenidade. Aí então é que eu conheço que há mistério. E mesmo agora, para quem te conhece, essa palidez, essa teima, essa falta de compostura em esperar, essa pressa, me dizem que estás zonza, aturdida!

– Zonza, eu?

– Zonzíssima. Dize-me uma coisa: há alguma ligação entre esse teu pedido e uma certa pessoa, uma senhora, que me procurou hoje em vários lugares, com obstinação? Uma senhora que esteve nas Docas, no Jóquei Clube, nas Usinas, na Diretoria da Companhia?

– Não sei a que personagem te referes. Quem esteve e está aqui em casa é uma companheira de colégio que me veio visitar, uma amiga de tempos infantis.

– E que precisa de treze contos e que só agora entra no rol de tuas amigas, e que antes nunca te procurou, nunca te fez visitas.

– Nuno, faze um ato de caridade. Não perguntes para que esta mulher que lá está no vestíbulo transida de susto, talvez adivinhando a tua recusa, precisa desse dinheiro. É uma situação dramática, rara, dolorosíssima, uma situação que, se conhecesses, mesmo sem saberes ela quem é, lhe enviarias todo esse dinheiro. Salva essa criatura, ela é boa, é infeliz, muito melhor do que eu, mas não teve o meu destino nem a minha sorte, embora merecesse cem vezes mais... Salva-a desse tormento horrível. Com o coração te digo que raras vezes terás empregado as sobras da tua fortuna em um ato para ti tão banal, mas que vai tirar um peso de morte de cima dum coração. És bom, nada te impede de

ceder a esta súplica. Trata-se de uma situação tão especial que, se tu a soubesses com os pormenores e as minúcias que eu sei, e se fosses pobre e lutasses com dificuldades, estou certa que instintivamente sairias para a rua a ver se davas um jeito. Se fosses pobre, mas felizmente és riquíssimo. Dá-me esse dinheiro e não queiras mais saber para o que é. Eis aí um modo desse teu gesto ser mais meritório.

– Posso, realmente, e, com muito gosto, dar-te essa importância e não perguntar para que e para quem a destinas. Pode essa criatura lá embaixo continuar a ser um enigma para mim. Terei, como disse, solucionado um transe angustioso. Mas, se tu, Ana, quisesses falar, explicar, não seria provável que o meu gesto abrangesse melhor o seu fim?

Ela então entrou em minúcias, acrescentando: – A situação que minha amiga Lúcia Montemor se viu coagida a vir me contar é tão dramática e tão premente que só o conhecimento dessa aflição te encheria de dó. Ela precisa com urgência de dezesseis contos de réis porque o marido jogou esse dinheiro e tem que repô-lo dentro de horas. Ela é criatura de sentimentos nobres, julga indispensável solucionar primeiro o caso material para então decidir quanto ao lado moral. Merece esse nosso favor. Depois duma via-sacra angustiosa, apenas conseguiu três contos.

Nuno dirigiu-se ao cofre de metal embutido na parede, rodou um complicado sistema de segredos, abriu-o, puxou uma gavetinha. Daí a meio minuto disse a Ana Maria em tom de reprimenda amena:

– Fizeste-me vir até aqui com este calor carioca, e bem na hora do sol a pino...

– ... Só assim mudaste de roupa. Desces com um terno mais leve.

– Fizeste-me vir para nós ambos salvarmos um trampolineiro que nem conhecemos. Quanto à esposa dele, tua colega predileta

de colégio, essa que continue a dar saltos mortais para salvar o marido! Que permaneça exposta a constantes vexames e vergonhas, não é? Aqui estão seis maços de cinco contos de réis. Entrega dezesseis ao Marcos e catorze a ela para que a coitada possa ir remando cachoeira abaixo. Eu desço com o Baltazar. O Marcos que leve essa senhora no Rolls-Royce, a deixe embaixo, suba, pague, peça recibo mesmo sem estampilha, e a largue em sua residência. Adeus. Saio aqui por trás.

IV

Nesse intervalo de horas, enquanto Lúcia se multiplicava em tomar providências, Mário deixando a Galeria Cruzeiro vagava pelas ruas centrais. Inúmeras vezes retornou ao ponto onde Lúcia o largara. Como não a reencontrasse, foi ficando em estado de pânico e, vendo que horas eram, decidiu mexer-se. Tinha certeza de que nada conseguiria; só pelo hábito de confiar no acaso foi tentar. Primeiramente procurou o coronel Gonzaga, sinistro personagem cujo expediente (para fins eleitorais conforme avisava um cartaz no corredor dum sobrado da Rua São José) era das 11 às 3 da tarde.

A porta estava aberta. Dentro, meio escondido por um tabique, com as pernas estiradas sobre a escrivaninha e as botinas em cima dum mataborrão, Gonzaga fumava pachorrentamente. Pressentindo passos, tirou dos beiços o Príncipe-de-Gales amassado pelos pré-molares e gotejante de saliva, cuspiu mais ou menos na direção da escarradeira e perguntou com preguiça e pouco caso:

– Quem é o pirata que vem chegando? Mas reconhecendo Mário, fez um cumprimento meio militar e meio bandalho. – Desculpe, doutorzinho. Pensei que era o Feijó. Queira sentar-se. Então, já tomou juízo?

Limpou com a borda da mão uma gosma que lhe aderia na boca e se preparou para repelir qualquer proposta. Hiperestênico e gordo, esculpido em unto, costumava manter a cabeça inclinada

para um lado a fim de olhar para as pessoas fazendo de ponto de referência a cinza do charuto.

No mata-borrão manchado e velho havia "dezenas" e "milhares" de jogo de bicho escritos com lápis vermelho. À esquerda, a caixa de charutos continha também papéis, aliás promissórias. À direita, uma moringa tampada com um copo ordinário.

Esse Gonzaga, que se dizia coronel da Guarda Nacional, dava de pronto a impressão da sordidez e do atrevimento. A quem o procurasse para implorar prazo ou prorrogação, replicava de modo insolente e estentórico: "Não sou seu moleque, já viu? Não sou seu moleque!"

Emprestava dinheiro a insensatos, com juros de exceção, sob garantias diabolicamente previstas. Fanfarrão, só se expressando em gíria quando falava com alguém, visita, vizinho de andar ou cliente, em todo o andar se ouvia a sua voz, fosse chalaça ou descompostura. Todas as suas relações com o próximo tinham como intuito orgânico e social extorquir e aviltar.

Quando lhe propunham alguma transação, fazia logo uma cara especial de afronta. Se o negócio lhe conviesse, mesmo assim não anuía, imediatamente, dizendo que "ia falar com o sócio". Tal sócio não existia, era teórico, inventado, ocultava o hábito de pensar maduramente antes de dizer sim; e quando marcava o dia e a hora ainda punha o coitado em aflições devolvendo-lhe a promissória, exigindo firma reconhecida e avalista. Dava o dinheiro com pouco caso, e a vítima passava a figurar num caderno sebento com o endereço, o número do telefone e a anotação: "Dar em cima na véspera".

Mas se a proposta não oferecia garantia ou se ele se achava desprevenido, o que ultimamente era comum, caso o pretendente fosse pessoa de pouca ou nenhuma intimidade ou que pelo físico e disposição lhe incutisse a prudência de ser maneiroso, negava

simplesmente; e insistência alguma o fazia ceder; mas se fosse indivíduo humilde e que implorasse, o calava com um berro.

Era funcionário aposentado da Secretaria do Conselho Municipal e lá instalara o complicado aparelho da sua agiotagem com ramais nos Correios, nos Telégrafos e no Foro. Mas o escritório crônico mesmo era ali no sobrado da Rua São José, no fundo do corredor, perto da privada.

– Então, já tomou juízo? Um moço distinto como o senhor com essa barba por fazer! Francamente! Se fosse eu, vá lá.

Ajeitou-se para ouvir ou fingir que ouvia o pedido. E o pior foi que Mário o fez em tom de lamúria, tão desmoralizado estava. Gonzaga enfiou um fósforo no ouvido e o foi rolando; ao cabo de alguns minutos, enquanto Mário ainda falava, retirou o fósforo, olhou para a extremidade, onde uma diminuta massa dúctil e avermelhada aderira, e o limpou obliquamente na superfície do mata-borrão. Largou o fósforo no cinzeiro e olhando Mário com ar de galhofa iniciou no mata-borrão o desenho rudimentar e caricatural duma mulher nua, escrevendo depois por baixo: "A minha dona boa".

Quando Mário terminou o seu arrazoado, o coronel Gonzaga deu um puxão no cinto das calças, cuspiu para o lado a obturação dum dente, sentenciou:

– Vá bater noutra freguesia. Não lhe dou um níquel, sequer. Pensa que eu tenho alguma Casa da Moeda? Não me falta onde empregar o capital dos amigos (sim, dos amigos, porque o meu os piratas e as marafonas levaram e não me deixaram cheta)! Negócio consigo é pior do que um parto. O doutorzinho desaparece, vai receber onde antes deu procuração para se receber, mente, inventa lérias. Olhe que é porque lhe tenho uma consideraçãozinha que ainda não lhe meti uma penhora ou um processo. Ora a minha vida! Fazem a burrada por aí, complicam-se, criam vexames loucos, e eu que dê um jeito. Vamos, vamos, raspe-se, não pense que me incute piedade.

– Você, seu Gonzaga, é um tipo asqueroso, cínico. Nunca vi físico tão de acordo com as vísceras! Durante dois anos, só por uma letra de 2:000$000, você já recebeu 4:000$000 e ainda retém o título afirmando que faltam 800$000. Mas isso não ficará sem castigo. Vosmecê está na idade da arteriosclerose, do câncer da próstata. Com esses charutos nauseabundos está se candidatando a angina do peito. Ou antes disso um desses infelizes com quem você grita lhe pregará uma bala nos cornos.

Gonzaga lembrou-se dos seus tempos da Lapa, ergueu-se, revirou o corpo numa agilidade de capoeira e investiu. Mário, levantando-se lhe arremessou no crânio a moringa.

–Vá-s'embora! Não me faça perder a paciência. Esgano-o como um frango, assim. – Rilhava os dentes, torcia as mãos. Vendo lhe caírem da testa duas ou três gotas de sangue, Mário tirou o lenço do bolso, imobilizou o agiota na parede do corredor, principiou a enxugar-lhe no crânio um traço que se abria como a fenda dum fruto. Surgiram alguns inquilinos do andar. O próprio Gonzaga fez o grupo recuar, com um berro.

Agora quem agarrava e comprimia o lenço alheio era ele mesmo examinando-o várias vezes. Enquanto isso, Mário desceu a escada, mas sem pressa para não parecer que fugia. E como um caixeiro-viajante que deixando um freguês vai em demanda de outro, foi ver se descobria o Dr. Oscar Ribeiro.

É de presumir que já agora o coronel reformado da Guarda Nacional, Luís Gonzaga Batista Rodrigues, amasiado, brasileiro, funcionário público aposentado, eleitor, agiota crônico, com a mão direita comprimia um lenço na calva, verificando de quando em quando se ainda sangrava, e com a mão esquerda rolava um fósforo no ouvido, nos gestos simétricos de trepanar a consciência.

* * *

Esse Dr. Oscar tinha escritório em sentido figurado nas mesas e nas portas do Café Papagaio na Rua Gonçalves Dias. O seu expediente era à tarde, das três às sete horas. Merecia o prêmio duma patente de invenção pelo seu método único e incomparável de emprestar dinheiro por horas. Sistema inédito; nos milênios que antecederam a sua aparição neste mundo ninguém descobriu e acionou tal processo bancário ambulante e imediatista. Se algum gênio se dedicasse a reformar a *Divina Comédia* teria dificuldades em descobrir um castigo original para este réprobo.

Os entendimentos preliminares, quer com antigos, quer com novos clientes, são ali naquele trecho entre a Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro e a Confeitaria Colombo. Combinada a transação, entram ambos no Café Papagaio onde sob a neutralidade ambiente mais a dos garções, do proprietário e da moça da Caixa, se arranjam estampilhas, caneta, tinteiro e promissórias. Não se escrevem a quantia nem a data, apenas a assinatura. O Dr. Oscar já fica com um documento e marca encontro e hora no Cassino Icaraí às segundas, quartas, e sextas, e no Cassino Copacabana nos domingos, terças, quintas e sábados. Para não haver engano, isso fica especificado a lápis na letra.

Assim, na hora exata, a vítima recebe *in loco* determinada importância e vai jogar. O agiota segue-a disfarçadamente à mesa de campista, de roleta, de *chemin-de-fer* ou de *baccará*. Os primeiros lances ganhos, são passados em fichas mesmo ao Dr. Oscar que anota a lápis na letra, para tanto se aproximando da cortina dum dos janelões mais próximos. Ele volta e observa. Ganhos novos lances, idêntica manobra. Tem acontecido o jogador em hora de sorte ganhar cinco, dez vezes o capital estreado. Deve então levantar-se, pagar o triplo do que recebeu, sendo-lhe então devolvida a letra. (Tal cerimonial se realiza no mictório social). Se ganhou bastante, como já liquidou o empréstimo,

fica livre da vigilância; o Dr. Oscar vai servir outro pretendente. Mas se perdeu tudo e merece crédito, entrega a segunda letra que também foi assinada no Café Papagaio. (Isso se faz ou no mictório ou disfarçadamente na mesa das revistas do salão, ou mais à vontade, no bar.)

Mário já se sujeitara a tal regime instantâneo. Por isso, tinha vaga esperança de obter vultosa quantia pela entrega de promissórias. Mera ilusão.

Como era cedo, fora do horário, o Dr. Oscar Ribeiro demorou a aparecer, o que fez Mário entrar no Colombo, comer em pé empadas e camarões, beber água gelada, ir urinar, reaparecer na zona estratégica. Tinha ido até a esquina de Sete de Setembro, depois subido até a esquina da Ouvidor quando, ao voltar deu com o agiota nas imediações da Rotisserie. Muito aprumado num bom terno, exibindo num dedo o anel de advogado, e de vez em quando com gesto sóbrio despregava a cueca e a calça do períneo cabeludo por causa do incômodo de três fístulas crônicas.

Abordado, ouviu o pedido angustioso de Mário. Respondeu-lhe apenas:

– Conhece aquela frase de Cambronne? – e voltou-se para atender outro prestamista, no caso uma mulher viciada em roleta.

Agarrando-o pelas lapelas do jaquetão, Mário exclamou:

– Repita, seu patife! Repita, se tem coragem, seu crápula!

Foi tão veemente e tão repentino o avanço que Mário quase o esganou puxando-lhe a gravata. Oscar Ribeiro escafedeu-se pela escadaria da Associação, com a idéia de subir, atravessar o prédio e sair pela Avenida Central.

Mário voltou às imediações do Hotel Avenida. Guris já anunciavam *A Notícia* e *A Última Hora*.

Nada de Lúcia. Por onde andaria ela? E Silva Soares, que resolução teria tomado? Iria, ou já teria ido à Polícia dar queixa?

Ficou tão apavorado que desceu depressa até o Monroe, entrou nos terrenos do aterro e quando percebeu estava na área que em 22 fora ocupada até a Ponta do Calabouço pela Exposição Universal comemorativa do Centenário da Independência. Palácios, que pareciam imitações em estuque do Grand Palais, do Petit Palais, do Trocadero, jaziam fechados uns, abertos outros, vazios todos eles. Como aquelas sedes de exposições, aqueles *play-grounds* contrastavam exoticamente com a solidão da igreja de Santa Luzia e a interminável fachada da Santa Casa que árvores seculares algemavam!

Voltou enviesadamente por trás da Biblioteca, da Escola de BelasArtes, do Derbi e do Jóquei Clube.

Tornou a estacionar debaixo da Galeria Cruzeiro, no ponto onde Lúcia o deixara de manhã. Viu as horas, e pasmou. Como o tempo tinha passado!

Guris já anunciavam *A Noite* e *O Globo*. Resolveu então ir caminhando à toa, sem parar, tomado duma sensação amarga de medo e de remorso. Sentou-se num banco público, diante da Biblioteca, a ver a multidão que passava, distraindo-se com a variedade do trânsito.

Contou as colunas da Biblioteca. Depois contou as janelas. Fez um cálculo dos livros que lá poderiam estar. Admirou o tímpano, o frontão, a fachada clássica. De novo se entregou ao cuidado de espiar, uma por uma, as pessoas que passavam e a marca dos automóveis que seguiam para o Flamengo e o Catete. O trânsito foi engrossando. À tarde tomou uma coloração de cobalto. Os edifícios públicos, extáticos, ficaram num recorte mais dúbio. No céu desmaiado nuvens arremedavam monstros levíssimos. Lembrou-se do coronel Gonzaga e do Dr. Oscar, com repugnância deles e de si próprio. Quis pensar em coisas que nunca lhe tivessem vindo à memória e dizer baixinho, palavras que nunca tivesse proferido. Foi então falando, quase mentalmente

apenas: "furtivo... arcediago... tupiniquim... écloga... principado de Lichtenstein... rosicler... anticonstitucionalmente..."

Mas pensou na hora e mergulhou em pensamentos torvos a propósito dos dezesseis contos de réis.

Teria Lúcia arranjado? Onde estaria ela? E o Dr. Silva Soares, que resoluções teria ele tomado?

Levantou-se, foi andando até o obelisco, chegou aos terrenos abandonados do aterro e esteve a ver uns garotos que jogavam futebol. A tarde continuava esmaecendo. O aterro do saco da Glória parecia uma charneca. Adiante dele o mar era uma lâmina já aos poucos tomando opacidade de chumbo.

Fechou os olhos, de novo os abriu sobre a terra escura e rasa de sombra. Viu, ao longe, a mancha verde-negro do Passeio Público onde àquela hora outro infeliz estaria sentado, triturando uma filosofia amarga.

Foi ter ao fundo dos seus tempos de criança, teve saudades da felicidade anônima e discreta dos seus dez e onze anos, num colégio religioso, onde vivia com a permanente vocação de fazer-se marinheiro, correr oceanos. Agora, aos vinte e poucos anos, tinha receio de encarar as ondas e só recebia dessas águas molemente ruidosas um conselho tenebroso.

Depois, quando deu fé, pasmou como o tempo tinha passado.

Voltou para a Avenida. Ao passar diante do Trianon teve uma idéia e se apressou a pô-la em prática.

O bilheteiro do teatro explicou que o ator Pancrácio estava lá dentro, que entrasse logo porque faltavam vinte minutos para a primeira sessão.

Pancrácio em pessoa, com cara de escultura do Pinnocchio em madeira, o ouviu muito atento, como se lhe estivesse falando um contraregra. Depois, afável, com a habitual voz fanhosa, disse:

– Consta no Rio e em São Paulo que eu enriqueci no teatro. Mas isso é boato. Comprei uma casa e começaram a dizer que

eu tinha construído um palácio e que o atulhara de móveis, porcelanas, bronzes e tapeçarias. Comprei um automóvel, coisa que se obtém hoje a prestação, e puseram-me a propalar que eu ando num *Cadillac*. Visto-me decentemente, além disso preciso dum guarda-roupa, é lógico, e espalham que tenho mais gravatas do que o Gotuzzo e mais camisas de seda do que o falecido João Lage. Mas, filho, só Deus sabe da minha vida. Janto, às vezes, com um amigo, ceio com outro e espalham por aí que pago banquetes a poetastros tipo Magalhães. Que hei de fazer? Publicar um desmentido nos *A pedidos* do *Correio da Manhã?* – Retirou do bolso traseiro a carteira, deu-lhe dois contos de réis e uma palmada no ombro.

Mário abraçou-o e safou-se. Pancrácio pertencera à sua roda de tempos de estudante. Esperava-o numa das mesas do Café Jeremias, diante da média e do pires de pão com manteiga durante horas, até Mário vir das aulas de Química Orgânica e dar-lhe ainda pratas para estágios no Belas Artes e no Café Suíço durante a tarde. Pagava-lhe o quarto da Rua do Lavradio. E durante as férias, na Bemposta, o futuro artista vestia as ceroulas do defunto barão.

Mário rodou mais de hora ainda pela avenida, até que se encravou numa das mesas do Café S. Paulo, àquelas horas quase vazio. Ouviu anedotas, versos futuristas, intrigas literárias, depois ficou muito atento a um senhor grisalho, de cartola, sobrecasaca e barba a Napoleão III que o encarava visto o achar preocupadíssimo. Disfarçou em vão, pois o velho positivista, erguendo-se para ir embora o abraçou e lhe disse:

– Que cara é essa, rapaz? Garanto-lhe sobre palavra de honra que Deus não existe. Por conseguinte, nada de apreensões!

Saiu com o velho Agenor Mântua, um escritor cujo maior título de glória era ter sido íntimo de Cruz e Souza, e do qual línguas ferinas diziam ser "no Brasil, o único branco que ainda

explorava o negro...” e isso porque ele em todos os seus assuntos e conversas só relatava episódios da vida do poeta. Acompanhou, para fazer horas, esse velho Mântua; ouviu-lhe, pela Avenida abaixo, a voz inesquecível, quase ventríloqua. Em certa altura, depois dum silêncio demorado, já perto do obelisco, em frente ao mar que apenas se percebia pelo vento que o anunciava, o velho Mântua, parando com solenidade, estendeu um gesto na direção da barra, um gesto fundo e perpendicular ao horizonte e disse, como recitando:

– Coitadinha, não se levanta nunca mais...

E a sua voz tinha um tom cavernoso, subdiafragmático, lembrava ressonâncias de profetas.

– Quem, Dr. Agenor Mântua?

Ele, então, ainda com o gesto parado, baixo, epicamente explicou: – A Europa, menino, a Europa...

Esse momento ridículo, junto ao trágico fim de dia, mais lhe exacerbaram o mau humor. Despediu-se do crítico literário que era decerto uma boa alma feita de intenções altas, a serviço de bons ideais desde a mocidade, mas que as gerações novas apupavam.

Foi para casa, como um animal que ressabiado se recolhe ao canil.

* * *

Ao entrar, a mulher já o esperava na saleta; entregou-lhe os dois contos de réis que arranjara no Trianon.

Ela rejeitou-os.

– De quem arranjou isso? Volte, vá devolver. Estou dizendo DE VOLVER e não... jogar.

Antes que ele chegasse ao terraço o chamou:

– Quanto você deve ao Dr. Varela, a seu Máximo da farmácia e a seu Dantas da padaria? Sente-se, faça os cálculos.

— Chamava-o agora pela terceira pessoa, estabelecendo distâncias.

Ele escreveu, somou, disse:

— Ao todo dois contos e quinhentos.

— Incluindo o título que seu Dantas endossou?

— Ah! Com o título vai tudo a quatro contos.

— Tome estes quatro, vá pagar imediatamente, antes que fechem. Traga comprovantes de que pagou. Assim pelo menos, neste trecho onde moro posso sair e passar sem vexames.

Durante a ausência, que durou mais de hora, ela preparou o jantar, colocou um prato, um talher, um guardanapo na extremidade da mesa.

Ao regressar ele entregou um recibo com estampilha e dois papéis do tamanho de bilhetes e que acusavam a liquidação de dívidas.

— Jante depressa e vá devolver o dinheiro que trouxe. Veja lá a que horas vai reaparecer.

Voltou às dez e pouco.

— Devolvi ao ator Pancrácio antes da segunda sessão do Trianon.

Sem responder, ela subiu para o quarto, fechou-se por dentro. Na manhã seguinte tomou um táxi, foi até a casa de Natália pedir-lhe o favor de entregar o dinheiro às duas pessoas que a haviam ajudado. Natália mandou o motorista e prendeu-a para o almoço, durante o qual elogiou muito Ana Maria.

— Podes ficar tranqüila. Nunca trocarei com ela a menor impressão sobre esse caso.

Na residência no Cosme Velho a estagnação doméstica perdurou três dias.

— Mário, queres de uma vez para sempre compor a tua vida? — Ele fez que sim, todo emocionado. — Então escuta: arranjei o dinheiro todo com uma antiga companheira de colégio. O

pagamento se fará quando for possível. Ela é rica, não se importa. Mas queres deveras endireitar a tua vida? Juras?

Ele teve uma crise de pranto, correu para o quarto, onde não entrara havia três noites. E atirou-se na cama, a chorar estranguladamente.

Era a segunda vez que os desregramentos lhe acarretavam vergonha e desespero. "A terceira vez será a forca". A primeira fora meses antes. Como ainda se lembrava bem!

Tomara demoradamente um banho, cantarolando. Estava de bom humor porque na véspera ganhara no *baccara*. Diante do espelho, escanhoando-se, pensava: "Com este dinheiro posso triplicar o lucro. Naturalmente usando de calma e sangue frio. O jogo requer método, presença de espírito, coragem às vezes, outras vezes interrupção. Adivinhar a tendência das cartas." Tais raciocínios eram exercícios teóricos para a prática dum amadorismo sempre funesto. Saiu da sala de banho assobiando o *J'en ai marre*. Lúcia no alto da escada lhe disse baixo:

– Estão lá embaixo na saleta três sujeitos esquisitos que querem falar contigo. Os três de preto, com uns papéis. Está com jeito de pedido de atestado de óbito. Pediram desculpa por ainda ser tão cedo; mas que precisavam encontrar-te. Enquanto os atendes vou tomar o meu banho quente. Deixaste o aquecedor aceso?

Mário desceu; um deles começou a falar em tom baixo e cauteloso:

– O senhor é o Dr. Mário Montemor? Eu sou advogado e estas pessoas são oficiais de justiça. Como se trata de assunto desagradável, nada quis dizer à sua Exma. Esposa, quanto a obrigação penosa que aqui nos traz. O senhor é pessoa de categoria social, há-de portanto permitir que estes homens desempenhem sua tarefa. Como verá por estes papéis, é uma ação executiva. O meu cliente esgotou todos os recursos de persuasão.

– Quanto vem a ser tudo?

– Seu Fonseca, faça os cálculos. O doutor paga tudo, não é mesmo?

Chegara a essa conclusão porque viu Mário extrair dos bolsos das calças boladas de dinheiro e dizer:

– Aliás, eu ia hoje á tarde resgatar essa dívida.

– Acredito. Mas infelizmente agora tem que ser através destes trâmites. Não tenha sustos nem apreensões porque nada sairá no *Diário da Justiça*. Queremos cobrar, apenas; jamais enxovalhar quem quer que seja.

Contaram o dinheiro, redigiram a contra-fé, deram o troco, despediram-se.

Meia-hora depois, lá em cima no quarto, Lúcia perguntou:

– Afinal, que é que eles queriam? – Em sua voz não havia qualquer suspeita.

– Amostras grátis. Só assim esvaziei duas gavetas. Há dias que me vinham azucrinando. Vão vendê-las em farmácias do interior.

– Mas isso não é proibido?

– É. Não sou palmatória do mundo.

V

Durante o jantar Mário esteve calado. Mas, à sobremesa, virando-se para a esposa, disse:

– Você sabe? O filho do Justiniano está bem mal.

– Quem? O "Segundo Clichê? O que traz a roupa da lavadeira?

– Sim, aquele garotinho que vende *A Noite* e *O Globo* pelos bondes, no Largo do Machado.

– Que é que ele tem?

– Está parecendo meningite. Chamaram-me tarde, e creio que não poderei fazer nada. Não gosto de tratar de crianças.

Dobrou o guardanapo com um modo distraidamente minucioso, ergueu-se, esteve a olhar Lúcia que tomava café, e depois, com a voz levemente alterada, exclamou:

– Até já. Vou ver o Segundo Clichê.

Lúcia acompanhou-o à porta e depois voltou à sala de jantar e sentando-se, esteve a ver a criadinha levantar a mesa. E sem querer pensava em como deve ser lúgubre e mortalmente aflitivo para um casal a doença e a morte dum filho. Vê-lo de cama, dias e dias, definhando, minguando, com acessos e convulsões, ou então quietinho, largado, sumido sob a colcha, a olhar para a frente com uns olhinhos tristes de quem está refletindo.

E, inesperadamente, começou a pensar em Mário. Conhecera-o pequenino, naquele casarão da Bemposta, na casa da Baronesa de Sincorá, e já a namorando. Ele com oito e ela com seis anos. Mário!... Bom médico. Havia de salvar o filhinho do Justiniano.

Não tinha juízo como homem, mas era esplêndido médico. E só com a hipótese de vê-lo à cabeceira desse garoto, porfiando em salvá-lo, lhe perdoou tudo, desde as leviandades até as incompreensíveis situações que nunca se aclaravam, embora ele, a cada uma que surgisse, dissesse, com insistência ingênua: "É a última. Está quase tudo normalizado".

Ora, ninguém era perfeito! A clínica, o trabalho, a noção de responsabilidade, o tempo, tudo haveria de concorrer para que ele entrasse nas normas de uma vida regrada. Antes pecar no começo, na mocidade.

Como tivessem jantado tarde e agora já fosse hora de deitar, subiu, mudou de roupa, recostou-se num canapé, com as almofadas bem altas, como uma convalescente que espera visitas.

Deus haveria de levar em conta as noites, como essa, em que ele passava à cabeceira dos doentes pobres, sem idéia de lucro algum, e perdoar aquelas em que outrora passava por aí... Não era mau. Talvez um pouco mal acostumado pela baronesa que o enchera de mimos e vontades, deixando-o à solta nos tempos de infância e só teimando em lhe incutir no espírito a idéia de grandezas, orgulho e liberdade. Casara talvez um pouco cedo, sem saber que havia uma fronteira nítida entre a vida de solteiro e a de casado. Herdara ilusões e dívidas, pensando herdar casas e minas de cobre no Ceará.

Da mãe herdara apenas esse feitio estouvado, o romantismo diante da vida prática, a falta de senso e de disciplina em gerir seus negócios, a boa fé consigo próprio e com a roda que o cercava desde os tempos de estudante.

Procurou um livro para entreter-se e esperar Mário. Enquanto o folheava, sem vontade de ler, pôs-se a pensar no noivado, no casamento, nos primeiros meses de vida em comum. Preparou-se para dormir. Já de camisola, teve a lembrança de abrir um

armário e, de trás dos vestidos e dos chapéus, retirou um cofre em forma de arca. Era nele que guardava os seus segredos inocentes. Com uma chavezinha que costumava esconder entre as dobras da roupa, abriu a tampa. Retratos de Mário. Um aos quinze anos. Outro melancólico, outro ridículo, de chapéu desabado. Cartas. Que porção... Leu trechos de algumas. Trouxe tudo para a cama, para cima da colcha. Lembranças de noivado. Presentes. Medalhas. Coisas sem valor, postais, uma *Imitação* de Cristo toda comentada, ainda do tempo dos salesianos. Uma edição delicada e pequenina de *Os Mártires do Cristianismo*. Um camafeu de ágata. Arrumou tudo muito direito, fechou de novo o cofre, mirou-o bem na luz. Parecia um túmulo medieval, com desenhos nos quatro lados, figuras nos cantos e um baixo-relevo no tampo de madeira castanha. O fecho era de um desenho finíssimo. Guardou-o atrás dos vestidos. Fechou o armário, foi ver-se ao espelho um segundo. Abriu a janela. Ameaçava chover e um vento muito fresco balançava as acácias do jardim. Fechou a janela, virou-se para o oratório singelo e tosco, onde imagens entre flores de papel a olhavam placidamente. Sorriu e aproximou-se do interruptor elétrico; apagou a luz e deitou-se.

Pouco depois, tentando adormecer, começou, sem saber por que, a pensar na Nhá Bárbara. Tinha morrido havia tantos anos; por que então se lembrava dela agora?

Recordou o tempo de pequenina e órfã de mãe, quando a preta Nhá Bárbara era sua ama, já tão velha... Que teria sido dela e dos irmãos (esses que depois morreram), sem a boa Nhá Bárbara?! Tinha mais de setenta anos. Era negra retinta, parecia uma escultura em basalto. Andava sempre rigorosamente vestida de branco, muito asseada, muito calada, tomando conta das crianças, dando-lhes de comer, passeando com elas, fazendo-as dormir, acordando e levantando-se, alta noite, para cobri-las, raramente rabujenta, permanentemente dócil, um pouquinho

taciturna, grave, desculpando-lhes as manhas, ensinando-as a ter maneiras diante das visitas, ralhando se não eram obedientes, dando-lhes colheradas de remédios amargos que antes fingia provar para incutir-lhes coragem. Quando algum adoecia e levava horas para adormecer ela era a preferida para embalar, cantar o *Tutu-Marambá*. Tinha visto crescer e morrer a mãe de Lúcia; era filha de escravos, ex-escrava ela própria e sabia histórias lindas da fazenda de São Romão, onde uma escrava velha e corcunda apanhava de relho só porque encobria as travessuras dos meninos do seu senhor...

Que dons inestimáveis não possuía essa velha sempre rija, de cabelo encarapinhado, branco que nem algodão, fazendo bonecas de pano nas horas vagas, costurando roupinha para os bonecos desengonçados, lavando a criançada no banheiro, deixando-os molhar o chão, fazer desordem no banheiro, jogar água uns nos outros, escondê-los se alguém vinha ver que barulhada era essa?!

Como corria ligeiro pelo jardim, atrás dos espertos e alegres garotos para dar-lhes a homeopatia ou para mudar-lhes a roupa para o jantar. Como cantava, como era embalador esse tom de lundum, essa toada nostálgica (*Segura a saia menina, não deixa a saia arrastá, a saia custa dinheiro, dinheiro custa a ganhá...*), esse barulho de jongo com os mais travessos, esse tonzinho de cantilena com o mais novinho.

Uma vez se enchera de ciúmes por causa de uma governante inglesa que fora recomendada e aceita para lecionar o *Bom-Tom*... Que dias não passou Nhá Bárbara, amuada, sumida na cozinha, mas preparando doces, cocadas e compotas, só para a criançada se lembrar dela. No segundo dia não tinha querido tomar café nem almoçar, nem tampouco jantar. Quando a governante, na sala de almoço, começou a primeira lição, ela foi passar roupas a ferro, na copa, bem perto, e cantar com muita tristeza, mas de

propósito, só para atrapalhar, aqueles versinhos ainda do tempo da fazenda:

— Deixa está o jacaré...
A lagoa há de secá...

Vieram ralhar com ela. Sumiu. Foi para o quarto lá fora, onde continuou a passar a roupa, cantando numa toada triste, histórias da fazenda no tempo da escravidão.

Mas a criançada fez greve, abandonou a professora e veio dançar a *ciranda* em volta dela, arrastá-la para o meio do coradouro, numa gritaria estridente.

Nos dias seguintes, porém, tinha havido mais rigor, horários de aula, horas de silêncio, horas de trabalho, passeios silenciosos pelo jardim. As crianças tiveram de adormecer sozinhas, no escuro, não havia sombração, não havia fantasmas, não havia almas do outro mundo, isso tudo era pura invenção de gente boba, tinham de dormir sossegadas. O próprio pai lhes dissera isso. Seria possível? A Nhá Bárbara tinha ficado na cozinha, amuada, esconjurando todo o mundo. Na manhã seguinte foi um reboliço tremendo. Ela havia sumido, não estava no quintal, não estava em parte alguma. A criançada chorava como se ela tivesse morrido. As pessoas de casa procuravam-na até debaixo das camas e nas caixas d'água.

Saiu gente à procura; até os fornecedores ajudaram a encontrá-la. Tinham ido achá-la, horas depois, já na rua do Catete, descendo a pé, perguntando de quando em vez, a pessoas que passavam, de que lado era a estação. Queria voltar para a fazenda de São Romão, já que não servia mais para ensinar os meninos.

— Nhá Bárbara... — gritavam todos quando ela apareceu acompanhada pelo moço da padaria, que contou onde a havia encontrado. Chamaram-na de maluca, mas providências foram tomadas para dispensar a governante.

Ela, patética, de cara fechada, não quis abraçar as crianças.

– Pois é... Pru quê num vão abraçá a inglesa? Vão abraçá ela, seus pestes!

Meteu-se no fundo da cozinha; mas à hora do jantar havia para sobremesa arroz de leite, papo de anjo, cocadas e suspiros.

– Então você não está contente de ter vindo morar no Rio, não é?

Ela emburrou, não respondeu. E assim amuada viajou para Queluz dias depois, com a turma toda. O trem parou na estação, foram necessárias duas aranhas para transportar o pessoal. Era véspera de São João. O mastro do terreiro já estava com a bandeira desfraldada. Nhá Bárbara tomou posse de suas funções e prerrogativas. Enquanto a criançada e até mesmo marmanjos das colônias soltavam estrelinhas, bichas, buscapés, bombas e balões, Nhá Bárbara, encarregando-se da fogueira, parecia ela própria um tição aceso entre o churrasco e as batatas assadas. Um dos balões não subiu direito, foi cair todo mole na casa do colono calabrês Vicente que, logo o apagando, veio reclamar, exigir multa. Deram-lhe vaias, empurrões, um litro de garapa e um rolo de fumo.

Noite alta, a criançada principiara a cair de sono. (Tanto ela, Lúcia, como primos, primas, visitas e vizinhos.) Nhá Bárbara distribuiu-os pelos quartos, não pensou sequer em impedir lutas ferozes de travesseiros, permitiu que se fantasiassem de fantasmas e de sombrações, com lençóis e cobertores. Na sala, os adultos ouviam risadas, gritos, tabefes, trancos e rangidos de enxergões. Depois Nhá Bárbara os fez dormir, contando baixinho, ora numa cama, ora noutra, com sua voz grossa, numa corruptela de português, a história da fazenda de São Romão, onde uma escrava, já quase corcunda de tão velha, apanhava de relho quando encobria as travessuras dos meninos do seu Sinhô.

Ah! E agora que vontade de chorar e sentir saudades. E ia revendo episódios, relembrando as épocas das férias, os passeios com Mário, seu noivo desde quase criança, filho daquela estranha e incompreensível Baronesa de Sincorá, que tinha conhecido o fausto, a grandeza, o estardalhaço, e acabara caduca, banida pela morte dessa fazenda da Bemposta, devendo a todo mundo e por todos deplorada.

Por que seria que lhe vinha à memória tanta coisa passada, tanto pormenor esquecido?

* * *

A fazenda Bemposta, perto de Queluz, cheia de velhas, parentes e criados da Baronesa, no tempo do seu noivado com Mário, era um casarão baixo, de paredes quase conventuais, com filas de janelas dando as da frente com suas vidraças em guilhotina para a varanda larga. Nos fundos, arrimados aos seus contrafortes, apinhavam-se duas alas, em declive, acompanhando a rampa de morro. Um muro tortuoso, coberto de trepadeiras bravas, tapava a intimidade do terreiro e era continuado mais abaixo, pela senzala, pelo paiol e pelo moinho.

Logo na entrada da Bemposta havia uns canteiros sem trato, com vestígios de grama, com a terra batida e dura, com antigas roseiras nunca podadas que se vinham enroscar nos ferros da varanda. Pilastras antigas davam à entrada, embaixo, sob a sombra de vetustas paineiras, um aspecto solarengo, apesar de haver porteira ao invés de portão.

Mangueiras em fileira dupla, quase rentes ao chão, com suas copas, formavam a alameda da subida e já nesse tempo toda esburacada.

Na casa da fazenda havia salas enormes, de tetos lavrados e quartos com paredes apaineladas; todos esses cômodos em

número e tamanho exagerado, para a família, os parentes, os hóspedes e a criadagem. Revia, com particular exatidão, as tábuas largas do assoalho e a mesa da sala de jantar, mesa patriarcal, à cuja volta cabiam trinta pessoas, toda rodeada de cadeirões como estalas de coros diocesanos. Cômodas e aparadores de jacarandá, agora velhos e quebrados, sem ferragens, tinham em tempo, guardado alfaias e baixelas e, depois, trastes de nenhum valor. Em cada quarto recordava ter visto oratórios esculpidos, com santos de carnação violenta, e camas de colunas torcidas e estofos adamascados rotos, por cujos vãos caía uma paina encardida. Nos armários da grande sala da copa, cujos vidros estavam quebrados, outrora se apinhavam louças para muitas gerações, Mário guardava ali os livros de estudante, os romances e caixas com restos de seus principescos brinquedos vindos da Europa, trazidos pelo tio ministro. Nas arcas do enorme corredor, só havia velharias de uso incompreensível. Pela casa toda o assoalho rangia, e nas portas internas as enormes taramelas não funcionavam e não serviam de nada nas noites de ventania. A Baronesa estava sempre (e agora Lúcia a revia e ainda sentia um como calafrio, ante a nitidez da recordação fidelíssima) sentada numa cadeira de balanço, a um canto da sala, bem perto duma janela, com outra cadeira junto para a cesta com apetrechos. Essa cadeira de balanço era tão velha que a palhinha tinha rasgões, e rangia com um rangido tão típico que por ele se guiavam os empregados e as crianças quando queriam saber se a Baronesa estava ou não no seu eterno posto. Mário chegava no período das férias, mas nunca vinha sozinho. Trazia sempre uma turma de quatro ou cinco amigos e colegas, quase todos literatos e pobretões que ele auxiliava e dos quais não se sabia separar. Todos acordavam tarde, atrapalhavam a ordem e a pouca disciplina da casa, enchiam-na com o alarido das discussões e risadas, apupavam as negras do serviço e os moleques, reclamavam, e só se iam quando Mário, terminadas

as férias, também partia para a velha Faculdade da praia de Santa Luzia. Quantos desses por ali não tinham passado três e mais anos usufruindo favores até de dinheiro e de roupas, e depois iam contar e dilatar as lendárias atrapalhações financeiras da pobre Baronesa! À noite enchiam os largos quartos com a algazarra das anedotas e das lutas romanas, desrespeitando os oratórios das austeras paredes. De dia sumiam, iam tomar banho no Paraíba, fazer longos passeios, comprar jornais e cigarros na estação distante, e muita vez regressavam alta noite, escandalizando os arredores, atiçando cães nos currais e assustando e apedrejando casebres miseráveis de colonos humildes, após ter feito dívidas, arrogantemente, nas lojas dos sírios.

Lúcia, já de todos tida como noiva de Mário, muito protegida e mimada pela Baronesa, morava na vizinha fazenda de São Romão; tinha já acabado o seu internato no Bom Conselho, em Taubaté; e por essa época se mudara de vez para o Rio, onde o pai viera dirigir de perto seus negócios até então entregues a sócios de duvidosa probidade.

Quando o sol a pino requeimava toda a paisagem afugentando a criação para a sombra das árvores frutíferas, Mário e os amigos se aboletavam em redes e cadeiras no terreiro. Alguns às vezes ficavam na sala, junto da Baronesa, meio cerimoniosos, a ouvir a lengalenga que ela contava interminavelmente sobre as suas minas de cobre de Sincorá. A velha, conversando, emaranhava-se em pormenores; de repente se esquecia do assunto começado, parava, franzia a testa sob a mantilha que lhe dava ar permanente de matrona, procurava o fio da conversa, repetia, muito pachorrentamente, coisas que tinha contado minutos antes e se afligia por causa duma data ou dum nome. Parecia mais velha do que devia ser realmente, tinha atitudes de majestade decrépita, enganava os outros e a si própria, estava à beira da mais calamitosa ruína, devia a todo o mundo, não tinha o menor

senso financeiro, sonhava com uma repentina solução, teimava em acostumar o espírito à idéia de súbita fortuna próxima; e, tanto no ar de proteção, como no de desdém, que a todos dispensava, havia um orgulhoso feitio de quem vai liquidar radicalmente fundas atrapalhações, muito sossegada ante a previsão inabalável e segura de vender as minas a um sindicato estrangeiro. Procedia em tudo como uma ricaça, ela que só tinha dívidas, e suportava a decadência como estado transitório, continuando a manter a criadagem, que já agora era como gente de casa que não ganhava mais, que tanto a estimava como a odiava pelas alternativas do seu despotismo intolerável, feito de manias, de teimas, de maus humores, de largos silêncios apavorantes e de perseguições inesperadas. Era tirânica nas suas ordens, no modo de dispor e dirigir a vida de todos, arranjando casamento de arrumadeiras (que criara como afilhadas) com ex-moleques que tinha mandado educar nos padres, no Rio e que depois cresciam atrevidos e preguiçosos; e, se esses casais tivessem filhos, batizava-lhos, fazia-os criar pelo chão da copa, dava-lhes ela mesma remédios, punha-os de castigo na cafua, dava-lhes croques por nonadas, e à hora de se irem deitar lhes estendia a larga mão, uma dessas mãos brancas quase invisíveis entre o chale, para que eles lha beijassem acovardados, porque nessa hora da bênção era que ela distribuía justiça consoante o procedimento de durante o dia, e tanto lhes podia dizer: "Amanhã você, porque implicou com a Josefa não almoça, só toma café, ouviu seu coisa ruim?", como "Reze por mim antes de dormir, pra ver se Nosso Senhor resolve a questão, sim?" (A "questão" era o negócio já lendário das minas de cobre, uma questão judiciária que já durava mais de duas décadas, uma coisa complicadíssima e incompreensível, um mistério que se dilatava, do qual todos falavam baixo, como em segredo, formando verdadeira lenda.)

Exigia de todos o máximo sacrifício por qualquer capricho; e ora os deixava à solta, ausentes mais de um dia, ora os prendia na copa, "por causa do sereno que os podia resfriar"... Quando tinha repentes, todos falavam baixo ou se esgueiravam e sumiam, arredios, como seus antepassados tinham temido o feitor.

A Baronesa de Sincorá atendia às reclamações dos fornecedores com desdém e altivez, quando vinham tímidos solicitar a liquidação de débitos antigos e crônicos; ou os descompunha e os mandava pôr lá fora, ou os recebia, os atulhava de reminiscências sobre o defunto barão; parecia esquecer o motivo que os tinha trazido ali. Às vezes, lhes mandava servir café e os entretinha horas a contar as complicações das minas, os acórdãos do Supremo Tribunal, tudo com repetições, involuntárias mentiras, persuasivas esperanças, histórias de sentenças, arrestos e apelações; e eles retiravam-se, ao cabo de tudo, atarantados, sem saber se deviam acreditar ou não, confusamente sugestionados por aquelas histórias cheias de datas, de nomes veneráveis, de roteiros, de decretos, de regalias e de sonhos dourados, sem ânimo para voltar de novo, deixando o tempo solucionar, e então regressando e pedindo pelo amor de Deus um pouco da importância total... E ela repetia que a "questão estava por dias", que um sindicato anglo-belga lhe andada fazendo propostas, que estava estudando as vantagens, que tivessem paciência, que lhes ia pagar e até emprestar quanto quisessem... E eles, mais uma vez saíam, ainda revendo, nas paredes das salas os quadros a óleo de tipos com barba passa-piolho, cheios de alamares, segurando em punhos de espadas atrevidas ou apoiados a cadeiras fidalgas, tipos que ela lhes mostrava, jurando por eles, por "aqueles meus antepassados, legítimos proprietários das minas, mas que infelizmente se tinham descuidado e deixado tudo à revelia! que, em breve..."

Lúcia recordava-se dessa bizarra mulher, tão parecida com Mário em tudo; via-a, baixa, grossa de corpo, enrolada numa

mantilha negra, com o rosto escondido, um rosto cheio, de olhos empapuçados e beiços voluntariosos e que fazia pensar nessas mulheres da casa d'Áustria, nessas fidalgas cheias de bondades gratuitas e ódios mesquinhos, pobre baronesa de Sincorá, com seus ataques horríveis a que ninguém assistia deixando-a só com a Josefa, essa que depois vinha contar que "madrinha revirava os olhos, espumava pelo canto da boca, dava um uivo no começo e depois ficava largada, arquejando..."

Quanta vez, vindo da fazenda de São Romão, nas suas férias de internato, passando horas na fazenda da Baronesa (que, então já da fazenda só tinha a casa e o terreira porque as terras se iam perdendo por causa de dívidas), Lúcia não se vira obrigada a ouvir longas horas a conversa da Baronesa, sempre a aconselhá-la que, quando fosse rica, em companhia de Mário, quando as minas estivessem dando rios de dinheiro, não se esquecessem ambos que a ela deviam essa riqueza, pela teimosia, pelo afinco com que vivera a defender aquele patrimônio que abutres e corvos rodeavam. E, falando, defendendo as minas, ali, naquela cadeira de balanço, meio trêmula, já sem memória, com grandes dificuldades crescentes de dar à conversa um nexo permanente, engrolava o assunto, divagava, parecia delirar, perdia-se em pormenores, abria estranhos parênteses, fazia Lúcia levantar-se para ver se alguém as estaria a escutar atrás das portas, ficava, ela própria, quase de pé a escutar supostos espiões, perguntava de repente: – "O Josefa, onde é que você está?" – para ver se a criada a estaria escutando. Outras vezes, dizia a Lúcia que viesse, mas disfarçando, até ao salão reservado onde guardava em arcas e armários os documentos. E vinham ambas para essa enorme sala que tresandava a naftalina (não fossem os insetos roer aqueles preciosos documentos...) e ali, meio na treva, lhe mostrava álbuns e pastas amareladas pelo tempo e pelos dedos de constantes consultas. E pouco a pouco se entusiasmava, abria

gavetas cheias de bolas de cânfora e quase úmidas de bolor, e de lá retirava papéis timbrados escritos em letras tabelioa, corria a espreitar o corredor, punha-se então mostrar tudo, junto à vidraça. E dessa vidraça se via o terreiro abandonado, cheio de mato, com latas, galinhas gosmentas, negrinhos sujos, caixotes velhos, tudo objetivando a decadência, como um símbolo raso. E eis que, na sua velhice que a doença acentuava, a Baronesa, com os fiapos do cabelo aparecendo pela mantilha, em sua miséria orgânica, meio curvada, meio trêmula, cheia de rugas, pálida, com bochechas de fidalga já caduca, metida em roupagens de um veludo roído, se punha a mostrar a Lúcia os decantados papéis; e nessa hora parecia rejuvenescer, tomava mesmo um certo donaire, exibindo papéis e mais papéis, documentos e mais documentos, respirando alto, dizendo de vez em quando: – "Ah... Isso tudo será de Mário, será de vocês..."

De súbito, dizia: – "Psiu..." Corria a espiar se alguém viria vindo. E era penoso, fazia mal vê-la abrir aqueles papéis cor de marfim usado. E nunca mais acabava, num entusiasmo doloroso, onde parecia haver segredo de maldades, crimes e reivindicações. Primeiro mostrava tudo concernente à descoberta; depois o roteiro; a seguir, a carta de data, a primeira remessa com amostra opulenta para a Europa; o resultado num certificado técnico da análise. Ah!... Era a mina de maior percentagem; nem as de Espanha eram tão opulentas! Vinha depois a carta régia, a posse, as primeiras explorações, as dificuldades, a aparição amaldiçoada desse Travassos, o abutre, o corvo, o milhafre, o usurpador. E então como a defender-se de supostos duendes, caía numa prostração horrível, ficava mais trêmula, um vento imperceptível fazia bulir os fiapos grisalhos de cabelo batendo nessa testa sofredora.

Mas logo se reanimava, outra vez, com uma confiança absurda na sua causa.

E, depois de horas intermináveis, falando sem cessar, parava atarantada, como se fosse ter uma coisa e perguntava, com um timbre esquisito: – "Que é que eu estava dizendo, mesmo?"

Ficava estática, muda, com um espasmo no canto da boca, dum lado só, como se sentisse uma dor e fosse preciso ficar inerte, imóvel, completamente imóvel.

– Ah!... Sim...

Lembrava-se de novo. Sorria com um entusiasmo triste e repetia tudo já um pouco diferente, baralhando, ajoelhando-se diante duma velha mala ou dum baú para procurar o documento que viria provar a veracidade tácita do que estava dizendo. Mas não havia meio de encontrar o papel... E, assim, de joelhos, defronte da mala escancarada, remexia, remexia...

– Pronto. É este... este, não. Que diabo! Deus me perdoe, diabo não, foi sem querer. Deus me perdoe...

Inclinada sobre os papéis, parecia revirar um tesouro de trapos. E finalmente se lembrava. Dava um tapa no joelho, sorria com um sorriso vitorioso e exclamava:

– Ora, nem podia mesmo achar. Está no Rio... Está nos autos. – Então, que alegria! Sim, porque, breve, em meses talvez, no máximo dentro de um ano, tudo se iria resolver. Sentava-se, encarava os armários e as malas escancaradas, esquecia os documentos pelo chão e pelas mesas, explicava que havia quase quarenta anos, ainda em tempo dele (o Barão...) que a questão andava no foro. Primeiro na justiça do Ceará, lá onde estavam as minas. Depois no Rio. Tinha mandado vir à Bemposta advogados de renome para ouvir-lhes a opinião, para arrancar-lhes um parecer. Uns tinham vindo de fato, ouvido tudo com certa inquietação, parecendo-lhes estarem a ouvir um pesadelo. Quando ela falava eles a cuidavam presa duma alucinação. E a ouviam com certo constrangimento; mas, depois de manuseados

os documentos e todos esses papéis, então se interessavam, sofriam o sortilégio da Baronesa.

Outros após trocarem opiniões durante um jantar em que ela expunha os restos da sua louça imperial e as suas amplas toalhas de linho flamengo, jantar servido por moleques, com leitões recheados, perus, larga cópia de doces que evocavam toda a cozinha colonial do vale e da Bocaina, tinham partido para o Rio, enigmáticos, sem nunca mais enviar o esperado parecer. Alguns tinham escrito, pedido caro para remeter o parecer e queriam tanto por cento para tratar da causa. Um até, enganado pelo falso fausto com que a Baronesa o tinha recebido, chegou a mandar uma folha de papel almaço citando tratadistas e junto, presa por um alfinete, uma conta de dez contos de réis por esse estafante e irrespondível argumento "que em muito, ia dar um golpe mortal nas pretensões do querelado".

Meses depois, chegara uma carta atrevida, cobrando a conta, ameaçando penhorar a casa, como tendo farejado naquilo tudo probabilidades de uma mina paralela, de dinheiro.

E a Baronesa ia juntando os papéis e até as contas e descomposturas aos documentos. Certos interessados a tinham vindo procurar, mandado propor acordo; mas desconfiava, encolhia-se, parecia querer anuir e, quando eles cuidavam receber um sim, repentinamente tocava uma sineta, chamava um moleque, mandava-o abrir a porteira.

Havia gasto com a justiça, já depois da morte repentina do Barão, quando Mário era ainda criança de meses, e depois, pouco a pouco, durante anos, centenas de contos. E, para tanto, se vira obrigada a retalhar a fazenda, a recorrer a agiotas, a assinar documentos em que depois eles se estribavam para lhe irem pouco a pouco amputando as propriedades no Ceará e na Bemposta. E, impassível, furiosa com os que a aconselhavam a abandonar de vez a questão ou entrar num acordo, assistia às

vendas judiciárias de seus bens, não se incomodava, permanecia na sua fé ardente de deixar uma fortuna invejável a Mário, que pouco sabia dessas questões porque a ele nada dizia, como se lhe temesse o senso e o critério e tivesse receio de ser contaminada por esse descuido.

Paralelamente a esses gastos, como os seus procuradores no Ceará eram desonestos e a sabiam eternamente na Fazenda da Bemposta, tinha perdido e liquidado mal seus haveres no Norte, terra do Barão, lá no Norte adusto, donde proviera o bem-estar transitório da sua mocidade leviana.

Minas de cobre de Sincorá! Sonho verde mais maravilhoso do que as esmeraldas dos tempos das bandeiras... Por causa desse sonho tinha perdido quase tudo, abandonado interesses, descuidado a administração, visto enriquecer pobretões que parasitavam em torno do seu êxtase. E, como era perdulária, qualquer remessa de dinheiro, chegado de vendas de propriedades em Fortaleza, tinha o destino líquido da água do moinho que rodava ao fundo da senzala. Usava um processo *sui generis* em gastar tudo imediatamente, a esmo, sem pagar dívidas prementes, roída de juros, atormentada por sujeitos que lhe entretinham um crédito manhosamente fictício.

Assim, pouco a pouco, na ausência de Mário, que estudava para médico, e malgrado os conselhos cerimoniosos do pai de Lúcia, seu vizinho de terras, e a ajuda do único irmão, chegara à pobreza extenuante e vergonhosa. Esgotados todos os recursos, começaram as preocupações diárias, os vexames, os expedientes, as dívidas. Móveis, alfaias, cristais, baixelas e quadros tinham sido vendidos. Muita prata velha fora arrematada por espertalhões, na sala de jantar, enchendo aquela patriarcal mesa, de ponta a ponta. Leitos de lavor antigo, com brasões na cabeceira, puríssimos no seu estilo, cômodas, aparadores, arcas, colunas, oratórios e armários, tudo foi encaixotado e mandado para o Rio, a preço

ínfimo, só porque era preciso continuar a disputar a mina e atender a credores impetuosos. Jóias velhas, com muito ouro e com muitas pedras, foram vendidas numa avaliação sumária, para pagar juros de dívidas, sob o espanto e a raiva doméstica da criadagem e da parentela, sem coragem porém para se oporem. Indivíduos vinham, não se sabia como nem mandados por quem, propor um negócio que decerto interessaria à senhora Baronesa. Recebia-os sozinha, mandava retirar as criadas que estupefatas adivinhavam algum golpe desonesto, fechava as portas e ouvia a tratantagem com um misto de desconfiança e credulidade. Era às vezes um papel, documento concernente às minas, comprado em Fortaleza, há muitos anos em poder do proponente; talvez interessasse... Ela recebia o documento, lia, desconfiava, tornava a ler, mandava esperar, ia comparar o papel com os seus, ver se havia de fato alguma correlação; e descompunha o intruso, ameaçando-o com a polícia e os cães do terreiro, cheia de indignação pelo embuste, abria a porta, mandava embora o tipo que saía às arrecuas e às mesuras, declarando decerto haver equívoco. Se achava, em exame sumário, que o documento serviria, viria a ser um reforço de provas, chamava uma negrinha ou a Josefa, mandava servir café, conversava muito, convidava o interlocutor a ver a casa, exigia que se hospedasse num desses quartos. Depois, perguntava, com muita serenidade, quanto queria pelo documento. Mas, perdoasse, não tinha agora o dinheiro suficiente, ia pedir ao seu procurador no Rio que vendesse umas apólices; a remessa de dinheiro não demoraria. E, já nesse tempo, passava aperturas, devia a toda a redondeza, não tinha donde retirar um ceitil, ouvindo, impassível e sobranceira, as reclamações dos fornecedores e abrindo com uma resignação estóica as cartas desaforadas de credores.

Vivera sessenta anos, essa estranha Maria Eulália Isabel Adelaide Dutra Montemor, Baronesa de Sincorá, sem conseguir realizar o seu sonho das minas.

Morrera ao ler, no *Diário Oficial*, que o Travassos tinha ganho a causa, em terceiro julgamento, no Supremo Tribunal.

Em seguida, a Bemposta indo à praça, por ordem do juiz. E tudo se tinha acabado, já não existia mais, a não ser nessa insistência de pormenores e recordações que sem nexo nem seqüência vinham à memória de Lúcia. Todos se tinham transferido para o Rio; o pai de Lúcia, na gripe de 1918, morrera na Ordem da Penitência. De modo que tanto a fazenda da Bemposta como a de São Romão, nessas terras cansadas, tinham tido destino idêntico e paralelo, tinham acabado, e pareceria um sonho ouvirem-se histórias de cafezais, engenhos, açudes, escravos e colonos dessa aba de montanha onde duas famílias infelizes deviam ligar seus únicos filhos para que, juntos, resistissem à teimosia duma adversidade amorfa que lhes perseguia pessoas e bens.

E as minúcias do namoro, a proteção da Baronesa, tudo ia sendo recordado agora, causando uma tristeza embaladora. Que saudade da fazenda da Bemposta, e que invencível saudade da fazenda de São Romão, com a Nhá Bárbara, as fogueiras no mês de junho, as estórias noturnas na soleira da porta que dava para a mata, o cavalo das crianças, dócil e vagaroso, o preto Malaquias, todo branquinho no cabelo, apoiado em um bambu, contando episódios de quilombos e da abolição... Que infinita saudade dessa paisagem sossegada, desses morros, da presença longínqua e imperceptível do Paraíba, ao longe, e daquele muro violáceo de montanhas, lá muito ao fundo, a Mantiqueira.

Os aniversários, as festas juninas, os bailaricos. E principalmente, que saudade angustiante, desse Natal longínquo! Como se recordava bem, como revia até a roupa de Mário, o seu boné à marinheira e o santinho de metal, que lhe pendia do pescoço aberto. Faziam horas para ir à missa do galo e, quando todos estavam na varanda e na sala, comendo gulodices, ambos foram para o jardinzinho, aí trocando beijos. A Baronesa, da sua cadeira

de balanço, viu e, logo chamando Mário, o intimou a ficar de castigo no quarto escrevendo cem vezes: "Sou sem juízo". Mário tinha ido, muito sem jeito e muito desapontado, escrever, com a sua bela caligrafia, em fileira azul, numa folha de papel: "Sou sem juízo... Sou sem juízo... Sou sem juízo..." Pela vidraça levemente erguida vinha a gritaria do pátio, as risadas, as cantigas, as vozes das crianças fazendo roda. Foi então que, às escondidas, Lúcia aparecera no quarto e se tinha posto a ajudá-lo, com a sua letra redonda de colégio de freiras (ela andava no terceiro ano elementar do colégio), escrevendo em outro papel: "Sou sem juízo, sou sem juízo". E riam ambos pela peça que estavam pregando à Baronesa, um pouco nervosos pela celeuma que lá fora no terreiro impedia vigiar os rumores no corredor.

Enquanto isso, porém, casais com filhos envergonhadiços faziam sala à Baronesa, como numa corte, quase sem falar, anuindo a todas as opiniões dela, cercando-a com respeito. Nhá Bárbara, numa lufa-lufa, não sabia a quem atender (sempre que havia festa na Bemposta ela era emprestada pela família de São Romão), ralhando com os insubordinados, trazendo e levando compoteiras e bandejas repletas para a copa, para o jardim e para o terreiro. Bebês de chupeta, com caras roliças (gente que depois cresceu e ficou tão diferente!...), cheios de espanto, queriam apanhar as lanternas, rolavam pelo cimento. E negrinhos que a Baronesa criava, filhos de agregados, muito esquivos à porta da copa e da cozinha, espreitavam, enchiam-se às vezes, de coragem, vinham brincar também no terreiro; mas se ouviam a tosse da Baronesa ou o rangido da cadeira de balanço, fugiam e se iam encostar de novo aos portais, com grandes olhos pasmados.

As filhas do coronel Domingos, o que depois foi deputado, revezavam-se no piano, tocando Artur Napoleão e Tosti.

O presépio, no canto, perto do grande piano de cauda, brilhava entre luzinhas trêmulas de velas. Havia um Menino Jesus, um São

José, uma Nossa Senhora, um burrinho e uma vaca malhada. Papelões largos, verdes, fingiam de lajes. Que alegria...

Mas, repentinamente, a Baronesa, que raramente se levantava da sua cadeira de balanço, pedira licença e fora pé ante pé sob o pavor da Josefa e de Nhá Bárbara, ver se Mário já tinha acabado de escrever cem vezes: "Sou sem juízo".

Quando a Baronesa abriu a porta, os dois estavam de costas para ela, escrevendo pachorrentamente, caprichando na letra, como que um estimulado pelo outro, e não a viram inclinar-se sobre eles e dizer com severidade:

– Pois agora escreva duzentas vezes... Você também, sua sonsa! Ambos, muito encarnados, fixavam esse rosto envolto na mantilha. Logo então se inclinaram mais sobre as respectivas folhas e continuaram a escrever, Mário com a língua um pouco fora da boca, conforme o seu hábito quando escrevia.

E ficaram sozinhos, escrevendo. Quanta algazarra lá fora, quanta risada gostosa, quantos doces na bandeja que Nhá Bárbara andava a oferecer... Mário cochilava às vezes, com a cabeça sobre o papel, onde em colunas iguais e certas se repetiam as linhas "Sou sem juízo". Então Lúcia continuava a escrever ligeiro, primeiro no seu papel, depois no dele, não fosse a Baronesa voltar de repente.

Invés de ficarem tristes, até achavam graça. Mas chegou a hora de irem todos, uns de trole, outros a cavalo para a missa do galo na colina de Queluz. Depois do regresso, consoada; ambos, já estavam mortos de sono. Sob o olhar enigmático da baronesa, Nhá Bárbara pegou ao colo Lúcia, e Josefa arrebanhou Mário. Lúcia, para o quarto dos hospedes. Mário para o dele. Foi a primeira noite que dormiram sob o mesmo teto.

Agora, nesta noite, como em muitíssimas outras, adormecia sozinha, cansada de esperá-lo. E, adormecendo, se lembrava da sua babá, da sua ama negra enterrada numa sepultura onde cresciam roseiras que só davam rosas brancas. Anos depois, por falta de pagamento, acabara sendo transferida para a vala comum.

VI

Altas horas da noite acordou sobressaltada. A campainha do telefone tocava, estrídula, nervosa, como num alarme. Esbarrando nos móveis, correu a atender.

– É da casa do Dr. Mário? Ele está? Quem fala é o Justiniano, não sabe? O pai do Segundo Clichê. Tenha a bondade de chamar o doutor. Meu filho está mal. Creio que vai morrer.

– Mas ele já saiu daí?

– Como, minha senhora?

– Se ele já saiu daí?

– O doutor Mário ficou de vir vê-lo outra vez, e há quatro dias que não vem. A criança piorou. Parece que ele esqueceu. Faça o favor de dizer que é o Justiniano.

– Mas ele foi para aí, depois do jantar.

– Como? Alô...

Desligou repentinamente e, muito branca, vestindo-se às pressas, compreendeu num instante onde o marido estaria.

A urgência de ficar pronta e abalar para a casa dessa gente, numa ruazinha atrás da fábrica, lhe diminuía o raciocínio. Sentia uma decepção atroz.

Pôs sobre os ombros uma *renard* já usada, enterrou um chapéu na cabeça e saiu. Ameaçava chover. Trovões rolavam lá para as bandas do Corcovado. Corria quase; enxergou o edificio interminável da fábrica. Contornou-o. Subiu a pequena ladeira. Passou pelos cortiços dos operários. Bateu palmas numa casa de estalagem, a única que estava acesa. Uma mulherzinha, com

um xale na cabeça, com uma pronúncia muito aportuguesada, disse:

– Ora, tenha a bondade de entrar...

Entrou. Atravessou uma saleta escura e entrou num quartinho. A criança já estava em agonia; mexia com a cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, docemente... Tinha as faces encovadas como um velhinho, e um gargarejo estranho lhe cantava no fundo seco da garganta, com ruídos de engrenagem.

– Há quatro dias que o doutor Mário veio. Depois não voltou, embora tivesse dito que viria, que não era preciso irem chamá-lo. A senhora tenha paciência, mas ele se descuidou. A gente é pobre, mas sempre se havia de dar um jeito, se havia de pagar, de pedir emprestado.

Ela não respondeu. Ajoelhou-se diante dessa cama de casado e começou a acariciar a testa do Segundo Clichê. Um suor pastoso gotejava dessa fronte pálida onde um cabelo ruço caía em vírgulas. O fatal gargarejo continuava. Os olhos da criança já não tinham brilho, eram foscos, vítreos, com uma mucosidade nos cantos. As asas do nariz palpitavam e a lividez do rosto era impressionante. O queixo afilado, agudo, tinha um tom azul muito leve. As mãos, umas pequeninas mãos já acostumadas ao trabalho, teimavam em querer pegar qualquer coisa no ar, com insistência.

– Seu Justiniano, o senhor tem aí esparteína?

Não, não tinha. Não sabia o que isso era.

– E óleo canforado? E cafeína?

Não tinha nada, já havia acabado tudo, restava só uma poção, que já estava no fim.

Ela, então, estendeu os braços em torno desse pequeno corpo e desatou a chorar, muito mansamente, com recato, engolindo sem querer essas lágrimas, que lhe desciam pelos malares e que teimavam em lhe escorrer para a boca.

A lâmpada aclarando o rosto, fazia luzir esse pranto. Explicou, muito devagar, com voz entrecortada, que o marido tinha ido ver um doente que estava muito pior, e não tinha voltado, mas que devia chegar ainda para salvar o Segundo Clichê...

– Deus queira, mas acho que vai morrer.

A essa palavra, o garoto voltou um olhar de rês agonizante, fixou o pai, quis, não se sabe bem, se sorrir ou se dar a entender que não, que não ia morrer, não.

Ela repetiu que o marido tinha ido ver um doente, mal, muitíssimo mal e que... por isso... não... tinha... Mas os soluços a asfixiavam. Pousou sem querer a cabeça na beira dessa cama que cheirava a remédios e a urina.

O Segundo Clichê abanava a cabeça de um lado para o outro e teimava em apanhar um inseto invisível.

A testa, já de um livor extremo, luzia, coberta de gotículas de suor. Pessoas tristes, de ar humilde, encostadas ao portal e perto da cama, olhavam, à espera do desenlace.

E tudo, em torno indicava pobreza, honestidade, hábitos bons. Uma mulher disse baixinho para outra:

– Pois comadre, ele ontem delirou todo o dia.

Mas logo se calou, como se achasse imprópria aquela conversa. Alguém veio com uma vela nova acesa e pôs entre os dedos do agonizante. A cera, escorrendo, queimava e formava gotas brancas na raiz dos dedos crispados. Num dado instante o gargarejo parou e a cabeça pendeu para um lado. Recomeçou, mais baixo, mais abafado, mais nasal, esse ruído. Parou, outra vez. Custou a recomeçar. Agora era um sussurro, um brubru, uma espécie de sopro para apagar a vela.

– Morreu – disse muito baixo uma voz. Mas, não. O gargarejo recontinuou, como uma sílaba de criança de meses, uma súplica interminável, qualquer coisa de confranger o coração; o palor do rosto era cada vez mais impressionante, principalmente à volta do nariz e em torno da boca.

– Morreu – repetiu a mesma voz. De fato, lívido, agora, sim, sério, quase severo, esticado, hirto, sem um movimento, muito quieto e muito bem comportadinho, com os olhos vidrados, fixos no ar, a boca cheia de uma espuma que formava bolhas, com as narinas cheias de treva e os dez dedinhos fechados como reprimindo uma dor, o pescoço túrgido, as orelhas transparentes como membranas, o Segundo Clichê com dez anos apenas, tinha acabado, não era positivamente mais nada neste mundo, com o seu corpo pequenino em relevo sob essa colcha que tresandava a remédios e a urina.

Mas não pensavam assim o Justiniano, funcionário da Leopoldina, nem a mulher, lavadeira de arrabalde rico, pois logo caíram sobre ele como a disputarem esse corpo.

Pobre Segundo Clichê... Tu, que muita vez dormiste na soleira das casas comerciais do largo do Machado, tonto de sono e de fadiga, com os teus jornais esparramados pelo chão; tu, que, como quarto teu, tinhas apenas esse quarto onde tua mãe passava a ferro; tu que te sentias tão bem, depois do teu trabalho, deitado e estirado entre trastes, ferros de engomar, latas, bacias, caixas de papelão, sapatos velhos e roupas alheias; – dormes, agora, sossegado sob essa colcha que cheira a poções e a óleo canforado...

Já não gritarás mais, por essas ruas abaixo:

– Olha *A Noite*, *O Globo*... A vitória do Flamengo. A mulher que engoliu o tijolo...

Vão sentir falta de ti esses senhores que te compravam as folhas e com os quais implicavas, porque te davam notas de 5$000 para trocar, enquanto os bondes passavam, atrasando assim a tua vida.

– Olha *A Noite* e *O Globo*... – não tilintarás mais no grande bolso os teus níqueis, nem te verão mais, pensativo à porta dos cinemas, pasmando para os cartazes da Ufa e da Paramount...

No largo vão luminoso da entrada dos teatros ou sob a marquise dos cinemas, nos edifícios dos arranha-céus, já não brigarás com os teus colegas desleais, que se intrometiam e que abusavam do teu tamanhinho para vender jornais a senhores circunspetos. Já não ficarás triste nem amuado quando, em noites de temporal, as tuas folhas encalharem... Bem bom para ti, pois já não é preciso que subas, numa ginástica atrevida, aos estribos dos landolés nem aos estribos apinhados dos elétricos. A hora em que os burgueses jantam, reunidos com os filhos em torno de uma toalha de linho, quando os bondes, apinhados, transportam a população para bairros distantes, na hora indecisa em que as luzes se acendem, em que as vitrinas se fecham e em que as ruas transversais vão ficando vazias escoando para as avenidas os seus tumultuosos afluentes de povo apressado, já não precisarás correr entre veículos, esbarrar em transeuntes malcriados.

Já não verás, com inveja, esses garotos da tua idade e do teu tamanho saírem das confeitarias e das casas de brinquedos, enquanto, ao longo das sarjetas, descalço, sujo, com remendos encarnados nos traseiros das calças e com suspensórios de barbante, ias gritando:

– Olha *A Noite*! *O Globo*... – Já não aprenderás palavrões entre marmanjos; e já agora, mais leve, sem o peso dos jornais na ilharga, poderás descansar, sem ser preciso doravante essa obrigação de andar pela cidade, tu, tão pequenino e tão bom, a anunciar crimes, revoluções, terremotos e desgraças.

Diante desse cadáver Lúcia ouviu o barulho da chuva. Como o houvesse ajudado a se vestir, e a custo lhe tivesse cruzado as mãos no peito, abaixado as pálpebras e endireitado essa gola branca de blusa à marinheira, começou a pentear-lhe o cabelo ruivo.

Estava, pois, sozinha no mundo. Invejou a sorte decisiva e nítida dessa criança: morrer.

Estava isolada no mundo, sem um filho, sem um amor, já cansada desses vinte e um anos de vida, e agora só lhe competia

fazer um programa de fuga ou talvez de morte: tomar providências instantâneas.

Despediu-se e saiu, apesar da chuva que, em pingos grossos e oblíquos, logo a ensopou.

Entrou em casa e ficou à espera de Mário, ouvindo o desencadear da chuva, com a testa encostada no vidro da porta.

Ia abandonar a casa. Mas queria esperar esse homem. Dizer-lhe a razão, fazê-lo compreender do que ela era capaz.

Tinha certeza, agora, de que ele estava jogando nesta noite, que tinha ido jogar nas noites anteriores.

Como se engara! Como pudera ter-se enganado! Cuidava tudo esquecido, tudo acabado, uma nova vida iniciada sob juramentos sagrados. E agora, essa coincidência, esse telefone, esse pobre Segundo Clichê...

Razão tivera em haver adormecido, pensando em Nhá Bárbara. Como desejava agora o peito duro e bronco da Nhá Bárbara, para chorar nele a sua infinita desgraça.

Agora, sabia o que era isso na realidade mais perfeita, mais minuciosa, através de raciocínios e ponderações, medindo-a com exatidão lúcida, compreendendo-a com intuições vivíssimas.

Estava tudo acabado; mas tudo! Sentia uma coragem inaudita, uma resolução consciente, uma energia decisiva, como se saísse de dentro dum despojo e se sentisse leve, nova, libertada, pelos ares, numa ascensão, conduzindo nos braços, através duma treva constelada, a alma palpitante do Segundo Clichê.

* * *

Mário, na verdade, passara a noite e a primeira hora da madrugada numa espelunca, num sobrado clandestino, entre a roda pior que já tivera oportunidade de conhecer em todos esses anos de vício. Mal podia jogar, chegar à borda do pano

verde, por causa da aglutinação existente. Nos clubes ainda lhe costumavam ceder lugar, tipos se levantavam para que se sentasse. Mas, nesse antro reinava igualdade, todos eram semelhantes, não havia categorias. Embora com o ombro arredasse parceiros para poder fazer o golpe, alguns resistiam, atrapalhavam de propósito, implicando com o seu feitio aristocrático.

Em torno da mesa a ralé formava círculo duplo, o primeiro sentado e o segundo atrás, em pé, rente às cadeiras, com fichas, lápis, carteiras de cigarros e papéis, seguindo avidamente os movimentos do carteador, jogando com esforço, incomodando-se mutuamente, todos curvados para a mesa comprimindo, roçando, expulsando-se quase uns aos outros. O ruído das fichas, o ruído das cartas, a cadeira arrastada de alguém que se ajeitava melhor, tudo passava despercebido.

A galeria dos tipos era sórdida, parecia incrível que existissem no mundo essas caras reunidas, tão repelentemente reais, desde o mulato atrevidaço, que a cada golpe contrário implica com o azar e blasfema, até o velho encanecido, trêmulo, com tiques nos lábios e nas mãos, chupando cigarros murchos, de olhar odiento e fixo, de maneiras relaxadas, e que joga resignadamente longo tempo, mas que, de súbito estrila, faz parar, chama em testemunho vários desconhecidos a propósito da reclamação, e por fim prossegue, segurando as fichas com avarezas aduncas, enquanto continua o lento e íntimo trabalho das escleroses nesse coração exaltado, nessa aorta hipertensa.

De vez em quando, principalmente nos intervalos, há pilhérias, troca de apelidos e lamentações. Mário inspeciona a assistência. A sala é baixa, secretamente antipática, está nublada pela fumaça dos cigarros, e nela há uma atmosfera, como nos bordéis e nas tavernas de ignomínia, em camadas densas.

Saiu, por fim, sem dinheiro e com remorsos inúteis. Ao descer a escada (uma escada semi-escura de prédio arcaico e que um

negro espadaúdo, com ares de capanga, vigiava, para dar o grito de rebate e alarme caso surgisse a polícia), um velhote o chamou com insistência:

— Doutor, perdoe-me se o incomodo. Uma palavrinha, se não vai com pressa.

— Às suas ordens, que há?

Então o velhote, curvo, com a voz cansada, com olhar sumido atrás duns óculos, lhe pediu trinta mil réis.

— Não tenho. Perdi tudo. Mas o senhor... Eu o vi ganhar tanto! E Mário encarou com espanto esse velho, que ele vira apostar toda a noite, meticulosamente, ao dado, com uma indiferença de ídolo, ganhando o dinheiro todo de várias bancas. Não compreendeu bem. Então, com um braço no corrimão, enquanto descia, o velhote lhe ia explicando:

— Não, meu caro senhor. Eu não ganhei nada; sou um farol... não ganho nunca. Sou um simples empregado, um reles funcionário. Ganho para enganar os parceiros. A coisa é muito bem feita. O que eu ganho são 15 mil réis apenas, por noite, para ficar ali, horas a fio, fingindo que estou arriscando o meu. Mas de meu, mesmo, só tenho a diária de que lhe falei, uma ninharia. Não dá para nada, mas, enfim, já serve. Agora, no fim da vida, que é que eu vou fazer?... É ficar por aí, a enganar ingênuos, a não ter certeza no dia de amanhã. Volto para casa de madrugada, eu que sofro de hemorróidas e da próstata. Felizmente, a mulher me espera sempre com um cafezinho quente e um banho esperto. Depois me deito, durmo até à tarde e à noite volto pro empreguinho infame, assim, depois de já ter sido remediado. Sim, porque o doutor pode perguntar a quem me conheceu anos antes. Eu já tive o meu, já tive uma casa nos subúrbios, perdi no jogo. Já tive até mesmo vergonha na cara.

Deixou o desfibrado velhote ali na porta, sem lhe dar resposta. Passava de 1 hora da manhã. Penetrou em outras ruas do centro

comercial. Nos portais silenciosos havia placas luzidias de bronze. Tabuletas, anúncios, tudo lhe bailava no olhar. Era um trecho de alto e intenso comércio, agora com cortinas de aço descidas, portas brônzeas aferrolhadas, com nomes de firmas nacionais e estrangeiras, sugerindo que dentro, nos armazéns, nos escritórios, havia durante o dia enxames de empregados trabalhando e fazendo girar capitais ciclópicos e interesses imperialistas. Leu nomes de firmas universalmente conhecidas, levantou a cabeça para fachadas de prédios bancários, passou pela frente de companhias internacionais, escritórios de navegação, lojas de atacadistas, portas de corretores. Chegou em frente da Candelária. Circundou-a como se procurasse uma entrada: tinha os flancos escondidos entre pequenas e velhas construções mostrando apenas a fachada, a escadaria, as portas de bronze cheias de relevos.

Um malandro, ou talvez um infeliz, dormia estirado nos degraus, com o chapéu sobre o rosto, por causa da luz dos lampiões. Dobrou uma esquina e foi dar a um trecho de cais. Viu o brilho grosso da água do mar. Botes parados, luzes longe. Nisto, uma lufada de vento lhe arrebatou o chapéu. Correu atrás dele, foi segurá-lo à distância de alguns metros. Uma chuva grossa começou a molhar-lhe a roupa. Tomou um táxi. Dispunha de quantia que ainda dava para pagar o percurso. A chuva fustigava-lhe o rosto e as mãos. Foi, então, que, junto da calçada, exausto, trôpego, todo inclinado para a frente, como um muar, mísero personagem da noite puxando um carrinho de ferro, um homem para ganhar a vida, mudava uns móveis. Mário olhou para trás, pelo óculo da capota e, através do reticulado da chuva, ainda viu o miserável. Ele vinha paralelo à calçada, entre poças metálicas, puxando o carro num jeito teimoso de quem cumpre deveres primitivos de animais.

Conhecia de vista esses infelizes, de tanto os ver, à noite, de volta da clínica ou do crime. Eram irmãos desses outros, dessas figuras híbridas, metade gigantes metade escravos, que, em grupo, consertam, na hora plácida das noites estivais, o asfalto das ruas e os trilhos da Light. Contava-os, às vezes. Eram doze, quinze e, às vezes, até mais. Curvados para o chão, com picaretas, enterrando gumes e pontas de perfuradores vibráteis na crosta do asfalto, o retalhavam em lençóis rugosos como a epiderme das crateras, dilacerando as ruas modernas. Suados, com brilhos de bronze recém-lavado nos torsos nus, com os músculos retesados, pareciam obedecer ao comando bárbaro dum feitor invisível. Andam sempre em grupos, retalhando a superficie encardida das avenidas, curvados para o chão, ao lado de motores que os ajudam nessa escravidão moderna. Perfuram camadas quase graníticas, pondo à mostra as bainhas, aponevroses e vísceras da rua. Às vezes são outros, de óculos negros, que chegam puxando carreta, estendendo fios elétricos, roubando energia dos cabos aéreos dos bondes para dentro dos seus motores que zunem. E, sob a chispa violácea, que salta fulgurante em milhares de estilhaços escarlates, em clarões que aclaram feericamente todo o quarteirão, começam a amputar ou a soldar as retas gêmeas dos trilhos, cujo brilho tristonho se estende até ao fundo da perspectiva. A rua toma então nesses trechos aspectos provisórios de revoluções, com suas barricadas de betume, de cascalho, de paralelepípedos. E entre os trilhos aparecem túmulos cheios de treva, de bordos retilíneos, onde irão dormir em potencial, fios, cabos e condensadores, dentro de sarcófagos de ferro e zinco. Às vezes eles vêm sorrateiramente, na hora imprecisa das madrugadas, só os tresnoitados os têm visto, quando já não causam estorvo ao fluxo e refluxo do trânsito da cidade; mas também acontece surgirem em turmas arrogantes em pleno meio-dia, pouco se importando com a aglomeração e o retardamento que em torno,

atrás e adiante deles, se fará. São irmãos desse homem lúgubre que aí vem, sob a chuva, são descendentes e herdeiros dos escravos que levantaram as pirâmides, dos prisioneiros que remaram, algemados, nas galeras do Mar Interno, dos mercenários que represaram mares junto aos istmos históricos, dos párias que construíram os arcos do triunfo e os templos de altos frontões triangulares. São da tribo dos Êxodos modernos, desses que descongestionam as docas de Hamburgo e de Liverpool, que povoam como formigas os estaleiros navais, desses, que, como térmitas, existem em chusmas cegas nas usinas do Ruhr, nos altos fornos da Flandres, nas minas do País de Gales e nos eldorados irônicos do Transvaal.

Quando chegou à casa, nas Águas Férreas, debaixo dum aguaceiro incrível, notou que havia luz na saleta.

Abriu o portão, encolhendo-se contra a chuva e o medo.

Ao abrir a porta, deparou com Lúcia, que o encarava com um desses olhares próprios da loucura.

– Lúcia!

E muito alvoroçado, ainda guardando um miserável troco do táxi no bolso, tornou a exclamar:

– Lúcia!

Vendo-a de chapéu, toda encharcada da chuva, compreendendo que ela havia saído e acabava de chegar, perguntou, gaguejando:

– Que tens? Donde vieste?

Ela o encarou, com o rosto a dois palmos do dele e disse com ar de provocação e desespero:

– Venho da casa de Justiniano. Assisti à morte do Segundo Clichê...

– Morreu?

– Sim, tu o mataste!

– Como?

– Será crível que de fato sejas o monstro que és? Enganando-me, há dias, que ias lá passar parte da noite para ver – e aí a voz dela tomou um acento de imitação da dele, cruel, quase exata se não fosse demasiado trágica – se surpreendias certos sintomas à vista dos quais combaterias o mal, ias... jogar... jogar...

Ela dizia "jogar" com o pavor e o asco de quem pela primeira vez na vida profere uma palavra obscena.

E gritava, fora de si:

– Estiveste jogando enquanto essa criança morria em meus braços. – E com soluços bruscos, feitos de verdadeiros urros, se atirou de bruços, no canapé, chorando estranguladamente, em repelões, como se estivesse acometida de uma crise de fúria.

Ele quis segurá-la, falar qualquer coisa; mas, com um salto felino, como se recuasse ao contato de um réptil, ela fugiu, foi chorar de encontro à porta da saída, gritando:

– Abre esta porta, vou-me embora. És um monstro... um monstro.

Abriu os braços, tornou a fechá-los de encontro ao peito, como a cobrir-se, como se estivesse nua diante dum bandido, e passeava pela saleta, desfigurada, como a esperar que passasse uma dor cruel, que só esse movimento de uma parede para outra, da porta para o canapé e do canapé para a porta, conseguiria diminuir.

Depois, correu. Mais ágil do que ela, ele chegou primeiro e deu duas voltas no trinco, guardando depois a Yale; ela pôs-se a esmurrar a madeira, junto da maçaneta de vidro.

Ele foi sentar-se no canapé, contrafeito, cheio de uma energia capaz de atos de energúmeno.

– Lúcia, ouve, fica tranqüila. Essa criança estava irremediavelmente perdida. – Apertava um charuto apagado nos dedos. Como podia, depois dessa luta, ter conservado esse charuto? Arremessou-o longe.

Ela continuava a sacudir a porta, gritando:

– Abre, abre, pelo amor de Deus... Abre!

E forçava a porta, feria as unhas de encontro ao metal amarelo da fechadura, segurava as beiradas e relevos, queria arrancar, destruir. Ele, agora, chorava, com as mãos na testa, passeando de um lado para outro, proferindo coisas sem nexo. E de dentro do seu desespero, como de dentro duma névoa, ouvia essa voz, esse estribilho:

– Abre, abre, pelo amor de Deus.

A chuva desencadeada lá fora avançava nessa saleta o rugido do vento e a frialdade das bátegas.

– Abre... abre esta porta!

Uma criada, envolta em roupa de cama, surgiu, estremunhada, apareceu na porta, com olhos de espanto.

– Suma-se, sua burra, suma-se! – exclamou Mário.

E ela permaneceu com os grandes olhos fora das órbitas, enrolada nesse cobertor, como um duende estupefato, sem coragem de obedecer nem de intervir.

Mário deu dois gritos com ela, exigiu que fosse deitar, mas a negrinha continuou dentro da moldura da porta, num pasmo.

– Abre esta porta... Abre, pelo amor de Deus.

E a voz juntava-se ao assobio do vento, ao rumor grosso da chuva, tinha entonações dilacerantes, de uma empostação quase nasal, e redemoinhava no ar, parecia vir de fora, ser tocada e perseguida pela tempestade e ter entrado ali e ali estar a debater-se como ave tomada de pânico. Lúcia sacudia a porta, ainda, quando uma chave jogada a seus pés, uma pequena chave que caiu com um tilintar gentil, a fez abaixar-se, agarrar esse objeto quase invisível, introduzi-lo na treva da fechadura.

Um vento frio, uma rajada úmida entrou, escancarou a porta, fez bater lá dentro outras portas.

Era a liberdade, esse golpe glacial de vento, essa baforada de chuva, entrando em torvelinho, modificando a atmosfera da saleta, borrifando as paredes.

Mário aproximou-se, deteve-a pelo ombro e disse com voz alterada, inesquecível, que saía duns lábios retorcidos, voz que era um apelo, um pedido de misericórdia:

– Lúcia, perdoa-me. Não faças isso. Perdoa-me... – Deixa-me, vou-me embora. Tenho-te horror.

Libertou-se dessa mão que não a prendia, era apenas um contato de fogo, uma simples impressão ígnea, como de alguém que buscasse retomar equilíbrio, mas não pudesse, mesmo na hora dessa vertigem, agarrar-se a esse ombro que já levava o ímpeto da fuga.

Mário, então, segurou a folha da porta, com os punhos, lutando contra Lúcia e contra o vento. Já vencia, já quase a fechava; mas de repente a abandonou.

Lúcia conseguiu meter a espádua no vão entreaberto. Com os ombros o escancarou, e fugiu.

A chuva, agora violenta, como nova inimiga, viera aliar-se àquela borrasca íntima. Mas, sem se atemorizar, Lúcia desceu os quatro degraus do terraço e atravessou o pequeno jardim, cujas acácias farfalham entrecochando-se. Saiu, puxou o portão, que se fechou violentamente. A rua transformara-se num rio; a enchente apenas ainda deixava descobertos os quatro trilhos retilíneos e paralelos dos bondes. Pela sarjeta descia, boiando, uma lata de lixo. O vendaval açoitava os oitis da calçada. A probabilidade de estar sendo perseguida impelia Lúcia para a frente, não obstante o torvelinho das lufadas e o turbilhão das bátegas. Por isso ela corria quase. Ora parava diante do lamaçal duma esquina, sem coragem para pular as poças d'água, ora resolutamente se metia entre as cortinas de chuva, descendo rua abaixo. Viu um automóvel, de lanternas apagadas, retido pela enxurrada e já com os pára-lamas quase cobertos.

Continuou a descer; o seu andar cavava contrações circulares na água das esquinas. Sentia a roupa colada ao corpo e tinha medo do reflexo de aço dos lampiões nessa superficie líquida. Para as bandas da montanha, um raio oblíquo se espetou na serra, cuja fímbria apareceu num contorno de tinta nanquim. Ela então viu, num vislumbre, a massa úmida e lustrosa das casas da rua, avançando como catapultas, o brilho traiçoeiro dos fios elétricos, engrossados por uma camada luminosa d'água, a convulsão esbaforida das árvores e a coluna quase sólida, quase metálica, do aguaceiro que, atravessado pelo clarão, instantaneamente se dissociou em cortinas paralelas, num tropel sibilante. Vacilou, ouvindo o estrondo. Quis recuar, entrar em qualquer porta. Sentiu pavor imenso, não dessa tempestade, mas doutra escondida nessa tormenta. A chuva escorria-lhe pelo corpo, entre a roupa e a pele. Tinha a saia grudada aos joelhos, pastosa, entravando a marcha, como se correntes visguentas lhe estivessem aderidas aos artelhos. Dentro do ruído múltiplo da chuva e do vento, o ruído da saia resvalando entre as rótulas fazia vru-vru-vru... Ouviu um alarido, perto. Eram garotos que chapinhavam em frente duma casa onde se lia: "farmácia", num escrito que quatro lâmpadas aclaravam; estava meio erguida a porta de aço e pessoas, com vassouras e panos, curvadas como gnomos, enxotavam a água, alegremente. Reparou que nas casas seguintes havia a mesma cena. Grupos excitados pela chuva, espiavam a rua, tocavam a enchente, precaviam-se, defendiam as armações já ameaçadas.

Subitamente as luzes se apagaram. O alarido redobrou, incisivo, cortante, como um grito de colegiais, vaiando alguém. Longe, muito para baixo, no começo da rua, surgiu, então, como um ponto ao fundo da perspectiva negra, o refletor dum automóvel e que à medida que se aproximava recortava as coisas inertes e mudas com uma elipse luminosa, na crua e fulgurante indagação da sua pupila artificial; veio chegando, e o cone luminoso passou,

agarrado ao radiador ofegante que retalhava a enchente. Outro alarido, outra vaia alegre, à guisa de saudação.

Lúcia prosseguia. Mas, como a chuva agora apertasse e verdadeiras cascatas se despejassem obliquamente sobre o asfalto já quase sumido pela enchente, esperou sob um toldo, muito chegada a um portal e ainda assim sentindo os respingos. A água descia, em duas fileiras barrentas de cada lado da rua, já quase se unindo. Apesar da treva, havia como que um reflexo, vindo não se sabia donde, que dava ao dorso líquido da enchente um brilho rugoso. Era a hora em que, nos quarteirões quietos, de dentro das vidraças, as famílias espiavam o aguaceiro mostrando-o aos filhos que o clangor da tempestade acordara, falando-lhes de barcos de papel, sem se lembrarem que talvez estivessem desabando pardieiros com operários e crianças por esses morros e subúrbios, aluindo barreiras sobre favelas, soterrando operários e animais de olhar resignado. Sob o toldo das casas comerciais, esquinas abaixo, nos pontos em que a cidade ainda estava acordada, devia haver, decerto, aglomeração quase amistosa de tipos tresnoitados, que comentavam e riam, esperando a estiada. Os pontos mais baixos da cidade deviam estar como lagoas, com água quase a um metro, com fileiras de bondes interrompidos. Amainou, um pouco. Percebeu, então, que o reflexo vago, que luzia na enchente e nos fios grossos da chuva, era a madrugada...

Continuou a andar, a ver se descobria um carro. Alguns passaram, cautelosos, devagar, arrastando rugas farfalhantes de água entre as rodas. Gaiatos, numa esquina, com os joelhos arcados em proa, cortavam pesadamente, em diagonal, o lago onde os refúgios formavam deltas. Que estranho não era esse temporal, nessa noite e nessa circunstância, aberto em torno do seu pobre e aflito ser como um cenário proposital, como um tablado onde devesse ritmar a sua fuga desvairada! Que bizarra essa coincidência da noite se arvorar assim em bastidor

tétrico, em assim imitar a borrasca do seu espírito, em assim lateralmente repetir a sua alucinação! Sentia a chuva inundar-lhe a camisa, congelar-lhe os seios e os flancos, colar-lhe os joelhos um no outro; o chapéu de feltro lhe pesava nas temporas, glacial e pesado como o capacete de gelo com que se toucam os doentes em coma. Estava já longe de casa e do seu bairro: considerava-se ainda perseguida, olhou para trás várias vezes; mas de repente compreendeu que ninguém a seguia nem seguiria, que estava só, como em plena charneca, isolada do mundo pelo sortilégio opaco. Trovões e um clarão, ziguezagueando, a obrigaram a correr quase pela rua, atravessar uma pequena praça e coser-se ao tronco duma árvore torcida, junto dum monumento eqüestre todo escorregadio de umidade.

Ruas desembocam na praça; e também elas, inundadas viraram caudalosos rios. Fileiras de bondes, em tira, parados talvez desde muitas horas, esperam poder avançar, pacientemente esperam força. Passam ainda alguns automóveis, sujeitos correm atrás, e logo, com decepção, verificam que não há lugar. Passa um caminhão com um grupo cerrado de homens que gesticulam, que fazem sinais, que riem, que sambam, que convidam a subir. Sombras correm atrás rindo, dependuram-se, tomam intimidades com os que os recebem aos abraços. Há, agora, uma claridade baça, um vago luar. Toldos descidos, abrigando pessoas. Um café, com velas acesas sobre mesas. Grupos taciturnos, esperando. Esse jardim de praça pública, tão seu conhecido desde a meninice, ruge sob o vento. Há sulcos onde antes era a superfície bombeada entre os gramados. Repara melhor e vê árvores caídas, postes vacilantes e, rente ao meio-fio, um automóvel amassado, sem curiosos a observá-lo, por causa da chuva. Senta-se num banco, diante da estátua eqüestre. As palmeiras hirtas, delgadas, agitam seus leques, varam os tufos convulsivos de velhas árvores. A tábua úmida e gelada do banco sinapiza-lhe as costas, as espáduas e as

coxas. Ainda assim se sente bem, já não doem as pernas. Como caminhou! O tempo afinal melhorou. O vento diminui. Aurora nítida. Fica observando, entre as árvores, o céu plúmbeo roçando quase a torre da igreja. Olha as colunas dessa igreja. Lembra-se que aí se casou... Então, fugindo ao aspecto dessa lembrança paradoxal, atravessa a praça, entra no Café Lamas, onde a essa hora grupos discutem ainda sobre futebol. Senta-se. Ninguém a vem atender. Espera. Descola a roupa do corpo, com recato, disfarçando. Os seios congelados, desenham-se no vestido. Encobre-os como pode. Puxa a roupa, com os dedos crispados, nas axilas, nos joelhos; sem querer, põe as mãos no rosto. Como está gelado, santo Deus! Parece um rosto de afogado. Retira o chapéu de feltro, com esforço, compõe a cabeleira. Pobre chapéu, feito por ela mesma, restos ainda da sua habilidade de ecônoma e discípula da irmã Latour.

Ah! A irmã Latour! Se a visse agora, nesse estado, nessa hora brutal? Se a pobre e boa irmã Latour a visse nesse café, às 5 horas da manhã, fugida de casa e da chuva, como mendiga ou como louca!

Ah! Como era tépido e bom o leito estreito, embora igual a todos os outros, daquele internato católico, na hora silenciosa em que a Irmã Latour, fazendo um ruído amável com as contas do seu rosário, passava, velando o imenso dormitório, nas longas noites.

Que instantânea saudade do colégio! Sentiu vontade de chorar. Onde, de agora em diante, o amparo de alguém para acariciar-lhe esta pobre cabeça encharcada? Passou as mãos pelos cabelos. Estavam úmidos, colados, formando quase um casco. Chuva compacta, com ruídos de tambor.

Um garçom veio servir. Um velho tomava café sem tirar os olhos dela. Quem seria? Algum revisor de jornal?

A chuva parou deveras, como obedecendo a uma ordem. Pessoas saíram, atravessando a sarjeta aos pulos; os bondes,

meia hora depois, começaram a rodar sob aclamações alegres, com sujeitos que, nos bancos, dormiam encolhidos, vagamente trágicos e ridículos. No café desfizeram-se os grupos, pararam as conversas. Todos rumavam para casa. Na rua havia agora rumores metálicos, arrastados, correrias, vozes, barulhos de calhas transbordando. Chamou o garçom, pagou a despesa e pensou no problema que só agora lhe vinha ao espírito. Para onde ir?

Como gárgula, inclinada para esse ladrilho molhado por tantos pés, sentiu quase gratidão pela majestade tétrica com que a acompanhara a natureza nessa fuga de casa. Pareceu-lhe que essa tempestade viera de propósito, para envolvê-la, para facilitar esse desígnio desesperado.

Indubitavelmente essa borrasca exterior era irmã gêmea da sua borrasca íntima, duplicava-a; sentia que os mesmos repelões que contorciam os oitis pelas ruas eram os que a desfibravam. O vento insano que arrepelava o jardim também lhe flagelava o corpo. Igual enchente lhe estava estagnada na alma, a um milímetro apenas dessa represa, que ia transbordar, ceder, igual em tudo à catástrofe ambiente. O vento, que parecia querer aspirar e sorver esses galhos vetustos (que na sua meninice já eram anciãos) fazendo-os subir, quase retos, verticais, esse vendaval também reboava dentro do seu ser. E, dentro dele, também subiam vaias, aclamações, risadas, prantos, trevas, luzes súbitas, lufadas de desespero.

Quando, nessa descida pela rua das Laranjeiras, via um clarão instantâneo surgir e logo acabar, e reparava no recuo da treva em torno dele, um recuo tão nítido que o limite da treva e da luz ficava perpendicular, alto e retilíneo como as beiradas agudas dum precipício, também sentia uma treva e um relâmpago dentro do coração apavorado.

Um precipício, sim. Um profundo precipício, em cujo fundo, ela via o cadáver do Segundo Clichê, pequenino, horizontal, nu,

como afogado e como mártir escondido numa catacumba. Um cadáver luzidio da chuva, queimado à esquerda, no peito, por um raio que era como um punhal de fogo. Um capacete de gelo dava à pequenina cabeça rapada o aspecto duma cabeça esculpida em metal.

Mas, decididamente, o tempo estiava. Que fazer? Interrogava o chão, muito abstrata. Era bem ao fundo dum despenhadeiro que, de fato, ela se tinha jogado. Apertou os dedos e ficou a refletir. A umidade da roupa avivava a lembrança dessa aventura inesperada. Quando se tinha deitado, nessa noite, podia supor que o dia nascente a iria encontrar fora de casa, em tais circunstâncias? Pois não parecia um romance com todas as características de exagero de imaginação? Pensou na tia Marta. Não foi nenhuma descoberta sensacional. Um recurso simples, singelo. A tia Marta! Ainda assim, custou a decidir-se. Iria magoar tanto essa criatura! Iria dar-lhe infinito desgosto. Iria fazê-la sofrer dias a fio, calada, fora de si a andar pela casa como sonâmbula, pobre tia Marta! Não havia outro recurso. Não tinha nenhum parente no Rio. As primas, lá de São Paulo, já nem escreviam mais.

Era cedo ainda e tia Marta se assustaria. Levantou-se. Esperou na beira da calçada. As águas baixavam, sorvidas. Passou um táxi. Tomou-o. O chofer contratou o preço. Não podia levá-la pelo preço habitual que marcasse o relógio. Estivera encalhado na rua do Lavradio toda a santa noite. Tivesse paciência! Anuiu. Entrou para dentro desse carro, cujo assento estava embebido d'água. Sentou-se de viés e, enquanto esperava chegar, ia observando os variados aspectos da enchente; o trajeto era curtíssimo. Ruas desertas, cheias de lama, que uns homens carregados de tristeza e de farrapos, como detentos, varriam e lavavam. Lojas ainda fechadas. Bondes já lotados, rumo ao centro da cidade. Operários, empregados do comércio. Carros da Prefeitura, nas esquinas, esguichando água, lavando o asfalto. Quitandeiros

de andar apressado, gingando os ombros, sacudindo como balanças os cestos vazios, passavam atrasados na direção do mercado. Carrocinhas de leite. Lamaçais. Boeiros abertos. Toldos arrombados.

Foi a própria tia Marta que veio abrir, alguns minutos depois que Lúcia bateu. Sentiu os passos dela, o rumor na escada, a volta difícil da chave; e todos esses ruídos a enchiam de opressão. Coitada da tia Marta. Apareceu. Tinha um avental amarrado nas ilhargas e um espanador na mão. Era madrugadora, porque às 8 horas começavam as suas lições. Pareceu desconfiada, quando abriu. Mas quando reconheceu Lúcia, jogou longe o espanador, recuou, abriu muito os olhos e toda a sua figura se encheu de pasmo imenso. Vendo-a toda molhada, com a roupa colada ao corpo, compreendeu instantaneamente que uma grande desgraça tinha acontecido; e logo um sofrimento sincero, uma grande curiosidade de saber tudo lhe avivavam aqueles olhos onde habitava uma permanente bondade.

– Que foi que te aconteceu? Tu, com este tempo, a estas horas? Que foi, Lúcia? Oh! Meus Deus!...

Inquiria-a com os olhos; Lúcia não dizia nada, contendo um pranto que teimava em vir.

Então tia Marta, disfarçando já a dor de cabeça, com um arzinho espantado, a beijocou muitas vezes, apertando-lhe o rosto nas mãos, acariciando-a toda, dando uma risadinha nervosa para reprimir a surpresa e a curiosidade.

– Mas que foi que aconteceu? Ele não se emendou?

– Fique tranqüila. Apenas resolvi vir morar aqui. Aceita?

A tia Marta estava visivelmente emocionada. Para disfarçar, convidou-a a mudar de roupa e exigiu logo que ela fosse para o quarto:

– Vamos trocar essa roupa. Isso te há de fazer mal, por força. As minhas vestes são de velha beata, mas servem. Vamos subir.

No quarto, diante do armário, ela própria escolheu as peças de roupa branca e uma combinação desbotada, com uma rendinha sofrível; depois estendeu sobre a cama, para escolha, três vestidos sisudos, de um tecido que lembrava a estamenha das ordens terceiras.

Lúcia, seminua, tiritando de frio, enxugando-se, enquanto preparava e escolhia as peças todas contava tudo à tia Marta, que a ouvia com interesse minuciosamente ávido. Depois, vestindo-se, penteando-se, já senhora de si, expunha os seus planos. Nunca mais voltaria à casa. Nunca mais queria ver aquela criatura. Abominava-a.

Sentaram-se ambas na beira da cama. Lúcia continuava falando, e a tia Marta escondia já a horrível nevralgia sobre os olhos, fazia esforço para retirar de Lúcia esse sofrimento e recolhê-lo ao seu coração, depositário de todo o sofrimento da família.

– Morreu nos meus braços... Uma criança que já ganhava a vida, vendendo jornais. Morreu nos meus braços. Que horror, meu Deus, que horror!

Calou-se, logo. É que a fisionomia da tia Marta parecia transfigurada por uma tristeza infinita, uma tristeza feita de misteriosa caridade, a consciência e o desânimo de quem só vê em redor amarguras e desgraças e não pode remediar coisa alguma, nada consegue para diminuir a angústia alheia, embora comparticipe dela com veemência, com santidade, com esse infinito ardor de quem pede a Deus que lhe dê toda a amargura destinada aos outros.

Pobre e inefável tia Marta!

A campainha da escada tocou longamente.

Lúcia teve um pressentimento. Escondeu a sua suposição.

Viu a tia Marta descer a escada, demorar minutos. Depois a viu voltar, sentar-se de novo na beira do leito e fitá-la com interesse agudo, cheia de perturbação asfixiante, como se tivesse algum pedido a fazer-lhe e receasse não ser atendida.

– Se é Mário, absolutamente não entro em entendimento com ele. Abomino-o.

A tia Marta quis interceder. De novo o seu rosto se encheu dessa particular e típica amargura de quem se sente fraca e pusilânime diante dos desígnios do destino próprio e forte e heróica diante do destino alheio.

Falou, devagar, coisas de um profundo nexo e de um grande senso comum. Mas Lúcia disse: – "Não!", com aspereza, com ar categórico. E, logo a seguir, juntou, como à guisa de esclarecimento: – "Enquanto essa criança agonizava abandonada por ele, ele... jo-ga-va... Não é por mim. É pela decência e pela nobreza da sua profissão espezinhada, aviltada... Abandonou uma criança. Quando cheguei já a encontrei em coma. E ele estava a jogar! É um homem que mete repulsa. Se tentar aproximar-se, grito, chamo a vizinhança, faço um formidável escândalo. Abomino-o."

A tia Marta levantou-se, desceu e começou a confabular, do lado de dentro da porta, com um homem.

Lúcia, então, fechou a porta do quarto, e encostou-se aos batentes com o corpo todo, como a reforçá-la com a fortaleza da sua vontade inexpugnável. Isso durou talvez vinte minutos.

Quando a tia Marta voltou, a encontrou ainda agarrada à porta, sem ânimo para abrir, chorando, lastimando-se, pedindo a morte como único alívio.

E a tia Marta ficou, longo tempo, sentada na beira da cama, sem dizer palavra, enquanto Lúcia, com os pensamentos muito longe, se recordava da sorte dessa menina Adélia, do colégio. Ah!... porque não tivera ela a sorte da menina Adélia, tão mansa, tão boa, tão trapalhona, fazendo rir quando ia começar a ler com a sua voz cantada e monótona a vida de Santa Inês, no estrado do refeitório, ou quando, durante as aulas, pedia licença, candidamente, "para ir lá fora" ?...

Que simplicidade, com a sua roupa grossa, mais comprida do que a das outras, com a sua fita de filha de Maria nos ombros, e com aquela penugenzinha no rosto que, conforme a luz, quase a fazia bonita! Durante esses cinco anos de colégio tinha sido sempre a primeira, mas já nesse tempo parecendo, não se sabia por que, predestinada a uma morte prematura de virgem e de santa. Como era solícita com todas, como parecia em êxtase, maravilhada, quando vinha, na missa de todos os dias, da mesa da sagrada comunhão, pela passagem, ao centro da capela, de mãos postas e rosto inclinado, sorrindo, como a ouvir vozes de querubins, com o véu muito puxado sobre o rosto, de olhos cerrados e ainda assim acertando direitinho o seu lugar, entre tantos bancos! Era magra, alta, e quando alguém a fitava, mesmo por um segundo e mesmo de longe, ela percebia e respondia com um sorriso triste e cândido, um sorriso tão comunicativo que até fazia entristecer.

Sim, seria muito melhor ter tido a sorte da menina Adélia, a que, depois, morreu do peito.

* * *

Na tarde desse dia, saiu da casa da tia Marta para acompanhar o enterro do Segundo Clichê.

O sol, um sol fraco de tarde indecisa, dava de esguelha nas casas da estalagem. A passagem era cimentada, mas nas depressões ainda havia poças.

Quando ela chegou, o carro fúnebre, de terceira classe, estava parado na estrada do cortiço. Entrou na saleta onde já havia pessoas de ar comovido. Vendo-a chegar, o Justiniano veio agradecer, com visível emoção, o incômodo que ela tivera em vir. Pareceu ficar lisonjeado com a sua presença, foi buscar uma cadeira e ficou em pé, ao lado, olhando o cadáver coberto de flores.

Virou-se para Lúcia e disse, devagar, soletrando quase: – Coitadinho, já ajudava os pais. Já ganhava a sua vida...

Lúcia sentiu que os olhos se enchiam de um pranto incontido. Não disfarçou. Chorou recatadamente, encostada a essa parede que a sujou de cal nos ombros.

O Justiniano, que queria provar a sua gratidão e o seu respeito, explicou que tinha ido cedo à casa dela, falar com o doutor, arranjar o atestado de óbito. Que o doutor estava muito triste, com ar tresnoitado, com os olhos vermelhos. E ajuntou:

– Eu sei bem, D. Lúcia, que ele é médico ótimo que não salvou o meu filho porque a moléstia era fatal. Bastava olhar para o Júlio para se ver logo que o coitadinho ia morrer.

Lúcia encarou-o como a estudar a sinceridade dessas palavras; e ainda ficou mais triste. Quis dizer que não, que o menino morrera por negligência; mas não teve coragem; seria grotesca, inadmissível essa confissão. De mais a mais; de que valia isso?

O Justiniano parou de falar, ficou com os olhos cravados nas flores; e depois disse:

– Ah! Se ele crescesse...

Nisto alguém recuou para um lado e um homem entrou, trazendo duas coroas pequenas, sendo uma em forma de coração. Lúcia leu: "Saudades da *A Noite*"; e na outra: "Homenagem do diretor do *O Globo*".

Era, pois, querido, esse Segundo Clichê. Ah... Se ele crescesse...

O Justiniano, recebendo e pendurando as grinaldas nas janelas, já agora como que meio consolado, veio ficar de novo em pé, rente à parede. Lúcia viu a mãe do morto, num quarto ao lado, entre amigas e comadres, lastimando-se, sem coragem para despedir-se do filho. De novo sentiu um êmbolo de lágrimas na garganta. Saiu, resolvida a esperar ali fora, na pequena e estreita rua da estalagem.

Sentia uma vontade angustiante de pedir perdão. Contraía os maxilares, retesava os músculos do pescoço, engolia os soluços.

Quando o caixão pequenino e estreito apareceu na porta, carregado por pessoas humildes e silenciosas que o levavam com cuidado, ela sentiu a vista baralhada. Seguiu atrás, entre outras pessoas, e quase se assustou quando o Justiniano, vindo até ela, lhe agradeceu "tudo que a Senhora e o Dr. Mário fizeram pelo meu querido filhinho..."

Entrou no táxi que ficara a sua disposição. Viu, enxugando as lágrimas, o Justiniano amarrar as correias do coche no caixão, e dar as duas grinaldas ao cocheiro que as dependurou nas colunas douradas. Reparou que o vento sacudia as cortinas e bambinelas do coche. Ouviu um rodar de carro leve e saltitante. O táxi também começou a rodar, vagaroso, atrás do pequeno cortejo. Alguns curiosos parados no portão, a olhavam com interesse e ela os evitou como se eles soubessem de tudo.

Rodar de féretro sobre paralelepípedos. Rodar seco e antipático. Um cocheiro semibêbedo, que fuma um toco de charuto Palhaço de 100 réis. Grinaldas pobres sacudindo, dançando aos solavancos da marcha. Curiosidades. Olhares. Reverências. Pessoas que se descobrem, lembrando-se transitoriamente da morte. Algumas reparam que o enterro é de criança; e, se são pais, se enchem dum instantâneo minuto de taciturnidade. Seis carros e um automóvel sempre juntos, um atrás do outro; nem as esquinas, nem os bondes os separam. Lá vão eles, estragando a beleza dessa tarde límpida e azul, entristecendo essas ruas, essa praça, rodando sobre os trilhos com um ruído especial, seco, antipático, com sujeitos que exageram a compunção quando se sentem olhados.

Antes de entrar na rua principal o cortejo fúnebre passa por um trecho de rua onde avulta a massa de uma grande fábrica. O extenso edificio, com o seu teto em dentes de serra, enche

todo o lado esquerdo da rua. Garotos jogam futebol. É um *scratch* provisório, desigual, formado com elementos de acaso. Um negrinho de camisa de meia encarnada, marmanjos de tamancos, um *back* descalço, um *goal-keeper* de chapéu de palha atirado para a nuca e outras figuras distribuídas em ambas as calçadas. Há lama na rua cujo calçamento está apenas começado de um lado.

– Chuta, Chico!

E o negrinho, que vem com a bola entre os pés, perseguido por três marmanjos esbaforidos, dribla todos, corre para a esquerda e para a direita, em ziguezagues rápidos, engana um, derruba outro e envia um tiro rasteiro, forte, justo, bem calculado, que passa entre as colunas do coche, a vinte centímetros do caixão.

O cocheiro, que para cúmulo de respeitabilidade, usa cartola, refreia as mulas que se espantaram. Puxa e estica as rédeas e xinga os moleques que lá vêm, de novo, pela sarjeta, com a bola, entre os artelhos, e que vão desferir outro chute, agora a quatro jardas do caixão.

– Gol!...

O cocheiro joga a ponta esfarelada do charuto e atira blasfêmias, alçando o chicote.

Rodar seco, saltitante e antipático de coche fúnebre. Curiosidades. Superstições. Seis carros e um táxi a perseguirem o estuporado coche, sempre juntos, um atrás do outro; nem as esquinas, nem os bondes os conseguem separar. Lá vão eles. Vão desembocar agora na grande rua onde há mão e contramão, onde fileiras de caminhões e táxis buzinam, trepidam, estacionam à espera do sinal.

Gente apressada escoa pelos interstícios dos veículos que seguem devagar, em ordem, em duas fileiras para cima e duas fileiras para baixo. *Ford. Hudson-Six. Merceder.* 8095. *D. F.* 1843...

O féretro entra lépido, quase saltitante, com duas rodas delgadas, perseguido sempre pelos seis carros e pelo táxi.

Grandes anúncios em andaime de arranha-céus em construção. *Pneu Michelin. Câmara e pneus Good-Year. Charutos Danemann. O Novo Ford.*

Como vai donairoso e alegre, com o seu chicote no ar e um charuto novo nos beiços esse cocheiro de cartola marrom, com sua catadura de carrasco, com os seus botões doirados, com o seu encardido colarinho de celulóide, sem gravata com um pé calçado e o outro metido num chinelo, sentado, assim, tão alto, vendo de cima essas tiras trepidantes de bondes levando tanta gente! Ele só leva um, o filho do Justiniano, o Segundo Clichê que, a essa hora, costumava correr pela cidade, gritando: "Olha *A Noite! O Globo...*"

Vai ligeiro, sem interromper o trânsito, esse carro de terceira classe, com suas coroas balançando como ao som dum samba. Há agora congestionamento numa esquina. Sinais vermelhos. Quer dizer que se deve parar. Mas o sinal se faz amarelo e depois verde, e uma *barata Bugatti*, a marca de automóvel *pur-sang*, desembaraça o trânsito e esvazia o caminho, muito veloz, com o ruído dos seus seis cilindros, cavernosamente.

VII

Aguardara o retorno de Lúcia ao lar. Ao cabo duma semana, volta à casa da tia Marta onde só estivera naquela manhã logo depois do temporal. Mas, nessa segunda vez, não fora a tia Marta quem lhe viera abrir a porta. E sim, Lúcia em pessoa. Entrara, atarantado e não pudera dizer nada, por causa da fisionomia dela. Fechando a porta, Lúcia subira a escada, trancando-se no andar de cima. E ele tinha ficado ali na saleta de visita, sentado, muito sem jeito; a única solução que encontrou foi acender um cigarro. Nisto, do lado de fora alguém tocou a campainha. Ouviu, então, o ruído da porta, lá de cima, passos no assoalho e rumor escada abaixo. Lúcia passando, foi abrir.

Viu-a saudar amavelmente uma menina que trazia uma pasta, dizer que a tia Marta estava a chegar da aula que dava em Botafogo. A garota, sorrindo, tirou o barrete, abriu a pasta, instalou-se diante do *Gaveau* e durante meia hora tocou exercícios. Lúcia tinha subido, de novo.

Acabado o terceiro cigarro, Mário foi jogá-lo fora, pela janela e mudou-se para a sala de jantar. Olhava os degraus da escada, mas lhe faltava coragem para subir. Ficou alisando o pano da mesa até que conheceu o passinho da tia Marta no cimento do jardim. Ela entrou, corrigiu a posição das mãos da sua gentil aluna que estava a tocar escalas cromáticas majestosas, e ia subir para deixar lá em cima as suas coisas quando deu com Mário na sala de jantar. Sobressaltou-se, sorriu-lhe, abraçou-o, perguntou se Lúcia já sabia que ele estava ali.

– Foi quem me abriu a porta. Nem bom dia me disse. Subiu, e quando aquela menina bateu, ela desceu de novo, recebeu-a, tornou a subir, como se eu não estivesse aqui.

A tia Marta passou a mão pelo rosto, fê-lo sentar-se de novo, parou no primeiro degrau, a refletir, subiu. Demorou um pouco.

Quando desceu, sozinha, lhe fez sinal que a acompanhasse. E foi lá na copa, quase sussurrando, que se desincumbiu da sua amarga missão:

– Está difícil. Ela não se esquece do Segundo Clichê. Já foi ao cemitério, levar flores, duas vezes. E acontece que na última vez encontrou o pai do garotinho, o sr. Justiniano. Veio de lá com os olhos pisados de chorar.

– O Júlio estava perdido. Que médico há que cure meningite?

– Eu sei. Mas não é bem isso. Você sabe bem o que é.

– Mas que foi que a senhora esteve falando com ela agora, lá em cima?

– Que você era marido dela, que só o fato de voltar e de ter ficado apesar do modo porque foi recebido, só essa humilhação já era sinal de muita coisa.

– Justamente. E ela que respondeu, tia Marta?

– Nem sei, direito.

– A senhora acha que eu deva subir? Falar? Explicar?

– Explicar o quê?

– Pedir perdão.

– Mas se ela sabe que você estes dias tem estado jogando, depois de tudo que houve!?

– Eu?

– Não minta. Você, sim. O senhorio veio aqui, porque o vendeiro calculou, não sei como, que ela devia estar em minha casa e lhe deu o endereço. Veio cobrar. E, entre os motivos e

queixas que deu, ao dizer que exigia os três aluguéis atrasados, foi que vira, pessoalmente, você subir uma tarde destas para uma conhecida casa de jogo da rua de São José, um sobrado em cima duma sapataria, ao lado dum leiloeiro. Que então subira e que lá em cima, perguntara ao homem dos chapéus se você estava. O homenzinho respondeu que tinha acabado de entrar, se queria que fosse chamar. Ele disse que não, mas indagou coisas, e soube que você havia três dias seguidos que ia lá de dia e de noite. Isso, Mário, trasanteontem! Mas, o pior não é isso que já é horrível por si só...

– Senhora?

– ... o pior, o imperdoável, o que explica a que ponto você desceu, e o que a pôs nesse estado de decepção total é que, encontrando o Justiniano no cemitério, ele, ao vê-la pondo flores na sepulturinha do Segundo Clichê lhe beijou a mão, a chorar. Depois, como homem de bem que é, disse que ela perdoasse ter levado uma semana quase para pagar a conta ao Dr. Mário!!! Que só pudera procurar você com atraso, para pagar, porque era pobre e andava atrapalhado. Mas que você fora muito camarada pois só cobrara e recebera cento e sessenta mil réis! Isso, ela acha monstruoso! E eu, também! Ao contar-me quando chegou, estava horrorizada. Escute, quer um conselho meu? Vá embora, por enquanto não é possível nem encontro nem, muito menos, acomodação alguma.

Ele ficou vermelho; viu a reflexão da tia Marta, veio para a sala de jantar, pegou o chapéu e saiu, sério, sem reparar que ela o acompanhava até ao portão, e sem ouvir o que ela vinha dizendo. A história das idas ao sobrado da espelunca da rua de São José, o fato de ter mesmo dito o preço e recebido o dinheiro do Justiniano, o desarmaram completamente. De fato eram gestos abomináveis, dos quais não seria possível dar explicação de espécie alguma. Retirou-se.

Foi para casa, sentou-se rente à mesa, com a cabeça nas mãos, os cotovelos na toalha, pensou, pensou. De repente, abriu o catálogo do telefone, ligou para o Quaresma, disse que viessem com urgência ver uns seiscentos livros de literatura e uns duzentos de medicina. Explicou que havia tratados, dicionários, enciclopédias. Fumando, da sala para a cozinha, do quarto para o banheiro e do corredor para a copa, esperou mais de duas horas, nervoso, fazendo planos urgentes. O empregado veio, ajudou a tirar a livralhada das estantes, separou em lotes, segundo valores, encadernações, os de medicina sobre o sofá, os dicionários, tratados e enciclopédias sobre cadeiras, os de literatura nacional e francesa sobre a mesa, contou, avaliou, abriu os quatro volumes do Testut, os dez tomos encadernados duma História da Arte, amarrou as brochuras, deu um conto de reis pelo conjunto, levou tudo para o táxi que o esperava. Mário aproveitou a condução para o centro.

Correu a pagar o aluguel atrasado do Cosme Velho, disse ao proprietário que lhe traria a chave no dia seguinte, que havia contrato mas que fizesse o que quisesse. Foi pagar a luz e o telefone, retirando os despósitos, inclusive do gás, seguiu para o consultório, chamou Jorge Tancredo, seu colega e amigo com quem alternava os dias de consulta, e num abrir e fechar de olhos lhe vendeu armários, ferros de pequena cirurgia, um esterilizador, um Pachon, um Raio-Ultravioleta, a mesa de exame, uma balança, os móveis da sala de espera, declarando que ia para o interior de São Paulo. O colega, boquiaberto, lhe passou dois contos de réis num bolo de dinheiro miúdo que dava a impressão de ser muitíssimo mais.

Jantou num restaurante ordinário da Rua da Assembléia, lendo jornais; desceu a Avenida, passou pelo Municipal. Lembrou-se de quando estudante ia com o Dreyfus e o Penido assistir ao Marcel Journet e à Ninon Vallin. De 1916 a 1921 não tinha perdido uma

única vez. Ia de casaca ou de *smoking*, na platéia. Nos intervalos fumava *Pour la Noblesse*. Deixava a barata *Opel* rente à calçada da Rua Treze de Maio. Subia a escadaria exterior e a interior, cujas colunas e corrimãos pareciam chocolate fingindo mármore. Conhecia de cor as decorações desmaiadas do Visconti.

Atravessou o Passeio Público e um lado da Lapa, seguiu pela Glória, subiu a Rua do Catete, deu uma espiada no interior do Café Lamas, transpôs o Largo do Machado, rumou para as Laranjeiras, fumando e pensando.

A sua salvação ia ser o tio Zózimo, ex-diplomata e agora fazendeiro na Alta Mogiana ganhando muito com a alta do café.

Em casa deitou-se, leu páginas do *Bel Ami*, fechou o livro, pôs-se a arquitetar um plano de salvação fundamental; tinha que ir embora, deixar o Rio, meter-se a clinicar no interior. Viu-se, sem querer, avaliando suas ações e respectivos efeitos: "Você, sabe, Lúcia, o filho do Justiniano está bem mal. Parece meningite. Chamaram-me tarde. Tenho ido vê-lo à noite porque o pai trabalha de dia e quer, faz questão de assistir ao exame, porque é dado a perguntar, a dar explicações, a repetir sintomas, tenho que escutar. Hoje, por exemplo, até combinei com o Professor Roxo, que ficou de ir lá, mas não disse bem a hora. Disse só que seria depois das nove, pois ele tinha visitas domiciliares a fazer em bairros diversos, que de dia tinha consultório, de modo que as visitas em casa ou as fazia de manhã ou de noite. Tenho que ficar à disposição do Professor Roxo". Ah! Devia pagar isso caro! Tais atos, houvesse, ou não, uma justiça emanente, não se cometiam sem conseqüências. Também era verdade que passara três tardes e uma noite a jogar *campista* na rua São José. E outrossim, era verdade, asquerosa e abjeta verdade, que, no segundo dia, perdera lá, em menos de vinte minutos, os cento e sessenta mil réis do Justiniano que lhe viera bater em casa, sôfrego explicando: "Só hoje recebi minha quinzena da *Leopoldina Railway*".

De outras coisas, tão lancinantes como essa, se recordava mais. Ainda agora, subindo aquela rua do Catete, com largas vitrinas de casa de móveis e sobradões imperiais transformados em casa de cômodos, quanto Segundo Clichês não encontrara! "Olha *A Noite*! *O Globo*!" E subindo as Aguas Férreas, aquelas vozes, melancólicas, gritando: "Sorvete, Yayá, é de abacaxi!..." Fora pensando nessas coisas e na salvação única representada pelo tio Zózimo, que sacara a roupa e os sapatos e se atirara na cama de casado com dois travesseiros de linho, querendo dormir, de bruços, quase nu, evitando pensar, mas os pensamentos vindo... vindo.

* * *

Tia Marta teve uma conversa habilidosa com Lúcia; acabou por convencê-la "a salvar do dilúvio o que ainda fosse possível".

– Que fim levaram os poucos mas excelentes móveis da Fazenda de São Romão? Onde foram parar as louças, a prataria de lei, os linhos, os cretones que a Baronesa não torrou ou que os credores não levaram? Compuseram apenas por alguns meses o teu lar de casada, porque Mário, com o vício do jogo, te depenou a casa! Mexe-te quanto antes, não dês tempo a esse espinoteado te esvaziar por completo a modesta instalação.

Aproveitando as horas de Mário na Assistência, Lúcia correu a uma loja de móveis usados na Rua do Catete, entendeu-se com o proprietário, dirigindo-se depois sem demora para casa.

Dentro em pouco mostrava ao comprador o que pretendia vender.

Ele, mais dois serventes percorreram a saleta, os dois quartos, a sala de jantar, a copa, a cozinha, abrindo armários, espiando prateleiras, gavetas.

Ao cabo de vinte minutos, a oferta:

– Dou-lhe oito contos. Tudo muito trivial.

– Arranje dez contos.

– Vale, mas é difícil. Essas coisas "mofam" na loja, não servem para leilão; nem adianta expô-las em casas particulares, pois não causam efeito. Além disso há o trabalho de desmontar os armários, as camas, a étagère.

– Está bem. Em quanto tempo esvazia os cômodos?

– Em três horas. – Pensou, percorreu tudo outra vez, entendeu-se com os serventes. – Em duas horas.

Ela assistiu pacientemente à desmontagem e à transferência para o caminhão que, aliás, não precisou fazer duas viagens. Enquanto isso, não sentia em absoluto pena de privar-se das suas coisas. Desde que, Mário empenhara e depois perdera o piano, ela se compenetrara de vez que o casal apenas havia herdado da São Romão e da Bemposta o duplo destino dos malogros.

O motorista do caminhão fez-lhe o favor de levar três malas repletas de roupas e bugigangas, e um caixote com trastes para a casa da Rua Silveira Martins.

Quando Mário entrou em casa a achou paradoxalmente maior. Isto é, vazia. Intato mesmo só o quarto para hóspedes. A cama estava feita, com lençóis, colcha e fronha limpos.

Amordaçou os pensamentos lendo ao acaso páginas do único livro que ficara sobre a poeira do peitoril da janela.

Dormiu a noite toda e parte do dia. Só se levantou na hora do plantão na Assistência. De lá foi pela última vez ao consultório, mandou o servente desaparafusar a placa de esmalte da porta, jogou-a na copa, nos fundos, por detrás da área, apanhou blocos de receituário, o termômetro e uma caixa de seringa, foi jantar na Brahma.

Tomou um bonde, saltou na esquina da Rua Silveira Martins, lado de cima, andou, viu a casa da tia Marta, passou, voltou, tornou a subir, desceu, ficou parado ao longe, olhando.

Havia luzes, mas as janelas estavam fechadas. Depois seguiu, tomou um bonde para a cidade, desceu na Galeria Cruzeiro, esteve a olhar a banca dos jornais, enveredou para a rua de São José, subiu para uma espelunca. Ia hirto, como quem vai lutar, tirar vingança dum inimigo mortal. Como tinha dinheiro dos livros e dos objetos que vendera ao Tancredo, resolveu experimentar chorrilhos com fichas de cinqüenta. Percebeu no baralho imediato que o duque e o seis estavam dando a favor. Principiou a acertar. Sentou-se para fazer a escrita. Cem, duzentos, quatrocentos, oitocentos, um e seiscentos, três e duzentos foi o que cresceu em cima do *duque* no lugar onde antes pusera uma inicial de cinqüenta. (Era sempre assim! Quando precisava sofregamente, não acertava nem a primeira vez. Agora que estava *aparentemente* folgado, pegara seis golpes.) Pegou as três fichas de conto e as duas de cem, trocou, saiu, fumando, empertigado.

Seguiu a pé pela Avenida, entrou na Rua do Passeio, subiu a um outro *clube*, rumou constrangido, com medo de caras conhecidas, para a mesa de *campista*. *Ficou* espiando, através de ombros. Deu uma olhadela à *escrita* que uns sujeitos faziam caprichosamente, como escreventes, marcando o *contra* e o *a favor*; viu um sujeito narigudo jogando fichões num *rei* que desde o começo do baralho não dera ainda contra. Trocou duas notas de quinhentos, jogou as fichas para o crupiê, dizendo:

– No rei.

Rei a favor, de cara. Sete contra. Dama a favor. Ás contra. *Doublé* de rei. Perdeu a metade. Cinco contra, rei a favor. Nove contra, duque a favor. Dama contra, terno a favor. Seis contra, rei a favor. Quatro contra, valete a favor. Cinco contra, rei a favor. Nove contra, sete a favor. Cinco contra, rei a favor. Duque contra, oito a favor. Seis contra, rei a favor. Com o coração aos pulos, fingia calma.

Contou o que tinha retirado, três vezes, contou a parada (mentalmente) que lá estava luzidia e alta. Pela quarta vez pediu

a parada, mas desta vez, toda. Meteu tudo no bolso, e a fumar, ficou espiando. Por que seria essa calma? Essa prudência? Foi para a caixa, trocou nove contos e saiu.

Tomou um bonde para casa. Mas, na Rua do Catete lhe veio a teimosa idéia de saltar outra vez em Silveira Martins e ir bater na casa da tia Marta, propor à mulher irem para Ribeirão Preto, onde tio Zózimo tinha cafezais. Saltou na esquina, seguiu rua acima, ouvindo o ruído da sola dos sapatos. Tinha doze contos. Parou à luz duma lâmpada elétrica, espiou o cartãozinho da lista de credores, uns riscados já, continuou andando, e num botequim viu as horas: dez e vinte. Como? Tão cedo. Ah! Sim, jantara, permanecera no máximo um quarto de hora na espelunca da Rua de São José e nem vinte minutos no clube da Rua do Passeio. Mas juraria que já era mais de meia-noite! Dez e vinte. Isso lhe deu ânimo, para bater. Mas quando ouviu a campainha retinir lá dentro na copa, sentiu um êmbolo na garganta, ficou oscilando, segurou-se no gradil. Ninguém. Luzes apagadas. Depois um reflexo na porta da varandinha lateral. Ruído na janela da frente. A voz da tia Marta a perguntar quem era, e logo a reconhecê-lo e a dizer: – "Espera, que vou abrir". Outro silêncio. Depois a porta da varandinha se abriu, a tia Marta surgiu de capotão, veio abrir o portãozinho. "Entra."

Na saleta, depôs o chapéu sobre o piano, disse, procurando sentar-se:

– Faça a caridade de conseguir que Lúcia desça. Vou embarcar amanhã para a fazenda de tio Zózimo, vou clinicar no interior. Ela tem que ir comigo, haja o que houver. (A excitação do jogo, o lucro, a emoção, faziam-no corajoso.)

A tia Marta sentou-se ao lado dele, disse:

– Se vieres a ter juízo, só te fará bem clinicar no interior. Mas tens que ir só.

– A senhora vai dar licença, mas eu vou subir. Preciso falar com minha mulher.

– Então sobe. – E a tia Marta acendeu a luz da escada e do corredor em cima, apertando um comutador. Mário subiu vagarosamente.

Lá no corredorzinho, a tia Marta abriu uma porta e acendeu uma luz, vendo então Mário uma cama de solteiro de ferro, com o colchão enrolado e o travesseiro sem fronha.

– Onde está Lúcia? Em que quarto?

Entrou, saiu, foi para o quarto ao lado que era da tia Marta. Depois ela própria foi acender a sala de banho onde entrou com ele. Ninguém!

– Tia Marta, diga onde está Lúcia! – E de repente lhe veio a certeza de que ela resolvera ir para o Cosme Velho e que estava lá a esperá-lo. Ficou lívido, desceu a escada às pressas, perguntou, parando no meio, esperando a tia Marta:

– Ela foi lá para casa? Resolveu voltar, tia Marta?

– Lúcia foi passar uma quinzena em Teresópolis, com a Sra. Nuno de Almada. Seguiu hoje de tarde no automóvel daquela família. Andam a insistir com ela para ser preceptora da menina Leonor, que tem oito anos. Devo dizer-te que Lúcia está tendendo a aceitar o convite e que eu própria tenho instado com ela nesse sentido. Acho que deve aceitar. Nestes dias, lá em Teresópolis, ela terá ensejo de verificar se realmente se adapta a uma vida nova.

Chorou, no ombro de tia Marta, ele que não chorava havia tanto tempo! Ela ponderava, agora:

– Assim é melhor. Não te assiste o direito de estragar a vida duma criatura tão boa. Ela tem que procurar paz em casa de estranhos, já que na tua só encontra dissabores. Pensa bem, verás que ela está com a razão. Mais tarde se verá. Vai para o interior refazer tua vida, cobra ânimo, toma coragem, torna-te um homem às direitas.

Ele pegou o chapéu, saiu. Na esquina, entrou no botequim, pediu licença, foi espiar no catálogo o nome Nuno de Almada,

e ficou zonzo, pois havia oito telefones; mas o que procurava era o endereço das residências. Tomou nota, saiu, pegou um táxi na Rua do Catete, mandou tocar para São Clemente, perto do Corpo de Bombeiros. Que viagem! Como o coração lhe batia! Que ruas!...

Saltou, foi rondar aqueles gradis que três ordens de sebes reforçavam. Viu portões monumentais. O pavilhão do porteiro. A rampa de acesso dos automóveis. Um jardim com estátuas e lagos. Um parque magnífico. Globos acesos, por entre gramados e tufos. Ficou olhando. Até parecia fita de cinema.

Depois esperou passar um táxi, entrou, mandou tocar para a Avenidada Atlântica. E outra vez o coração a lhe bater num compasso de tanta fúria! A praia e longe um farol a rodar a sua luz azul e vermelha, ondas a fazerem na areia chuá... chuá...

Saltou diante da casa normanda posta no alto, num tabuleiro, rodeada de amendoeiras. Parecia coisa inventada, um palácio anamita, com seus telhados curvos. Sentou-se num banco, ficou a olhar.

Quantas horas não ficou ali?

Sentia o mar, via a casa, automóveis, transeuntes.

Contou os bilhetes de quinhentos mil réis, ergueu-se, chamou um táxi que passava, foi para casa. Atirou a roupa para o ar, para o chão, jogou-se na cama. No táxi, tinha organizado o seu último dia de Rio de Janeiro: fechar a casa; entregar a chave ao senhorio, na cidade; separar quinhentos mil réis para a viagem; pagar dívidas, tenazmente procurando os credores até achá-los; ir para Ribeirão Preto; confessar ao tio Zózimo; fazer um estágio no purgatório até que Lúcia descesse para tirá-lo de lá.

* * *

Foi em pleno cafezal, que o tio percorria num Ford, que, dois dias depois de chegado, contou a complicação em que estava metido. Sabia que o tio, anos antes, lhe andara a arranjar uma noiva, moça rica de Araraquara. Que não aceitara ser padrinho do seu casamento com Lúcia porque até hoje tinha a mania que o pai dela fora dos que haviam ajudado a complicar a vida da Baronesa, na Bemposta. (Quanto a isso, pura imaginação.)

– Estou para contar ao senhor a razão da minha vinda até aqui. Lúcia abandonou-me. Fugiu de casa (O tio voltou-se como movido por uma carga elétrica)... numa noite de temporal. Fui buscá-la, com chuva e tudo, proibiu a tia Marta, em cuja casa se acolhera, de abrir-me a porta.

Mas, depois do susto, o tio rapidamente refletiu qualquer coisa, e redargüiu:

– Alguma tu lhe fizeste!

– O senhor tem razão. Ela teve razão.

– Não teve não senhor! Em hipótese alguma. Só se cometeste alguma ação hedionda! Sei que és capaz de muita leviandade, mas nunca duma ação hedionda. Ou és?!

Ele calou-se como a confessar que era, sim.

– Conta lá essa história. Mas conta direito, hein!

Começou por circunlóquios. Que a mãe não o preparara direito para a vida. Que, dum luxo paradoxal, se vira duma hora para outra sem nada. Que crescera ouvindo dizer que ia herdar a maior mina de cobre do mundo. Que tanto o consultório como o emprego e a clínica de bairro, davam pouco. Que, não sabia como, se metera, havia quase três anos, a jogar. Que Lúcia nunca percebera porque as complicações ele as resolvia na cidade, com agiotas, casas bancárias, um ou outro amigo. Mas que, coisa dum mês e tanto atrás, o que se vinha acumulando, estourara. Que, premido por oficiais de justiça, na iminência duma penhora, e incomodado miseravelmente por agiotas, perpetrara uma ação

indigna, servindo-se duma circunstância inesperada, a presença, no Rio, dum amigo que, doente num hotel, lhe pedira o favor de ir receber num banco uma importância.

– Já sei, já sei. Naturalmente recebeste e pagaste dívidas, para te livrares da penhora. – Parou de falar, encarou o sobrinho, descobriu tudo. – Ou foste jogar e perdeste?

Não respondeu, mas ficou tão lívido que o tio bufou.

– Quanto foi?

– Dezesseis contos.

– O quê, seu coisa? Dezesseis contos? Todos? Mas és maluco, ou o quê? Mau, mau! E o tio pôs-se esbugalhadamente a olhá-lo. Parou o carro, saltou, ficou entre moitas de pés de café, a arrancar-lhe minúcias.

– Contei o meu apuro à Lúcia. Ela foi muito minha amiga; saiu, providenciou, arranjou o dinheiro num dia.

– Não entendo. Os dezesseis contos todos?!

– Com uma antiga companheira do Sion.

– Quem?

– A mulher do Nuno de Almada.

Ao ouvir esse nome o tio ficou perplexo. Fechou o cenho, começou a andar, parou, pôs-se a esgravatar a terra com o bico da bota.

– Mas se ela arranjou o dinheiro, por que te largou? Uma cousa anulou a outra. Salvou o material, complicou o moral!

– Foi um mês depois que ela me abandonou.

– Ahn! Quer dizer que continuaste a jogar. É claro. Conta direito, escusa de rodeios. Quero saber tudo, às direitas.

– Coisa dum mês ela andou vigiando a ver se eu cumpria o meu juramento de não jogar nunca mais.

– Pois sim, imagino!

– Mas um agiota mandou três letras minhas a protesto.

– E alvarmente descobriste que o remédio era voltar a envergonhar mais o nome, jogando. Não foi isso? Escuta uma coisa: para que vieste aqui, se nunca te lembraste sequer de escrever-me? Dinheiro? Basta o que perdi com tua mãe, oitenta contos que lhe emprestei, para aquela besteira de Supremo Tribunal, advogados, pareceres, etc. Volta ao Rio, recolhe a mulher, vai clinicar no inferno, em Mato Grosso, no Acre, no diabo que te carregue! Dinheiro, nem um vintém. Nem um vintém. Um VINTÉM, sequer!

E o tio Zózimo voltou ao carro, pisou no motor de arranco, escancarou a porta, de supetão, para que ele entrasse, ficou bufando, e no trajeto de volta para casa da fazenda não deu palavra. Mas, saltando no terreiro de café, acuou o sobrinho numa parede, perguntou, como num tribunal em público:

– E depois? Por que afinal te abandonou Lúcia?

– Eu tinha parado radicalmente de jogar.

– Imagino.

– Mas aquelas três letras no protesto, a iminência do meu nome sair nas listas de títulos...

– Tinhas vergonha, não é? Jogar, fazer a mulher andar em via-sacra para arranjar dezesseis contos, não tinha importância; mas o nome nos jornais clandestinos de comércio, que o público não lê, isso te amofinava, não é?

– Andei vendo se arranjava o dinheiro.

– Dinheiro, desde o começo do mundo, se arranja com o suor do rosto, rapaz. Estás ouvindo bem!?

– Com uns quatrocentos mil réis, ganhos na clínica, resolvi arranjar meios de poder pagar os três contos das letras.

O tio, furioso, deu uma risada satânica. Abriu os braços, abateu-os sobre as coxas, com estampido.

– Eu estava tratando uma criança com meningite.

– Com meningite estavas tu. Adiante.

— Inventei precisar sair à noite, dando como desculpa esse doentinho. Levei umas quatro noites ganhando, perdendo, equilibrando, consegui que o agiota tirasse as letras do cartório, mediante amortização e juros; e, com afinco, cautela, ia quase me safando. Mas, na noite em que inventei que decerto demoraria, pois tinha que esperar um clínico (muito ocupado) para uma conferência (a falar verdade, deixei de ver a criança, pois já a desenganara...), fui jogar! Não se deve jogar com nenhuma preocupação! Perdi!

— Ah! É? Também tem disso? Complicado, hein?

— E o senhor não imagina o que o diabo armou. O pai da criança, logo nessa noite, telefonou para casa, chamando-me, disse a minha mulher que havia dias e noites que eu não ia visitar o doente, que ele estava agonizando. Quando, aí pela uma hora da madrugada, ou uma e meia...

— Ou três!...

— ... entrei em casa, encontrei luz acesa e minha mulher, toda molhada da chuva, ainda de chapéu, esperando por mim na saleta de entrada. Contou que assistira à morte do garotinho, disse-me coisas, ela que é tão delicada, fugiu de casa, justamente quando um temporal caiu a ponto de encher o bairro. Fiquei tão envergonhado que nem a segui, logo. Quando, ao amanhecer, fui à casa de tia Marta, que o meu instinto adivinhou ser onde ela estaria, foi tudo em vão. Durante dez dias a esperei. Voltei. Estava implacável. Saí como um louco, e então cresceu em mim uma sede de vingança, de arrojo, uma decisão até de clarividência. Eu sabia que no jogo há momentos em que uma loucura súbita se pode transformar num triunfo agudo. Com algum dinheiro resolvi ir buscar meus prejuízos. Ganhei, numa espelunca, três contos e duzentos. Num clube; nove contos. Voltei à casa de tia Marta, para propor à Lúcia vir morar comigo no interior, numa cidade qualquer. E o senhor sabe o que aconteceu? Tia Marta fez-

me entrar, subir, procurar na casa toda. Uma onda de alegria e de emoção me inundou a alma. Ela havia voltado para o Cosme Velho! Tinha raciocinado, decerto... Mas, não senhor! Enquanto eu estava lutando com ódio e segurança, na espelunca, ela fora de automóvel para Teresópolis com a família Nuno de Almada. E já pensava em ser preceptora. Naturalmente queria remir a morte duma criança vendedora de jornais, cujo tratamento eu abandonara, educando uma criança filha de milionários. Então, tio Zózimo, desfiz a casa, paguei onze contos e quinhentos de dívidas entre agiotas, casas bancárias e amigos, e vim para cá!

Parou de falar, angustiado; viu na fisionomia do tio uma onda de piedade disfarçada em furor.

– Eu vim para o senhor me escolher uma cidade, me aconselhar uma região boa para eu clinicar. Assim, nem que seja daqui a alguns anos, Lúcia verá que me emendei e voltará para mim.

– A única sorte de vocês é não terem filhos. Não escolho e não aconselho lugar nenhum. Seja homem, meta-se por aí, vá tratar da vida direito. Descanse uns dias, para refletir.

Deixou-o no terreiro, embarafustando casa adentro, pela varanda.

Mário foi para o quarto, ficou sentado diante da janela a olhar um bosque de eucaliptos, lá longe. Pensava como quê! Não foi almoçar nem jantar, inventando para a criada que se sentia adoentado. Deitou-se cedo, sem ação interior, como um prisioneiro saturado de tudo quanto é direito e avesso de reflexões. Ouvia o ruído dos besouros batendo na vidraça. Acendeu a luz, abriu *Bel Ami* ao acaso, leu mais de cem páginas. Mariposas faziam circuitos em redor da lâmpada. Apagou-a, dormiu uns instantes, acordou, viu uma enorme lua, com cara caricatural, a rir dele silenciosamente. O seu pensamento era uma brasa que ora se cobria de cinza ora ficava rubra como se a assoprassem. Lembrou-se dum trecho que lera parece que em

Mauriac que "*mesmo os seres decaídos possuíam uma fonte secreta de pureza*". Teria, dentro de si, esse núcleo? Alijou, como inútil, qualquer consideração retrospectiva. Decidiu recomeçar vida nova. Era moço, tinha vinte e três anos, dispunha duma profissão que mais não era senão uma coincidência e uma justaposição no caminho do Bem. Pautaria todos os seus atos, meticulosamente, por um padrão de análise consciente; vigiar-se-ia como um feitor, não daria um passo errado.

De manhã, viu pela janela tabuleiros de cafezais que na sua pseudoinércia eram uma vitoriosa marcha para o Oeste. Iria também para lá. Logicamente que Lúcia viria a saber. Se o deixara, não teria sido, embora inconscientemente, para lhe dar uma oportunidade de permanecer solitário diante duma solução pessoal? O perdão não pode ser contemporâneo com o erro e a decepção. Tem que haver uma ordenada temporal por onde ele subirá como um gráfico de febre.

Soube que o tio fora para Ribeirão Preto, cedinho. O administrador contou-lhe que o patrão escrevera uma carta a um senhor do Rio, incluindo um cheque; mas, ao invés de assinar a carta, fizera uma letra com garranchos, letra que perfazia o nome dele, Dr. Mário Montemor. Que tinha ido pessoalmente pôr a carta no correio, levando o envelope em branco, para ver o endereço certo, num catálogo de telefones do Rio, lá em Ribeirão Preto. E que escrevera outras três cartas e pedira papel de telegrama. Não ditara, não; escrevera, com cara apreensiva. Que dissera, ao sair: "Isso, de rapazes, é burrada atrás de burrada". Mas que o Dr. Zózimo era uma grande alma, um grande coração! Quanto a ser intempestivo, além de feitio era um pouco *fita*.

Durante vários dias, Mário andou pelas casas dos colonos a examinar criancinhas com toxicose, diarréias e gânglios; socorreu um italiano que quebrou a perna ao cair do cavalo; fez melhorar um velho que vomitava "até a alma", mandou à operação, na

cidade, um caso de osteomielite, um garoto da idade do Segundo Clichê.

Assistiu a um parto, o primeiro na sua vida, sem saber como conter o pirralho que jorrou com a força duma rolha de garrafa de champanha! Esteve a auscultar e percutir costas de colonos. Deitados na mesa, eles mostravam uns pés enormes, cujos dedões e cuja sola pareciam ter pisado em fuligem. Mulheres, com três e quatro saias brancas, deixavam-no palpar o fígado estragado por maleitas. Nortistas contavam suas doenças, com sotaques deliciosos. Lancetou postemas e abscessos que deixavam um fedor insuportável no ar. Quando voltou lhe disseram que o tio tinha ido a Jaboticabal. Indagou no escritório da administração nomes de cidades em progresso aí para dentro, na Mogiana, na Paulista, na Sorocabana. O guarda-livros aconselhou muito Catanduva. Mas preferiria um distrito, um lugarejo ainda rodeado de mata, de bichos, de índios, uma entrada de sertão para transformar o seu lancinante remorso em escrupuloso retiro.

Na manhã seguinte descobriu uma mulher grávida, um canceroso provavelmente do estômago, um cardíaco, um reumático, um caso de coqueluche, dezenas de avitaminados, um maleitoso com calafrios. Aconselhou uma operação num lábio lipurino, foi almoçar, teve apetite. Depois se meteu no *Ford* escangalhado, foi ver doentes esparsos, chamado por negrinhos espertos que iam mostrando o caminho. (A fazenda tinha um médico contratado, ótimo, mas que só vinha para casos evidentemente agudos.) De tarde, parou o *Ford de bigode* na orla do mato de eucaliptos, ficou uma hora estirado na sombra, a meditar. Voltou para a casa da fazenda todo empolado de mosquitos, mas com a alma bem melhor. No dia imediato, sentou diante do tio que, ao almoço, ao jantar, e de noite na varanda, casmurrão, não falou.

Lá para tantas, o tio chamou o administrador e lhe disse (Mário ouviu muito bem) que ia a São Paulo na próxima semana. Que

fosse vendo qualquer encomenda que precisasse para a fazenda. Que ia para ver as duas filhas no Colégio des Oiseaux e por causa do jazigo da mulher, que já devia estar pronto; que, como este era muito pesado, de mármore e bronze, teria que fretar um vagão.

O administrador ficou por ali, pela varanda, com o guarda-livros. De súbito, o tio perguntou se ele, Mário, já escolhera a cidade onde clinicar. À resposta "Catanduva", não deu opinião, continuando a fumar o charuto. Nisto entrou um carro, com o capataz. Vinha de Ribeirão Preto e trazia um telegrama. O tio foi abrir lá dentro e não voltou mais.

Alguns dias depois chegaram três cartas do Rio, entre a correspondência de São Paulo e de cidades como Franca e Araraquara. O tio abria aquilo no terreiro, ao sol, o chapelão derrubado para a frente. Entrava, sumia. Mário continuava a fazer visitas de médico pelos três grupos de colônias afastadas, ficava de tarde no bosque de eucaliptos remoendo a vida. Certa manhã, aí pelas onze, soube, na administração, que o tio embarcara para São Paulo.

Então Mário foi para o quarto, meteu na maleta o que dias antes dispusera no armário e na gaveta, veio perguntar ao guarda-livros o itinerário para Catanduva.

Tinha duzentos e oitenta mil réis, isso devia dar. Soube do trajeto, com baldeação de trens e viagens em jardineira. Mas o administrador o levou para uma sala ao lado, onde estavam o cofre e a mesa com livros de escrita comercial. E disse que a seu ver era besteira (desculpasse a expressão) ele ir já para Catanduva. Esperasse o tio. Aquele telegrama e aquelas cartas do Rio alguma coisa tinham produzido. Que ao seguir para tomar o trem, dissera: "Isso de rapazes, se a gente não lhes der a mão, então é que resvalam por aí abaixo." Que fosse ficando. Quem sabe até se ele não estaria com idéia de torná-lo médico da fazenda? Que o Dr. Fontes ganhava dois contos!

Mário ficou indeciso. Isso do tio ter seguido sem lhe dizer nada o humilhava. Do alto duma elevação viu uma paisagem extensa, com tons verdes, pardos e violáceos, mostrando em halo, os cafezais seguindo a sua marcha, alinhados como exércitos. Ali se trabalhava honestamente. Voltou muito devagar dando razão à Lúcia em lhe ter proporcionado esse retiro para os exames, determinações e realidades.

Quando o tio voltasse, com o jazigo de mármore e bronze da tia Judite, perguntaria decerto: "Então, que resolveu?" E, à resposta dele, diria: "Ah! Catanduva? Não é mau. Que pretende fazer lá? Tratar dos outros, ou tratar também e principalmente de si próprio?" Abaixaria os olhos, diria que já enucleara o passado, o erro, que ia mostrar como seria digno do perdão e da companhia de Lúcia. Então, talvez o tio dissesse: "Ora bem. Andei estudando o seu caso. Eu, mais as minhas duas filhas, somos os únicos parentes seus no mundo! Quando você estudava, certa vez lhe prometi uma ajuda substancial. Você nada fez para merecê-la e ainda por cima o dinheiro destinado a isso sua mãe, aquela maluca, levou... De maneiras que lhe pago a viagem para Catanduva e lhe forneço um dinheirinho para os dois primeiros meses. Ou quer ficar aqui, ser médico da fazenda, abrir consultório em Ribeirão Preto? Não! Sei lá se você terá juízo? Isso de cidadezinhas do interior, mesmo as grandes, com clubes, malandrões, pôquer, metem pessoas como você na rotina e no vício. Catanduva é que serve. Diga lá, quando quer ir?"

Sentado com o administrador na varanda, esperavam o jantar. E conversa vai, conversa vem, o bom do homem, tisnado de sol e de energia, contou que o tio se servira de papel de receituário do sobrinho (que achara na gaveta do quarto) para obter endereço do companheiro de consultório. Que parecia estar colhendo informações. Mário ficou apavorado. Resolveu partir, perguntou horários de trens, jantou mal, pensativo, deitou-se cedo. Bateram

à porta. Era um telegrama. Um telegrama de tio Zózimo, chamando-o a São Paulo, ao Hotel Esplanada.

Segunda-feira: jantar em casa dos Arantes, em Cerqueira César. Terça-feira: recepção dos Isnard, nas Perdizes. Quinta-feira: o tio a dizer:

– Tenho um encontro na rua Líbero Bajró, vamos sair. – Mas o encontro era um alfaiate que mediu os ombros, a cintura e as pernas de Mário, mostrando depois casemiras diversas, cada qual melhor, para dois anos. O tio à saída declarou que havia uma pressa "relâmpago". Dali foram a uma casa de roupas brancas; o tio forneceu-o de camisas, cuecas, meias, lenços e gravatas. Depois foram a um banco cujo expediente ainda não estava aberto ao público. Um dos diretores acendeu o charuto do ex-ministro Zózimo, disse que já "estava tudo pronto", que não haveria interrupção, que calcularia direitinho as remessas. Mário não foi apresentado, ficou em pé, meio acanhado. A seguir, passando por uma agência de vapores, o tio disse, tirando uma baforada:

– Ah! Ia me esquecendo. Tenho que apanhar aqui uma encomenda de Ribeirão Preto. – Apanhou a encomenda, encostado ao balcão, diante dum empregado solícito; era um envelope com um cartão dentro. O tio espiou, leu, guardou, cumprimentou, saiu. Enquanto isso Mário, muito nervoso, deduzia que o tio se tinha, através de telegrama e carta, posto em comunicação com Lúcia e que as respostas de cartas pedindo informações não deviam ter sido pejorativas. Teria convencido Lúcia a vir para o interior de São Paulo?

Voltaram ao Esplanada. Antes do almoço o tio desceu com ele para o bar. E então, tendo diante de si, através da janela de vidro uma parede do Municipal, o tio foi explicando, com ar sobranceiro:

– Eu, sobre o seu caso, tomei providências radicais. Telegrafei a sua mulher. A resposta chegou lá na fazenda mesmo. Desinteressa-

se totalmente de você, pede que a deixe tranqüila, que não aceita solução alguma. Ora, bem. Escrevi ao teu colega, o Dr. Jorge...

– Jorge Tancredo?

– Dá referências de sua atuação no consultório, na Assistência, na Policlínica. Diz que se for possível enuclear o vício do jogo, você não só se salva como virá mesmo a ter futuro; que a sua capacidade de trabalho, mesmo com encrencas, é espantosa. Como colega de consultório, ou falaria mal, ou elogiaria; de duas, uma. Então recebi a resposta do Moreira de Carvalho. Esse, além de experiência de vida, empenhou-se a fundo em verificar bem as coisas antes de me responder. Nesse ínterim escrevi à Lúcia, dando já o endereço do Hotel Esplanada para a resposta. *Mutatis mutandis* a carta é uma transposição em dó maior do telegrama. Que fez esforços para estudar o meu apelo; mas, estando certa de que em sua companhia só conhecerá alternativas de decepção e de pasmo, resolve fazer de conta que ou ela ou você morreu. Que eu não tenha cuidados quanto aos problemas materiais ou espirituais dela, pois já acomodou a vida para uma paz sempiterna. Agora vamos ao meu tabelião redigir apenas uma frase, sem data mas com firma reconhecida. Depois então, seu Mário, você vai tratar dos papéis na polícia e no consulado de França. Aqui está uma passagem para bordo do *Köln*, de Santos a Lisboa, sem escalas. (Mário sentiu uma golfada no coração, encarando o tio cuja fisionomia se abrandava durante aquela aula teórica sobre as surpresas que a vida tem.) Eu não estou provando, com isto que o vício, o erro, a insensatez, sejam coisas que devam ser premiadas e que possam ser cometidas sem conseqüências e efeitos duríssimos. Só o castigo de você saber que sua mulher o repele, chega e bem, não é mesmo? Apenas lhe quero dar, com a voz do sangue, a noção dum amparo útil. Quanto é que você ainda deve no Rio? Suba depois do almoço, faça uma lista, não esqueça coisíssima nenhuma. Conforme

for, pagarei. E devo acrescentar que já remeti em seu nome o dinheiro do Nuno de Almada. Veja essa lista, não omita nada, trate dos papéis. E em Paris, estude deveras, com afinco, com juízo. Fique dois anos. Creio que seja tempo suficiente para um diploma e um certificado de especialista em nariz, garganta e ouvidos. Receberá todos os meses, no Banco Francês e Italiano, dois mil francos. Não é muito, mas também não é pouco. Está pois cumprida a minha antiga promessa duma ajuda substancial. Não como prêmio, e sim porque aqui você não tem sequer onde esconder a cara. Está ouvindo? Mas se acha que estou botando sal em carne podre, diga; ainda é tempo.

Mário agora via aquela parede do Municipal toda desfigurada, *flou*, mexendo... Eram as lágrimas atrapalhando a visão e o agradecimento.

Foi visitar as primas no colégio; ver o jazigo da tia, num ateliê. Tratou dos papéis, numa lufa-lufa tremenda, porque o *Köln*, navio misto, com poucos camarotes, e isso mesmo de classe única, saía daí a nove dias.

À noite, levou o tio ao trem de aço, na Luz, abraçou-o, hirto de gratidão.

Depois saiu, contendo o pranto, danou-se a andar por São Paulo inteiro, horas e horas, como um autômato. Lembrava-se dos agiotas, dizia alto, ao longo das calçadas vazias: "Vão pra puta que os pariu!" Depois ficava a ouvir os próprios passos, ao longo de avenidas arborizadas, lembrava-se de Lúcia, dizia, como numa oração: "Hás de ver, filhota!" E andava, andava. Até que reparou que era de madrugada; perto da Praça da Sé, numa rua velha, diante dum prédio onde uma rotativa funcionava, garotos do tamanho do Segundo Clichê esperavam jornais que italianos bigodudos, contando, lhes iam entregando.

Parou, ficou a olhar um deles, o menorzinho, e disse:

– Segundo Clichê, eu te ressuscitarei!

O documento passado em cartório foi remetido a Nuno de Almada dentro duma folha dobrada e onde estava escrito:

Prezado sr. Nuno de Almada:

Tenho em mãos o seu recibo dos dezesseis contos. Não tem nada que agradecer. Eu sim, por múltiplos motivos. Em resposta lhe estou remetendo um documento no qual meu sobrinho, como cabeça do casal, permite à esposa viajar para o Exterior. Parece-me ser isso indispensável para a obtenção do passaporte e do visto de saída. Vai sem data e provavelmente nunca será usado. Se, contudo, Lúcia decidir algum dia, em futuro próximo ou longínquo, voltar para junto do marido, não terá dificuldades. Rogo-lhe, porém, não lhe dizer nada, somente vindo a entregar-lho caso ela manifeste de maneira peremptória semelhante propósito. Tomo a liberdade de dizer-lhe que sempre fui contrário a esse casamento por conhecer demais meu sobrinho. Pensei até em arranjar-lhe outra noiva, visto Lúcia merecer um destino melhor. Desculpe-me estas confidências.

Com o maior apreço,
Zózimo Dutra

Aliás, ao despedir-se do sobrinho na Estação da Luz, o ministro Zózimo o conjurara a nunca atanazar a esposa com insistências de reconciliação.

VIII

No entanto...

Ah! No entanto, quanta coisa não se passava com Lúcia! Por exemplo:

Certa noite, bem depois do regresso de Teresópolis, um automóvel parou diante da casa da tia Marta.

E uma carta, aberta por Lúcia, a quem era endereçada, dizia, entre outras coisas, o seguinte:

"Nem calculas tu, quanto a Leonor está atrasada para a idade. Aos oito anos eu já sabia ler, escrever e fazer as quatro operações. E sabes, estive a pensar uma coisa: tu, como eu, tens diploma de professora; decerto dispões de tempo, principalmente com as alterações atuais da tua vida, de que me falaste quarta-feira e anteontem nos nossos longos telefonemas. E se viesses aqui para São Clemente ser preceptora de minha filha? Imagino quanto deva ser monótono ensinar-se matéria primária. Logo, não te estou propondo propriamente nenhuma vantagem e sim, talvez, mais um sacrifício. Meu coração, porém, ficaria radiante, se aceitasses esta minha idéia. (Tanta vez, nas freiras, emendaste para mim, escondido, operações de aritmética! Por que não o farás agora para Leonor, hein?) Pensa bastante. Terça-feira passo aí, para acabar de persuadir-te. E virás comigo ver os cômodos que te reservei tanto em São Clemente, como na Gávea e na Avenida Atlântica. Escusado esclarecer-te, previamente, que te trataremos como pessoa da família. E que será apenas um estágio até se aclarar este trecho da tua vida."

"Ontem, ao chegar à casa, Nuno me entregou um envelope datilografado. Continha uma ordem de pagamento de teu marido, mandada de Ribeirão Preto. Já não nos deves, pois, mais, a quantia que tive o ensejo de arranjar-te. Claro que o convite para vires morar conosco e assumir os encargos de preceptora de Leonor decorre dos termos peremptórios de tuas conversas íntimas comigo, em Teresópolis. Sei que, no caso de não mudares de idéia relativamente ao que me disseste, posso contar contigo. Se, todavia, inspiração melhor te vier – ires para Ribeirão Preto ser preceptora duma criatura algo mais velha embora menos dócil do que Leonor – fica o meu convite sem efeito. Terça-feira me dirás tua resolução."

A esta carta tinha precedido, em São Clemente, um diálogo entre o casal Almada:

– Sabes, vou insistir, escrever um bilhete à Lúcia, a dizer-lhe que resolvi mesmo arranjar uma preceptora de classe para Leonor. E que tal preceptora só pode ser ela, caso o lugar, que não é emprego, e sim convívio de amigas, venha a interessá-la e dê certo com determinadas circunstâncias da vida dela. Como vais sair depois do jantar, pede ao Marcos que entregue um bilhete na rua e número que porei no envelope.

– Mas essa tua amiga não estará de viagem para...

– Ribeirão Preto? Absolutamente. Tive uma conversa com ela. Entramos em certos pontos íntimos, e conquanto não seja criatura para divorciar-se, coisa em que nem pensa, decerto quer e precisa viver a sua vida sozinha. Estava com a idéia de viver em casa da tia, e dar aulas, coisa que já começou a fazer.

– Então a tua idéia calha bem.

– De mais a mais, estar aqui, não a impedirá, caso queira ou resolva, de ir para Ribeirão Preto viver com o marido. De qualquer jeito, ou provisoriamente ou definitivamente, dá certo.

– Então vai escrever, preciso sair já.

E a conversa deslocou-se para a vivacidade e a ignorância de Leonor. Nuno chegou a ter tiradas e opiniões sobre pedagogia; ante as risadas da esposa, se deu conta de ter dito ridicularias.

Cerca duma hora depois, Ana Maria era chamada ao telefone. Atendeu. Uma voz enternecida, dum timbre enternecedor, a voz de Lúcia, entreteve, durante meia hora, a estrutura duma conversa lógica, sensata, cheia de muitas ponderações.

E na terça-feira, Ana Maria, sozinha, descia à entrada do jardinzinho da tia Marta. Uma criada perguntou, lá de longe, dos fundos, quem era. Um cão apareceu num trotezinho amistoso que produzia no cimento estalidos secos.

– A senhora faça o favor de entrar. Sai, Leão! Puxa fora, seu diabo! Pode entrar, não morde, não senhora. Nem ratos nem baratas este diabo pega mais!

Isso, para Ana Maria, em vez de a escandalizar, tinha características cariocas dum instantâneo singelíssimo.

Foi conduzida a uma saleta, sentando-se num sofá de palhinha onde o cão a precedeu dum salto.

– O Leão faz disto aqui o que quer. Uma vez a carrocinha de apanhar cachorros levou ele. O que a dona Marta chorou. Foi buscá-lo, pagou a multa, veio com ele num táxi, ela que só anda de bonde. Lavou-o com creolina, passou-lhe uma descompostura. E ele a ouvir e a olhar, muito sério. Não foi mesmo, Leão? Sai daí, diabo!...

Um gramofone, num vizinho pobre, ridicularizava aquela hora vulgar. A Livramento contou que tanto dona Marta como Dona Lúcia estavam a chegar das aulas.

Ana Maria correu o olhar pela saleta: havia dois pianos, estantes com álbuns de músicas, um quadro a óleo representando um oficial do exército; pela farda e pela fisionomia, teve a impressão de gente do tempo da proclamação da República; algum major positivista. Era o pai, já morto, de dona Marta.

Pela porta do corredor via apenas o telefone, na parede. Pela que dava para a sala de jantar via uma compoteira azul ao centro da mesa, e uma fruteira sobre um aparador, com laranjas e bananas. Na parede, uma *Ceia*, de Leonardo, em cópia de litografia. Mas o assoalho, encerado, demonstrava pertinaz capricho e asseio. Na toalha havia o luxo rudimentar dum monograma bordado.

E eis que Lúcia entrou, batendo com o portão, os passos apressados de quem se vai desculpar por ter chegado com atraso.

A conversa das duas foi um diálogo demorado, mais nítido do que os de Teresópolis, tendo Lúcia ido buscar a carta de tio Zózimo intimando-a a ir juntar-se ao marido; o casal que arranjasse uma cidade pela Alta Mogiana, ou pela Noroeste, para endireitar a vida e Mário "criar vergonha".

Lúcia disse em que termos escrevera, recusando ir. E acabou por aceitar o convite de Ana Maria, só havendo, porém, um fato que ainda a fazia atarantadamente vacilar: a tia Marta.

Quando Ana Maria subiu para o carro, Lúcia, rente ao estribo e à portinhola aberta, acabou dando a sua resposta positiva. Ah! O abraço que lhe quis dar Ana Maria!...

Mas, quando tia Marta chegou, desconfiada, com ar de "enxaqueca sobre os olhos", Lúcia se arrependeu.

– A moça veio?

Lúcia fez que sim, com a cabeça; e com a mão fez que já tinha ido embora. Com os olhos só, a tia Marta perguntou o que tinha resolvido. Com a cabeça toda, três vezes a abaixando, Lúcia disse que sim, que tinha dito que sim. Então, a pobre professora de música perguntou lancinantemente, se não se tinha dado bem ali, aquelas semanas todas.

Lúcia abraçou-a, por, em toda a sua desgraça, poder estar ali com a tia Marta do coração. Mas que tinha jurado, no cemitério, diante das flores murchas da sepultura do Segundo Clichê, educar uma criança da idade dele. E que Deus a ouvira, pois fizera esse

juramento uma tarde, quando o Justiniano chorando, contara que se tinha atrasado no pagamento ao Dr. Mário.

– Tia Marta, a Leonor tem oito anos, quase a mesma idade do Segundo Clichê. Agora, pense bem e me responda: "Não foi Nosso Senhor quem resolveu isso?"

A tia Marta fez logo que sim, que fora Nosso Senhor, pois então! E começou a refletir, olhando para o chão encerado, ponderando coisas, enumerando até as conveniências e as vantagens. Que aquela gente era riquíssima; que havia chegado uma ocasião propícia para ela, Lúcia, não se desorientar. Que isso de dar aulas, de agüentar um emprego qualquer, lhe envenenaria a vida, a envelheceria. E que, de mais a mais, não merecia uma vida assim. Deus, evidentemente, armara essas coincidências. Pessoalmente sentiria muito; contudo, afinal, continuariam juntas; Lúcia viria visitá-la. E decerto, até de automóvel. Falariam uma com a outra, como antes tinham feito sempre pelo telefone. Se a experiência dos primeiros tempos demonstrasse não convir, voltaria, tinha a casa às ordens. Mesmo porque, era dela, da Lúcia, aquela casa; já fizera testamento, a respeito. E acabou rindo e chorando.

Jantaram caladas, mas numa comunicação que só Deus sabia.

Lá para as dez horas da noite, ouviu Lúcia rumores de gavetas, rangido de portas de armário, o passo vagaroso da tia preparando-se para deitar. Pôs-se, então, a passear pela saleta, deste piano para a janela e da janela para aquele piano. Passando rente à parede, apertou o interruptor, ouvindo-lhe o ruído metálico, e tateou a mesinha para orientar-se nas idas e vindas dentro da escuridão. A tosse da negra Livramento, lá no seu quarto, junto à copa, enchia a casa como a reboar pelas arcadas duma enfermaria plácida. Indistinta, longínqua, como vinda dalgum morro, a voz da criançada duma estalagem, cantava:

O anel que tu me deste,
Era vidro e se quebrou.

Apoiou a testa na veneziana e ficou ouvindo esse canto de praça pública noturna de tudo quanto é cidadezinha do Brasil. A tia Marta apagara, economicamente, a luz do seu quarto, ficando, decerto, a rezar o terço no escuro.

Sem saber por que, Lúcia calculava que devia ser duma garota magricela, vestida de encarnado, a voz mais aguda. Duma menina loura e sardenta, com fita nos cabelos, a vozinha estridente que dizia as sílabas um pouco depois das outras. E decerto da mais velha, essa voz que forrava as outras, dirigindo-as.

Fechou os olhos, com a testa na madeira rugosa da veneziana. A tira duma das tábuas apertava-lhe as pálpebras; e então reparou que a pressão lhe formava nos olhos um tecido translúcido, no fundo do qual, como em dois globos (ou num só) mil cores, em palhetas, borbulhavam e tremeluziam numa velocidade incrível, formando discos dum fundo violeta, roxo, azul, solferino, negro, branco e verde.

Apertou mais os olhos de encontro à travessa da janela. E a redonda, de ametista, tomou movimentos pluricelulares, ficou cheia de anêmonas tremeluzentes, de neurônios em fucsina, donde emergiam raízes faiscantes, numa palpitação que, apesar de microscópica, tinha uma profundidade infinita. Essa estrutura da treva alojada deixou-a tonta e então os escancarou. Fechou-os de novo, apertando-os com os polegares: o misterioso mundo de regiões multicores reapareceu; como no âmago duma rodela, uma certa mancha se alargava, rodopiando em rotações loucas de halos concêntricos. Depois, tudo mudou: o campo ficou opaco e lá no fundo veio outra mancha que a cegou, e cujo interior era feito de espinhos de coral, mas bulindo até tomar configurações de continentes, de arquipélagos, de penínsulas e de crateras vistas de cima para baixo, enviesadamente. A perspectiva tornou a mudar; surgiu, então, como através dum delírio, uma grande região sideral, que ofuscava e emitia labaredas divergentes em forma de setas dirigidas para o zênite e o nadir.

Foi sentar-se na banqueta dum dos pianos. Um rumor esquisito, repetido sincronicamente, estava atrapalhando os seus pensamentos. Eram os pingos d'água de torneira da copa. – Plinc-plac-plac!...

Foi até à copa apertar a torneira. Mas os pingos continuaram, irônicos, numa intenção maldosa. – Plinc-plac-plac!...

A criançada da estalagem, tendo calado, a estava aconselhando a ir deitar, tendo deixado na rua, junto ao morro, uma grande onda mole de nostalgia. Onda que, como pedaço de névoa, devia estar rodeando lampiões bruxuleantes. Lembrou-se da Nhá Bárbara ninando-a no casarão velho de Queluz:

Tutu-Marambá,
Ocê não venha mais cá...

Através do corredorzinho escuro como um túnel inacabado, a tosse da negra Livramento se debatia como coruja esvoaçando. Uma tosse desesperada, de quem se acomoda melhor para poder dormir.

Ali no seu quarto (que era onde de dia, nos intervalos das aulas, a tia Marta costurava), Lúcia despiu-se, enfiou uma longa camisola que lhe daria alguma semelhança com a criança mais alta da roda da estalagem. Deitou-se, rezou um pouco distraída, fechou os olhos. E aqueles discos cor de ametista desandaram a formar países lendários, litorais, geleiras faiscantes, até que o sono pareceu uma queda sem nunca mais acabar dentro duma cratera extinta em cujo fundo um alto-falante goelava como um coro estridente de crianças inocentes:

O anel que tu me deste,
Era vidro e se quebrou...

* * *

Na manhã seguinte, um chamado de telefone de Ana Maria a acordou. Era só para instar com ela a respeito do combinado. E para dizer que Leonor estava radiante; que já mandara arrumar os quartos em São Clemente, na Gávea, na Avenida Atlântica: que ainda esse ano iriam para Petrópolis, depois para Poços de Caldas, de lá para o Guarujá. E no ano seguinte talvez ao estrangeiro.

Depois do café, arrumou numa grande mala as suas coisas. Meteu entre a roupa uns livros e uns objetos de uso diário, bem como recordações, inclusive aquele cofre de jacarandá, pequenino como uma jóia, lúgubre como um esquife.

A tia Marta, absorta, ajoelhada, ajudando a arrumar, recomendava-lhe uma porção de coisas e preenchia os vãos.

Quando chamaram a Livramento para subir em cima da mala que teimava em não querer fechar bem, a negra o fez, chorando já de saudades, a enrolar a beirada do avental.

Mandaram-na, então, chamar um táxi. Quando já ia a correr, seguida por Leão, a tia Marta a chamou do portão. Não era preciso. A moça telefonara, viria buscar Dona Lúcia, de noite, às nove horas, de automóvel.

Escrupulosamente, durante o dia, ambas foram dar as suas aulas. Tia Marta, como sempre. Lúcia, para despedir-se.

Ao jantar, estiveram as duas muito caladas, cheias de emoção, comunicando-se apenas com sorrisos.

Nem é bom falar na despedida de ambas.

* * *

Às dez e meia da noite, Ana Maria, seguida por Mlle. Perrier, deixou Lúcia em seus novos cômodos, aos fundos da ala do nascente, no primeiro andar da residência em São Clemente. E foi um custo persuadir Leonor a ir deitar-se pois não tirava os olhos dessa mulher tão bonita que ia ser sua mestra.

Quando se viu sozinha, Lúcia esvaziou a mala sobre o tapete e abriu gavetas e armários que recendiam a perfumes de madeiras do Pará. A cama tinha bons linhos. Debaixo dum quadro a óleo – dum autor inglês, representando um promontório embicando para um oceano lúgubre – havia um divã onde deveria ser bom ler e descansar. Jasmineiros enebriavam as proximidades das janelas, donde, no primeiro relance, Lúcia descortinou árvores copadas sobre gramados em declive.

Tonta pelo olor dos jasmineiros, deitou-se, tendo a sensação de, metida num *Pullman*, estar viajando para local ignorado.

Na manhã seguinte, na sala de almoço, Leonor fez desfilar diante dela, que sorria embevecida, a criadagem vária. Além de Mlle. Perrier, governante, e de Martinho, mordomo, uma chusma de rostos e de nomes que não poderia decorar duma só vez: Baltasar, Júlio e Marcos, choferes dos diversos carros da família. Mafalda, arrumadeira do andar térreo. Águeda, do andar superior. Sofia e Alexandre, copeiros e enceradores. Eusébia, ex-ama de Leonor. Lamelas e Moreira, jardineiros. Estácio, guarda-portão.

Mlle. Perrier tinha a seu cargo a administração doméstica, dependendo, porém, de Martinho. Havia ainda o Marcolino que atendia o telefone, saía a compras, distribuía as visitas pelo vestíbulo e salões, guardava chapéus, dava recados, descia à adega, entretinha os equívocos e as intrigas entre o grupo de Mlle. Perrier e o de Martinho; e, por gozar de certa preferência deste, exorbitando às vezes.

Quando Ana Maria desceu, meia hora depois duma conversa de expediente, Lúcia ficou sabendo que Leonor estava acostumada a levantar-se às sete da manhã, que Mme. Quinn, a massagista, chegava às oito, Mlle Agnés, professora de dança, às dez, e nos dias de aula de piano, Fräulein Symons às 11. Depois do que, ficava então à disposição para as aulas. E entregou à Lúcia uma pilha de catálogos de material escolar, inclusive listas de livros didáticos,

para escolha. (E Lúcia que, em pequena, tinha aprendido nos livros do Barão de Macaúbas!...) Examinaram ambas, procurando, com um lápis, os livros essenciais. Lúcia marcou também entre outros, o *Coração*, de Amicis. *(Primeiro dia de escola, hoje. Vão longe, como um sonho, aqueles três meses de férias no campo...)*

À hora do almoço, viu que Mlle. Perrier e o Martinho comiam juntos, muito tesos, numa sala anexa à copa e que se serviam de vinho, maçãs e compota; chamaram-na para almoçar, notando então em que espécie de louça e de cristal eram servidas Ana Maria, Leonor e ela própria, tendo ensejo de reparar na austeridade protocolar dos copeiros.

Ana Maria disse-lhe que se aprontasse para ir ver se os cômodos que lhe tinha reservado na Avenida Atlântica e na Gávea eram de seu gosto. E, de fato, às duas horas, o *Daimler* entrava por um portão faustoso, em Copacabana, mostrando paredes e telhados duma verdadeira mansão normanda. Atravessando galerias e salões, acompanhou Ana Maria e Leonor a um apartamento forrado de *lambris*, com vigas severas no teto. Respondeu, vexada, "que sim, que estava tudo esplêndido". Mostravam-lhe três peças íntimas: quarto de dormir, banheiro e sala de estar. E que móveis!

Descendo, apresentou-lhe Leonor outro bando de fâmulos de dentro e de fora, uniformizados, com catadura de funcionários de hotéis Carlton e Ritz.

Dali a levaram à Rua Marquês de São Vicente. O trecho último até parecia a Rua Conde Bonfim antes do Alto da Boa Vista, com os seus muros e gradis servindo de rodapé a montanhas cobertas de mata espessa. Um portão, que árvores frondosas transformavam em entrada de gruta, desvendou uma chácara que parecia um paraíso. A mata descia até à casa que estava pregada na floresta como um enfeite nuclear numa tapeçaria. Era uma velha casa avarandada, bem brasileira. E a criadagem que foi aparecendo também estava a vontade, pachorrentamente, inclusive nos nomes que Leonor ia dizendo: Cosme. Matias. Conceição. Aparecida.

Na chácara – como chamavam aquilo – só lhe haviam reservado um quarto; mas tinha janelas e portas para a varanda e para umas velhas jaqueiras. E que jaqueiras! Pareciam nutrizes para tribos. Entre os móveis, um oratório colonial, cheio de santos.

De volta, ao escurecer, para São Clemente, trazendo braçadas de avencas e orquídeas lá desse parque onde as cotias, as garças e os pavões enchiam gramados como a representarem peças de Maeterlink, mal tiveram tempo de prepararem-se para o jantar, pois Ana Maria explicou, atarefada, que "hoje é dia de nós, mulheres, jogarmos *bridge*, e os homens terem conferência na biblioteca."

Estava já sentada no lugar que lhe indicara Ana Maria, quando o chofer Marcos entrou com duas pastas, indicação evidente de que Nuno de Almada ia entrar.

Realmente chegou, falando com o Moreira, subiu, desceu logo e, ao cumprimentar Lúcia, foi dizendo, ao passo que se sentava:

– O essencial, desde logo, será a senhora conseguir tirar a pronúncia de Pindamonhangaba de minha filha Leonor. A Eusébia viciou-se a dizer "poilta" em vez de "porta" e "Jundiail" em vez de "Jundiaí". E isso é um horror. – A filha, ao ouvir, tapou a cara, rindo.

Nuno de Almada devia estar beirando os quarenta anos. Era bonitão, grave; sabia escolher suas casimiras, tinha desembaraço jovial, mas o rosto mostrava marcas da responsabilidade múltipla. Durante o jantar fez perguntas sobre os pratos à Sofia e ao Alexandre; repetiu os aspargos, tinha um tique engraçado ao espetar as azeitonas e partir o pão de centeio.

Quando o Ciríaco, criado que viera com ele da cidade, trouxe vinhos e queijo, desarrolhando aqueles e partindo esse, fez que oferecesse, primeiro, "a Dona Lúcia". Depois perguntou à filha como ia de ginástica e, pondo as mãos ora sobre os ombros, ora

nas ilhargas, arremedava-a, rindo, dizendo: "Um, dois. Um, dois. Feijão com arroz."

– O senhor pode arremedar que eu não me impóilto!

Todos riram dos erros e da pronúncia dela. Saiu então do seu lugar, tapando a cara; em vez de esconder o rosto no colo da mãe, que a afastou, escondeu-o no de Lúcia.

– E as aulas de dança? Quem tem vindo, ultimamente, Mlle. Agnés, ou Fräulein Aziza? Mlle. Agnés? Ah! E, agora, de quem é que vais gostar mais, de Mlle. Agnés, ou de "Dona Lúcia"?

Muito encarnada, comendo e não tirando mais os olhos de Lúcia, dava a entender que já estava resolvido esse problema de preferência.

Ao café, o lustre deslumbrantemente aceso foi apagado, ficando só uma lâmpada que o transformou em abajur; e o Ciríaco (decerto o *valet de pied* de Nuno de Almada) trouxe três caixas de charuto donde ele escolheu um, dando o "anel" para a filha que veio muito lampeira mostrá-lo à Lúcia.

– Vamos ver os acarás no aquário do morro?

Ana Maria subiu para os seus cômodos.

Na aba da montanha quase, por entre a mataria que parava rente à muralha, havia caramanchões, bancos de mármore, globos acesos. Os acarás, sentindo-se visitados vieram perfilar-se diante do vidro. Dali foi acender o ginásio para Dona Lúcia ver onde a "menina" fazia ginástica e aprendia a dançar. Duas salas, forradas por losangos azuis e brancos. Na terceira peça, descendo-se três degraus, a piscina de 4 por 9.

Lá para as nove horas, o guarda-portão acendeu a rampa que da rua dava acesso à entrada lateral. E começaram a saltar de carros mulheres em trajes de baile e homens com pastas.

Vendo aquela gente entrar sem cerimônia, como íntimos, Leonor lhes ia dizendo os nomes. Nisso, e em outras coisas, então, Lúcia ia começando a ajuizar da vivacidade dela.

Instaladas as duas num banco, não muito à vista porque os tufos de plantas as tapavam, viram, pouco depois, Mlle. Perrier chegar, com o seu tricô, e sorrir, para tomar parte na conversa.

Ao grupo juntou-se, pouco depois, a costureira que, conforme disse, levara todo o dia a embainhar toalhas e lençóis.

Estabeleceu-se ali no caramanchão, à medida que observavam as pessoas, uma conversa através da qual Lúcia ficou sabendo que todos os sábados havia jogo de *bridge*, para o qual vinham senhoras que formavam duas mesas com Ana Maria. Habitualmente eram elas Mistress Cheeson, Yayá Castro Morta, Mlle. Pereira Nabuco, a velha Accioly, as irmãs Prado e Zezé Queiroz.

Essa noite do *bridge*, havia conferência. Que esses senhores que entravam sós ou acompanhados, eram o Babo, do Sindicato de Jutificios; o Devisate, do Conselho Consultivo do Instituto de Organização Racional do Trabalho; o Sales, presidente das Indústrias Elétricas & Similares; o Dr. Américo, das Docas Reunidas; o Dr. Sérvulo, da Fiação e Tecelagem Santanna; o Vilares, da Companhia Paulista de Estradas de Ferro; o Amaral, dum Entreposto de Carne em Barretos; o Dr. Guimarães, da Cia. Frigorífica de Santos; o Borba, das Casas Operárias Econômicas. Sem contar o Thompson e o Alaric, secretários do sr. Nuno de Almada.

Essas informações, ilustradas pela passagem das pessoas que iam sendo nomeadas ou por Mlle. Perrier ou por dona Constança, a costureira, ao invés de esclarecem davam maior confusão à mente de Lúcia.

Depois Mlle. Perrier informou que sempre que havia reuniões assim, era indício de viagem do patrão que duas vezes ao ano se ia encontrar com o Delhorme em Paris e com Cheeson em Nova Iorque, seus sócios. O assunto desta vez, porém, não era viagem, não! E sim uma consulta, ou melhor, uma declaração do sr. Nuno aos acionistas principais das empresas que superintendia de que

ia “derramar” dinheiro (todo o disponível) em compras de terra na Alta Paulista para formação de distritos algodoeiros, e na Alta Mogiana para pecuária.

Que ela, Mlle. Perrier, já fora à Europa e à América seis vezes, em três anos; que os patrões levavam sempre também o Ciríaco e ora o Thompson, ora o Alaric, sem contar o Marcos que sabia de cor as ruas centrais de quase todas as capitais do mundo. Que da última vez fora também o sr. Maia, amigo inseparável do patrão. Que o senhor Nuno sabia se rodear de gente muito boa e muito séria, como o casal Cheeson. Thompson, seu braço direito, e Alaric, o melhor atuarista do mundo. Quanto ao sr. Maia, porém, não passava dum velho devasso e dum parasita.

Leonor brincava com a filhinha da cozinheira e um cão Dobermann, o *Stenka-Razin* premiado em tudo quanto era exposição.

Eusébia veio buscar Leonor para a cama. Leonor quis que Lúcia subisse para ver os seus brinquedos. Arrastou também, fazendo-a erguerse, Mlle. Perrier. Na copa já a esperava uma xícara de leite. E no vestíbulo, Eusébia teve que caçá-la, pois queria ir espiar o salão de *bridge* e a biblioteca, a título de dar boa noite aos pais. Subiu no colo da antiga ama e, como Alexandre e Sofia passassem, cada qual com a sua atribuição (baralhos e garrafas de uísque e gim), aquele todo de branco, a criada de avental e luvas, recomendou Leonor que lhe guardassem os “anéis” dos charutos usados.

Subiam já Lúcia e Mlle. Perrier, acompanhando Leonor, quando entrou do jardim para o vestíbulo, um homem vestido de palha-de-seda que estendeu o chapéu ao Marcolino. Ao ver, porém, Lúcia, inclinou-se.

Desvencilhando-se, Leonor desceu a abraçá-lo. O Maia reteve-a até as mulheres sumirem na volta da escadaria.

– Quem é essa moça que ia subindo com você? Já a vi não sei onde. Até conversei com ela.

– A minha nova professora!

E Leonor subiu, de novo, esfregando-se pelo corrimão.

Nisto atravessou o vestíbulo o Martinho para atender ao telefone que tocava, cruzando com Alexandre que vinha com uma bandeja repleta de cálices de *Manhattan*. Tirando um cálice da bandeja do criado e um *Partagas* da caixa que o mordomo levava, o Maia perguntou como que a ambos:

– Suíça, ou belga, essa professora nova da Leonorzinha?

– Brasileiríssima, senhor Maia. Antiga companheira de colégio de dona Ana Maria – explicou o mordomo.

– Lindíssima, não é mesmo?

Martinho sorriu. Não por causa da pergunta nem da resposta, e sim porque era com esse sorriso protocolar que "aturava" certos amigos do patrão.

Com o charuto ainda intato numa das mãos e com o cálice já vazio na outra, Maia inteiramente sozinho no vestíbulo mas ainda voltado para a escadaria, sussurrou um verso de Rodrigues Lobo:

– "*Vai fermosa, e não segura*".

Ao cabo do primeiro semestre na quarta visita à tia Marta, dela ouviu esta asserção quase paradoxal:

– Filha, estive muito atenta a ouvir tuas impressões. E a meu ver nem estava certa a pobreza em que vivias nem está a riqueza de que comparticipas.

Nesse primeiro período, conseguira Lúcia metodizar, dentro de horários saudáveis, as pequeninas obrigações, as tarefas e as horas de estudo da sua discípula que tinha a vivacidade paterna e a constância materna.

Assim, Leonor já compreendia os textos, sem ser preciso decorá-los; demonstrava índole através da caligrafia; desembaraçava-se dos meandros de pequenas operações aritméticas; discernia nos mapas os continentes, os oceanos, os países; guardava bem

a nomenclatura das capitanias e dos donatários; não confundia nomes nem datas históricas essenciais, e ficava muito absorta com os contos mensais do *Coração*.

O pequeno escrevente florentino. "Ele andava na quarta elementar..."

A sua vida, apesar do aspecto artificial que a desfigurava um pouco, tinha início em São Clemente, às oito horas da manhã quando ia, com a Eusébia e Lúcia, para a piscina pompeiana no primeiro *plateau* da aba da montanha, aos fundos do parque, entre as estátuas das Quatro Estações.

Na banca de massagem (onde o pai perdia o peso excessivo, segundo recomendações estritas do Prof. Agenor) ela ganhou três quilos, o que, ao ser verificado, foi o tema da conversa durante uma semana na copa, na cozinha, nos salões, entre a criadagem, a família e visitas íntimas. Esse fato pueril, dependente decerto da operosidade técnica de Mme. Quinn, foi levado a crédito de Lúcia.

Às dez horas, depois do café e do passeio pelo morro, a procurar borboletas e espiar ninhos, aula de dança, descalça, no gramado, perto da pérgola. Também aí, mediante certos reparos de Lúcia (com os quais concordou Mlle. Agnés e embirrou Mlle. Aziza), Leonor melhorou o seu inato virtuosismo de libélula. Às onze horas ainda era indispensável a presença de Lúcia, junto ao piano, para as escalas cromáticas, os trechinhos de *Don Juan* de Mozart, e certas peças fáceis.

As aulas propriamente ditas começavam de tarde, salvo nos dias em que não havia lição de piano, tendo então início após a pausa dos bailados.

Entre o almoço e as aulas interessava-se pelas bonecas no seu quarto de brinquedo; formavam uma coleção em imagem das imagens mesmas da vida, pois tanto havia bonecas de pano, esfarrapadas e simplórias, costuradas pela Eusébia, como as de ar burguês, de massa, e as de linhas e roupagens esplêndidas,

de porcelana, sendo que os nomes ou definiam esses estados ou eram de nomenclatura lírica. Por exemplo. Estabanada, Marocas, Condessa, Julieta, Carmem... Já desdenhava as que diziam ventriloquamente "mamã" e que fechavam os olhos pestanudos pelas que imitavam zíngaras, andaluzas ou castelãs com chapéus pontudos e escarcelas na cinta. Brincava também com as escadas *Magyrus* dos automóveis de bombeiros e com os navios com motores verídicos: objetos outrora pertencentes ao primo Fernando, filho de tio Eduardo e que atualmente estudava em Eton.

Dos primitivos livros de presentes de Natal, restava *O Judeu Errante* cujas estampas mostravam um ancião decidido, a percorrer montanhas e oceanos, ou a contar suas peripécias em praças medievais. E a *Gata Borralheira* cujos sapatinhos de cristal decerto a faziam andar mancando...

No segundo período, temporada na Avenida Atlântica. Lúcia na praia, a inquietar-se porque Leonor, com Marcos, chofer elevado à categoria de banhista, nadava, ia para longe, sabia discernir as correntes marítimas e jogava *medicine-ball* com amiguinhas. Estirada sob enorme barraca listrada, com óculos escuros, voltada para o mar largo, Lúcia deixava que os pensamentos gratuitos a invadissem como miragens de areal abrasado.

A casa normanda, entre amendoeiras, com largos toldos, predispunha a férias intermináveis.

Foi depois, já na Gávea, na casa avarandada, com criadagem tipicamente brasileira e expansiva, que sentiu lhe vir aquela doçura difusa e ainda amorfa por que ansiara nos tempos de preocupações agudas.

A floresta tropical, derramada vertente abaixo, anulava a noção de cidade e até de bairro; era como se aquilo fosse longe de tudo. De nada valia, para anular essa sensação, o parque, com lagos e gramados repletos de aves e de animais. Nem as estátuas

de faiança e nem as visitas ricas que aos domingos, deixando os automóveis encarreirados na estrada, se disseminavam a ver viveiros e aquários.

Leonor, ágil e vibrante, levava-a morro acima, por entre árvores e barrancos. Pequenas cascatas despenhavam-se como estrofes bucólicas. Troncos lixados de musgo e com festões de parasitas emergiam de todos os lados. E por onde a vista se voltasse era a massa majestosa da floresta ondulando por entre declives e vãos.

Se o palácio de São Clemente e a casa normanda da Avenida Atlântica eram por sua natureza espécimes de construção faustosa, ali, a chácara da Gávea ainda mantinha tradição com a terra. Se naquelas duas se sentia apenas professora contratada, na Gávea estava um pouco em casa, apartada de protocolos e etiquetas, tendo onde sumir das visitas, fosse qual fosse o atalho que seguisse. Retemperava a alma, não pensava em cenas nem em fatos passados, ficava disponível, neutra.

Mas certo domingo a foram tirar cedinho da cama, pois a família ia na *Moema*, uma espécie de iate, para Paquetá, por uma semana. (Lá, com o Thompson e o Alaric, era que Nuno de Almada resolvia e estudava os prós e os contras dos seus grandes golpes em companhias e *trusts*).

Paquetá! Não a ilha toda, invadida por suburbanos do Meyer e da Penha com vitrolas, alegrias e piqueniques.

Não as praias, com famílias, com empregados do comércio em mangas de camisas, com criançada embarafustando de bicicleta. Mas só uma ponta da ilha, um como que promontório com porto próprio, onde a *Moema*, um belo barco a motor central, com velas imensas, ancorou batida de sol. Parecia um sonho a balaustrada. A barca das onze entrava, repleta de burguesia contente. Os coqueiros abanavam seus leques. A serra dos órgãos era um traçado de fuligem dizendo que o gigante deitado estava sem febre.

E a casa? Uma série de bangalôs unidos por pérgolas e varanda. Quanta paineira! Quanto flamboyant! Quanto ipê! Quanta amendoeira!

Um calor! Mas tudo tão Mares do Sul, como num livro de Chadourne, ou numa novela de Maugham.

E que semana aquela! A *Moema*, rente à baixada fluminense, entrando em velhos portos de farinha e cana, do tempo colonial. O mangue modorrando, com plantas de restinga onde coaxavam seres enterrados no lodo. E por cima, os pirilampos. A água do mar sacudida na sua inércia de vasa por uma manta de peixes. Longe, atrás da gente, a cidade do Rio iluminada feericamente. A vitrola da mesa da *Moema*, junto à geladeira, a tocar *I love you truly... truly...* O Marcos com as mãos na roda do leme. Ana Maria estirada, muito quieta. Nuno de Almada pachorrentamente a responder milhares de perguntas da filha. Lúcia fitando a serra dos órgãos, ouvindo a voz de Leonor, o chapinhar da água, sentindo a calmaria em volta e dentro dela.

Que estranha família! Certa semana, começaram os preparativos para Teresópolis. E num sábado subiu Ana Maria com a filha e Lúcia, no *Packard*; Mlle. Perrier e Eusébia no *Cadillac*, com as malas. E Nuno de Almada com o Martinho, o Thompson e o Alaric, no *Rolls-Royce*.

Ó semanas de Teresópolis, numa vila encravada entre a serra! Foi como se, para esquecer tudo, estivesse Lúcia sendo embrulhada em diversas camadas opacas para pousar afinal num cofre, feito morta, a fim de ressuscitar curada de tudo, principalmente do vício de pensar. Por que pensar, ainda pensava! embora não tanto como naqueles dias em casa da tia Marta e na primeira semana em São Clemente.

Tinha agora a sensação de multiplicidade de pessoa: via-se a dar aulas; via-se estirada na areia em Copacabana; vi-se na mata da Gávea, rodeada de borboletas azuis; via-se em Paquetá sentada

na popa da *Moema*, via-se a cavalo, do Alto de Teresópolis à Várzea, seguindo amigas e parentes de Ana Maria.

E quantas pessoas, quantos nomes, quantos temperamentos somados aos poucos conhecidos de outrora. Antigamente, depois da morte da baronesa e de quando se casara, que relações mantinha? Propriamente só duas: a tia Marta e a Margarida, esposa do Dr. Jorge Tancredo, companheiro de consultório de Mário. E agora? Ana Maria; Leonor; Nuno de Almada; Mlle. Perrier; essa estranha e delicada Mistress Cheeson; a andrógina Mlle. Agnés. E, como comparsas de folhas da *Vogue*, do *Esquire* ou do *Fortune*, os Devisate; o casal Borba; as irmãs Prado; Yayá Castro Motta; as Accioly, Zezé Queiroz – gente que freqüentava mais amiudadamente a mansão de São Clemente, o palacete da Avenida Atlântica, a chácara da Gávea, que dormia dos sábados para os domingos em Paquetá, que subia a Teresópolis, que falava em viagens, em dinheiro, em *bridge*, em política, em cavalos de corridas, em modas, em Paris, em Nova Iorque, nas Bermudas, em Miami, em Deauville e em Chamonix.

De Teresópolis, desceram todos para São Clemente, onde começou uma temporada de recepções a que Lúcia não assistia, trancando-se em seus cômodos ou sendo levada, de carro, a visitar a tia Marta que ficava a ouvir esse mundo tão estranho.

Depois, Poços de Caldas. Nuno de Almada e Ana Maria a encontrarem-se com figurões, senadores, deputados, fazendeiros, famílias de Campinas, de Jaboticabal, de Jaú. Bem razão tinha a tia Marta em acentuar que aquilo, tanto ou mais do que a pobreza, era um equívoco!

De Poços de Caldas, em automóvel, para Santos, para o Guarujá. Mais fazendeiros, mais comissários de café. Velhas famílias entrecruzadas com emigrantes enriquecidos. Casino. Banho de mar. Transatlânticos levando famílias latifundiárias para a Europa.

Depois, de novo São Paulo, serra acima, de automóvel, vendo lá embaixo, como numa aquarela, os canais fumarentos. E sempre, lateral, a serra contida por parapeitos.

O Hotel Esplanada. Mais conhecidos da família, pelos salões, pelas escadas, nos elevadores, no vestíbulo. Apresentações. Nomes que eram quase dinastias. Em seguida, o Vale do Paraíba. Cidades antigas, escravocratas, surgindo com suas igrejas e largos. Pindamonhangaba. Aparecida. Lorena. São José do Barreiro. Bananal. A serra do Bocaina. Por ali, invisível, perto de Queluz, como coisas enterradas, a fazenda da Bemposta, a Baronesa de Sincorá e a fazenda de São Romão! Depois, Rio. São Clemente. Visitas. *Bridge*. Hipódromo da Gávea. Os cavalos de Nuno de Almada perdendo para os do Lineu de Paula Machado. E isso causando tanta aflição como um desaforo!

Leonor já achando ridículo ter, a convite das Accioly, que recitar para certas visitas íntimas, em francês, fábulas de La Fontaine. Lúcia com a sensação de estar fechada numa caixa de teatro, para declamar em hora azada a sua tragédia conjugal e enquanto isso vendo, de viés, por entre bastidores e reposteiros, comédias de Bataille e de Porto-Riche.

Que coisa tentacular, o tempo! Ora uma inércia aflitiva de superposições monótonas. Ora uma desabalada carreira por entre cortes transversos de perspectivas.

O segundo semestre! Quase todo um ano! São Clemente. Copacabana. Gávea, Paquetá. Teresópolis. Poços de Caldas. Guarujá. São Clemente.

E Ana Maria a consultá-la sobre tanta coisa pueril e sobre tanta coisa grave! Sobre o modelo dum figurino, um programa de beneficência, problemas de criadagem, de justiça doméstica, de intrigas de amigas, pedindo a sua opinião até sobre um móvel, uma jarra, um escrúpulo de consciência.

Pelas conversas à mesa, ou no carro, no iate, num apartamento de hotel, na varanda da casa da Gávea, no camarote do Municipal, nos salões de São Clemente, na balaustrada da vila em Teresópolis, ou entre coqueiros e amendoeiras em Paquetá, estudava Lúcia, mesmo sem querer, a vivacidade e o temperamento de Ana Maria, tendo, além disso, ensejo fortuito de verificar a sagacidade de Nuno de Almada, por trechos de conversa em casa, ao telefone, entre amigos ou na família. Logo percebeu sua ousadia em pressentir negócios, em arriscar oportunidades, em recuar depois duma noite de conferência, ainda lhe sobrando tempo para demonstrar ao acaso, eventualmente, as suas qualidades de grande burguês aparelhado para os golpes felizes da vida. Evidenciava em tudo um senso invulgar que abrangia o mundo dos negócios; e ainda encontrava pausas, com um espírito à altura do século, para comentar problemas da época vistos através do seu prisma muito pessoal.

Era sabido que ele metodizava e desenvolvia, num sistema pessoal muito ao gênero da City e da Wall Street, uma série de indústrias; que elegia sozinho diretorias e conselhos fiscais de empresas, companhias e bancos. Que usufruía renda astronômica advinda de empreendimentos espalhados pelas principais cidades do país, os seus escritórios na Avenida, na Rua da Quitanda, no Rio e na Rua Boa Vista, em São Paulo, além da sede em Santos das Docas Reunidas e das agências na Rua du Bac, em Paris, e na Drury Lane, em Londres, sendo verdadeiros enxames os contabilistas, os correspondentes, os técnicos e correntistas, mercê de atuários, máquinas, arquivos e cofres-fortes, por onde passavam cadastros de negócios dum vulto sempre crescente. Incapaz de superintender pessoalmente o volume de suas responsabilidades, tinha formidáveis colaboradores e secretários.

Quem apenas o conhecia de nome e de fama (o público em geral) ignorava a estrutura bem como a variedade de suas

empresas, porque as placas luzidias nos portais de mármore das entradas não lhe traziam o onomástico e sim dois nomes técnicos, genéricos, ligados por um & que unia como esfinge os dois termos dessa incógnita.

O Maia, que nada tinha que ver com seus negócios sendo mero parasita disponível, quando se referia a esses enxames de datilógrafos e escriturários, simplificava, dizendo o nome duma firma hipotética: *Baal & Mammon.*

Aliás, Nuno era formado pela Politécnica; quando da morte do velho Amaro assumira sozinho a direção das empresas paternas, pois o mano Eduardo optara pela vida de fazendeiro, e o outro, Virgílio, era desembargador em São Paulo, e no inventário ambos tinham preferido suas partes em dinheiro.

Além disso, era acionista de empresas congêneres e similares que pouco a pouco sabia absorver em assembléias gerais, nada constando, contra a sua honorabilidade, (teoricamente, pelo menos).

Como esposo parece que era fiel, não mantendo, ou pelo menos não constando que mantivesse amantes por *béguin* ou mesmo por transitório capricho.

Decerto o *handicap* de ainda não ter herdeiro varão explicava essa fidelidade ao tálamo conjugal.

Quanto a Ana Maria, de notória família paulista, entretinha, a bem dizer, uma corte deslumbrante, mas as virtudes domésticas prevaleciam sobre a exteriorização social; era dada ao sortilégio da caridade, tinha gênio caseiro, mesmo as amigas mais íntimas pouco ultrapassando a permeabilidade da sua alma. Não nutria veleidades intelectuais, mas lia um pouco; mantinha um *standard* de alto luxo em suas residências, sendo isso conseqüência do meio em que fora criada e em que vivia, além do contágio dos ambientes que freqüentava.

Lúcia conhecia, afinal, uma serenidade diária e orgânica, sentindo porém, como a tia Marta, com quem se assemelhava

(como uma rosa recém-aberta com outra já a desfolhar-se), a permanente lembrança íntima de ter dissolvido o lar, fato que, apesar das razões que a isso a haviam compelido, se lhe apresentava como um motivo crucial de angústia.

Via, no modo da sua vida atual não um aspecto viável, pois a rápida transição duma vida mesquinha para um estágio de conforto absoluto se lhe apresentava como mera passagem duma fase para outra ainda a vir, como se, tendo fugido dum desastre em via pública, se tivesse refugiado num *hall* de hotel de luxo, para continuar depois o seu caminho.

A bondade de Ana Maria, porém, estava dando a esse refúgio o sentido quase lógico duma solução, não lhe restando mesmo probabilidade de poder considerar-se infeliz, tudo, pessoas, fatos e circunstâncias cooperando para que o seu romance trágico fosse esquecido. Não estava vivendo nenhum *Intemezzo*, e sim uma fase definitiva.

Ou fosse pasmo, ou aturdimento ainda – pasmo da vida que estava tendo, aturdimento da vida que deixara de ter – não podia recolher-se bem para estudar sua vida (a parte antiga e a parte de agora), para então homogeneizar o todo. Teve ensejo, um dia, de se pôr diante dum reativo químico, por assim dizer, para ver do que era constituída estruturalmente. Foi o caso que, estando em Poços de Caldas, lá levada pela contingência de preceptora da filha duma família que freqüentava estações hidrominerais, se encontrou com Margarida Tancredo, sua amiga dos primeiros tempos de casada e a quem o destino escolheu nessa hora para lhe participar uma novidade inaudita e inesperada: Mário estava em Paris, com juízo absoluto, estudando e freqüentando cursos e hospitais, vivendo com relativo conforto. Margarida, em longa conversa de mais de hora, contara tudo: impressões; a visita feita; o pasmo em encontrar quem encontrara, logo onde? Em Paris! Acrescentara que fora o tio, quem para lá o mandara

e sustinha. Dera-se tal encontro de Paris em 1924. Que se vira, ela, Margarida, na contingência de embarcar no dia seguinte para Berlim, onde o marido ia a estudos para uma tese de livre-docência, tendo voltado o casal ao Brasil em fins de janeiro, mas via Hamburgo, sem passar em Paris. Que ela, Margarida, mal chegara ao Rio telefonara para São Clemente e para a Avenida Atlântica, tendo nesse último endereço lhe sido anunciado que a família Almada e Dona Lúcia estavam para São Paulo. "Onde?" Numa das fazendas de criação, na *Moreninha*, ou nos *Dois Barrancos*, de Eduardo Almada. "Quando viria?" Não sabiam. Que, meses depois, insistira, sem resultados. E agora... em Poços de Caldas, quando menos esperava! Durante aquela manhã conversaram; Margarida muito exuberante, Lúcia muito recatada.

A freqüência de viagens de automóvel ou de *Pullman*, estadas em hotéis e fazendas, bem como o vaivém nas residências, ocasionavam melhor conhecimento de Lúcia com a família Almada, o próprio Nuno acabando por sair da nebulosa esquemática de nababo.

* * *

De volta a São Clemente, pôde Lúcia recontinuar com método as aulas interrompidas, reassumindo suas funções com mais desenvoltura. Leonor ia exteriorizando aptidões esplêndidas, dom fácil de apreensão, já não lhe restando sequer vestígios frívolos da primitiva temporada. Tomou um feitio vivaz, assistia às aulas mais absorta, raciocinava melhor, era caridosa com as primas e a criadagem, martirizava menos *Stenka-Razin*. Já não se dependurava ao colo do pai, num arranco, quando o via entrar: aprendia bons modos.

Certa tarde, antes do jantar, Ana Maria entrou no seu quarto, para insistir com ela que deixasse a vida de *retiro*! Que se preparasse

para ir aquela noite ao Municipal. Levavam *A Marcha Nupcial*. E, como todos os meses fazia pessoalmente, lhe deixou sobre a mesa, o envelope dos "honorários", embora os pagamentos todos fossem função do Murtinho. Disse mais, que, de acordo com Nuno, dar-lhe-ia, doravante, dois contos de réis mensais.

– Não, não! Pelo amor de Deus! É muito.

Ana Maria retirou-se sorrindo, para logo voltar com um vestido num cabide.

– E isto é um presente meu. Tens o meu corpo, direitinho. Ontem vesti um vestido teu. Parecia uma luva. Estréia este hoje, para o Municipal.

Lúcia, agradecendo, e ainda com o vestido nos braços, confessou à Ana Maria que a estação d'águas em Poços de Caldas lhe fizera bem... à alma, por causa do encontro com Margarida.

– Viu-o. Esteve com ele. Visitou-o. Que tomou juízo, que se está especializando. Aquele tio Zózimo é mesmo um esquisitão! Eu já te contei que exigira que eu fosse ter a Ribeirão Preto a fim de seguir meu marido para qualquer cidade do interior, para o "aturar", conforme escreveu. Como respondi que tinha feridas abertas, muito recentes na alma, etc., etc... despachou Mário para Paris. E queres saber, Ana Maria? Margarida teve uma conversa muito séria com ele, a meu respeito. Estou tranqüila, pois, em saber que se acha em boas condições gerais. Verdade é que senti uma coisa esquisita, como se os pontos duma antiga operação quase arrebentassem. Eu... nunca mais soube dele. Sempre o figurei mal, com dificuldades de vida. Afinal, tem uma profissão, é hábil, competente; mas desde aquela época o apaguei definitivamente de minha memória. Quando meus pensamentos se orientam, certas vezes, no sentido dele, eu me esquivo a seguir esse curso, de maneira que não cultivo, a bem dizer, noção real de espécie alguma quanto à vida, lugar, situação... de Mário.

– Compreendo.

– De fato a série de decepções que me causou foi tal que, não para me poupar, mas para não sofrer, me desliguei totalmente de qualquer curiosidade. Abstratamente, sendo bem franca, eu o supunha nalguma cidadezinha do interior, fazendo boa clínica, metendo-se em jornalismo local, em política partidária, naturalmente continuando a jogar, sempre com preocupações de ordem material, ora se complicando, ora se safando, mas, moralmente continuando no mesmo diapasão. De maneira que, sabê-lo no estrangeiro, a estudar, sempre me desafogou um pouco a alma. E... pois é! Aceito, vou ao Municipal, esta noite. Muito obrigada pelo convite. E que lindo vestido! Será que sei usar isto?!

À noite, na frisa da família Almada, atrás de Ana Maria e de outra convidada, e ao lado de Zezé Queiroz, tendo à esquerda Nuno de Almada, Lúcia se lembrava das três ou quatro vezes em que estivera aí no Municipal, nas torrinhas, com Mário. Por causa de ópera, uma vez; de bailados, outra; e parece que de comédia francesa, a terceira. (Num dos intervalos, até, Mário sumira, só voltando quando o ato já tinha começado. E de orelhas vermelhas, rosto vultuoso... Decerto tinha escapulido até ao *Dérbi Clube* para arriscar dinheiro na roleta... Se tinha! Bastava olhá-lo.)

Agora, durante o espetáculo, Lúcia prestava atenção nessa pobre personagem Glória. Nos intervalos dos atos teve que conversar com Zezé Queiroz, que era muito inteligente e esnobe. E ao fim da peça se comoveu, absurdamente se achando parecida, no âmago, com a pobre Glória metida em trapalhadas domésticas e líricas, a pobre alma angustiada entre aflições de corpo e de alma, de coração e de espírito. Pobre Glória de Plèssans. Pobre Lúcia Montemor.

Sim! Pobre Glória de Plessans! Pobre Lúcia Montemor!

Aqueles diálogos em francês, a que prestava uma atenção pertinaz, a levavam para Paris. Pelo menos o ambiente e a vida, na peça, eram a França.

Noite adentro, no seu quarto que os jasmineiros perfumavam, o vestido de *soirée* estendido sobre a asa dum divã, Lúcia não conseguia dormir nem seguir um nexo de pensamentos, tantas eram as alternativas de reflexões.

Mais do que na noite em que pusera a compor a vida do marido em Paris – horas depois da conversa com Margarida em Poços de Caldas – desta vez os seus pensamentos galopavam através de perspectivas duplas, como se a sua mão tivesse que pegar diversas rédeas. Mário em Paris. (Vinha-lhe uma noção ingênua, de cartão postal, da Cidade Luz). Baralhava Mário com um personagem da peça *A Marcha Nupcial*. E baralhava uma outra criatura com outra personagem da mesma peça. E essa outra criatura era Nuno de Almada. Analogias, no começo esquemáticas, lineares, mas que, pouco a pouco, assumiam coaptações.

Notara no teatro, (e não era a primeira vez) Nuno de Almada, sentado entre ela e Zezé Queiroz, um pouco recuado, fitá-la com um disfarce que se foi dilatando em insistência. Um olhar de viés, pela fímbria do seu rosto e do seu ombro; não em cheio, mas como nesga do olhar total colocado no palco.

Outras vezes já percebera isso. – Num *Pullman*, de São Paulo para Campinas; no automóvel descendo a serra para Santos; certa noite na *Moema* ao largo da Restinga de Marambaia, a *Moema* repleta de amigos e de senhoras em trajes de mar; várias vezes à mesa, em São Clemente; um encontro ocasional na biblioteca, onde sem aparente motivo ele se pusera a procurar Proust e Joyce; certo modo de ao descer a escadaria, na Avenida Atlântica passar saudando-a com uma alegria estranhíssima; dadas delicadezas e atenções algo modificadas por uma inibição visível; conversas de louvor a ela, na praia, brincando com a filha; a insistência – que decerto partira dele – de Ana Maria vir até ela, mais duma vez, instar para que não se segregasse em seus cômodos e assistisse às recepções e não se retirasse logo após as refeições pois, como

preceptora de Leonor, além de ser quem pessoalmente era, devia comparticipar da vida quotidiana para assim transmitir à menina em ordem pedagógica, o "clima" mesmo de casa e da família. E mesmo para a garota prestigiá-la, a tendência de crianças sendo tratar as pessoas segundo o "lugar" a que essas pessoas demonstravam pertencer socialmente.

Não era Lúcia ingênua nem estava tão à margem das realidades para considerar tais *coincidências* como suposição pessoal, equívoco, pois um de seus dons de psicologia era esquematizar, logo que defrontava uma pessoa, ou com ela iniciava conhecimento, o temperamento dessa pessoa, raras vezes se tendo enganado em seus juízos. De mais a mais, a atmosfera em que Nuno a estava envolvendo não provinha dum preparo ofensivo, ou ambíguo; era, talvez, mais uma observação eivada de simpatia, uma tendência gradual para uma intimidade, ou, melhor, uma quebra de protocolo já desnecessário.

Além disso, como figura humana, não tinha Nuno de Almada marca antipática. Sua presença não despertava reserva nem defesa; seu modo de olhar, de falar, de entreter conversa ou presença, não incluía, por menor que fosse, uma atmosfera direta ou indireta de *arrière-pensée.* Tinha maneiras muito espontâneas, a delicadeza e a educação se sublimavam nele automaticamente.

Nem, desde o início, quando se notou estudada, cuidou que em Nuno de Almada houvesse intenção fácil e predisposta de conquista, fato que, como mulher, pressentiria a léguas. Não armava ele situações; não demonstrava um intento subterrâneo; não procurava coincidências de momentos; não se servia de subterfúgios, de silêncios, de inibição, ou loquacidade, de nervosismos. Era uma presença humana, ou mais que isso, socialmente e individualmente, uma atividade humana diante duma outra presença que ele, por ser curioso, vivo, intuitivo, discernia conter estrutura e densidade, por tal motivo se

interessando empiricamente, sem talvez ele próprio discernir a qualidade, o grau, o motivo, a razão desse interesse.

Lúcia amorfamente sabia que as leis da atração e de repulsa entre os seres são regidas por geometrias sedimentadas no subconsciente, partindo de secretas e súbitas, ou de claras e vagarosas órbitas, onde esses seres têm sua mecânica.

Mas, essa noite, ou fosse clima ainda da peça que diante dela se abrira em dois gumes, ou fosse trabalho de forças recalcadas procurando aplicação, sentia-se emaranhada em redes que procurou discernir bem sob vários aspectos, partindo de considerações longínquas, pessoais, de ordem humana, feminina, religiosa e até filosófica, mas tudo sem o nexo de classificações, dentro só duma perspectiva móvel de pensamentos desdobrados.

Perspectiva móvel por onde agora ela ia descendo, à tona duma superfície que não era a em que, na casa de tia Marta, logo depois do lar desfeito, se debatera. Naquelas noites, ah!... Naquelas noites sentia apenas uma coisa: que a sua vida era uma síntese amarga de desespero. Não mais uma sucessão de tormentos com tréguas ainda piores, mas uma síntese, um padrão, um exemplo estereotipado de desgraça. Quanta vez não proferia absurdos, invectivando a mãe, ao morrer quando a dera à luz, por não a ter levado também. Melhor morrer no limiar de vida, mera amostra recolhida da existência sem curso orgânico. Viera-lhe até a idéia de matar-se. Uma idéia sem programa, sem definição de modo, nem de tempo, nem mesmo de gênero; uma idéia que não precisava de estímulo nem de raciocínio, idéia que saberia poder realizar de súbito ajudada só pela circunstância meramente favorável dum fato qualquer. A atração, ali no Flamengo, andando rente à amurada, do oceano ao anoitecer. Um vidro de veneno, no armário do banheiro, ali mesmo na botica de amostras que a tia Marta, durante anos, juntara, pedindo-as à sobrinha que

as recebia em abundância. Sentira muita vez lágrimas na fronha e na camisa; e marasmada, tivera um dó extremo de si mesma. Não por não poder suportar a situação indefinida daqueles dias, mas porque reagia contra absurdos estados opacos. Ao acordar porém, nas manhãs seguintes, toda a pompa severa e quase litúrgica de religião a fazia arrepender-se. Tinha querido, naquele tempo, descobrir qualquer processo que a dissolvesse em torpor, na ignorância de percepções; ou que a desligasse, inerme, como um despojo frio, de qualquer continuação com o passado. E fora então que aceitara o convite de Ana Maria, com a cega ânsia de quem, caído num poço, aceita qualquer socorro na treva cilíndrica.

A Irmã Latour, certo dia de Páscoa a aconselhara, por ser filha única e órfã de mãe, e talvez por já estar a par da doença do pai a entrar para uma comunidade religiosa. Verdade é que falara nisso uma única vez. Também lhe emprestava livros de vidas de santas livres do contato das cinzas do mundo. Lecionando, porém, depois, empenhando-se em tratar todo o mistério humano que desabrochava em Leonor como quem trata um canteiro de flores (desde humildes violetas até esplêndidas rosas) dum certo modo tinha entrado embora tardiamente para uma comunidade. Paradoxalmente nem era uma comunidade religiosa nem, tampouco, uma comunidade pobre. O bem que deveria ter feito coletivamente, fá-lo-ia singularmente.

A mudança de ambiente, essa transformação de vida, foi tendo força para tirar-lhe a marca do passado. Positivamente no início, não comparticipava desse mundo, nem colateralmente. Assistia, verificava a sua existência, dava-lhe a sua mínima cooperação como peça eventual de aparelhagem subsidiária.

Nesta noite, contudo, distinguia umas coisas, baralhava outras. O sono, ao invés de vir, lhe remetia gradações de substitutivos amorfos: estados confusos, ânsias indefinidas, conselhos profanos

sem diafaneidade, um como que hálito teatral, quase que um halo sonoro de diálogos de peça de Bataille. Pensamentos oblíquos, bafejos de tentações, espirais de pertuitos por onde devesse passar para atingir uma saída.

Caiu num subsono difícil.

Acordou, tateando o vácuo; arrimou-se de bruços na cama, dormiu de vez.

— *segunda parte* —

I

Dia 2 de julho de 1924: um ano exato de Paris.

Como tinha cumprido o seu juramento durante todo esse tempo?

Inclinando a memória, foi como se entornasse um cântaro com moedas do tempo; desandou a recordar:

No dia 12 de junho de 1923 comprara às onze horas na Estação da Luz, a sua passagenzinha para Santos, sorrindo ante a pergunta do bilheteiro: "Ida só?". Na plataforma, embaixo, esperara que o trem viesse, vendo capas de revistas no balcão dum café-expresso. Depois, com a mala, se metera a um canto dum vagão cuja metade da frente era o bufete.

Durante horas, a janela, à sua direita, lhe pespegava instantâneos rápidos do Brás, do Ipiranga, da Mooca, de São Bernardo e de Santo André, pela orla da via-permanente desfilando chaminés, paredões, usinas, armazéns gerais, terrenos baldios e mato. A estação do Alto da Serra, no vão de morros, parecia já o estrangeiro: uma coisa no Tirol por exemplo, mas no estio. Enquanto gente descia para tomar café e comprar sanduíche, muniu-se bem da verificação de que ia descer, como por uma escada, da pátria para o mar, comparando Santos a uma soleira.

Pensara uma porção de coisas sobre engenharia à medida que a composição descia a serra pelos cortes, aterros, plataformas e viadutos através de florestas e cachoeiras tão calafetadas de cimento que aquilo tudo mais parecia um trópico artificial. Os túneis eram tão curtos que lembravam pórticos. Lá embaixo, o vão verde do vale atapetado de matas.

Pressentiu Santos entre charcos e bananeiras modorrando na beira da serra como anfibio.

Na estação decrépita, parou embaixo dum avarandado, viu casarões portugueses, com barras de ladrilho e portais escuros. Tomou por uma rua antiga, de comércio fechado. Ah! Era um domingo!... Ia lendo placas de comissários, sacarias, armazéns gerais, bancos, garagens, representações e comissões. Uma praça. Uma igreja velha. Ao fundo, lá longe, um guindaste.

Tomou um bonde, ao acaso; pelo aspecto era a mesma coisa que, no Rio, estar no bairro atacadista. Depois, uma avenida entrecortada por canais. Uma grande estátua de bronze, com muitas figuras em simetria; um hotel de luxo diante a outro, cada qual na sua esquina; e... o mar, a praia. Multidões passeando pelas calçadas. Mais hotéis. Pensões. Casas de banho. A areia encardida, o mar em vazante, recuando. Morros, como na Guanabara, dos lados. Em frente, como a corda tensa dum instrumento, a linha do horizonte, por onde ele seguiria se equilibrando como sobre um arame.

Comeu ostras debaixo de velhas amendoeiras que lhe deram saudades de Paquetá. Percorreu a praia em dois sentidos, examinando casas, palacetes, automóveis de luxo, baratas de esporte, chalés, cortiços, quintais, pensões, muros, mato, pântanos... Ao escurecer, desceu de bonde, saltou no centro que tanto era de Santos como podia ser de Vigo. Jantou numa tasca, entre marinheiros e gente da alfândega.

Meteu-se em ruas incríveis, ladeado por armazéns e trapiches por cujas portas, onde vigias conversavam, se avistava uma quantidade astronômica de sacos de café; aquilo não acabava! De repente, viu gradis, o cais, navios, navios, navios, proas, mastros, chaminés.

Foi dormir cedo. Mas só fez isso depois de percorrer quarteirões, pois até o penúltimo hotel, mesmo nos ruins, a resposta era estereotipada: "Não há lugar".

Dormiu às voltas com um problema difícil: dever, ou não, escrever uma carta à Lúcia?!

Acordou assustadíssimo, alagado em suor, crente de que perdera a hora; chamou o quarteiro, suspirou ao saber que eram sete e meia da manhã. Foi tomar café e apanhar a mala na *consigne* da estação. Um táxi depositou-o num armazém da alfândega. Polícia do porto. Ensinado pelo carregador, às nove horas se meteu no cais, e subiu para bordo do *Köln*, onde, depois de formalidades no portaló, um empregado ruivo o levou a um camarote escaldante com seis beliches. Durante uma hora prestou atenção em tudo quanto à sua volta acontecia ali no passadiço, debruçado para o cais. Depois, quando *o Köln* zarpou, não tirou os olhos desse flanco de cidade marítima célebre, até que, diante do Gonzaga, o navio aproou para o norte.

Durante dezessete dias tivera o ensejo de estender pelo convés, como roupa a corar, os seus bons propósitos. Aquele navio misto que passara ao largo do Rio de Janeiro, dispunha apenas de quatro camarotes, duma monótona sala, dum bar onde indivíduos bebiam cerveja e jogavam cartas, e duma torre de comando onde o capitão e os pilotos de quarto o deixavam segurar a roda do leme como teste simbólico de rumo certo. A sala de refeições recendia a óleo. No seu camarote dormiam mais cinco pessoas: um inglês caladão, um suíço botânico, um caixeiro-viajante da Pirelli, um estudante de engenharia chileno, um farmacêutico de Córdoba; alguns roncavam, mas todos suavam, dentro desse bojo a cujas paredes vinham ter o ran-tran das máquinas lúgubres e o calor das fornalhas.

Certa manhã, um sol lusíada dourou a ilha da Madeira que balouçava no mar alto como tela num cavalete. Aquilo era uma estrofe verde de Camões ressoando no ar.

Adiando sempre a idéia pertinaz de escrever à Lúcia, saltara em Lisboa num cais que em vez de Eça e Camilo o fez lembrar mais Fialho e Cesário.

Vira a Rua da Prata e o Chiado. Depois no Rocio, se metera numa alcáçova mourisca que era a estação donde o *Sud Express* o levara através de olivais e colinas, fazendo-o pensar em Garret e em Herculano. Inundado de emoção, vira a meseta castelhana. E penetrara no mistério dos Pirineus, deixando para trás cidades donde lhe vinham, não sabia direito por que, nomes: Unamuno, Velasquez, Murilo, Quevedo, Filipe II, baralhadamente. Até que, certa manhã, acordado pelo guarda, mal tivera tempo de vestir-se para descer, ébrio do castigo paradoxal do tio Zózimo, na estação de Orléans, ali no Quai d'Orsay.

Identificara logo o Louvre, que conhecia de fotografia. Num taxizinho vermelho, de chofer com catadura ainda de cocheiro, atravessara a Praça da Concórdia, todo maravilhado de ter visto o Sena e o sortilégio das pontes com grandes NN. Ó Paris, Paris! Merecia aquilo? Que cartada fora essa que acertara num jogo ilícito?

Longe muitas latitudes abaixo, tinha ficado Lúcia como refém. E que refém! Devia ter escrito imediatamente, a dizer: – "Estou aqui, em Paris. Vim refazer-me, dia a dia, hora a hora, para merecer o teu perdão. Confia em mim!"

Dentro desse parâmetro do mundo, começara a mexer-se, a libertar-se da treva dos erros passados, querendo nascer para uma realidade normal.

Semanas depois, já conhecia a cidade. Dum hotelzinho se mudou para uma pensão num quinto andar da Avenida da ópera. Inscreveu-se em dois cursos no Odeon, ali na Faculdade, contratou aulas particulares com um assistente da cadeira, foi admitido a freqüentar o ambulatório de otorrinolaringologia no Lariboisière. Comportadamente assistia, prestava atenção, tomava notas, comprava tratados. Um teatro, ou um cinema, lá uma vez ou outra, rarissimamente. O espetáculo urbano das comemorações de 14 de julho. Pagava a pensão, ia adquirindo livros; só se

permitia o luxo de comprar cigarros; barbeava-se em casa, e como o outono viesse chegando rodenbacqueanamente, conheceu a delícia de freqüentar museus, nas horas de folga. Primeiro, para ver por alto. Depois, para sentir, direito. Que sensação de turista excepcional não sentiu diante da Mona Lisa, muito arrepiado! E quando se pôs a rodear a Vênus de Milo? Mas era verdade? E a majestade bucólica daqueles castanheiros de Rousseau? Que coisa, um Rubens, um Velasquez, um Rembrandt, um Brueghel! Saía em êxtase, metia-se pelo dédalo do Metropolitano, fazia baldeações, tinha minúcias de economia pueril, ia visitar seu amigo Sérgio Shebanov, o primeiro brasileiro que encontrou num café em Montparnô.

Ao vir o inverno, ele, um tropical, sentiu que devia haver poesia nisso. Mas havia era frio de rachar as mãos e fazer pingar o nariz. Meteu-se na Biblioteca Nacional; ali, na sua *pupitre*, tinha criados às ordens, desde Homero a Virgílio até Max Jacob e Pirandello.

Escreveu a sua segunda carta ao tio Zózimo, prestando conta de tudo. No começo de 1924 estava senhor dum critério absoluto na vida prática e na esfera interior. Assíduo às aulas, ao hospital, à Faculdade, ao curso do Dr. Gouverneur, e já entendendo de pintura, de música, de literatura, de teatro, de *argot* e... de nariz, garganta e ouvidos. Dentro do Mário inteligente mas estouvado de outrora, irrompia um indivíduo estrito, tenaz e escrupuloso. Sérgio Shebanov, pintor gaúcho, prêmio de viagem, tendo perdido os pais (vendedores de móveis, polacos emigrados), jamais quisera voltar ao Brasil, vivendo nos primeiros anos duma herança sofrível, depois aprendendo a arte do *Débrouillage* por meio de exposições em cidades pela França, vendendo aqui uma tela, acolá uma água-forte, nesta cidade uma natureza morta, naquele hotel de estação de águas uma ponta seca, etc. Através dele conheceu o *Café de la Rotonde* e a Pervanche, modelo de pintores de nomeada.

Ao vir da primavera visitou (com Pervanche) Fontainebleau, Versalhes, Saint-Germain, em domingos claros. Começou a fazer relações com patrícios, no consulado, indo almoçar com um, com outro, em seus hotéis, tanto nos de luxo, como nos medíocres. À noite, depois dum dia cheio de deveres, sentava-se no terraço de *brasseries* e cafés com Sérgio, ou amigos dele, com brasileiros (médicos a estudos, funcionários em missões, burgueses a passeio). Continuou a encher os domingos com visitas a monumentos, a igrejas, ao Luxemburgo e ao Bosque de Bolonha.

Já sabia termos de gíria aprendidos em teatros, *guinguettes*, revistas e jornais. Já sabia da política, do que ia pelo mundo, pela Liga das Nações. E já diagnosticava otites médias, vendo trepanarem maxilares, tirarem pólipos, examinarem por transluminação seios frontais. Certo domingo, pôs a prova, sua força de vontade. No táxi, a Pervanche, como não tinha direção, mandara tocar para Longchamps. Passeando pela *pelouse* e pelo *pesage*, vendo cavalos de coudelarias de Além Mancha, assistindo a páreos famosos, ria da Pervanche perder cinco francos em cada corrida e danar-se, enquanto que ele nem sequer tinha a tentação de imitá-la por brincadeira. Verdade é que, se tivesse jogado no terceiro e no quinto páreos, teria com cinqüenta francos feito três mil. Ahn!... Pois sim, era tolo? Das corridas foram para uma bodega de luxo tomar um Porto. Noutro domingo, se permitiu uma despesa extraordinária: jantar na cidade com a rapariga. Da sopa à sobremesa, ela contava a sua vida de modelo de Lhotte e de Dewambez; confessou que vivia com um homem casado que estava quase sempre em Clermont-Ferrand; um tipo de antiga família do Linguadoc, que instava com ela para deixar a profissão de modelo, etc... Enquanto isso o violinista da orquestra veio tocar rente deles, o *Rimpianto*, para fazer jus a cinco francos. Logo Toselli, quando ela, o que queria era uma melodia de Bessie Smith por exemplo *Cold in Hand Blues*!

Dali foram a um teatro de revista. Pernas, pernas, em ritmos, para a direita, para a esquerda, desfilando, canalhamente. A Pervanche apertava-lhe a mão, sussurrava-lhe ao ouvido que se a enganasse lhe atiraria vitríolo. Acabou no quarto dela, na Rua de Rennes. Subindo a escada, lembrava-se do começo do romance *Sapho.* Fumaram *Abdulla,* vendo quinquilharias, quadros, desenhos, croquis de poses dela, na parede, por cima do grande canapé. Amaram-se, madrugada adentro, até se esbodegarem. Mário ouvia-lhe a voz pastosa, suplicando: "*Encore Minou, encore, donne-toi à ta Minouche!...*" Dormiram até as duas da tarde de segunda-feira. Pela primeira vez perdeu o hospital e as aulas.

Ás cinco da tarde foram para o *Accacias.* Ela estava tão vistosa no seu *tailleur* de casimira, que até os argentinos que dançavam tango enlaçados com mulheres estranhamente exóticas, reparavam nela que grunhia: "Rastaqüeras..."

Jantaram num restaurante moderno; beberam e foram para o apartamento. Nova ração de conversa, com passagens da vida dela, ambos estirados, fumando, ouvindo discos. Depois de estranhar que ele vivesse como estudante balcânico num quarto de pensão em rua central, estimulando-o a arranjar um apartamentozinho em bairro agradável, a Pervanche levou-o para o quarto.

— *Donne-toi à ta Minouche!*

Esteve embebido nesse néctar até as nove da manhã seguinte.

* * *

Noutro domingo lá foram os quatro, Pervanche, Sérgio, Mário e um brasileiro (mero conhecimento no Consulado) a Longchamps. Convite, na véspera, do tal patrício. Tinha amiguinha? Que tinha isso? Fosse com ela, com mais qualquer outro amigo, pois então! A Pervanche, desde o primeiro páreo encarregava o prestimoso Sérgio de jogar dez francos nuns estuporados favoritos que

aliás, só chegaram em segundo e em terceiro. O intruso perdia displicentemente notas de cem, de quinhentos, sem emoção e, parece, também, sem que isso lhe perturbasse as finanças. Não tinha ar de viciado, e sim de rico estúpido.

No quinto páreo, Mário descobriu no programa o cavalo *Saint-Marc*, dum brasileiro, fortuna tão célebre no seu país como a do Nuno de Almada. Relanceando a vista pela última cotação viu que *Saint-Marc* estava abandonado, que era uma carreira de 1100 metros, cujo resultado dependeria principalmente da largada. Para se fazer de importante perante o ricaço que cada vez que jogava mostrava uma carteira recheada de notas, Mário jogou 100 francos no "desprezado". Pervanche aplaudiu:

— *T'as très bien fait. Peut-être on gagnera ce que j'ai perdu.*

Foi com ela para a cerca, displicentemente, com ar bambo de *gigolo*, seguido pelo caricato Sérgio e pelo sanhudo sujeito que usava polainas. A corrida de 1100 metros foi um vislumbre. Zás-trás! Uma blusa dourada de jóquei em cima dum cavalo a 'correr de ponta a ponta. Ora essa era muito boa! Mário verificou, quando hastearam o resultado, que *Saint-Marc* dera 330 francos por 10 francos. Um quarto de hora depois metia dentro da carteira de identidade 3300 francos! E, é claro, alegria, risadas, a Pervanche a caminhar apoiada ao braço dele. O rastaqüera ficou a fazer burrada na outra carreira, que era a última. Então...

Então, restaurante de luxo, vinho das *Caves du Cardinal*, Pervanche a pedir pratos esquisitos, a orquestra a tocar um *boogie-woogie*. Depois, teatro. Depois, Pigalle, no *Rat-Mort*. Mário a dançar, sentindo o rosto de Pervanche colado ao seu. Depois, Rua de Rennes e... "*encore, donne-toi tout entier...*"

Mas havia os compromissos. O"homem" da Pervanche veio lá de Clermont-Ferrand. Mário afundou nos cursos, nas aulas, na rotina matinal do Lariboisière, e se esqueceu das *javas*, das valsas

chaloupées, dos *blues*. Um cartão de tio Zózimo serviu de lambada para caprichar mais nos estudos.

Como guardava da Pervanche um ensaio vago de "*béguin*", cogitou de arranjar uma espécie de *garçonnière* onde não estivesse, como na pensão, obrigado à mesa comum de almoço e jantar, ao banheiro encardido, às conversas fúteis entre hóspedes. Mas era tudo tão caro e tão fora do seu orçamento!

A Pervanche reapareceu, sôfrega como sempre, "por uns dias". Sabê-lo ainda na pensão, foi coisa que a fez amuar. Como suportava ele esse ambiente de suecos e suecas, nipões e balcânicos, costarriquenhos e polacos?

Outro domingo encontraram em Pyramides, o tal Freitas, que ia de polainas e bengala para as corridas de obstáculos, em Auteuil. Instou que entrassem para o seu táxi.

– Obrigado. Vamos ao Louvre.

– Hoje, domingo? Cheio de arrumadeiras e gente do Temple?

Lá foram para Auteuil. Pervanche estava um primor, parecia assim, no modo porque entrou misturando-se a outras mulheres elegantes, um desenho de capa da *Vogue*. Como ela pisava! Que *toilette*, que luvas, que pulseiras (embora falsas)! A paisagem era mais fechada, o *pesage* mais poético do que Longchamps, gente mesmo mais escolhida, e o começo do outono fazia as mulheres ficaram mais interessantes, as primeiras peles lhes dando um ar animal sugestivo. Pervanche não jogou. Estava lírica, apenas. O Freitas, cada vez que ia jogar, abria não a carteira, mas um papel que era uma carta de ordem permanente de cinqüenta mil francos, em cujo vão estavam notas novinhas.

Jogava, perdia; aquilo não lhe fazia mossa.

Mas essa tarde, os favoritos estavam de azar, caíam ao pular as *haies* ou ao transpor a *rivière*. Jóqueis, dando reviravoltas incríveis no ar, tombavam. Mário não suportava a empáfia do Freitas que

convidava para *drinks*, que ia e vinha, de charuto, rasgando os bilhetes perdidos, com ar displicente. Isso o foi irritando. E, de repente verificou o nome dum cavalo que era o menos cotado no quadro da terceira e última avaliação do totalizador. Reparou a idade: um canastrão de sete anos. Apanhou um jornal esquecido num banco, um *Paris-Sport*, procurou o páreo em questão, viu que o cronista esportivo dizia que esse cavalo não tinha chance alguma; pegou em trezentos francos (dos três mil e trezentos de dois meses e tanto atrás) e jogou no tal cavalo. Subiu, com a Pervanche, para a arquibancada. O favorito, debaixo dum "Oh!..." geral, caiu no primeiro obstáculo, e o jóquei não conseguiu montá-lo. Um segundo lote de cavalos mais adiante, na curva, caiu ao saltar. Depois, na pista cruzada, ao pular o regato, todos os cavalos caíram, exceto o 11, o que Mário escolhera. E o canastrão, com a sua experiência de sete anos, dava o ímpeto, transpunha os obstáculos, fossem lá quais fossem, e era uma beleza, vinha agitando a cauda! A assistência até ria. O cavalinho macróbio chegou literalmente sozinho, e deu *gagnant* 640 francos.

Mário, hirto, viu Pervanche no guichê, receber 19.200 francos. Meteu o dinheiro nos bolsos da calça e do jaquetão, bem como na bolsa de camurça da amante.

* * *

Foi assim que pôde alugar o apartamento da Rua Daru. Era um primor. No entressolho do prédio, diante da igreja russa. Tinha quadros, uma dalmática em cima do piano de meia cauda, poltronas, móveis de classe, boa louça, bons cristais, roupa de cama e mesa, um banheiro moderno, divãs turcos, como de estúdio, relógio sob redoma de cristal em cima duma chaminé de mármore.

Voltar a jogar? Era idiota? Podia, em consciência dizer que rompera seu juramento, se jogara ocasionalmente e sem a possibilidade de encalacrar-se?!

O primeiro pensamento foi mandar dinheiro a Lúcia. Mas se ela adivinhasse a proveniência? Se estivesse a par das condições "em rédea curta" em que o tio o pusera em Paris a estudar? Dívidas no Rio não tinha, liquidara-as quase todas na véspera de ir para Ribeirão Preto, do resto se incumbindo o tio através do Jorge Tancredo. Servir-se-ia, pois, desses vinte mil francos de corridas de cavalos para complemento e reserva da mesada, já que vivia num apartamento. A Pervanche teve o juízo de não desmanchar seus cômodos na Rua de Rennes, por ser endereço velho que lhe servia no seu mister de modelo.

Novamente, aulas, cursos, hospitais, depois duma interrupção de dois dias para estrear as "peças". Morando sozinho, estudaria melhor, teria mais tranqüilidade, seria mais livre, teria a Pervanche em casa enquanto não sobreviesse o chamado de Clermont-Ferrand.

Pouco durou esse *ménage*; vinte dias depois, se tanto, ela chegou, arrasada; o "tipo" estava de volta, queria levá-la. E logo alguém bateu e tocou a campainha. Que susto! Ela correu para a cozinha, estrategicamente preparada para fugir pela escada de serviço. Susto, apenas. Era Sérgio, que ali mesmo, no vestíbulo, disse ao que vinha. Precisava de dois mil francos, para emoldurar quadros, ia fazer uma *tournée* ao Midi, vender monstruosidades! Tivesse paciência e caridade. Mário deu-lhos. O artista raspou-se, afogueado. Mário foi lá dentro buscar a Pervanche; vieram os dois a rir, para a sala. Agora ela se queixava da vida, da lúgubre Clermont monástica; mas que jeito podia dar? Era preciso viver, pois não era?

Ser modelo, "*est-ce que ça rapporte? M...*" Depois imaginou como seria bom viver ali na Rua Daru. Confessou que tinha sede,

fome e paixão pelo corpo e pela alma dele, Mário. Que não o atrapalharia, não. De dia iria ele para o hospital, para os cursos e ela para Montparnasse, posar. Mas, de noite, hum! hum! Queria, sim, verdade, mesmo, *Minou?* Fez uma pausa; era mulher vivida; admitiu que não estava dentro da vida dele, que uma bela manhã lá iria ele embora para o Brasil, e pronto! Falava com sinceridade, mas também com decepção prévia, ralada já de saudade carnal. E ali no canapé, falou, falou! Virou-lhe a cabeça bem para cima, com o ângulo do queixo para o alto, ficou a olhá-lo nos olhos. Vê-la assim, dessa posição, era bom como quê! Ela, então, começou a beber-lhe a energia vagarosamente, revirando a boca, arrancando-lhe os beijos como fiapos de mel grosso, ou como ervinhas e brotos, com raízes e tudo. Depois, frenética, enlaçou-o. Ao escurecer ergueu-se, correu à sala de jantar, espiou as horas, disse qualquer coisa, com aquela sua pronúncia de contralto, correu lá para dentro, para o quarto, demorou pouco, vestiu-se, ajeitou os cabelos, passou *rouge* nos lábios, bateu com a esponjinha nas faces, sentou-se, desanimada, disse, categoricamente:

— *Tant mieux. J'irai pas.*

Beijou-o, ficou indecisa, tornou a levantar-se, pensou, refletiu, fechou a bolsa, correu para a cadeira onde estava o chapéu, enterrou-o de banda, explicou a si mesma *"qu'il fallait, tout de même, s'en aller"*. Jurou que viria, que daria um jeito, mesmo que fosse de fugida, *"rien que pour te revoir"; mais un de ces jours je resterai là, chez toi, mais pour toujours, t'as compris?"* E saiu a correr, com pânico de perder o trem para Clermont, pois o tipo já estaria na estação para se irem.

Marasmado, Mário ouviu o ruído da porta batida, rumores na escada. Virou para o canto, dormiu. Lá para tantas, acordou com frio. Enrodilhou-se na pelúcia que cobria o canapé, foi para o quarto, como um autômato, coçando-se.

* * *

Um ano de Paris. Cumprira o seu juramento? Ter jogado, duas vezes, uma em Longchamps, outra em Auteuil, por farra, significava rompimento do compromisso de bom comportamento? Não era o vício uma coisa que implicava noção de freqüência? Ter-se mudado para um apartamento, ter soerguido o nível de vida, fora e era leviandade?

Lembrou-se da urgência de renovar o seu *Permis de séjour*, visto o prazo se esgotar dentro de dias.

Tomou o metrô em Ternes; baldeou no Palais-Royal, desceu no Châtelet, foi para a Cité. Meteu-se na fila, à espera da vez, naquele barracão destinado a tal propósito. Mofou mais de duas horas, até que lhe trocaram a carteira antiga por outra, novinha em folha:

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

Carte N° 1151170

Permis de séjour accordé le 2 Juillet, 1924
Délivré à Mr. Mário Montemor.
De nationalité Brésilienne.
Par M. le Préfet de Police

TIMBRE
de la
Préfecture.

Le Préfet: Werfel.

Signature du titulaire: Mário Montemor.
[1] Lieu de résidence et adresse: Rue Daru 27. Paris.

1 - *Reproduire ces indicacions à la case d'arrivée de la première feuille intercalaire.*

Dali foi passar na Rua du Bac, nos Estabelecimentos Delhorme, para aproveitar e receber os dois mil francos da remessa mensal enigmática que, seis meses depois de sua chegada, ainda na pensão da Avenida da Ópera, lhe provinha não sabia de quem.

É que, por volta de janeiro, lhe acontecera, ao chegar do hospital certa manhã, encontrar uma carta com selo e carimbo de Paris, mas escrita em português.

Dizia a carta:

ÉTABLISSEMENTS DELHORME.

Rue Du Bac, 44.

Paris.

Exmo. Sr.
Dr. Mário Montemor.
Avenida da Ópera, 127, 5°.

Prezado Senhor,
Saudações cordiais.

Comunico-lhe, para seu governo, que temos ordem de fornecer-lhe todos os meses, no dia 1º, a importância de dois mil francos, enquanto durar a sua estada em Paris.

Com estima e apreço,
J. DELHORME.

Primeiro cuidou ser da parte de tio Zózimo que, ao invés de mandar, como até então, a remessa mensal por via bancária, tivesse resolvido, por qualquer conveniência, servir-se duma firma de Paris, sua conhecida, com a qual mantivesse negócios.

Fora receber, vendo o endereço impresso à direita e em cima tanto na carta como no envelope. *Rue du Bac, 44.* Tivera que esperar numa antecâmara suntuosa, com *Maples* e águas-fortes.

Depois o sr. Delhorme apareceu e lhe repetiu os termos da carta, com bonomia, em ótimo português (Mário viera a saber, mais tarde, que de estrangeiro ele só tinha o nome); expressava-se de maneira bem carioca, retirou-se, despedindo-se com afabilidade, e um empregado veio com a quantia e o recibo para a assinatura. Mário indagou quem lhe remetia essa importância; era do Rio de janeiro, conforme o guarda-livros explicou. Tanto na carta, como no recibo não constava a proveniência. O empregado esclareceu, também em português:

– Ignoramos, pois entre a pessoa que manda o dinheiro e nós há uma firma do Rio de janeiro que foi justamente quem nos escreveu. É provável que lhe escrevam corroborando esta ordem, como é de hábito.

– Quem me mantém aqui em Paris, a estudos, é um tio, de São Paulo. Tenho mensalmente dois mil francos por intermédio do *Banco Francês e Italiano*. Provavelmente meu tio achou melhor fazer isso doravante por intermédio dessa firma do Rio de janeiro que por sua vez...

– Com toda a certeza – dissera o empregado.

No dia 4, para certificar-se, passara pelo Banco. Lá estavam os dois mil francos do tio Zózimo, com a pontualidade costumeira.

Milagres, principalmente de e em dinheiro, não acontecem. O lógico era que o tio tivesse resolvido, depois de meses de cautela, reforçar a remessa, satisfeito decerto com o seu bom comportamento, tais remessas simultâneas e simétricas tendo por fim lhe melhorar o padrão de vida e estudos. Quatro mil francos em Paris constituíam uma importância bem razoável.

Dois meses depois, tudo seguia no novo ritmo; mas nada de carta do tio se referindo a isso! E nada de carta de qualquer firma do Rio de Janeiro. Seria dinheiro mandado por Lúcia? Ficara uns dias nervosíssimo. E se escrevesse uma longa carta, narrando os

seus passos desde a noite em que a tia Marta o atendera para lhe dizer e demonstrar que Lúcia se negava a qualquer reconciliação? Daria conta da sua vida, do seu juízo, dos seus estudos, da sua saudade, do seu arrependimento, da gratidão para com o tio Zózimo, da especialidade que estava estudando, do projeto de voltar com bastante experiência para montar clínica. Pois tinha a certeza de que, ante a radical transformação operada nele, se reuniriam outra vez, para sempre. Que não escrevera antes porque não queria mandar promessas e sim realizações. Que deixara ao tio Zózimo o encargo de avisá-la de seu regresso quando e como ele julgasse conveniente e oportuno.

A Pervanche, como evasão carnal, sem querer o fazia adiar a carta.

Sim, um ano de Paris. Lúcia lá longe, como refém. Ele ali, tendo como menagem a área ecumênica da capital do mundo. Duas provas semi-antípodas, difíceis, mas indispensáveis. Só o tempo e a distância sedimentariam o Passado. Pensava nessa equação durante as aulas do Prof. Sebillaud.

* * *

Alguém agarra Mário por detrás e o comprime contra uma árvore. A pessoa ria tapando-lhe os olhos com as mãos. Costume brincalhão muito brasileiro.

– Adivinha quem é?

Desvencilhou-se, virou o corpo. Era Jorge Tancredo, seu antigo companheiro de consultório na Rua da Assembléia, aquele a quem, ano e tanto antes, vendera os seus instrumentos, os armários, a mesa, o Pachon, a lâmpada ultravioleta e tudo mais.

– Tu, que surpresa!

– Ora, muito maior a minha. Podia pensar em tudo, menos em te encontrar em Paris. Há cada coisa neste mundo! Pois não

ias para o interior, clinicar no interior? E quando teu tio, o Dr. Zózirmo, me escreveu, mandando dinheiro para pagar e retirar tuas letras dos agiotas (falar nisso, já tomaste juízo? Ham, bem!...) me dizia, ao solicitar aqueles favores, (imagina, favores!...), que estavas decidido a ir para Catanduva! Estiveste lá? Será que em pouco mais dum ano ganhaste a ponto de até poderes dar um pulo a Paris?

– Não foi isso, não; meu tio resolveu que eu viesse especializar-me em nariz, ouvido e garganta. Estou aqui em Paris há ano e tanto. Até estive a pensar, a ver como o tempo passa, quanto lucrei. Agora mesmo por exemplo, vou a duas aulas. De manhã trabalho no Lariboisière.

– Pois eu estou de passagem para Berlim. Desta vez sou todo Lichtenberg. Na outra, há três anos, perdi tempo no Necker, aqui não aproveitei nada com Legueu nem com Papin. Mas imagina que eu estava no *Café de la Paix* (quando venho a Paris, pago tributo de *badaud* sentando-me alvarmente ali horas inteiras... Influência de conversas ou de postais). Então, cursos, estudos, juízo! Bravos, bravos! Mas, como ia dizendo, não sei como te vi atravessando a praça. "Que camarada parecido com o Mário!" pensei comigo. Ótimas roupas que não conhecia (acostumei-me a figurar-te de azul-marinho, ou cinzento, tuas antigas cores prediletas). E eis que me certifico subitamente que eras tu de verdade. Que alegrão! Segui-te, quis pregar-te um susto. Vamos beber qualquer cousa. Há cada surpresa, neste mundo! Tu, em Paris? Ora esta é muito boa!

Entraram para o *Napolitain*. Conversa vai, conversa vem, muita recordação, e o Jorge não cabia de contentamento por a supresa revestir-se de aspecto tão otimista e ao mesmo tempo tão incrível.

– Aliás nunca me impressionou tua vida complicada, no Rio, porque inteligente como és, e tão moço, eu tinha certeza de que

aquilo era um período sem importância, que acertarias a mão! Cabeçadas, quem não as dá?

– Vem à aula comigo, assim conversamos.

– Não. Tu vais à aula e eu vou ao consulado alemão. Em que hotel estás morando? Vou visitar-te hoje de noite com Margarida. Temos que conversar muito. Dita lá a rua e o nome do hotel.

– Estou num apartamento. Rua Daru, 27, entressolho. Perto da Étoile, no bairro de Ternes, ou melhor, Courcelles.

– Apartamento? E em bairro chique, hein? Formidável. Como é que se escreve isso?

– Rua Daru. D,a,r,u. Da-ru. Número 27.

– Muito bem. Calculo o espanto da Margarida. Quanta vez em casa, falando a gente sobre ti, não me disse ela: – "Por onde andará o Mário, que nunca se lembrou de te escrever lá do interior de S. Paulo?"

* * *

Na sala de visitas da Rua Daru, Mário, fumando, sentado numa poltrona diante do casal acomodado no canapé, deixa que os dois o examinem e contemplem com pasmo e alegria.

– Quando Jorge, ao chegar ao Claridge, me disse: "Adivinha quem encontrei hoje, em Paris?!...", eu respondi uns oito nomes de amigos e de conhecidos. Mas, você, Mário? Qual! É mesmo o filho da incrível baronesa de Sincorá! Foi o dinheiro das minas de cobre, Mário? Jorge teve que jurar e dizer que lhe viríamos fazer esta visita! Mas só acreditei quando você nos abriu a porta!

– Jorge não lhe contou, ainda a decisão inesperada de meu tio?

– Contou que foi seu tio que o mandou para aqui; mas não disse que você está aqui há um ano já. E que bonito apartamento!

Estive uns meses numa pensão na Avenida da ópera; depois é que mudei para aqui.

– Então não se demorou em Ribeirão Preto?

– Fiquei em Ribeirão Preto, ou melhor, na fazenda de meu tio, apenas duas semanas. Vocês souberam que eu estava lá, pois meu tio mandou uma carta ao Jorge, com dinheiro para liquidar dívidas minhas.

– De fato. Jorge, uma noite, me disse que remetera para seu tio uns recibos.

Jorge emendou:

– Recibos, não. As letras pagas.

– Pois é, as letras pagas. Mas, na carta, seu tio dizia que você ia clinicar em... ora... como é o nome, meu Deus... ah! Catanduva!

– Realmente estive inclinado a ir clinicar lá. Decidi ir viver no interior, consertar a vida, tomar juízo, duma vez. Mas quando menos esperava... Vocês podem calcular o espalhafato que meu tio Zózimo fez comigo, quando apareci e tive que lhe contar minhas aperturas! De repente, foi para São Paulo, amuado e, quando eu cria que me abandonara na fazenda, deixando-me decidir sozinho, chegou um telegrama chamando-me a São Paulo. Passou-me outra descompostura, foi comigo a um banco, a uma agência, a um alfaiate! E eu a segui-lo, humilhado, sem atinar com coisa alguma. E de repente ele, um autêntico irmão em espalhafato e surpresas de minha mãe, me disse que havia vários modos de castigar e premiar. E que eu ia estudar dois anos em Paris. Que era a realização duma promessa feita ao tempo de mamãe.

– Muito bem. Jorge hoje já me contou quanto você tem estudado, os cursos que tomou, os hospitais que freqüenta. Pois, então!

Mário olhou-a. Ela entendeu que ele queria fazer uma pergunta e estava tomando coragem para isso. Ele disfarçou,

perguntou se queriam ver os cômodos do apartamento, ergueu-se, foi mostrar-lhes a sala de jantar, o quarto de dormir, a cozinha, ouvindo-os gabar tudo com satisfação. E, no corredor, perguntou à Margarida:

– Você a tem visto?

– Hein?

– Se você tem visto... Lúcia!

– Uma vez ou outra! Realmente, você está muito bem aqui. Um bairro muito bom, um amor de apartamento, tudo muito agradável. Que pena nós termos que embarcar amanhã para Berlim! Jorge resolveu esta viagem de repente, antes de fazer o concurso de livre-docente. Só temos quatro meses. Escreva-nos, para a Embaixada. – Na volta vocês passam por aqui?

– Acho que não. A idéia de Jorge é embarcar em Bremen, no *Cap Polônio*. Mas eu conto com você na estação, amanhã às cinco horas da tarde. Ó Jorge, então a gente não vai convidar Mário para almoçar conosco, amanhã? Será que até à hora do almoço você não acaba essa história no consulado e na polícia? Imagine, Mário, que mal abri as malas ontem, tenho que arrumar tudo outra vez, hoje! Também que pressa de Jorge em seguir já para Berlim! Da outra vez ficamos alguns meses aqui, num hotelzinho tão simpático perto da igreja de Santa Cecília. Desta vez, nem sequer um teatro, um passeio, um museu!

– Ela acha, Mário, que eu, com tese de livre-docência a entregar dentro de quatro meses, e cursos com data marcada em Berlim, posso ficar aqui assistindo ao *Follies-Bergère*!

– Não é isso. Mas uma semana não seria muito! Não acha, Mário?

* * *

No dia seguinte, ao meio-dia, Jorge ainda não havia chegado ao Hotel Claridge, tantas eram as voltas que estava dando para pôr em ordem os seus papéis a fim de embarcarem às cinco da tarde.

No salão, Mário aproveitava essa demora para ter a conversa por que desde a véspera andava ansioso, com Margarida. Depois de muita pergunta a que ela fugia não lhe dando ensejo para as interrogações únicas que realmente queria fazer, ouvia-a agora, abrir-se, como confidente. Nervosíssimo, escutava.

—Vamos por ordem, Mário.Você há de ter notado bem que não falei em Lúcia, na Rua Daru; e que lhe respondi a esmo quando você, ao mostrar seus cômodos, me perguntou, à queima-roupa, como ia ela. Vamos, pois, por ordem. Quando, há pouco mais de um ano, Jorge ao chegar em casa para jantar me participou que você tinha vendido as suas coisas de consultório e que ia para o interior, é claro que eu logo liguei esse fato a dificuldades meramente materiais de sua vida. Fiquei nervosa, mas... a bem dizer, contente, porque acho que muito médico que fica no Rio de janeiro perdendo oportunidades deve mas é ir clinicar numa boa região, no interior. Pensei, é evidente, que Lúcia ia com você.

— Não foi, não.

— Eu sei que não foi.

—Tem estado com ela? Sabe que eu estou aqui?

—Não atrapalhe! Que é que eu estava dizendo?Viu, você me atrapalhou! Ah! No dia em que Jorge recebeu uma carta confidencial do tio de você, lá de Ribeirão Preto, com um cheque, para ele, Jorge, pagar um resto de dívidas, e pedindo que visse modos de arranjar abatimentos, visto se tratar de agiotas com juros incríveis, dizia também que você ia ficar no interior e estava inclinado a instalar-se em Catanduva. Como sou muito curiosa, e como nem Lúcia, nem você, seu ingrato, telefonaram se despedindo, liguei

o telefone para a casa de vocês, no Cosme Velho, para tirar a limpo se Lúcia tinha ficado. Mas a telefonista tornou a pedir o número, acabando por dizer que o aparelho fora retirado. Deduzi, logicamente, que Lúcia o acompanhara. Onde vai a corda, vai a caçamba... Mas, meses depois, eu a encontrei no *Sloper*. Estava com uma menina. Saudou-me de longe. Não veio falar comigo. E eu também fiz a burrice de não ir falar com ela. Não sei por que foi! Acho que o modo dela, certo vexame... não sei explicar direito. Saiu logo, fingindo, acho eu, mexer na bolsa para não levantar os olhos na minha direção. Sou muito curiosa! Disfarcei, fui para a porta, assim como quem vai espiar um artigo na vitrina. E então vi que ela entrava, com a garota, para um automóvel particular, de luxo. Fiquei intrigada. Disse comigo: – "Decerto o tio de Mário, que é rico, está a passeio no Rio, com Mário e Lúcia. Em casa, repeti isso a Jorge que também achou que devia ser mesmo. O fato de Lúcia, que durante três anos me visitava tanto quanto eu a ela, chegando até a haver intimidade entre nós, não ter vindo falar comigo, foi coisa que me surpreendeu, mas que perdoei porque cuidei que as burradas de você, Mário, tivessem causado nela, algum complexo. Nós, mulheres de médicos, agora usamos muito esta expressão "complexo"! Bem, passou. Tempos depois, ao telefone, a Noêmia me disse que estivera no *Yacht-Club*, com amigas e que tinha visto Lúcia saltar duma lancha automóvel com uma menina e o casal Nuno de Almada. Que o sr. Nuno até estava com o boné de comodoro. Conheceu que era a família Nuno de Almada, por ser gente que todo o mundo conhece e inveja, visto se tratar de fortuna célebre no Brasil. E ela mesma, a Noêmia, me garantiu que tinha sabido (pois perguntara, até ficar sabendo, a várias amigas dela e das relações daquela gente) que Lúcia era preceptora da tal menina, a qual não era, nem mais nem menos, senão a filha do casal Nuno de Almada.

– Quando saí do Rio, minha mulher estava, havia semanas, morando em casa da tia Marta. Fui, à noite, buscá-la, para seguirmos para Ribeirão Preto. A tia Marta me contou, então que minha mulher pensava em aceitar o convite para ser preceptora dessa criança. Não me estou queixando de nada. Nem a censurando, tampouco. Só estou dizendo que quando fui para São Paulo já minha mulher pensava em ir para a casa da família Almada. Aliás, isso se explica: ela foi companheira de colégio interno, seis anos, da esposa desse milionário. E estava devendo a essa mulher um favor especialíssimo, de dinheiro. Favor que até me livrou, talvez, de ir parar na cadeia. Foi até um modo de pagar tal favor. Escute, Margarida, eu fiz tanta besteira no Rio, deixei minha mulher sofrer, tantos vexames, que se agora quisesse, diante de você, tomar uma atitude idiota de abandonado, estaria representando uma vil comédia. Ela achou que não devia acompanhar-me para São Paulo, visto eu não lhe merecer crédito nem lhe poder assegurar uma vida já não digo tranqüila, mas sem lancinantes surpresas. A verdade é que eu estava atolado no vício do jogo. E quando se joga e se cai nas mãos dos agiotas, ai da esposa! Conhecerá desde os pequeninos dissabores domésticos até os mais surpreendentes golpes!

– Você não teve juízo, não. E nem precisava fazer uma coisa dessa! Com uma mulher tão boa, tão bonita, tão sua amiga, tão dedicada! Mas... o que lá foi, pronto, acabou. Você está estudando, está outro homem, quando voltar...

– Estou com dois cursos. Um oficial, da Faculdade de Medicina. Tiro o diploma no ano que vem. E juízo é coisa que não me falta. Tenho muita disciplina interior. Sou até metódico. E nunca mais viu minha mulher? Contou-lhe você que vinha a Paris, que me...

– Como? Eu sabia lá que você estava aqui?...

– Ah! É mesmo! Então acha, Margarida, que ela não sabe o meu paradeiro? Sabe, sim. Decerto você não a viu mais, ou... se

viu, as circunstâncias não deixaram que ela lhe dissesse. De mais a mais, você sabe bem, se há criatura reservada, é ela! Meu tio, naquela ocasião, a intimou a ir para Ribeirão Preto. Nunca vi a resposta. Mas, pessoalmente, ele me disse que Lúcia se negou a isso, por...

– Escute, Mário, eu seria hipócrita, se fizesse agora ar de grande espanto, por você estar me dizendo que Lúcia se negou a acompanhá-lo e a obedecer a esse pedido de seu tio. Eu... eu... estive com Lúcia há quarenta dias! E... sei por que foi que ela se negou a continuar vivendo com você. Lúcia é uma grande mulher! Um espírito disposto aos maiores sacrifícios. Não foi a falta de ritmo, nem de harmonia quotidiana na vida que a fez tomar essa decisão. Você sabe, muito bem. Garanto que ela nunca se queixou de aperturas, nem dificuldades de vida; tem uma grande capacidade de tolerância, uma paciência muito secreta, muito nobre! Sempre foi incapaz de se queixar, e nem preciso lhe estar dizendo estas coisas. Por que é que Jorge não chega, meu Deus! Felizmente, nestes hotéis, a hora de almoço é até as duas!

– Então, encontraram-se há uns quarenta dias! Como vai ela?

– Muito bem. Suas palavras textuais. Quando lhe perguntei como ia, ela, com aquele seu feitio recatado, me disse que estava muito bem.

– Mas onde foi que você a encontrou?

– No *Grande Hotel*, no Guarujá.

– Ahn...

– Imagine você, mera casualidade. Jorge e eu tínhamos ido a São Paulo batizar a filha dum irmão dele que é industrial na Mooca. No dia seguinte, se resolveu dar um passeio até Santos, para eu conhecer a serra. Almoçamos na cidade, fomos para o Guarujá, passar a tarde. Acabamos ficando uma semana. E certa manhã dei com Lúcia. Ou, por outra, ela foi quem me viu. Vinha da praia. Nós estávamos no terraço embaixo, diante do bar. Lúcia vinha

com uma menina e uma senhora. Alguém na mesa (estávamos numa roda dumas nove pessoas) disse que aquela senhora era a esposa de Nuno de Almada. Virei-me e não sei se pensei ou não em Lúcia, associando aquele nome ao dela... Não sei. Mas vi uma criatura fitar-me. E muito esguia, com uns cabelos castanhos, uns olhos doces. (Mário, ela é tão linda!...) Reconhecendo-a, ergui-me. Abraçou-me, ficou parada a olhar para mim, com tamanha ternura! A garotinha e a senhora entraram no saguão; nós fomos andando, como para entrar também. Subimos conversando. Ela queria que eu fosse para a suíte, mas no corredor deu a entender que devia haver gente lá e perguntou se eu estava hospedada ali no hotel. Respondi que só de passagem! E a fiz entrar para o meu quarto. Foi lá que tivemos uma conversa de muito mais de hora.

Mário estava nervosíssimo e disfarçou fazendo ironia.

– Então, no Guarujá, hein? São Clemente, Avenida Atlântica, Paquetá, Teresópolis, fazendas, Gávea, Poços de Caldas, iate, automóveis, Guarujá! Esplêndido! Qualquer dia destes, ao passar pelo Hotel Meurice, dou com ela a sair pelo porta-revólver!

– Conversamos bem mais de hora. De início me foi pedindo desculpas por não ter vindo falar quando me vira no *Sloper*, nem haver telefonado antes, quando desmanchara a casa em Cosme Velho. Perguntei-lhe então se estivera no interior por algum tempo, antes de eu a ter visto no *Sloper*. Respondeu que não. Que, semanas depois de ter desmanchado a residência de Cosme Velho, entrara para a família Almada como preceptora daquela menina que eu devera ter visto na praia com a mãe e ela. Depois ficou a olhar-me e a sorrir, contente por me estar vendo. Bobamente indaguei se estava gostando do Guarujá. Respondeu mais ou menos que o fato de ser preceptora em casa de gente de alto tratamento lhe proporcionava amiudadamente viagens, estações d'água, estadas em hotéis e até mesmo um luxo relativo. Depois, com um sorriso estranho observou que, dois anos depois de

casada, o destino lhe reservara a ironia de conhecer a opulência e o bem-estar no exílio, pois no lar apenas conhecera amargos dissabores. Que me estava dizendo isso não para fazer comparações nem para achar que melhorara de situação, não. Mas apenas para explicar porque eu a encontrara num hotel de classe, numa praia de banhos. E também para que eu tirasse daí a conclusão de que se ela optara entre o lar e ser preceptora devera isso ter sido por motivos muito excepcionais. Que, havia ano e pouco, um irmão de sua sogra, fazendeiro ex-diplomata, em cuja fazenda o marido se recolhera quando ela desfizera o lar deixando-o, um tio portanto de seu marido, a intimara a ir para o interior de São Paulo onde Mário tentaria clínica e vida nova. Chegara mesmo a inculcar que ele, tio, facilitaria as despesas dos primeiros meses. Que ela em resposta se negara a se juntar de novo ao marido, não pela experiência de apertos materiais, coisa que em pouco ou em nada estremece um lar. Mas que se negara porque tinha uma estatística cruel de decepções de outra ordem....

Mário ficou muito encarnado. Então Margarida disse:

– Mas eu não quero prosseguir neste assunto com você, Mário. Isso lhe faz mal e a mim também; paremos aqui.

– Não, não. Continue. Preciso saber de toda essa conversa.

– Você vai desculpar-me. Eu o convidei para almoçar conosco e não para afligi-lo.

– Margarida, seja minha amiga, fale. Conte! Continue...

– Bem, então é por sua conta, hein! ? Vamos ver se consigo reconstituir a conversa. Que ela, Lúcia, não estava ali, naquele quarto de hotel, a querer, diante duma amiga (de quem guardava tão preciosa lembrança dum tempo de mocidade e de recém-casada) lavar roupa doméstica. Que, como casal, você e ela jamais tinham tido queixa pessoal um do outro, querendo-se e entendendo-se não só como esposos, mas até como irmãos, pois desde pequeninos se conheciam. Que os fatos individuais, seus,

de você, repercutiam, era lógico no expediente de casa. Mas que isso não teria jamais a menor importância, pois sendo ambos de famílias abastadas, haviam conhecido as conseqüências duma decadência financeira quase gêmea. Mas que rompera a união e se negara a reatá-la e precisava agora me estar contando isso, não para se dar como sacrificada, como heroína, nem inversamente, como mulher que entre um lar mediocremente instalado e o cargo de preceptora em casa de nababos optara por este último benefício. Que eu, Margarida, lhe merecia uma explicação. E que me estava dando essa explicação. Queria que eu soubesse que não procurara nem escolhera o lugar que desfrutava. Que saíra de casa, inopinadamente, certa madrugada, ao se dar conta duma falha de caráter de você, Mário. Meu Deus, por que é que eu estou lhe repetindo estas coisas, Virgem Mãe?

– Chiu! Vá falando. Pelo amor de Deus não se interrompa.

– Que fugira e fora para casa duma tia pobre. Que para não sobrecarregar essa parenta, se pusera a dar aulas.

– Justamente. Eu sei que foi assim.

– Que a esposa de Nuno de Almada a convidou para ser preceptora da filha porque estava, melhor do que ninguém, ciente da sua situação aflitiva, pois dias antes emprestara a ela, Lúcia, a pedido, uma quantia enorme para tirar você, Mário, dum embaraço inominável.

– É verdade. Depois meu tio de Ribeirão Preto mandou pagar esse dinheiro a essa senhora, pois eu lhe contei essa dívida sem esconder que tal empréstimo me tirara do apuro mais sério da minha vida.

– E que foi justamente, quando a esposa de Nuno de Almada agradeceu esse pagamento, que viu que jamais poderia deixar de continuar a lecionar a menina, para não parecer que o fato de você ter pago implicava em "elas por elas..." E mais que, antes disso, se negara à intimação do seu tio, porque, além da

complicação que esse dinheiro solucionara, e da morte dum cliente que você abandonara para ir jogar, deixando de vê-lo dias e dias, aliás, gente paupérrima, você cometera outro ato e tal, que seria impossível uma conciliação.

— Ela lhe disse que ato foi esse?

— Não, nem quero que você me diga. Apenas acentuou que, depois dela se ter humilhado a ponto de ir pedir uma quantia desproposital a uma antiga companheira de colégio, você não se emendou; continuou a ir jogar com um dinheiro que devia considerar sagrado, porque não era dinheiro de milionários, nem de clínica e sim dinheiro que equivalia a lágrima, suores e luto...

— Ela tem toda a razão. Não sei onde eu estava com a cabeça!

— Que, portanto, folgava em o acaso ter proporcionado nosso encontro, e queria apenas explicar que não ficara com os Almadas para viver melhor, para fugir a trabalhos, para ter luxo, quietude, bem-estar, não. Que se achava ali, como estaria ainda na casa da tia a dar aulas, indo e vindo de bonde de bairros distantes, só porque se capacitara categoricamente que estivesse onde estivesse, a lavar pratos, a tecer no tear duma fábrica, a dar aulas a pobres ou a ricos, cumpria um dever qualquer, sem escolha, mas que não ficara com uma pessoa que diariamente lhe haveria de dar constantes e crescentes provas de conduta que a martirizavam pela natureza anômala, inqualificável dessa conduta. Que por mais angustiante que lhe fosse ter que decidir não ir para o interior com você, não fora, nem iria jamais, apenas por ter horror visceral aos deslizes de caráter. Que sabia, previamente, devido aos fatos dessa semana crucial, que não havia remédio. Que então, literalmente amputara, por instinto, a parte que não toleraria anexado à sua alma. Depois, erguendo-se para se ir, e já se despedindo de mim, pois iam voltar para S. Paulo depois do almoço, rogou que eu desculpasse o assunto. Que esquecesse,

como, por sua vez, ela já tinha esquecido. Que dava aulas a uma criança, retemperava o caráter duma criança! Que quanto ao havido antes, amputara. Que, era claro, uma amputação era um defeito. Mas um braço, uma falta de mão, uma cicatriz sendo coisa que se escondia com uma renda, um lenço, uma aba de chapéu. Sorriu, despediu-se...

Mário, vexadíssimo, humilhado, olhava para Margarida:

– Agora, com que cara vou almoçar com vocês?

– Com a cara com que nos recebeu ontem no seu apartamento. Você está coligindo, com a sua vida, provas redundantes de que se corrigiu! E, portanto, só pode diante de mim, que sou testemunha de que você se emendou, estar tranqüilo.

– Não, não. Vou retirar-me. Jorge decerto ainda demora.

– Está vendo o resultado de você me obrigar a falar, Mário? Meu Deus, que é que eu fui fazer?

Só fez bem em me contar essas coisas. Então, se não há mais de quarenta dias que vocês se encontraram, acaso acha que ela não sabe onde eu estou?

– Acho que não. A esse respeito, como eu própria ignorava seu paradeiro (quem poderia adivinhar que você estava em Paris? E logo em Paris?!) e como nem tocou nisso, a conclusão, Mário, é que ela, pelo menos há quarenta dias atrás, ignorava onde você estava!

– Então, Lúcia durante mais dum ano não teve a idéia de escrever a meu tio para ao menos saber onde eu estava? Não digo para saber se eu tomara juízo, mas para se orientar apenas quanto ao local onde o marido estava!

– Agora me diga: e você lhe escreveu, ou escreveu a essa tia dela, para saber o que sua mulher fazia, se se dera bem no cargo de preceptora, se já mudara, se estava ao menos gozando boa saúde? Escreveu? Então, Mário!

—Tem razão, Margarida. E não foi falta de lembrança. Desde a viagem a bordo para aqui que todo o santo dia até hoje, eu adio uma carta que sempre penso dever escrever.

— Pois escreva! Isto é, quer saber duma coisa, quer ouvir o conselho duma amiga sua e dela? Não escreva. Que ela ignora que você está aqui é evidente, pois lhe disse que vínhamos à Europa e ela, tenho a certeza, se soubesse que você estava aqui, me diria. Nem tem dúvida! Já que você nunca escreveu, quer ouvir um conselho meu? Não escreva. Preste bem atenção. Deus não interpôs, naquele momento difícil da sua vida, o seu tio lá de Ribeirão Preto, nem o inspirou a fazer você vir estudar num meio adiantado assim, sem um desígnio. Estude, capriche, volte quando acabar o curso. Eu, daqui a quatro meses, no máximo, estarei no Rio, de volta. Não digo que contarei que estive com você. Isso é uma coisa que nem eu sei, ainda, se deva dizer, se terei ensejo, se acharei ocasião e vantagem em dizer. Estude, capriche, e quando voltar, então...

— Está bem. Vou pensar no seu conselho. Se não escrevi até agora, de fato parece que... Mas, diga uma coisa, Margarida: acha que ela tem decepção de mim, ainda? Você a viu há quarenta dias mais ou menos; concentre-se e me responda certo, devagar, exato, direito: sentiu saudade, tortura, angústia, ar, enfim, de esposa que ao revirar tanta cinza tenha demonstrado... não sei me explicar. Ela é severa em questões de consciência! Enfim, o que quero perguntar é isto, apenas. Pouco e muito, embora seja uma coisa só: você acha que...

— Diga, Mário. Sou sua amiga, estou aqui para ajudá-lo.

— Não. Chega. Quero almoçar. Beber vinho. Deixar vocês depois, sair por aí a fora, andar, andar, andar!

— E só lhe fará bem. Isto é, não sei. Meu Deus, em que foi você me meter, Mário! Que aflição! Fiz bem em lhe dizer essas coisas? Oh!...

– Você não me disse nada. O que eu quero saber você ou talvez ninguém me possa dizer.

– Que é, Mário? Quem sabe se poderei responder? Se ela o ama? É isso? Claro que sim.

– Ainda não é bem isso. Amar, no caso, não basta. Pode-se amar um filho aleijado, idiota, vicioso!

– Então, que é?

Nisto o Jorge Tancredo entrou, esboçou menção de que ia subir, que vinha já. E fez o sinal de comer, jocosamente.

Margarida, depois que ambos se voltaram para Jorge significando que sim, que o esperariam, tornou a perguntar:

– Então que é, Mário?

Mas, erguendo-se, ele não respondeu. Refletia, sério, procurava cigarros no bolso, atarantadamente.

– Ou você me diz o que é, ou então quem não vai almoçar sou eu. Subo já para o meu quarto, para chorar!

Mário então fez a pergunta dificil, a que a si mesmo vinha fazendo havia tanto tempo.

– Você, naquela conversa, deduziu que ela já me perdoou? Quando ela falava no meu nome, com as letras todas, M,a,r,i,o, ou indiretamente, "meu marido", "ele", pôde você reparar se ela falava com asco ainda, com decepção, com ar afastado de quem não quer se contagiar?

– Ora, ora, Mário!

– Responda!

– Mas você então não conhece o grande coração de Lúcia?

– Não responda assim. Você tem responsabilidade no que lhe estou exigindo agora que me responda. Não é a amiga que vai responder. É a testemunha. Faz de conta que lhe estou apresentando um quesito num laudo, para você, debaixo de juramento, me responder certo, neutramente.

— Minha Nossa Senhora! Eu fui descobrir feridas não cicatrizadas.

— Então, me desculpe. Diga ao Jorge que me senti mal e que me retirei. Pode até dizer que foi uma cólica! Que eu estava, por exemplo... bêbedo, inconveniente!

— Mas Mário!...

— Então responda. Ah! Você não quer responder? Então já sei. Minha mulher antes do disfarce, isto é, quando deparou com você, ainda tinha o ar de pasmo de quem jamais se esquecerá duma coisa hedionda, horripilante! Ela tem razão. E você tem razão em não me querer responder. Eu não a decepcionei. Eu a horrorizei para sempre, não no coração, nem nos olhos, mas no espírito! Vou embora. Arranje uma desculpa qualquer por mim, perante Jorge.

Saiu quase a correr. Chamou um táxi, para evitar que o casal o pegasse calçada abaixo, pelos Campos Elísios. Como deduziu que iriam à Rua Daru, e o procurariam a esmo, mandou tocar para a estação do trem de Versalhes, ficou lá a perambular, roendo as unhas; quando o trem saiu, meteu-se num compartimento, fez a viagem em estado catatônico, um grande ar de estupor na cara, acendendo um cigarro que a todo instante se apagava. Saltou em Versalhes, subiu a Rua Gambetta, entrou no palácio, embarafustando pelos salões e galerias, viu cômodos de reis e de rainhas, salas e apartamentos, durante duas horas. Depois, desceu aos jardins, postou-se diante dos tanques e repuxos, seguiu ao longo do *Tapis Vert*, virou, parou, até que, andando, descobriu uma sombra sossegada perto da torre de Malborough, lá por perto do Petit Trianon.

Ali ficou, sem pensar em nada, olhando em frente, como um homem que se vai suicidar. À noitinha comeu num restaurante, o *Tout-va-bien*, na Rua Duplessis. Depois andou a pé e de bonde pela

Avenida da Picardia e pelo Boulevard de La République. Entrou num hotelzinho, pagou, subiu, deitou-se.

No dia seguinte acordou coisa de meio-dia. Então voltou para Paris, foi diretamente para a aula, no Odeon, passou o resto da tarde a subir e descer Saint-Michel, Saint-Germain, a seguir o Sena.

À noite, ao subir para o apartamento, a porteira, intrigada, disse logo que um casal o procurara três vezes, telefonara outras tantas. Deitando-se, Mário seguiu os Tancredos, mentalmente, para lá de Liège e de Aix-la-Chapelle, ou talvez além de Colônia, aflitos, a trocarem impressões sobre ele... (Não lhe escreveriam, de Berlim, por estarem ainda pasmos, convictos de lhe terem feito mal.)

II

Quando a madrugada se enviesou pelo pátio do edificio, Mário pensou que não aturaria mais a insônia, e que ia ter um acesso. Virou de borco, como suspenso no ar. E então dormiu profundamente.

Acordou, lá para tantas, seco de sede, foi ver a hora: uma da tarde! Tomou banho, barbeou-se, refletindo.

Aquela conversa, em que obrigara Margarida, a contragosto, a lhe contar a disposição de Lúcia a seu respeito, o que extraíra da confissão dessa amiga, os seus conselhos prudentes, aquele resto da tarde a andar emendando cigarro após cigarro, a insônia noturna, interminável, e mais que tudo, a vigilância de si mesmo, a certeza de que o procedimento de Lúcia era de fato "baseado em estatísticas de dois anos de dissabores e de decepções", tudo isso centrifugado, toldara a limpidez de todo um ano de disciplina.

Veio para a sala, procurar cigarros. E estando ainda no meio do corredor, levou um susto pueril com o ruído longo da campainha da entrada. Antes que a *bonne-à-tout faire* viesse atender, foi abrir.

Era a Pervanche, que lhe caiu nos braços. E retirando o *petit-gris*, o chapéu e as luvas, foi contando como dera um jeito para ter ficado em Paris. Mas logo o achou diferente. Parou no meio da sala, esquisita, foi instalar-se no colo dele, beijocou-o. Depois afastou o rosto, estudou-lhe bem a fisionomia, refletiu, pensou que a sua volta o' tivesse decepcionado.

Enveredou pelo corredor, foi espreitar o quarto, o banheiro, a cozinha, a copa; voltou, pôs as mãos nas ilhargas, perguntou que era que ele tinha! Nada? Como, nada?

— *T'en as assez, n'est-ce-pas?*

Olhava-o com ciúme, desconfiava de outra mulher. Ficou eriçada, sentou-se, cruzou as pernas, pôs-se a fumar *Abdulla*. Deixara de ir a Clermont-Ferrand, só por causa dele. Para quê? Sim, para quê? Era doença? Aborrecimento? Jogo? Mulher? *Cafard?* Era outra? Ah! Era, hein?...

Soprava a fumaça, ficava a examiná-lo através da espiral azulada.

Ele procurava um jeito de trancar-se por dentro, não queria absolutamente se humilhar. E essa mulher aí, com as pálpebras um pouco apertadas, por causa da fumaça e da reflexão, a aventar, lá consigo mesma hipóteses; foi encostar-se à janela fechada para ficar dominando a sala, abrangendo um golpe de vista mais estratégico. Estirado no canapé, ele a via agora, como se ela tivesse por milagre passado pela janela, vindo da rua. E ela o via, como numa tela, estirado, em *scorzo*, horizontal, entre almofadas de seda, couro e camurça.

Veio, então, da janela para ele, sentou-se afastando-o com o corpo, puxou-lhe a cabeça para o colo, deu-lhe o seu cigarro, tomando o dele, começou a afagar-lhe a cabeleira.

A Pervanche tinha feito *permanente*, estava penteada para cima, a nuca era um espécie de coluna curta. Seus ombros, nesse *tailleur* de casimira rematavam duas linhas de tanta perfeição moderna, que ela ficava meio andrógina, mais nova, quase esportiva. Perguntou-lhe se já havia almoçado. Ante a resposta negativa, ela se ergueu, foi "fuçar" na cozinha os armários; descobriu latas de conservas e de sardinha, fiambre, ovos, manteiga, um bocal intato de leite; afastando a criada, enfiou na cinta, feito avental, uma toalha alvíssima, tirou uma frigideira, acendeu o fogão elétrico, estrelou ovos, veio armar a mesa do quarto, puxando para perto um do outro os dois criados-mudos; trouxe pratos, copo, foi à sala, puxou-o como o retirando dum barco de pescaria ou de

sesta, levou-o para o quarto. Fechou a porta, fê-lo sentar na cama, puxou uma cadeira, ficou diante dele, com as mãos no rosto, os cotovelos no mármore, a vê-lo comer; porém Mário mal tocou no prato. Disse ela que no *mas* "daquele tipo" havia no subterrâneo pipas de vinho, uma verdadeira adega. Que "ele" morava lá com a mulher, mas que ela, Pervanche, tinha que ficar num hotel; engraçado, não? Como era que as mulheres se sujeitavam a coisas erradas, idiotas, sem motivo nem necessidade? Que ia era voltar a posar, que se desiludira de tudo. Sim, de tudo, estava ouvindo bem? Que posar dava dinheiro e, principalmente, liberdade. Viu, sobre a cama ainda por fazer, o livro *La Vagabonde*, de Colette.

— *Tiens, tiens, tu me prêteras ça. J'adore ce roman.*

Encarou a cama revolta, perguntou a que horas tinha levantado, se não fora ao hospital. Ele acendia outro cigarro, sem responder. Então ela saiu do quarto, foi vestir o *petit-gris*, repor o chapéu e calçar as luvas. Voltou. Ele estava na mesma posição, fumando.

Ela atirou o romance, que folheara, sobre a cama, fechou a fisionomia, disse que não voltaria nunca mais, houvesse o que houvesse. Que era a paga que ele lhe dava, de ter escapulido do "outro!" Uma tola, a pensar que precisava dele. Mas não precisava não; ele sim, é que ia precisar, e bem; mas que então não a teria. (Estava desfigurada.)

E saiu.

Apartamento vazio. Monotonia. Ambulatório. Doentes. Sinusites. Pólipos. Mastoidites. Ozena. Amidalectomias. Desvios de septos. Laringites ulcerosas. Cordas vocais de tuberculosos que falavam em falsete. Técnica operatória. Jorge Tancredo e Margarida em Berlim, no Hotel Adlon, talvez. Lúcia no iate percorrendo os rios da baixada fluminense. Aulas na Faculdade. Um professor barbado, de fraque, a falar diante de balcânicos, espanhóis, sírios, argentinos, colombianos, anamitas e árabes.

Nos domingos, a antipatia de lojas fechadas e de multidões de pequenos burgueses escorrendo pelos *trottoirs* rumo a teatros, museus, paradas de *autobus*, descidas de *metrô*.

Saudade física da Pervanche, como substitutivo da saudade espiritual de Lúcia.

Necessidade absoluta de solidão. Necessidade absoluta de promiscuidade. Alternativas. Tinha que procurar Pervanche, na Rua de Retines. Foi. A porteira, uma magricela esganiçada, disse que Mlle. Pervanche tinha ido para a campanha, que alugara o apartamento a um casal de canadenses.

Foi procurar Sérgio. Ateliê fechado. O porteiro informou que o pintor continuava no sul de França, fazendo *tournée*. Mário imaginou-o em cidades de província, famílias percorrendo as telas em exposição, comprando e regateando preços.

Deixou de ir ao consulado, de visitar brasileiros (eventuais amizades de um ano em Paris) em seis hotéis de luxo ou de modesta classe. Principalmente não encontrar esse horroroso Freitas. Tentou-o a idéia de embarcar num cargueiro, no Havre ou em Marselha, rumo ao oriente longínquo; escolher para exílio qualquer cidade exótica, possessão holandesa, muito para lá da índia e da China, entre o estilhaçado mapa malaio. Calculou que haveria qualquer coisa de perdão e de desespero em embarcar até como médico de bordo num navio, vomitando a alma no Índico, fazendo escala em portos opacos cujos nomes não decorara direito em geografias rudimentares nem em novelas inglesas.

Passou por ele um táxi rodando vagarosamente. E o chofer, erguendo o dedo, dizia:

– Courses! Enghien! Enghien!...

Um sujeito, de binóculo a tiracolo, entrou para o táxi.

O chofer insistia, inspecionando a calçada, gritando que custava só cinco francos. Mário subiu.

Avenidas, ruas, estradas, fim de cidade, início de arrabalde, muros, campos, granjas, bosques, passagens de nível, um hipódromo elegante, com mulheres metidas em peles e homens em sobretudos. Mas, nas gerais, uma ralé viciosa.

Perdeu mil francos em três páreos. Ficou zonzo, quis vir para Paris, voltou ao *pesage*, apostou no outro páreo, perdeu quinhentos francos. Saiu, antes das corridas acabarem. Voltou de trem, num frenesi incontido; foi para casa perseguido por duas idéias que eram duas propostas opostas. A sua direita, uma voz dizia: "Se teu tio soubesse!" À sua esquerda, outra voz dizia: "Não podes concordar com esse prejuízo:" Com a antiga prática procurou fazer uma sistematização de circunstâncias em torno dos fenômenos sorte e azar. Nasceram-lhe normas e expedientes mediantes os quais podia forrar tudo. A voz da direita dizia que era besteira, que pensasse no que já tinha sofrido; e a voz da esquerda mostrava por *a* mais *b* que recuperar aquele dinheiro era questão apenas de prudência e método.

Meteu-se num cinema. Depois foi para casa. Deitado, ficou sendo o eixo dum turbilhão de pensamentos.

Na manhã seguinte não foi ao hospital; saiu até a esquina, comprou jornais, leu telegramas e se viu, sem saber por que, lendo com ar de perito a seção do turfe. Almoçou nervoso, foi para *Maisons-Laffitte*. No começo não jogou. Depois um homem lhe deu um palpite. Mas jogou em outro cavalo, de desorientado que estava pela leitura do *Paris-Sport*.

O cavalo, papite do tal sujeito, ganhou fácil, dando um dinheirão. Isso irritou Mário ainda mais. Em duas horas e meia, indo, vindo, sofrendo, recuperando esperança, novamente se decepcionando, perdeu o saldo do lucro daqueles 19.200 francos, de meses antes e mais os dois mil francos que, na sexta-feira, tinha recebido no escritório do Delhorme. Quando abriu a carteira e viu que lhe sobrava uma única nota de cem francos,

ficou tão espantado e lívido que desandou a procurar dinheiro nos bolsos. Depois fez as contas, viu quanto tinha jogado, somou com o prejuízo da véspera, ficou num banco da arquibancada, apático, acendendo o cigarro que teimava em apagar a todo instante. Voltou para Paris, já ao escurecer, com as orelhas vermelhas, o coração opresso; no *metrô*, até Ternes, as duas vozes opostas o punham louco, de tanto diálogo por cima dele, como vendedores de mercadorias disputando um freguês.

Foi então que se lembrou que tinha que pagar o aluguel do apartamento, o tintureiro, a criada, a lavadeira e o curso do Dr. Gouverneur. Tão perplexo entrou em casa que o tempo parou; não viu horas, fulgurado por uma iluminação retrospectiva que lhe trazia, como numa tela, uma série de considerações súbitas, duma clarividência aguda. Afinal perdera o ganho; o lucro. Tinha, porém, a remessa pontual do tio Zózimo, o recebimento na Rua du Bac; a solução era prosseguir nos estudos. Mas já sentia que lhe seria difícil recuperar a disciplina.

No dia seguinte, ao sair de casa, viu que diante dele, figuradamente, havia dois caminhos. Acabrunhado, teimoso, tomou o caminho do Banco, retirou os dois mil francos do mês, mais mil e quinhentos que era quanto, agora, lhe sobrava do lucro em Auteuil. (Tinha dado dois mil francos a Sérgio e três mil a Pervanche.)

Se tivesse tomado o caminho certo, teria voltado à casa e pago o aluguel à porteira, como até então fizera pontualmente. Mas o caminho dessa manhã, dava voltas, ia ao Banco e continuava até Saint-Cloud. Lá estava ele, às duas horas, disposto a uma desforra, mas cauteloso por causa do aluguel. Metido no gramado, viu os cavalos, até cinco horas, passarem cinco vezes diante do disco. Com afluxos de sangue no coração, cinco vezes viu que perdera; e viu por causa dos números afixados, pois, desconhecendo as cores das jaquetas e atrapalhado com o nevoeiro, não tivera sequer

a emoção de assistir direito. Só ele soube como saiu do prado, como achou descomunalmente intolerável esse préstito de táxis para Paris. Veio num calhambeque, entre quatro desconhecidos, um magro, um gordo, um alto, um corcunda, sendo que o primeiro era careca, o segundo barbado, o terceiro usava, *pince-nez*, o quarto tinha orelhas transparentes de filhote de elefante, usando um *chandail* que lhe dava à corcunda certa semelhança com bigorna.

Meteu-se em casa, sem pensar, literalmente zonzo. Só ao deitar, depois de comer como um desalmado, foi que considerou coisas: havia três dias que não ia ao hospital, nem à Faculdade, nem ao Dr. Gouverneur. A porteira o tinha olhado dum modo esquisito, quando entrara.

Outono. Árvores despidas. Pensamentos. Ao passar pela porteira, dizer o quê? Teve uma idéia. Foi à Rua du Bac, anunciou-se e, ao empregado que veio solícito, perguntou se seria possível receber adiantado os dois mil francos do mês seguinte, visto precisar comprar material cirúrgico para o curso. O empregado mandou esperar, demorou, voltou com o dinheiro. Agradeceu, foi para Auteuil tapando todas as vozes que lhe despejavam reflexões pela cabeça abaixo, como pedradas.

Ali, meses antes, displicentemente, sem vício, por brincadeira, ganhara dinheiro que, somado ao lucro também eventual de Longchamps no verão, o habilitara a mudar para um apartamento, a fazer figura perante os patrícios, a mostrar certo *aplomb* perante a Pervanche e mesmo perante Jorge e Margarida.

Se jogasse no primeiro páreo, perderia. No segundo, jogou e perdeu. No terceiro jogou e ganhou, mas menos do que perdera no anterior. Foi examinar os cavalos, vacilou, implicou com o nome dum cavalo: *Hohenstaufen*. E não é que esse cavalo, no qual não jogou, tendo jogado num outro, deu 350 francos! ? Invés de ir embora, ficou sentado num banco, vendo a paisagem. (Mais

tarde, muita vez, repararia, com angústia, como as paisagens que circundam os campos de corrida têm uma paz bucólica incrível e paradoxal!) Nisto viu, bem perto, chegar um grupo a rir e a se abraçar fazendo algazarra. Pela conversa dos tipos e pelo dinheiro que um mostrava, aos guinchos, soube que o tal tinha ganho quarenta mil francos em *Hohenstaufen*. Aquele bando parecia de levantinos; eram parecidíssimos uns com os outros, como consangüíneos. Os compatriotas saqueavam o colega que ria como em cócegas.

Que tristeza na alma, ao regressar com vinte e cinco francos! Ao entrar em casa, entanguido de frio, a porteira saudou, disse, com certo vexame, que o proprietário viera e que estranhara a demora. Subindo, respondeu que pagaria no dia seguinte. Ela sorriu, pedindo desculpas. Mas, ao meter a chave na porta, sentiu qualquer coisa como quando, dois anos antes, ao entrar em casa, no Cosme Velho, metia a yale no vão da fechadura.

A excitação clareou-lhe certos vãos até então sossegados do cérebro. E assim foi que diante dele surgiu o estratagema de ir pedir dinheiro ao Freitas. Humilhava-o isso; o outro podia negar. Ficaria envergonhadíssimo. Se tivesse sido hábil, minutos antes pedindo uma espera à porteira, poderia recomeçar tranqüilo os estudos. Mas a lembrança desse novo rico, o Freitas, que sempre nos bulevares o saudava com um "Então, como vai essa força?", convidando-o e insistindo a tomar uísque, a aparecer no hotel, a acompanhá-lo ao *Bataclan* e aos *Follies-Bergère*, lhe tomava todo o pensamento. As horas passaram rápidas. Acabou indo ao quarto do Freitas. (Lembrou-se do golpe dos dezesseis contos, aquela vez, num hotel perto da Central do Brasil. Este outro hotel, agora, era perto duma estação também).

O Freitas estava contente: tinha arranjado uma amiguinha em Pigalle, estava com idéias de montar apartamento. E falou, falou, enquanto se vestia. Do armário escancarado pendiam ternos e

ternos. E, pelo rodapé do quarto, coleções de sapatos que não acabavam mais. Mário, que preparara a frase, disse ao que vinha.

– Três mil francos? Só? Tome mais. Leve seis mil. E não tem pressa, quando quiser. – E mostrou a carta de ordem permanente, de cinqüenta mil francos.

Mário ia tomar o *metrô* para Ternes. Ia pagar o aluguel. Ia pagar o Dr. Gouverneur. Ia à aula na Faculdade. Mas, como já estava na cidade, resolveu pagar o aluguel ao entrar, à noitinha. Viu as horas. Era o tempo exato de ir até o Odeon assistir à aula da Faculdade. Foi, o professor entrou, com o seu fraque e a sua barba, disse que na aula passada tinha acabado o capítulo Otites Médias, que ia começar o Labirinto. Começou a falar. Primeiro a anatomia da região. Explicou bem o labirinto, mostrando desenhos enormes, a duas cores, com uma vareta.

E nisto um demônio entrou, sem ninguém perceber, tirou Mário do seu lugar e o fez entrar num táxi para Auteuil. Ia acabrunhado, como um prisioneiro que atravessa toda uma cidade ao ser transferido de presídio. E, em Auteuil, as corridas não passavam de mero divertimento social. Isso, visto por alto; mas, visto com os olhos com que Mário olhava, era uma reunião de vadios, de fúteis, de burgueses, de aficionados, de turistas, de velhas com queixos aduncos de megeras, de choferes disponíveis, de velhos carcomidos de vício, de malandros, de escroques e de cáftens. Pelo menos ali, onde ele estava, com medo de ser visto por brasileiros. E precisava, essa tarde, decidir coisas muito sérias. Perdeu quinhentos francos na segunda corrida. Mais mil francos na terceira. Dois mil na quarta. Essa tarde só dava favorito e, por isso, jogou dois mil francos num deles, no quarto páreo. O cavalo alazão chegou em segundo! Ficou aturdido, bebeu um conhaque, foi espiar o rodeio dos cavalos da quinta corrida. Mas espiar para receber uma inspiração objetiva, súbita, aguda, certa, miraculosa. No jogo, sabia muito bem que há um instante em que a coragem

pode levar o indivíduo a uma como que adivinhação paradoxal. Escolheu o cavalo número 3. Todo o desaponto de ter perdido três mil e quinhentos francos arranjados pelos antigos processos lhe passou instantaneamente.

Tinha no bolso dois mil quinhentos e quarenta francos. Jogou mil e quinhentos, subiu para a arquibancada, ficou fumando em pé, perto duma pilastra, olhando ao longe a pista, onde os cavalos já se alinhavam, pequeninos, distantes. Tomou bem nota da cor da jaqueta do jóquei do número 3. Um alarido. Os sete cavalos saíram como numa passeata, poupando-se, numa velocidade calma. Pularam o segundo obstáculo, vieram crescendo, mas paralelos, como se estivessem, atrelados a um punho gigantesco. Pularam o segundo obstáculo, aproximavam-se; mas, já agora uns na frente outros enviesadamente. Um caiu. O jóquei deu uma reviravolta, de fundilhos de cetim para o ar, na tarde que um solzinho aclarava. O 3 ia em quarto lugar. Passaram a primeira vez pela arquibancada. Depois fizeram a curva, só se lhes viam as ancas lustrosas. Pularam outro obstáculo, acautelavam-se, domados, porque era a vez de transporem o riacho. Três caíram, refilaram dois. O 3 estava na frente! Mário mascava o charuto. O 3, do lado de lá da pista, corria, empinava-se, o jóquei caía-lhe sobre o pescoço, elegantemente. Agora era o galope da curva, antes da chegada: e o 3 na frente. Sempre na frente. Mário verificava bem as cores. Diante quase, da arquibancada, uma sombra súbita: o cavalo número 1 juntou-se ao número 3, num paralelismo de justaposição móvel. E, ante um berreiro ensurdecedor, o 3 resistiu e venceu por distância milimétrica. Todo o mundo, comentando a chegada, descia da arquibancada, a dizer que o 3 ia dar mais de setecentos francos por 10, pois vendera pouquíssimas pules. Mário foi verificar no placar as cotações. O favorito tinha uma aposta monstruosa, outro tinha milhares de pules vendidas, vários tinham apostas razoáveis; o 3

estava desprezado, não vendera mais que duzentas pules de cem. Como azougue, foi vigiar, fumando, o sítio onde ao som duma sineta atordoadora, se afixava o número dos cavalos chegados em primeiro e em segundo lugar. Mas, só para o porem nervoso, agora demoravam.

Com o coração aos pulos, viu subir a primeira tabuleta.

— *Salauds, c'est le 3 qui a gagné!* — disse alguém, ao lado. Mário, com uma satisfação que o atordoava, olhou essa tabuleta que subia. Mas na tabuleta estava escrito: FOTOGRAFIA. (Então viu que o sujeito que tinha falado aquilo, não estava dizendo que o 3 ganhara, estava descompondo os juízes de chegada justamente por terem erguido aquela tabuleta. E esse sujeito era o corcunda cujas costas pareciam uma bigorna!) A opinião unânime, segundo ouvia por ali, era que o 3 ganhara. Não havia dúvida, e a fotografia ia provar. Mentalmente, Mário contava o tempo de revelar, fixar, tocar a campainha e afixar o 3. Ficou parado ali, pregado ao chão. Depois resolveu calcular quanto teria ganho. Oh! Dava para pagar o aluguel, restituir o dinheiro que na Rua du Bac lhe tinham adiantado, devolver os seis mil francos ao Freitas, pagar o Dr. Gouverneur, mandar o jogo às favas, ficar com dinheiro no banco, receber qualquer dia desses a visita outra vez, da Pervanche, acabar o curso, receber o certificado, e, lá para o próximo verão, voltar ao Brasil. Faltava pouco, para o fim do curso. Já estavam dando *labirinto*. Ah! Num labirinto se ia metendo ele! Num labirinto, sim; mas dera com a saída! Se dera, ah! ah!...

Parado, perto da casa das apostas de cem, fazia o cálculo, ajudado por um sujeito (mas era o corcunda, Deus do céu!). Baseando-se na terceira e última cotação, o número 3, ia dar (e os jornais comentariam!) cerca de mil francos por dez. Já se vira coisa assim? E o corcunda explicou que só em Maisons-Laffitte vira disso, numa quinta-feira, havia muitos anos. Pelos

cálculos, muito por alto, ia receber, quando a campainha tocasse, uma fortuna! Mas teria ganho o número 3, mesmo? Desembaraçadamente perguntava a opinião de sujeitos, a torto e a direito, a jóquei, a empregados, a gente de dentro! E a opinião era que o 3 tinha ganho.

Foi para o bar, pediu um conhaque e, no rápido segundo em que virou o trago, ouviu gente reforçar a certeza de que o 3 havia ganho, que esse juiz, o Troyat, é que tinha essa mania de escrúpulos; era um velho *gagá*. Nisto campainhas atroaram, gente saiu a correr e Mário, que esperava o troco, ia sair também, sem troco, quando um sujeito lhe deu um encontrão e pediu desculpas. Perguntou ao homem quem tinha ganho.

— *Mais, voyons, le* 3!

Fechou os olhos, deu o troco, como gorjeta, segurou-se ao balcão, disse para si mesmo: juro que nunca mais jogarei. Foi a Margarida, com aquelas coisas, que me desorientou. Juro, JURO que nunca mais jogarei! Ouvia aclamações, lá fora. Gente corria para os guichês, para jogar na última corrida, o atraso da fotografia ia ser descontado, não havia tempo a perder.

Saiu às pressas, foi para o *pagador*. *Pois* não é que não fora só ele que acertara! Havia sujeitos aglomerados, esperando. E logo se viu diante do postigo; certa mão apática lhe pegou os talões. Esperou, apoiado na tábua. O homem lhe entregou... os mesmos talões, dizendo com voz cavernosa:

— *C'est le numéro 1 qui a gagné, Monsieur!* (E, com o lápis estendido, agachando-se, mostrava o placar lá fora, no alto, e onde Mário viu, na tabuleta de cima, 1 e na debaixo 3.

Pediu desculpas, recuou, voltou-se para a arquibancada, para o *affiche*, e caminhou, vendo por toda a parte, no *pesage*, sobre a cerca, em cima do pavilhão do juiz de chegada, as tabuletas dizendo que o 3 tinha chegado em segundo lugar. Sempre com os talões na mão, ouviu o retinir de campainhas, gente a

correr, formando um paredão humano lá na sebe que rodeava a pista. Sentou-se num banco, ficou olhando as costas desses indivíduos que olhavam para um ponto longínquo; ouviu um tropel. Todos aqueles sujeitos agora olhavam para a direita, seguindo o pelotão dos cavalos da última corrida. Pelo gramado, rente ao banco, passou uma criança de roupa azul-marinho com gola branca, de marinheiro, oferecendo, no ar, um pedaço de chocolate a um cão *poil-dur* que dava saltos mostrando uma língua escarlate de marujo bêbedo. A criança e o *poil-dur* eram como dois arcanjos que brincando se tivessem aproximado do inferno, inadvertidamente.

Mário olhava agora o chão. Pela areia vinha uma formiguinha, com uma folha em riste nas costas. Parecia a miniatura, a muitas diminuições de escala, dum operário carregando uma folha de zinco. Com o sapato a pisou. E erguendo o pé, viu que a formiguinha continuava toda lampeira, com a sua folha intata. É que ao pisá-la, ela ficara entre o vão da sola e do salto. (Mário, se tivesse pensado, teria visto nisso um símbolo de salvação possível. Mas aquela imagem lhe passou despercebida.)

* * *

Passou-se um mês. Outro.

Pensava nas notas de cem e de quinhentos que nos guichês punha nas mãos como que amputadas dos vendedores de apostas. Pensava nesses talões cujos números não coincidiam com os das tabuletas erguidas. Lembrava-se da Pervanche a dizer-lhe que ainda viria a precisar dela mas que então não a teria. Lembrava-se que fora falar outra vez com o empregado do Delhorme, inventando uma viagem a Bordéus, um curso, despesas de viagem, hotel, matrícula, e que recebera mais outros dois meses, novembro e dezembro, e que, três horas depois, era

como se tudo fosse mentira, pois a carteira e os bolsos estavam vazios. Do banco, no começo de dezembro e nos primeiros dias do ano novo, fora diretamente para Vincennes, jogar em corridas de trote. Pagara o apartamento mas estava atrasado de novo, e escrevera ao proprietário uma mentira tão bem arquitetada que a porteira continuara com a amabilidade antiga. Largara o curso particular do Dr. Gouverneur, falhava ao hospital, acordando tarde. Ia, quando não tinha quantia para jogar (não sabia jogar com pouco) às aulas da Faculdade onde toda a turma (principalmente ele) estava afundada não mais em labirinto, e sim em mediastino. Que estava em mediastino não havia dúvida, pois esses dias e essas noites via o próprio coração, do tamanho dum sino, bater, bater, como num subterrâneo. Mas, agora, esta noite (seriam apenas sete e meia), tinha que abandonar o apartamento, pois o procurador do senhorio saíra de sua terceira visita numa semana, sendo que na primeira lhe ouvira as desculpas, na segunda viera ver o que resolvera e agora, havia duas horas, viera dizer que segunda-feira se veria obrigado, muito a contragosto, a requerer despejo. Dissera isso tranqüilamente, saudara, e depois descera. Ah! O que esse aluguel o fizera sofrer, escolhendo as horas em que a porteira dava o seu giro, à noitinha, para então sair para a rua, a fim de arejar os pensamentos! Muita vez, agora em janeiro, para não voltar a casa durante o dia, se metera no Louvre, por causa do frio, nas secções da Pérsia e do Egito.

Pôs as suas coisas na mala que tinha o rótulo dum vapor e dum hotel. Camisas, gravatas, cuecas, toalhas, meias, lenços, dois ternos (como já estavam usados!), livros, escova, sapatos, etc. Abaixou a tampa, abriu a janela, ficou vigiando. Viu a porteira sair, toda agasalhada, apoiando-se ao braço do marido. Esperou que dobrassem a esquina; pôs o chapéu; na porta da rua encontrou a sobrinha da porteira que saía também.

— *Bonsoir, monsieur le docteur.* — *Bonsoir, Mademoiselle.*

Seguiu de longe a porteira, viu-a entrar no Parc Monceau. Então correu à esquina da Rua de Lisbonne, conversou com um chofer de táxi, explicou que a mala era um pouco grande; combinaram preço; já veio sentado no automóvel. Subiu ao entressolho, com o chofer, ajudou-o a erguer a mala, desceu na frente para vigiar, disfarçando. Esgueirou-se, entrou no táxi pelo lado da portinhola do lado da sarjeta; sentou-se apertado (deixara a chave em cima da mesa da porteira), tinha estritamente o dinheiro do automóvel. Durante o percurso, segurou a mala, como um labrego segurando um cofre, numa mudança.

Foram para o hotelzinho barato. Enquanto subia a ver o quarto friorento e velho, com cama de solteiro, Mário caiu em si. Aquele chofer da Rua de Lisbonne acabaria contando, na Rua Daru, cujos inquilinos servia, onde ele, Mário, estava. O quarto não tinha calefação e o frio entrava pelas frestas e subia das tábuas largas do assoalho. A janela dava para uma área. Deitou-se. Mal dormiu, de tanto frio; logo cedo um realejo de cego o acordou, moendo os *Sinos de Corneville*.

Expediente a adotar: Biblioteca Nacional, aulas da Faculdade, freqüência matutina ao hospital.

Mas acordava tarde ou, por causa do frio, não tinha coragem de erguer-se. O hotel não fornecia refeições.

Logo no segundo dia se meteu na Biblioteca, pediu os volumes da *História da Arte*, de André Michel, pois folheando, vendo gravuras, sofreria menos. À hora de jantar verificou que não tinha com que pagá-lo; e então resolveu ver se Sérgio já voltara dessa excursão de cinco meses. Triste tarde já escura, de inverno, em Paris. Bela para os viajantes que atravessam rapidamente os bulevares, pensando na hora do embarque para a pátria. Tristes tardes escuras, intermináveis. Multidões agasalhadas. Teatros. Recepções. Concertos. Atmosfera cálida de restaurantes, cafés, *dancings*; sons guturais de violoncelos, vozes descritivas de violinos bulindo

com o subconsciente de mulheres românticas ao lado de estrangeiros muito bem postos. Hora de pensar em regressar. Hora de saudades compactas. Estações sumidas em céus fuliginosos. Monumentos públicos entrevistos pelo vidro dum táxi que nos vai deixar na plataforma onde o trem apenas espera que o *controlleur* se ponha a gritar: "*En voiture!*" Hirtas tardes de inverno, incolores, densas, obrigando a pensar em climas claríssimos e a evocar terras onde a luz irrita os olhos. Lembrança apagada do Sena, com as pontes inesquecíveis. Ó fachadas insignes, quantos, a esta hora, não vos vêem pela derradeira vez, levemente emocionados, um pouco sob o sortilégio duma presença se desfazendo já em lendária lembrança?!...

Caminhando para o ateliê de Sérgio, Mário sentia tristeza, amargava raciocínios, via o reflexo baço de luzes se acendendo. Ante a perspectiva de hotéis infames até ao começo do mês (apenas receberia os dois mil francos do tio Zózimo, pois o Delhorme, pela combinação, só lhe daria dinheiro em abril, para acertar as contas), pensava no interior aquecido do estúdio de Sérgio. Caso o encontrasse pediria para ficar morando com ele.

A porteira disse que do sr. Sérgio, nem sinal; que já alugara o ateliê a outro, e que pusera "a tralha" no depósito onde guardava o carvão.

Desanimado subia a rua, e ia dobrar a esquina, para o bulevar, quando encontrou o Freitas.

– Como vai o senhor?

– Olá, sempre o vejo, afinal! Que fim levou? Fui à sua procura no endereço que me deram no consulado, e a porteira disse que nunca esperaria que o senhor fizesse o que fez! Falar nisso, e os meus seis mil francos? Aquela vez lhe servi, mas agora vou embora, estou precisando. Eu disse que não tinha pressa. O senhor me disse, sem eu perguntar, que era por uns quinze dias, no máximo! Já lá vão três meses. Estou precisando. Encomendei

muita coisa, lustres de bronze para meu pai, o enxoval da minha irmã, etc. Estou precisando. Onde é que se esconde? Hotel Viking? Onde é isso? Viking, deixe eu tomar nota. (Escreveu no livro de cheques, do lado de fora: Vi-king.) Arranje isso no máximo para a semana que vem. Estou prevenindo. Fui amigo, gosto que sejam corretos comigo! Ouviu bem? Depois não se queixe!

Mário desculpou-se da demora, disse que...

– Não quero saber de nada. Fui amigo, exijo correção!

Esse encontro e o feitio do Freitas humilharam-no demasiado. Percebeu que com esse homem sem alma, que não tinha papas na língua, ia afligir-se por causa daquele maldito empréstimo.

Veio-lhe então uma idéia, enquanto subia as escadas lôbregas do hotel. Telegrafar para o tio dizendo que estava mal, com pneumonia. Muito mal. Deitado, coberto até as orelhas, achava a idéia viável. O tio mandaria dinheiro telegraficamente, decerto uma soma apreciável; e, então, pagaria esse sujeito. Estudou o texto do telegrama. Dormiu, pensando nisso. Mas, quando acordou, estava lúcido. Esse truque de pneumonia era truque de brasileiro safado, tapeando família para consertar complicações em Paris, ou para ir ficando. O tio, ex-encarregado de negócios, ex-secretário de embaixada, ex-ministro plenipotenciário, não era tolo para cair numa armadilha dessas, principalmente sabendo do que sabia.

Os dias passaram, as semanas, as aulas da Faculdade, as tardes na Biblioteca, os domingos nos museus, nos cafés, as longas horas de desânimo e de evasão ao longo do Sena ou subindo e descendo os Campos Elísios. No dia 30 achou a conta do hotel. Desceu, disse que a sua mesada era no dia 4 ou 5 de cada mês. O homem considerou, disse que então estava bem. Mas, no dia 4, o dinheiro não estava no banco, e nem no dia 5. E nem no dia 10. Verificou isso indo de manhã, de tarde, e na hora do banco fechar.

Então foi fazer ponto nas imediações do consulado, viu descer a ler uma carta, um funcionário do Ministério da Agricultura, um brasileiro em missão, que o cumprimentava sempre que o via, tocando apenas na aba do chapéu.

O que sofreu, para ter a coragem de pedir àquele homem um empréstimo! Afavelmente, descendo com ele rua abaixo, o outro lhe deu duas notas de quinhentos.

– Faço isso com muito prazer. E quando puder me pagar, mande para este endereço, no Rio, pois embarco amanhã. – (Deu-lhe um cartão.) – Não tem pressa; quando voltar, me leve um presente que equivalha a isso. Adeusinho, não tem de quê.

Foi correndo pagar o hotel e telegrafar para Ribeirão Preto, pois essa demora não era vapor atrasado; vira a lista dos vapores de várias companhias entrados da América do Sul naquela semana. Apenas quatro; dois no dia 2 e um no dia 6, sendo que outro no dia 30 do mês anterior.

Dali se raspou para o *Café de la Rotonde* a ver se os garçons ou a roda de amigos de Sérgio tinham notícias dele. Nada.

Regime de aulas na Faculdade; idas sem método, falhando muito, ao hospital, de manhã, sempre atrasado, quando o expediente do ambulatório já estava quase acabando.

Teria o tio sabido que estava jogando? Teria informantes? Seria gente do consulado?

Nada de resposta do telegrama. Entrava no banco, o empregado conhecido e que já sabia do telegrama, abanava, lá da sua mesa, a cabeça, dizendo que não havia nada. Saía para a rua, angustiado, perplexo. Os dias passavam. Poupou o resto daqueles mil francos. Como duraram! Reparou que precisava de sapatos e que um dos ternos, o de mais uso, já estava ficando amarelado nos joelhos, e com os fundilhos lustrosos. Quando o dinheiro acabou, empenhou um terno, bem novo, de verão, ficando apenas com o do corpo. Oito dias depois vendeu a um *bouquiniste*, os livros de medicina.

Poupou o dinheiro, comprando cigarros baratos, comendo em restaurantes *Duval*, indo a pé ao Hospital e ao Odeon. Uma tarde teve a idéia infeliz de subir ao consulado, para ver se haveria alguma correspondência. Quem sabe se estaria lá a explicação dessa remessa ter sido interrompida? Os funcionários foram muito amáveis, o cônsul também, e então contou o seu aperto, a história da mesada pontualíssima todos os meses, a súbita falta esse mês, o telegrama havia catorze dias sem resposta.

O cônsul aconselhou que era melhor esperar até ao dia 5 do outro mês, a ver se teria sido extravio do correio; e logo passou a atender outro brasileiro. E nisto...

Ah! Nisto entrou o Freitas, de luvas, de *cache-col*, de polainas. Antes que lhe perguntasse pelos seis mil francos o trouxe para a escada e lhe repetiu o que estivera a dizer ao cônsul; prontificou-se a ir com ele ao Banco ver sé era ou não verdade que a remessa falhara; mostrou o recibo do telegrama.

O Freitas ouvia, punha nele uns olhares coados através de pestanas de mestiço, fungando; depois disse que "era sempre assim: a gente fazia um benefício, recebia uma patada!" Acrescentou:

— Você sabe o meu hotel onde é, a prova que foi ter lá quando precisou de dinheiro. (Erguia a voz, na sala do consulado se ouviria.) — Logo, devia ter ido, quando lhe disse no outro dia que esperava uma semana. Um homem direito faz assim. — (Pessoas subiam, brasileiros decerto. Mário desceu, de orelhas encarnadas.)

Nasceu-lhe a sugestão de se salvar desse homem telegrafando ao Jorge Tancredo a pedir seis mil francos. Foi ao correio, fez dois telegramas, um para o consulado, outro para a Embaixada em Berlim, com o nome de Jorge Tancredo. Voltou ao consulado para arranjar que lhe passassem os dois telegramas; ao entrar na sala do cônsul, viu e ouviu o Freitas a dizer:

– É um malandrão, me pediu três mil francos, fui tão burro que lhe... – (mas vendo-o, parou.) Mário fitou-o longamente, aproximou-se do cônsul, entregou-lhe os dois textos de telegrama; o cônsul leu-os, saiu com ele para a sala ao lado, perguntou o que queria, deu-lhe o dinheiro para os telegramas, disse que não se importasse, que aquilo era temperamento do outro, que não era um desconhecido quem lhe iria mudar a boa conta que tinha dele; e acompanhou-o à escada.

Mas, no telégrafo Mário subitamente viu que não podia mandar esses despachos a Jorge... Já não devia estar na Alemanha, mais. E, caso recebesse leria, faria considerações com a esposa, talvez tivessem dificuldades para o atender e ainda por cima ligariam fatos passados, deduziriam coisas... Rasgou os dois papéis.

Esperou o dia 5, num nervosismo de roer unhas. Nada do dinheiro. Então foi direto à Rua Du Bac, pediu para falar pessoalmente com o sr. Delhorme. Contou que a remessa mensal do tio não viera no mês anterior e nem nesse. Que a remessa do Rio de Janeiro estava presa até abril, porque o sr. Delhorme lhe fizera a bondade de adiantar dinheiro. Que se vira obrigado a mudar do apartamento, que estava num hotel, que tinha a conta do mês a pagar, que se achava em dificuldades por causa dessa interrupção, que telegrafara para Ribeirão Preto, que não obtivera resposta.

O Delhorme sabia mais do que ele! Disse lastimar que fosse por seu intermédio que devesse saber que o ministro Zózimo tinha morrido em Santos, repentinamente, no Hotel Balneário. Que lera num *Estado de São Paulo* chegado havia muitos dias. Como é que no consulado não sabiam? Que, naturalmente, a interrupção estava ligada a esse fato doloroso; mas que decerto o inventariante providenciaria para as remessas se fazerem. Que isso de inventário no começo atrapalhava certas coisas, principalmente as distantes, como no caso. Que não podia de

maneira alguma dar-lhe dinheiro, pois a correspondência com a firma do Rio estabelecia dois mil francos por mês e que, em dezembro, época de fechar balanços, vira que ele, Mário pedira e fora atendido em extraordinários, tendo pois que ficar suspensa a entrega de dinheiro até à normalização. Chamou o empregado, viram os três que só em abril Mário ficaria em dia. Mandou o empregado retirar-se; disse, então que do seu bolso particular ia ceder mil francos, até se ver em que parariam as modas...

E abaixou a voz, olhou Mário bem nos olhos, – ... mas que esperava que esses mil francos não fossem para *as patas de cavalos!*

– Como?

– O senhor sabe ao que é que eu me estou referindo. Veja lá, e adeus. Até abril.

Mário ficou aturdido. Ignorava parado naquela sala, se o que estava sentindo era a surpresa da notícia da morte do tio Zózimo ou o vexame desse sr. Delhorme saber que ele jogava em corrida de cavalos. Com os mil francos na mão, saiu. Na rua pôs o chapéu e ia rumar calçada em fora, quando deu com o Freitas parado, de mãos no sobretudo, esperando.

– Passe os cobres. Não se faça de sonso.

– Acabo de saber aqui que meu tio morreu. Agora é que a minha situação se complicou deveras. O senhor vai ter paciência, não posso lhe pagar já. Mas lhe pagarei. Pode ser daqui a um mês, dois, mas pagarei. O senhor me dê o seu endereço no Rio.

– Antes de lhe dar os meus pêsames, vou me certificar direito.

E enveredou para o escritório. Mário, seguindo-o, pedia que não fizesse isso.

Entraram juntos. O empregado atendeu e o Freitas disse que queria falar com o chefe, o patrão, o dono, a pessoa que mandava ali. – Falava em péssimo francês; depois, vendo Mário dizer ao empregado que queria falar ao sr. Delhorme, e dizer isso em

português, foi logo explicando, em português também, que sim, que ele também queria falar com esse Delhorme.

O empregado perguntou qual a natureza do assunto. – Quero falar pessoalmente.

– O senhor quem é?

O Freitas deu o nome vexado, alto, como se o empregado já devesse saber.

O empregado perguntou qual era a natureza do assunto; que podia falar com ele mesmo.

– Já lhe disse que é assunto particular. Ora essa:

– O senhor tem negócios com a firma ou com o senhor Delhorme?

– Tenho sim!

– O seu nome não consta nos nossos arquivos, nem na correspondência.

Então o Freitas encarou o empregado e ia transpor a porta que dava para a outra peça, quando o Delhorme surgiu. Ante a categoria, as roupas, o ar distinto do sr. Delhorme, o Freitas tirou o chapéu e ficou meio atrapalhado. Mas encarando Mário, logo recobrou ânimo.

– Que deseja? – perguntou Delhorme.

– O senhor é o sr. Delhorme?

E tendo uma resposta positiva, disse, mostrando Mário:

– Eu conheci este moço aqui em Paris, em rodas de brasileiros. Há vários meses, me pediu três mil francos emprestados, por uma semana. Cavalheirescamente lhe dei seis mil. Sumiu, nunca mais me procurou para me dar satisfação; agora vem com a história de que as remessas do Rio de janeiro, ou de São Paulo, foram interrompidas. Há uma semana esteve no consulado, não disse coisa com coisa. Eu o andei seguindo, hoje o vejo entrar aqui; o porteiro me disse que é aqui que ele recebe dinheiro, que vem várias vezes por mês; eu esperei. E agora, ali na calçada, ele se

sai com esse negócio de que o tio morreu repentinamente em Santos.

O senhor Delhorme convidou-o a sentar-se, fez Mário, que estava lívido, sentar-se também; e disse, fitando muito ora um, ora outro:

– Efetivamente o ministro Zózimo morreu repentinamente no Hotel Balneário, em Santos. De mais a mais, se o Dr. Mário disse, não precisava o senhor vir se certificar aqui dentro.

– Perdão, eu sei se devo ou não acreditar no Dr. Mário.

– Por que diz isso, tão grosseiramente? Acha que pelo fato de ter emprestado seis mil francos a um patrício que lhe foi pedir três mil se põe em condições de superioridade para o envergonhar perante mim? Sabe em que apreço eu tenho esse moço?

– Ele já me tem mentido!

– Não importa. Aliás não acredito. Marcar prazo e não cumprir não é propriamente uma mentira. E se veio até aqui pensando que por esse meio arranjaria os seis mil francos, está muito enganado!

Levantou-se, disse à Mário:

– Entre lá para dentro, para a minha sala.

Sentado no escritório, envergonhadíssimo, Mário escutava o senhor Delhorme atirar-se ao Freitas como um nobre sobre um vilão.

– Eu não sei, não quero saber o senhor quem é. Mas me basta a sua atitude! Vou lhe dar os seis mil francos.

Entrou no escritório, chamou o empregado, mandou preparar um recibo, onde constasse o nome de Mário como sendo quem pagava, mandou entregar o dinheiro, ficou sentado, fumando, calado, prestando atenção na sala próxima.

Ouviram ambos o ruído da pena, quando o Freitas assinou o recibo. Então, pondo-se em pé, o Delhorme foi para a porta, assistir à despedida do ferrabrás, que disse alto, genericamente, como para uma multidão:

– Passem muito bem.

Voltou, sentou-se, arrumou umas coisas sobre a mesa, disse, sem fitar Mário:

– Agora é que vai ser difícil, endireitar tão cedo a sua conta. Vamos combinar uma coisa. Não pode viver com mil francos, até que se clareie a sua situação? Há de chegar carta, ou dinheiro para a sua volta. Pense muito no que vai fazer. Receba, aqui, no mês que vem, mais mil francos, e assim por diante, enquanto espera notícia. Há de estar a chegar. Mas veja lá como se... comporta. Quando acaba o seu curso?

– Em junho, sim senhor.

– Junho? Estamos em março. O senhor, com o que mandei entregar a esse pulha, praticamente até lá nada tem a receber. Vou fechar a sua conta em junho e pondo os extraordinários (inclusive este de hoje) que não são pequenos, como se o senhor tivesse recebido cada mês os dois mil francos. É assim que a sua contabilidade tem que ser feita. Como é que se mete com indivíduos da marca dessa hiena? Venha ainda no próximo mês, no dia 19, mas diga que quer falar comigo. Eu, pessoalmente, lhe darei dinheiro. Não podemos complicar a sua conta-corrente, tem que ser nos termos estritos da ordem que recebemos. Está compreendendo bem?

Mário agradeceu muito, saiu, emocionadíssimo, foi escrever para as primas. Contou como viera a saber, por segunda pessoa, da morte do tio. Fazia considerações, principalmente a respeito da gratidão que lhe devia, e que era imorredoura. Ajuntou que a interrupção da remessa de dinheiro já o fizera pressentir alguma novidade, mas que nunca suporia que se tratasse de motivo tão doloroso. Mais nada. Depois escreveu ao administrador da fazenda, cujo nome levou mais de meia hora para se recordar por inteiro; além dos pêsames e de repetir mais ou menos o que já escrevera na carta anterior, ajuntou, com modos delicados, que não recebia

a mesada havia dois meses; que, entendendo o motivo imperioso, esperava carta, para saber qual a situação em que ficava. Dava o endereço do consulado e pedia que a resposta fosse registrada.

Voltou à vida de hospital, às aulas na Faculdade, a fazer horas na Biblioteca, procurando sempre saber se Sérgio, ou a Pervanche estariam por Paris. Mas, nada deles.

O mês passou; foi, no dia 1°, à Rua du Bac. O empregado estranhou a sua vinda. Contou, então, que era ordem particular do sr. Delhorme, assunto combinado com ele. E ficou lívido com o que o empregado disse:

– Mas o sr. Delhorme está para Londres e não sabemos quando volta.

– Não deixou nada, não disse coisa alguma, a meu respeito?

– A mim, nada. Mas vou indagar. Entrou, esteve lá para dentro, abriu uma sala que Mário jamais vira, e donde vinham ruídos de máquinas de escrever; voltou, disse que não havia recado algum.

Que coisa...

Passou a ir ao consulado. Nada, também. Lá para o dia 15, começou a telefonar ora para o consulado, ora para a Rua du Bac... Nada. Mas no dia 20 o empregado lhe disse que desse um pulinho até lá. Foi, empurrando gente na rua, a respiração opressa, pois o homem do hotel lhe prendera a mala, silenciosamente.

O empregado entregou-lhe dois mil francos e explicou que o sr. Delhorme telegrafara de Londres, só para isso.

Sentiu uma gratidão infinita por esse homem.

Correu ao hotel, pagou a conta e ia subir quando o homem disse que o quarto estava alugado.

Saiu a procurar um quarto. Alugou uma espécie de mansarda; pagou um mês adiantado, foi buscar a mala, acompanhado dum carregador, por ser mais barato do que de táxi.

Essa mansarda dava para telhados. E esses telhados faziam ter bons pensamentos.

* * *

Recebeu a tão esperada carta, no consulado. Era do administrador, estava escrita a máquina, com erros de português, contava que sim, que o patrão morrera. Que as meninas já tinham voltado para o colégio, que o advogado do inventário era o Dr. Benigno da Silveira, com escritório em São Paulo, na Rua São Bento, 213, sobrado. Que tinha mandado a carta dele, Dr. Mário, para esse advogado tomar providências. Que as meninas decerto iam responder, agradecendo. Saudações, etc.

Esperou o agradecimento das primas e a carta do advogado, todo o mês de maio. Telegrafou, mal recebeu os dois mil francos, para o Dr. Benigno da Silveira, dizendo que o curso terminava agora e ele aguardava a passagem. O telegrama custou caro, porque tinha que ser claro, compreensível e com o endereço para a resposta.

Nessa mansarda que dava bons pensamentos, resolveu escrever à Lúcia que... Que o quê?... Não escreveu. Melhor seria chegar ao Rio, e então... Então, o quê? Lembrou-se da conversa com Margarida.

Em junho, para receber o certificado, submeteu-se a exame. Foi interrogado numa grande sala, por cinco lentes; teve prova escrita; demonstrou conhecimentos de prática cirúrgica e teoria clínica; obteve nota boa; estava "especialista". O diploma trazia a assinatura do reitor, o lacre da Universidade. Na mansarda, diante da mesa, olhava para aquilo, guardava direitinho numa gaveta.

Ah! Se o Delhorme quisesse lhe pagar a volta para o Brasil!...

Nessas tardes de verão, sentado no jardim do Luxemburgo, pensava na Pervanche, em Sérgio, na resposta que nunca chegava do advogado do inventário do tio Zózimo. E não foi nas árvores do jardim, nem nas flores que viu o verão! Foi numa criancinha dentro dum carro que uma ama empurrava. Ela brincava com aeroplano de tela como que feito com um pedaço de véu de noiva!

A resposta do Dr. Benigno da Silveira chegou: que se inteirara da sua carta mandada ao administrador da fazenda do falecido Dr. Zózimo; que era mero advogado do espólio, que o assunto devia

ser resolvido com o inventariante, o Dr. Gouveia, de Ribeirão Preto, que além de ser homem direito era quem, no caso poderia providenciar. Que, para adiantar expediente, mandara a carta a esse senhor, convindo, porém, que Mário lhe escrevesse. E dava o endereço e o nome por extenso.

Mário compreendeu perfeitamente, mas ficou humilhado, principalmente por as primas não terem respondido aos seus pêsames. Escrever a um desconhecido, esmolando uma passagem? Era algum entrevado? Uma mulher? E não escreveu.

Foi ao cônsul, pedir uma passagem.

O cônsul estava para Bagnères de Bigorre, estação de águas termais.

Voltou à Rue du Bac e como o empregado de Delhorme perguntasse pela sua situação, mostrou a carta do advogado, e contou que pedira uma passagem ao cônsul. Mas o empregado do Delhorme não adiantou nada, muito embora Mário fizesse umas indiretas muito nítidas. Vendo-o retrair-se, despediu-se, após receber mil francos.

Saiu dali com uma idéia imediata, aguda: jogar os mil francos em Longchamps. Resistiu, dominou-se. Pudera!...

Dias depois voltou ao consulado, falou com o substituto do cônsul, instando por uma passagem, de terceira classe que fosse! Levara o certificado, para mostrar, mas encabulou, porque vira várias vezes esse alto funcionário nas corridas e notou que ele o reconheceu de lá, e que, portanto, sabia que se complicara jogando.

– Nós repatriamos em certos casos, muito especiais.

Agradeceu, pediu segredo, desceu.

* * *

Resolveu ver quanto custava uma passagem de terceira classe, ir depois, de hotel em hotel ver nomes de pessoas brasileiras ricas; arranjar com três ou quatro patrícios a importância do regresso.

Mas teve logo nojo desse pensamento! Escrever ao Jorge Tancredo, absolutamente. Voltar ao consulado, pois sim... Só o Delhorme!

Sentou-se num café, pensou o diálogo que provavelmente se passaria na Rua du Bac. Mas que ia sair de lá com a passagem, nem tinha dúvida. Esse homem era bom; sentia, sabia, tinha certeza. De mais a mais, não sairia de lá sem a passagem, houvesse o que houvesse.

Seguiu para a Rua du Bac, vagarosamente, refletindo. Não merecia o que ia pedir. Sabia bem que não merecia. Mais duma vez o dinheiro dado por esse homem tivera o destino do jogo. Estava pagando. Para determinados atos não falhava nunca uma justiça que no começo não se via direito pois agia por circulação colateral.

Entrou, disse que desejava falar com o sr. Delhorme. Procurou esconder o vexame e a emoção.

– O sr. Delhorme nos escreveu de Londres ordenando fecharmos as suas contas-correntes, a relativa ao Rio e a que mantinha pessoalmente com o senhor. E deixou esta carta, junto com este dinheiro.

Mário, muito vermelho, já com a carta na mão, cumprimentou e desceu. Foi lê-la na rua.

Prezado Dr. Mário Montemor.

Durante muitos meses, cumprindo determinação de pessoa que não é seu parente nem conhecido, procurei facilitar sua vida e seus estudos em Paris. Mas também assumi o compromisso de ir verificando até que ponto o senhor merecia essa ajuda. Estou, portanto, desde muito, ciente dos seus passos. Os certos e os errados; quanto a estes, chamei a sua atenção, e o fiz sem humilhá-lo. O meu gesto o punha diante duma obrigação moral, mais perante a sua consciência do que perante mim. Contudo, o senhor continuou a decepcionar-me cada vez mais. Isso seria o de menos, se o seu procedimento não beirasse o descalabro, pondo-o em situação mais que aflitiva. Estive até a ponto de lhe pagar a passagem de volta ao Brasil.

Mas como fazê-lo, se tinha que dar contas não de sua vida apenas, mas principalmente do seu caráter, não podendo me restringir a mero intermediário de dinheiro? Acho conveniente dizer-lhe, agora que não me é mais exigido sigilo, quem vem a ser a pessoa que me deu ordem de fornecer-lhe mensalmente determinada quantia. Ordem essa que tantas vezes exorbitei. Chama-se Nuno de Almada.

Espero que quanto antes receba de Ribeirão Preto meios para voltar ao Brasil.

J. Delhorme

III

Verão era lá coisa que durasse?

Ó tristeza do outono! Nevoeiros, alamedas despidas, vento glacial, aspecto apressado de transeuntes, necessidade urgente de tomar deliberações de tropical. Mas, ao invés disso, delírios, apenas.

Por exemplo: fugir, meter-se em latitudes desconhecidas, ser médico de *coolies* nalguma plantação da Polinésia. Acabar lecionando línguas nalgum colégio japonês. Arranjar contrato nalguma ilha de cacau, na costa da Guiné.

Passava horas num café, fazendo hipóteses e planos, a carta do Delhorme no bolso, já de pontas reviradas e com manchas no texto, de tanto a reler.

Buscar possíveis serenidades em terras onde chegasse numa clara manhã; terra de outros hábitos, onde iniciar com alma nova, embora toda remendada, um esquecimento do passado e uma probabilidade de futuro sem remorso. Não precisava que fosse melhor, bastava que fosse sem remorso. Possível, isso?

Pôs-se a beber, por causa da umidade das noites. Esses crepúsculos e essas auroras de outono, raiados sempre de laivos de tela da Paixão, lembravam-lhe o tempo distante de estudante carioca; nesse tempo frívolo perpetrava poesias sobre o outono europeu, as catedrais, as brumas, os emblemas nevoentos do simbolismo. (Bruges, a morta, com os seus canais!) Mas agora conhecia o prosaísmo antipático desse outro outono em Paris.

Decerto era nestes mesmos cais, sob estes mesmos castanheiros, que poetas do seu idioma, como Antônio Nobre e Sá Carneiro, vagavam. Um, tuberculoso. O outro, pré-suicida. Pensou teoricamente na hipótese duma morte clandestina. Foi seguindo o Sena. Morrer afogado num rio como esse. Ser arrastado, à noite, pelas águas turvas, pelo vão de pontes monumentais, numa noite assim. Ficar escondido da curiosidade marginal pelo nevoeiro que roçasse as águas. Ir para longe, já fora da cidade, numa ilhota de caniços, boiando, estirado, com a cabeleira esparramada, os braços e as coxas emergindo da superfície suja. Permanecer ao luar, levemente oscilando, com reflexos úmidos no rosto, sem comover ninguém... Clandestinamente, sem papéis no bolso, nem mesmo a carta do Delhorme.

Mas, não. Num rio assim, não. Muito melhor morrer num caudaloso rio de continente bárbaro, entre florestas que o escondessem como cortinas espessas. Ficar boiando, dias e noites encalhado entre vegetações lodosas... E, de repente, aspirado pela maré baixa, seguir numa velocidade inaudita, rio abaixo, girar junto aos afluentes, parar um pouco no redemoinho da desembocadura.

Mas isso era atitude romântica, porque o instinto o fazia viver, tomar cautela, movido pelo pavor das pneumonias.

Entrou na estação do Palais Royal, no subterrâneo do Metropolitano. Estavam quentes aquelas escadas e aqueles corredores. A multidão em trânsito deixava ali a sua respiração, o seu calor animal. Pares amorosos conversavam, com um modo pecaminoso. Tomou um carro de segunda classe. Ia em pé, entre muitas pessoas, sacudido e chocalhado entre elas, dentro desse compartimento, varando o subsolo de Paris. Baldeou em Saint-Michel, com muita preguiça, lendo com tibieza os anúncios nos ladrilhos das paredes. Depois, quase centrifugado pela multidão que subia, descia e baldeava, tomou lugar em outro carro cujas

portas se abriram com um chiado típico de freios automáticos. Aquela hora os carros seguiam apinhados, pela treva oca do hipocôndrio urbano. E os que passavam em sentido inverso fazendo estrias súbitas no vidro, pareciam vermes luzidios. De vez em quando surgia a claridade de estações côncavas. Gente saltava, de roldão, empurrando e blasfemando. Saltou numa delas. Já na rua, seguiu, com as mãos nos bolsos, meio inclinado, a lutar com o vento, a gola erguida, um jeito de *apache*, em direção a um apartamento.

Mas lá, não arranjou grande coisa. Esse brasileiro, dos muitos que habitavam Paris, o recebeu numa sala deslumbrante, aquecida por calefação central, mas com uma lareira a cujo lado havia mesinhas com garrafas, copos, livros e cachimbos. Delhorme não havia muitos no mundo. Só um. E estava ausente, longe. Esse patrício rico recebeu-o em pé, em silêncio o escutou, pareceu examiná-l,o, atirou uma nota de quinhentos francos, ficou outra vez numa atitude tal que Mário só pôde agradecer monossilabicamente e sair.

Na rua, esqueceu a maneira por que fora recebido. Tinha fome, o resto não importava. Entrou num restaurante de baixa categoria. Comeu com sofreguidão um *ragout*; depois de tomar uma sopa grossa tresandando a cebola, comeu queijo, bebeu um trago de *fine*, saiu a contar o troco, ouvindo o ruído seco de bolas de bilhar no compartimento aos fundos. Vagueou por essas ruas cujos nomes não sabia. E depois de andar muito, viu pela abertura duma praça a lua cheia rente aos telhados. Essa lua lhe iluminou a alma o suficiente para ver os passos que dera nesse dia: estivera no consulado, mas o substituto do cônsul lhe fizera ver que a repatriação dependia de circunstâncias dadas. Que tivesse paciência, pois se o tio o mandara ao estrangeiro estudar, lógico era que o testamenteiro tomaria providências. Que isso de demora era conseqüência mesmo de inventário,

rotina de foro. Como repatriar o sobrinho dum milionário, não era mesmo?.

Saíra de lá desorientado; e então lhe viera a idéia de passar na Rua du Bac. Quem sabe se o Delhorme, caindo em si, com aquela sua alma generosa, não lhe reservava uma surpresa? Mas, na porta não teve coragem de entrar, porque a caminho caíra na cretinice de reler aquela carta, e isso lhe tirara expediente e ânimo. Fora então dar uma batida nos cafés e nas *brasseries* de Saint-Michel, Saint-Germain e Montparnasse, a ver se descobria rastos de Sérgio Shebanov. Depois se metera no Louvre a ver Renascença. Mas lá, aqueles trechos da carta do Delhorme levaram-no a esbrugar o mistério, com as unhas, até perceber a que ponto havia, naquelas remessas mensais, naqueles extraordinários, e na atitude do Delhorme e desse Nuno de Almada, a influência, a determinação de Lúcia. Aquela carta era peremptoriamente clara. Esse homem, sumariamente o devolvendo ao seu destino, não agira por si e sim a mando do Rio de janeiro. Chegou à conclusão, nítida e irretorquível, de que Lúcia estava ciente da sua conduta errada. Que fora ela, mercê das prerrogativas e facilidades eventuais de preceptora em casa de plutocratas, quem lhe fornecera dinheiro durante todo aquele tempo e quem obrigara o Delhorme a vigiá-lo. E que fora ela quem, desiludida mais uma vez, o devolvia ao seu destino, sumariamente.

Delhorme prestava contas no Rio, por cartas, não da vida, mas da consciência, da regeneração (?) dele, Mário. Bonita regeneração em campos de corrida, em Saint-Cloud, em Enghien, em Maisons-Laffitte, em Longchamps, em Auteuil, pistas por onde corria como azêmola, arrastando o coração mais pesado do que um carro de chumbo, sob apupos de assistentes que tinham todos a cara atrevidaça do Freitas.

* * *

Nessa manhã entrou num bar, na Bastilha, pediu café com leite, pão com manteiga, e esteve a ler o programa das corridas. Estava entrando o inverno, portanto só havia corridas de trote em Vincennes. Tinha cem francos e viu que, na véspera (aquele jornal dizia), cavalos haviam pago 200 francos por 10. Precisava dar um golpe, ou hoje, ou daqui a um mês, uma dia qualquer, mas havia de dar um golpe para arranjar passagem para o Brasil. Para o Brasil?

Brasil, Cochinchina, Sumatra, o inferno... Teimaria até arranjar o dinheiro para uma passagem de terceira classe. Se o Delhorme negara, se o Nuno lho proibira, ou Lúcia, havia de mostrar. Existia já o cavalo que daria a importância para a viagem. Depois... Enquanto estudava os páreos um homem que tinha uma cruz de esparadrapo na órbita esquerda, sobre a pálpebra intumescida, diversas vezes o olhou com certa insistência. Seria algum detetive a mando de Delhorme, como aquele corcunda? Não. Era um agente do Diabo. E veio mesmo, sem dizer palavra, acender o seu cigarro no dele, agradecendo com um gesto vago, voltando a inspecioná-lo de longe. O tempo passava e o bar se ia enchendo de sujeitos que, bebendo em pé, liam jornais de corridas, falavam em cavalos, estavam à espera da hora comendo sanduíches, salsichas, ovos quentes, bebendo *henessy*, fazendo apostas, rindo, batendo nos ombros uns dos outros, saindo, voltando. Lá para o meio-dia e pouco, a turma foi saindo, conversando grosso, aboletando-se em decrépitos táxis, em cujo pára-brisa estava escrito: *Vincennes... 5 francos.*

Mário meteu-se num carro desses; o homem do esparadrapo abriu a portinhola e entrou, sentando ao seu lado.

– É brasileiro?

– Sou.

– Eu também. Do bom. Baiano. Mas não orador nem poeta. Trabalhei, antes e durante a guerra, no *Lloyd*. Viajei muito na

carreira para o Havre. Vi logo que o senhor também era de lá. Tem aí um cigarrinho livre? Obrigado. É pena não ser um caporal lavado, dos nossos, hein? Ou, então, um goiano, de palha!

– Então é marítimo! Deu um pulinho até Paris?

– Não. Eu larguei o *Lloyd*. Não me convinha. Então me despediram. Mas eu me estou lixando para eles. Há dois anos que ando numa dança viva do Havre para aqui e daqui para o Havre. Uns negociozinhos... – disse, piscando o olho são. – Isto aqui – referia-se ao curativo no olho – é uma fistula por causa duma limalha que entrou e ficou encravada. Dizem que é fácil de tirar. Pois sim, sou besta! Às vezes escorre uma gotinha, às vezes seca. Eu mesmo faço o curativo. Isto é, chapo essa joça em cima. Fica misterioso, dá ar bamba... Eu me estou lixando para a fistulazinha e para o resto. Para que dois olhos? Não sinto diferença. Tenho mais em que pensar. Camões não era assim, o batuta!?

Fez da mão concha e sussurrou:

– É médico, não é? Uma vez me mostraram o senhor na descida do consulado. Eu sou, quase diria, um pouco farmacêutico: trabalho nos estupefacientes! Ah! ah! ah! *Ça rapporte*, como eles dizem aqui. Ganha-se; é arriscado, mas dá um lucro besta. Se não fossem os cavalinhos, eu estava bem. Só jogo na certa e... me dano todo. Como o senhor! Já o vi sair roendo as unhas de Auteuil... Foi em Auteuil, ou em Saint-Cloud? Mas hoje nós dois vamos voltar de Vincennes com o dinheiro de *Pour la Patrie* no bolso. Deve dar uns 180 francos por 10. Quando tenho dinheiro jogo quinhentos. Quando estou a nenê jogo *une tune*. No consulado o Faria me disse que o senhor está atrapalhado. É mesmo médico, como me disseram lá, ou artista-pintor? Ou estudante brigado com a família? Sempre que vejo em Paris um moço ficar assim, mal de dinheiro, de roupas, de sapatos, com barba por fazer, digo logo comigo: "Ou é boêmio, artista-pintor, ou estudante brigado

com os pais e fazendo a burrada!" É, ou não é isso mesmo? Ahn... Acertei, ou não? Logo vi...

O táxi ia agora pela Praça da Nação, atravessando um mercado que caminhões e homens desmontavam. Mário olhou esse homem. Depois do Delhorme, era o que o destino lhe dava. Agora, fumando, calado, o baiano olhava a praça, os *autobus* que iam para Vincennes ultrapassando o automóvel. De cabelo duro, de papada insolente, encarava a humanidade com profundo desprezo. Depois olhou Mário como a querer tirar dele os restos duma dignidade encolhida.

Possuía a catadura dos tripulantes de cargueiros jogados num cais, expulsos de bordo, fazendo dos cafés e espeluncas um covil próprio, com suas presenças de comparsas conradianos, rebotalhos sociais, de escória mercenária, pertencendo a todas as raças, apurando, na voracidade com que se atiram ao próximo, suas aptidões para o *débrouillage* do dia e da noite. Esse viera da sua pátria. Outros vinham de Sidney. Outros estavam em Londres, em São Francisco, em Cardiff, em Marselha, em Singapura, em Honolulu. E rotos e maltrapilhos, ou elegantes e limpos, dividiam o mundo em setores, para suas pilhagens e equipagens dissolvidas.

No campo, depois do bosque, saltaram; o homem do esparadrapo, com ares de velha camaradagem, lhe pagou os cinco francos da viagem, levando-o para a promiscuidade de amigos. Ainda não era hora da primeira carreira. Foram para o bar, embaixo da arquibancada de madeira. Logo se formou uma roda, com o baiano no centro. O homem mais interessante do grupo era um certo Kid, um *peso-pesado,* com queixo de Mussolini e pescoço curto, que todas as sextas-feiras na sala Wagram ganhava lutas de box na primeira partida ordinária, antes da organizada pelos empresários como a sensacional. Na última, porém, Alfred, o adversário, esquecera a praxe e o tinha posto no chão com um

direto na mandíbula, fragorosamente. Isso era o assunto jocoso da conversa, agora. Mário observava-o enquanto ele contava o "mauvais coup de ce salaud". Pesava arrobas, tinha uma pele de rinoceronte, gingava o corpo como a desviar-se de golpes. Era duma possessão francesa dos mares do Sul, tinha vindo até ali em escalas obscuras: São Francisco, Nova Orléans, Londres (Whitechapel) e Paris (Praça da República). O outro, na aparente série de importância, era "notre cher Durand", antigo deportado para Caiena. Vendedor de cocaína, passava as noites, ou melhor, as madrugadas, rente aos *dancings* e cabarés de Pigalle, Clichy e Place Blanche, onde tinha intimidade comercial fortuita com porteiros, mulheres de *lavabos* e *grooms*, sempre com *stock* de Merck nos bolsos das calças, do paletó e do sobretudo, ainda ignorado da polícia que o *regenerara* na Guiana. O terceiro personagem de interesse, o menos nocivo, ou pelo menos não tão repelente, era um tal Donato, ex-garçom do *Principessa Mafalda;* fora expulso de Buenos Aires, por suspeita de arrombamento, vivia contando seus supostos atos de heroísmo, durante o naufrágio; mas como ninguém acreditava, ria e jurava pela Madona. Mário notou que esses e mais outros, no grupo, e uns que passavam, chamavam o baiano de *Imediato.*

– Bom, vamos andar. Parado não se arranja a gaita.

* * *

Perdeu-os de vista. E já na terceira corrida tinha perdido trinta francos.

Num intervalo entre a quinta e a sexta corrida, o Imediato surgiu escoltado por um grupo que falava alto; deu-lhe uma palmada no ombro e perguntou se estava ganhando.

– Perdi tudo. Mal ficou o dinheiro para a volta.

– Que importância tem isso? Eu hoje estou de sorte. Não disse que o *Pour la Patrie* daria uns oitenta?

Fazia um frio que obrigava as pessoas a aglomerarem-se debaixo da arquibancada, no bar, de lá espiando o desfile dos cavalos com suas aranhas de altas rodas de borracha.

O Imediato perdeu nessa corrida. Zangou-se. Perdeu na sexta, foi procurar uns tipos, com os quais confabulou, anotando na beira dum jornal qualquer coisa; continuou a jogar, perdeu na sétima e na oitava. Naquela, o seu cavalo, sempre na dianteira galopou no final e foi desclassificado; na outra o seu *outsider* nem figurou no bloco da frente. Ficou possesso: quis bater no jóquei, descompôs o juiz, olhando todo o mundo com um ódio circular. Mário o acompanhava, calado, taciturno, apenas querendo aproveitá-lo para a hora da volta para Paris. Inesperadamente o Imediato parou, olhando-o de esguelha como a responsabilizá-lo pelo azar.

– *Allons-nous-en.*

Em Paris, nesse bar, Mário, conquanto sentisse repulsa pelo Imediato, jantou à sua custa, por insistência. Jantou bem, não querendo pensar no problema pior que se lhe apresentava: não tinha, essa noite, onde ir dormir! Estava com as suas coisas presas no quarto dum hotel perto da estação de Montparnasse. O baiano, mastigando com um ruído ensalivado, garantiu:

– Eu hoje perdi, mas, em compensação, amanhã, tenho umas informações seguras, matemáticas. Se arranjar para de tarde uns duzentos francos que sejam, volto de lá com três mil. Vai haver roubo na quarta carreira. O *entraineur* me contou. Combinação entre seis malandrões. Efetivamente só se pode ganhar em Vincennes conhecendo os "bastidores". O *Croix-Faubin* vai ganhar. Jamais ganhou, tem chegado em último, de propósito, me contou o Tournelle. Para não dar na vista, vão jogar cá fora. Mas eu jogo lá. E o senhor vai. Perdeu hoje, não foi? Mas amanhã lava a égua!... Psiu, hein?! Eu já ganhei, em corridas roubadas, dez vezes seguidas. Mas não em Paris; em Pau. Faz muito tempo. Foi

o Durand quem me levou lá. Isso depois da *viagem* dele. Estava fresquinho em Paris. Tinha chegado do presídio. Amanhã, aqui, ao meio-dia justo. Agora vou tratar da vida, pra ter caraminguás amanhã.

Que noite! Como no inverno escurecia cedo! Pleno janeiro. E Mário conheceu a morosidade das horas, andando sem parar. Atravessou Paris, foi ter aos bulevares exteriores. Tomou copinhos de *fine*, porque os pés estavam gelados. Parava dentro das portas desses *bistros* onde gente enregelada fazia horas. Depois se meteu contra o vento que lhe atingia a medula dos ossos. Um médico, heim? Um homem forte, com vinte e cinco anos! cuja pátria, com uma porção de cidades, estados, distritos, regiões, precisava de médicos. Toda a sua turma bem, ganhando dinheiro no Brasil.

Andando, batia com os pés na calçada, para desentorpecê-los. Ia meio abaixado de cabeça, as mãos enfiadas nos bolsos até aos punhos, sentindo a ausência das orelhas e do nariz donde lhe escorria uma água grossa como sorvete derretido.

Reentrou em Paris, reconheceu a Praça da Itália. Continuou andando. Pessoas passavam por ele, grossas, de tanto agasalho, quase cilíndricas nos seus capotões, como habitantes de regiões árticas. O dorso da rua brilhava com reflexos polidos. E como custava a madrugada! Ansiava por ela. Numa grande cidade, a aurora tem sempre um aspecto, primeiro lúgubre, depois de vitória. Primeiro a cidade vai surgindo indecisa, como abandonada da sua população, vazia de propósito, envolta em sudários, como querendo tapar-se de hordas de invasores. Depois surge no nascente, uma grande concha de madrepérola, e é a aurora. Mas custava a madrugada e custava o dia. Leu, surgindo de ruas transversais, nomes de hotéis reles, em lanternas e em tabuletas. Outros, menos infelizes, lá estavam, em quartos frios sim, mas repousando o corpo. Homens. Mulheres. Pobres casais unidos no pecado, ou no matrimônio. Podia bem ser que no

quarto daquele hotel que via agora dormisse um gênio, ou um assassino. Mas dormia! Ah! A tristeza dos hotéis miseráveis, vistos de fora, nas grandes capitais, pelo olhar torvo dos mendigos e dos notívagos !

Continuou a andar. Viu o Hôtel-Dieu e o Châtelet. Foi seguindo. As paredes do Louvre o protegiam um pouco do ar gélido que vinha do rio. Luzes brilhavam nas pontes, manchando a água que era um reflexo mais adivinhado do que perceptível. Jardim das Tulherias. Foi sentar-se numa cadeira de ferro. Viu, em bancos, ou andando, seus companheiros, embora só de vista, essa classe orgulhosa de sujeitos esquisitos que, na hora em que toda uma população está na cama, perambula rente ao Sena ou faz ponto em praça e jardins públicos. Notava-lhes, – e lhes notaria sempre! – um como que ar de estupor no rosto, como se ruminassem doutrinas, ou decidissem equações confusas. Seriam o quê ? Poetas, operários, mendigos, maníacos, *chômeurs*, ou revolucionários inertes, em potencial? Fossem lá o que fossem, subindo, descendo, passando, alheios a tudo, às vezes gesticulando, tinham almas turbilhonantes. Àquela hora pareciam aparas do povo, com seus chapelões sebentos, como se tivessem vindo inspirar Richepin e Rictus. Viu um, de barbas apostólicas, calças de veludo, savates insonoras, sobretudo semimilitar, e que, ao passar e se sentir notado, ele, que vinha lento e absorto, deu à marcha uma tranqüilidade impossível, querendo esconder a fome e o frio! Tinha as bochechas fundas, metidas para dentro, como no ato de engolir a massa de amargura que, como uma gelatina ou um bagaço, entretinha havia horas entre as gengivas desdentadas. Outro – Mário reparou – tinha um feitio intelectual de *gueu*, um modo recente de ter bebido álcoois insensatos; sentindo-se examinado na sua andrajosa majestade, assumiu ar provisório de apatia (para não dar na vista!). Mário lembrou-se, vendo-lhes a pressa sem rumo, dum verso lido não sabia em quem: – "*Pour ne rien faire, nous nous hâtons!...*"

Prosseguiu, saboreando o resto do cigarro derradeiro que lhe queimava, de tão curto, as pontas dos dedos ao tirá-lo e ao repô-lo nos beiços. E se fosse andar rente ao Sena, mas do lado de lá, pelo cais onde os *bouquinistes* deixavam ao orvalho as suas caixas de zinco fechadas? Ia para atravessar a ponte, mas descobriu um cigarro no chão, dos que, logo acesos, alguém joga fora. Era um *Navy-Cut*. Emendou-o na *barata* do que já se extinguia. Sem saber por que, preferiu o Jardim das Tulherias; acomodou-se numa cadeira de ferro, dessas onde as amas-secas, de manhã, fazendo tricô, vigiam crianças brincando ao sol. Mas os ferros das costas da cadeira o magoavam. Ergueu-se e, estendendo a vista, deu com uma perspectiva extraordinariamente bela, toda acesa. Os arcos do triunfo: perto, o do Carroussel; longe, o da Étoile. Pareceu vê-los através dum sonho, como se fossem de marfim, de coral, de ônix. Era como se estivesse diante dum foro de cidade romana, antes do Cristianismo. O silêncio dilatava a majestade da perspectiva quase lunar. Aquele trecho da cidade parecia esperar um fenômeno histórico. Uma invasão, por exemplo.

* * *

Realmente houve roubo. O *Croix-Faubin* ganhou, e o imediato se meteu em treze notas de cem francos, no prado, e em outras tantas na cidade, dum *bookmaker*. E isso, porque os "excomungados dos amigos" e a "freguesia" até ao meio-dia não lhe tinham deixado arranjar mais dinheiro para o golpe.

A primeira coisa que o Imediato fez foi se pôr em dia com a proprietária daquela tasca, agindo espetacularmente, dando palmadas nela, nos vizinhos, pagando conhaque, vermute, com o sobretudo aberto a prender-se nas quinas das mesas fazendo-o blasfemar alegremente.

A alegria daquele homem era tanta que lhe deu cem francos.

Resolveu ir dormir, já que passara a sua primeira noite *à la belle étoile*. Encolhido em si mesmo, em ângulo obtuso, fez a caminhada da Bastilha às imediações da estação de Montparnasse, distraindo-se em ver lojas e pessoas. Lá se dirigiu à rua estreita do hotelzinho onde a sua mala estava presa. Praticamente não era hotel e sim moradia em promiscuidade de estudantes, *commis-voyageurs*, artistas, modelos, funcionários, políticos da América Central exilados, vivendo em colméias que eram quartos só porque tinham número nas portas.

Subiu, levemente, com uma opressão no peito, receoso de ser visto. Queria experimentar se o quarto estaria aberto. Como só havia um encarregado que trabalhava mais de noite do que de dia, atendendo fregueses, talvez estivesse a dormir. Mas no quinto andar deu com ele numa tripeça, equilibrado no corredor, mudando uma lâmpada do teto. Pediu, quase implorando, a chave. O homem coçou a calva tirando o solidéu e o repondo; depois, continuou a aparafusar a arandela, e disse com voz em falsete, por causa dos parafusinhos que tinha nos beiços:

— *Elle est déjà louée, votre chambre...*

— *N'en auriez-uous pás une autre? Ce serait, seulement, pour quelques heures.*

— *Non, Monsieur. Nous en avons assez de vos histoires.*

A vontade que teve foi dar um empurrão na mesa e nos dois caixotes sobre que se equilibrava o encarregado. Desceu as escadas, através duma escuridão povoada de discos violáceos que só acabaram quando, no último lance, em ângulo, apareceu o recorte claro da rua mostrando coisas fixas e móveis. Caminhando, atingiu o Boulevard Raspail; viu, numa rua transversal, uma tabuleta de hotel barato; entrou, pagou adiantado, subiu, tirou os sapatos, ficou coçando os pés doídos e inchados, deitou-se. A claridade só o deixou dormir depois de judiar dele meia hora.

No dia seguinte bateram no quarto, como se fossem arrombá-lo, ou como se pensassem que se tivesse enforcado na janela que dava para telhados. Disseram as horas, que se quisesse continuar tinha que pagar o excesso. Vestiu-se, depois de lavar a cara feito gato por causa da água fria.

Não pagou excesso nenhum, disposto até a brigar.

Saiu às pressas para a Bastilha, aquecendo-se a um sol gostoso que até alimentava. Tomou café com pão no mesmo lugar da véspera, atormentado por estar esperando o Imediato. Devia mas era ver se no consulado porventura haveria carta do administrador, do advogado ou do testamenteiro de tio Zózimo. Telefonou. O funcionário, que já sabia de cor e salteado essa história de carta, de falecimento, de passagem, foi logo respondendo que não havia nada. Mário insistiu; que tivesse a bondade de reparar bem nos nomes da correspondência. Uns cinco minutos depois o funcionário respondeu que vira envelope por envelope. Não havia nada.

Ao largar o telefone, deu com o Donato e o Durand que não sabiam que o imediato tinha ganho na véspera e escutavam a *patronne* contar, radiantes. Os dois o convidaram para um trago, no balcão. Agradeceu e nisto entrou o Imediato que encomendou almoço para três, mas rápido, vendo Mário, emendou que era para quatro, estendeu-lhe a mão, perguntou onde o "o doutor" se metera?

Tomaram *bouillabaisse,* desfibraram costeletas, rasparam pratos de compota de pêssego, fumaram, saíram numa *Renault* para Vincennes. Lá o Imediato o largou logo no portão, indo a conciliábulos com jóqueis, *entraîneurs* e proprietários. Fazia tanto frio que quando aquela gente falava o hálito saía em chumaço de gaze das bocas. O baiano, agarrado a um sujeito, sumiu. Mário só o viu depois da primeira carreira, o sobretudo ao vento, a beiçarra parecendo esfíncter, mascando um charuto; depois foi para as

gerais, sumiu literalmente. À saída, Mário teve que voltar de trem, pois os carros se lotaram logo, e não houve meios de descobrir o bando da Bastilha. Ia já pela estrada, rente à sebe, por causa dos automóveis que businavam, quando deu com o imediato e o Durand num táxi, entre outros indivíduos. O Imediato ia de cenho fechado, e o Durand olhava em frente, absorto. Não o viram. Voltou mesmo de trem, miseravelmente humilhado.

Mas, de noite, como ameaçasse chuva, ficou sem outra solução senão rondar o botequim onde, à primeira inspeção, notou logo que o Imediato não estava. Por que, diabo, queria jungir-se a esse homem horroroso? Ah! Para o golpe da passagem de terceira classe! Sem destino consciente, foi para o mesmo hotel donde saíra às onze da manhã; pediu um quarto mais barato. Um velho, que capengava, subiu os andares todos, como a pôr vírgulas no trajeto que escrevia, para Mário, atrás, ir lendo; diante duma dessas mansardas a Murger disse quanto era, recebeu, desceu.

Mário deitou. E dormiu. E lá para tantas, era um tal de sonhar... E sonhar tanta bobagem! Sonhou que estava parado diante do consulado, do outro lado da rua, espreitando a entrada de brasileiros ricos, para angariar uma passagem de terceira classe. Mas de repente, em vez do consulado, era debaixo das arcadas da Comédie Française. Andava para lá e para cá, mas não era para arranjar passagem e sim dez francos pra resolver o urgente problema duma fome de trinta e seis horas. E eis que, ao se abrirem as portas, toda aquela gente que assistira Beaumarchais a sair com roupas quentes e vistosas de inverno, ele, Mário, teve uma hemoptise! Era hemoptise, ou estava vomitando a bouillabaisse? O pavor e a surpresa o amarraram a uma pilastra. Pessoas não de agora, mas com roupas de 1901, como personagens pintados por Forain, ou por Ferdinand Bac, o cercaram, numa reportagem curiosa. E nisso uma senhora que parecia uma vinheta Lautréc se aproximara, de braço dado a um homem de sobrecasaca

parecendo um deputado do Palais Bourbon; e a senhora lhe deu um lenço de cambraia e o homem um nota de um milhão de francos. Mas havia nota de um milhão de francos? Havia. Estava ali, nova em folha. E o homem disse:

— *Je suis le comte Nuno de Almada. Les clochards de Paris, lei bohémiens, les poètes, les bons voyous font la noce avec moi au café Lamas, lá-bàs, au Brésil.*

E a dama, vestida como prima-dona de ópera, e o conde vestido de sobrecasaca, puseram-se ambos a cantar, com música de *Manon*:

— *Au Café Lamas, tous les deux nous irons...* — E tanto ela, como o marido e mais aquela gente toda foram embora, em coro, cantando. E ele ficou sozinho. Então limpou a baba sangrenta no lenço de cambraia e viu que tinha grumos de compota de pêssego. Foi andando, até de madrugada. Subia os Campos Elísios, indo pelo meio. Lá de longe descia um velho que ou era Anatole France ou Tolstoi... Como era noite e tinha frio, fome e sono, e como desaparecera a nota dum milhão, (isso de nota dum milhão, no próprio sonho ele sabia que era sonho!) resolveu fingir qualquer coisa que comovesse esse barbudo que descia e que nem era Anatole nem Tolstoi, mas Tagore. Foi só quando o homem chegou perto que viu que as barbas eram postiças, amarradas nas orelhas por elásticos. Então, para comover esse velho começou, já de longe a fingir hemiplegia, arrastando uma perna e fazendo a mão, do mesmo lado, cair mole e fechada... Quando um passou pelo outro, Mário pediu uma esmola, pelo santo amor de Deus...

O discóbolo tirou uma moeda de prata de dois francos, mostrou-a, atirou-a no chão e a moeda foi descendo Campos Elísios abaixo. E Mário atrás, a correr. O velho tirou as barbas postiças. Era o Imediato! Viu, mais pela gargalhada do que por outro qualquer indício, que era o Imediato. A moeda bateu na estátua de Estrasburgo, fez tim! alto como quê, e ao cair no chão, não era uma moeda mais, e sim milhares de moedas de dois

francos. Na madrugada lívida, as apanhava e as ia pondo nos bolsos do sobretudo. Depois nos bolsos internos da roupa; depois nos vãos entre os pés e os sapatos. Depois dentro da camisa, ajudado pelo cinto bem apertado. E foi ao hotel do Freitas, entrou chocalhando como um instrumento de *jazz*, bateu na porta do Freitas que atendeu de ceroulas, meteu-lhe moedas pela cara, pela goela, pelas virilhas, saiu, foi à *Mala Real*, comprou e pagou passagem de luxo e atravessou a França, ele Mário, do tamanho dum gigante, pondo um pé, outro pé no mapa; chegou diante dum navio, entrou. E nisto o navio era um barco de papel, dos que as crianças fazem, e ele era um bonequinho de miolo de pão... Acordou, horrorizado, no sonho (e não na realidade), porque o barco de papel submergia, não no mar, mas ali num lago das Tulherias! E ele, que era feito de miolo de pão, estava inchando, desmanchando-se e peixes já o bicavam.

Quando acordou, tinha vomitado mesmo a *bouillabaisse* no colchão e no travesseiro. E como aquilo fedia a azedo, minha Nossa Senhora! Deu um pulo, ainda vomitando, correu para a pia, lavou a boca, o queixo, esfregou as mãos, foi enxugar-se na parte limpa do lençol. E enrolou aquela roupa com aquela porcaria, jogou tudo dentro do armário, fechando-o bem. Deitou sobre o colchão nu, cobrindo-se com o cobertor, a cabeça para os pés da cama, fechando muito os olhos, porque tudo rodava e porque o cheiro era horrível. Pulou da cama, arrastando o cobertor no corpo como um manto real, abriu um pouco a janela, por causa do fedor; mas o frio era tamanho que a fechou e voltou a encolher-se na cama, até que dormiu profundamente.

De manhã esfregou a gengiva e os dentes com o dedo, fez da toalha um esfregão, lavando-se todo, vestiu-se, retendo a respiração o mais que pôde e saiu. Tomou um café na Rua Vavin, foi esperar a hora do Louvre abrir. Meteu-se horas e horas pelas galerias da Caldéia e da Assíria, pela sala de La Susiane, pelos

túmulos fenícios, pela sala púnica, pela sala Millet; fartou-se de ver Puget, Houdon, Chaudet, e foi sentar-se numa banqueta, no salão Duchâtel. Resolveu ter paciência: o dinheiro havia de chegar lá de Ribeirão Preto; era coisa de dias. Já tinha demorado tanto, que não podia tardar mais! Esperaria, vindo todos os dias passar horas e esquecer a realidade ali, vendo a sala Rubens, a sala Van Dyck, a seção de cerâmica, os vasos ítalo-gregos. Pois não era melhor sofrer diante da sala Adolphe Rothschild, diante de Da Vinci, diante de Velasquez, aquecido, do que suportar a escravidão da liberdade da rua, do bar, de Vincennes, seguindo o Imediato que na sua vida estava sendo um substituto do Freitas? Pois então?!

E assim fez, três dias.

Mas os cem francos acabaram. O frio apertou. Agora dera em chover. A camisa nova estava suja e machucava por causa da goma; e nesses dias não chegou carta nenhuma. Então, percebeu, e já era tempo, que o combinado com o tio Zózimo, no Esplanada, fora coisa que no Hotel Balneário em Santos acabara repentinamente, como repentinamente acabara o tio! Que o testamenteiro e as primas não podiam supor que um médico, em viagem de estudos na Europa por conta duma pessoa que tinha morrido depois, se visse, já que era médico, homem sadio, etc., em circunstâncias tão dramáticas.

O jeito, pois, era existir um cavalo que, jogado por ele e chegando vencedor, desse o dinheiro para aquele inferno acabar. Isso era viável! E não era! Mas tinha que ser!!! Raspou-se para a Bastilha, aderiu ao grupo Donato, Durand, Kid e Imediato, logo se dando conta que o dinheiro, fornecido pelo golpe *Croix-Faubin*, voltara ao prado de vez, como a água dos rios ao mar. Que a semana tinha sido de azar literal e incrível. Viu isso na barba de dias do Donato, nos sapatos encoscorados de Kid, na catadura biliosa do Imediato, no ar hediondamente servil do Durand, no silêncio com que o

olhavam como se ele tivesse vindo piorar a *guigne*. Mas sempre havia um trago de conhaque, um almoço, um jantar.

Um dia teve uma idéia. Ver a lista de brasileiros do Hotel Claridge. Inventou um pretexto, viu o livro, indagou, descobriu um comerciante português com numerosa família. Pediu ao homem, do elevador que o chamasse quando o homem descesse e o mostrasse. Prometeu uma gorjeta descomunal. Disse que se tratava dum tio com quem estava zangado por causa de farras. O *liftman* concordou.

Plantou-se no largo corredor do hotel, a olhar para as vitrinas. Como saía gente rica! Cada *toilette* de inverno, cada pele! Uma porção de ingleses, argentinos, indianos, diplomatas, políticos, moças e rapazes.

O homem do elevador fez sinal com o queixo. Mário viu um homem pôr num landolê a mulher, as filhas e uma criada, fechar a portinhola com um estalo, preparar-se para descer a pé Campos Elísios abaixo. O filho, muito bem vestido, de luvas de pelica, *raglan*, chapéu de lebre, explicava-se, respeitosamente. O pai ouvia. Aquilo, assim na sua língua, parecia estar se dando com ele. O pai decidiu:

– É a terceira vez que tu me pregas uma peça. Em vez de te meter no comércio, acolá na Rua Teófilo Otoni, como caixeirinho, te fiz bacharel. Andas a envergonhar-me na Europa. Pediste dinheiro ao Chico em Lisboa, pediste em Madrid, no Hotel Regina ao Duarte, pediste aqui, no Lutécia, ao Pacheco. Mas desta vez embarcas no primeiro vapor. Não tem cá histórias; vou daqui contigo para o consulado visar o passaporte, depois à polícia para carimbarem. A passagenzinha já está aqui, seu coisa! (E batia no peito, na altura da carteira). E não me dês um pio à tua mãe, vê lá, hein!.... Trabalhei quarenta anos para um filho envergonhar o meu nome! – O filho seguia o pai, acorrentado à descompostura. E Mário foi embora, vexadíssimo.

* * *

Tomando cerveja preta, numa *brasserie* do Boulevard Voltaire, o Imediato, dizia a Mário:

– Ganhar a vida? Sim. Cada um como pode. Eu já a ganhei de mil maneiras. Dá licença de o chamar de você ? O senhor, isto é, você é muito novo, tem um título, tem tempo diante de si. Tem família, está apenas desnorteado. Daqui a uns três meses está no Rio; (é do Rio ou de São Paulo? Rio? Ahn!), ganhando dinheiro, não querendo nem lembrar o que sofreu aqui, contando grandezas para o pessoal de lá. Faz muito bem. Empenhou a roupa, só tem esse terno que já está esculhambado, precisa de dinheiro até que de repente chegue a passagem. Há de chegar. Só fica no estrangeiro, em Paris, quem quer.

Eu, por exemplo, de repente vou embora. É só me dar na telha. Dinheiro, não tenho hoje nem para ir ao Havre; um belo dia, porém, me meto nuns cobres, tapeio a filha da velha Nigoud, raspo-me. Mas tenho que arranjar é hoje, para estes dias. Parado não se cava nada. Quer assistir? O ponto, agora que é nas saídas dos teatros. Vou vender cartões-postais. Os cartões do Durand. Ele está com erisipela, passou-me a coleção. Não conheço do riscado. Ele é muito sem-vergonha, vende que é uma beleza! Diz que o segredo é saber estudar as caras antes de oferecer. Que pelas caras a gente sabe se o sujeito agride ou compra. Nisso de caras, eu sou um ás. Olhei, por exemplo, pra você, no mês passado, disse comigo: "Ou é artista-pintor, boêmio, ou doutor brigado com a família". Acertei, ou não? Viu? Então! Venha ver como se cava o cobre dos degenerados. Há postais com desenhos e há com fotografias obscenas. É claro que se vendem mais as fotografias. Mas é preciso habilidade...

Mário o via melhor, sem sobretudo, dentro dessa *brasserie* toda acesa e repleta. Era um tipo baixo, amulatado, estava sem a cruz de esparadrapo, mostrava o olho doente apenas com raias de sangue, tinha cabeleira crespa, lábios grossos, estufados. Os

dentes mostravam incrustações, e as orelhas, prestando-se bem atenção, tinham gafeira nos frisos.

– Bem. Com licença. Preciso sair.

O Imediato olhou-o com surpresa, depois com desprezo.

– Ficou com nojo do trabalhinho, hein?

Mais uma noite de inverno, todinha na rua. Pior do que a outra. A única inspiração que teve foi passá-la quase toda, por causa da chuva, dentro duma estação, distraindo-se com o movimento que aumentou, diminuiu, acabou. Ouvia todos os possíveis e variadíssimos ruídos que uma, duas, dez locomotivas invisíveis fazem, enchendo com suas vozes de brio, a estação por onde entra e sai permanente multidão. Via bancas de jornais e revistas, varejos de charutos e cigarros, engraxates, carros com bagagens, guichês abertos e fechados, empregados com uniformes, famílias esperando parentes, indivíduos com ar de estarem chegando de regiões incríveis. E lia anúncios e horários, fumava, ia, vinha, chegava às calçadas, recebia o bafo gelado da rua. Cafés acesos refletiam no asfalto úmido suas *devantures*. De súbito reentrava como em direção a uma das plataformas com ares de procurar um vagão *Pullman*, de ir ao carro restaurante e dizer ao garçom poliglota:

–Traga-me um copo de cianureto.

Mas até as estações fechavam. Saiu. Que remédio! Pôs-se a vagar pelos *quartiers*. Não tinha um sou. Entrou no Café *Le Colisée*, percorreu-o ali no terraço e lá dentro, foi até o mictório, tornou a percorrer os vãos das filas de mesas, como a procurar gente. Na verdade, fazia tempo e aquecia-se. Parou a esmo no terraço, a fingir de freguês, a olhar ao acaso os Campos Elísios; abeirou-se do meio-fio, como a aguardar um táxi. Prosseguiu. Mulheres olhavam-no com doçuras profissionais. Porteiros de hotéis, com fardões; de diplomatas e empunhando guarda-chuvas do tamanho de barracas, resguardavam mulheres com jóias e peles

ou senhores de smoking e sobretudo, sob a garoa quase vaporosa. Pensou em se meter num vagão de carga, alta madrugada, num desvio de parque de bagagens em Saint-Lazare. Iria pendurado na plataforma traseira, junto ao freio, até chegar a Cherburgo ou ao Havre; passaria fome e frio dias e dias, conhecendo outros imediatos, outros Durands; encafuar-se-ia no porão dum navio, como clandestino. Achou essa idéia maravilhosa, facílima. Pois se os labregos de Corunha e de Leixões chegavam ao Brasil assim, como é que ele não podia chegar?!

Como num quadro de Utrillo, via a rua molhada e encardida de inverno, numa coloração de baunilha e chocolate. Música de tangos, *foxes* e *blues* pairava no ar vinda dos *dancings* e cabarés.

Instintivamente se dirigia para os antigos pontos de Sérgio e da Pervanche. Tiritava de frio, ao entrar em Montparnasse.

No *Café de la Rotonde*, após rondar pelas portas, resolveu entrar. Sentou-se a um canto e ao garçom que atendeu, ordenou:

— *Un bock, s'il vous plaît.*

Com tamanho frio, "un bock"! Era mesmo idiota. Mas foi bebendo, enquanto observava se veria algum conhecido de Sérgio. Deparou com um escultor metido num repelente sobretudo de pele. Vira-o havia muito mais de ano, no Boule Miche, com Sérgio. Fez-lhe um sinal. O outro veio. Não, não sabia do Shebanov.

— *J'ai cette consommation à payer et je n'ai pai d'argent. Vous seriez bien aimable...*

— *Je ne peux pais. Vous allez m'excuser.*

E o escultor se afastou. O café estava repleto dum cosmopolitismo antipático; fluxo e refluxo de gente. À vista do frio que fazia lá fora, era agradável estar ali naquela atmosfera de fumaça e de calor. Tipos de literatos e pintores exóticos se misturavam à freqüência. Uma mulher de monóculo e cabeleira cortada, na mesa atrás discutia o caso de Germaine Berton, contra a opinião dos seus interlocutores. Críticos de arte, na me-

sa ao lado, peroravam, diante de cálices de conhaque sobre a fase última de Modigliani e o cromatismo de Matisse.

Mário sofria, diante do copo vazio. O garçom voltou e ou porque precisava da mesa, ou por hábito, perguntou se queria outro *bock*. Fez que sim. Trazendo-lhe, o garçom fez "Voilà", como se lhe exprobrasse a economia.

Ia ter complicação, na hora de pagar. Procurava um expediente. Ficaria ali, pediria rum, licor, o que lhe viesse à cabeça, e se rasparia de repente. Ou fingiria distração, quando o garçom estivesse lá para dentro, ou esperaria quando, madrugada já, o café fosse ficando vazio e os serviçais se reunissem em volta da caixa a contar as fichas.

Foi então que, lépida e gentil, no seu *tailleur* andrógino, na elegância *sui generis* das suas luvas vermelhas como as dum doge, uma mulher entrou sozinha, procurando mesa. Parou, circunvagando o olhar, deu um repelão gracioso como um gesto de bailado à capa, e todos se alegraram porque viram neve! Os ombros dessa mulher, o seu chapéu, provavam que estava nevando... E era a Pervanche! A Pervanche a cumprimentar para a direita, para a esquerda.

Vendo-o, alargou os olhos, sorriu, veio sentar-se à sua mesa, com um sorriso, como para dar a entender aos outros que tinha preferências.

— *Bonsoir! Comment ça va? Pourquoi cette mine, mon Dieu? Je te dérange? Je suis à Paris depuis jeudi!*

Ele sorriu, devagar, mas contrafeito.

— *Figure-toi que j'ai eu l'envie de boire quelque chose avant de rentrer. C'est tellement froid dehors.*

E falando, sorria com um modo singular, comunicando a sua indulgência imediata. Não o olhava, porque estava tirando as luvas. E em vez daqueles camafeus e anéis italianos espetaculares e falsos, de outrora, as suas mãos longas, de dedos em fusos, estavam

brancas, só havendo um anel de platina, com um grande brilhante, no dedo anular da mão esquerda. Abriu a capa, expondo um *jabot* de renda de Veneza na gola e na pala do *tailleur* de casimira inglesa. Cruzou as pernas, desafivelou os sapatos contra o inverno, felpudos e exóticos, mostrando então outros de salto alto, de pele de crocodilo, caríssimos. Perdera aqueles tiques, entre a sobrancelha e a maçã do rosto, que Mário, tempos atrás, cuidara até que fossem de cocainômana leitora de Willy. Agora aquele rosto liso, vivo, enxuto, já não era rosto frívolo de personagem de Pitigrilli. Voltou-se a procurar o garçom, e então a sua silhueta ficou, um momento, lembrando um desenho de Zig-Brunner. Quem a visse cuidaria que era uma *coccotte* de luxo a caminho dos cabarés de Vavin, entrando ali, uns segundos, para um *grog*.

Voltando-se, foi dizendo:

— *T'as l'air un peu navré. Est-ce que je te gêne?* — Nisto o viu direito.

Disfarçou a impressão, mas se comoveu. Seria ele, mesmo? Analisou-lhe a barba inculta de vários dias, a lividez da testa e do queixo, os olhos injetados de sono, o colarinho encardido, os punhos amarfanhados com o friso amarelento, o sobretudo com manchas, os sapatos cambados.

Ele sentiu aqueles olhos o percorrerem. E tanto os dela como os dele deram com os cordões dos sapatos emendados com nós. Invadiu-o uma vergonha repentina. Agora ela procurava nos olhos dele a razão *disso*, quis sair logo, puxá-lo para a rua, perguntar, saber, mas já.

— *Allons-nous-en. Paye ça, allons-nous-en. J'ai à te causer.*

—*Vous n'allez paz me croire, mais un russe, un sculpteur, je crois, m'a demandé vingt francs, en m'assurant qu'il serait là tout à l'heure. Je l'attends, mais il ne vient pas. Et le plus drôle c'est que je n'ai pas de quoi payer la comsommation. C'est drôle et c'est stupide.*

Ela ficou calada; depois disse ao garçom que trouxesse um málaga. Calados agora, esperavam. Depois que ela bebeu, tornou

a calçar as luvas. Aquele anel dizia que, nesse intervalo de meses e meses, a vida de ambos tinha tido modificações inversamente proporcionais ao quadrado da distância e do tempo.

Então, curvando-se para a mesa, fingindo pegar qualquer coisa invisível sobre o mármore, ele disse:

— *Pardonne-moi. Je t'ai menti, salement. Depouis longtemps que j'ai des embarras horribles. Tu ne peux pas te figurer comme ma vie a changé. j'avais faim, froid et surtout besoin de repos. On m'a mis à Ia porte Rue Daru et un peu partout, dans un tas d'hôtels de chambres garnies.*

Ela também se virou para a mesa, a pegar aquele mistério sobre o mármore. E disse baixo, com aquela voz de contralto onde havia sílabas nasais dum encanto específico:

— *Pauvre gosse, oui. C'est dur, Ia vie. Et toi qui es de trop loin! Qu'est-ce que tu es devenu? Comment as-tu fait pour arriver à cet état ? Oh! J'en ai le coeur gros. J'ai envie de pleurer! Mais c'est vraiment toi, mon Minou? Tu vas me dévoiler ce mystère... Sortons, vite, vite!...*

Baixou os olhos sobre o pequenino cálice e ficou cheia de ternura. Ele esperava que ela desse uma solução não à vida dele, mas a essa situação de agora, já, instantaneamente, porque queria fugir dela e de tudo. Os cabelos, como quando em criança estudava, lhe caíam em vírgulas sobre a testa ampla.

— *Prends ceci. Maintenat que personne nous regarde.*

E como a lhe afagar a mão, tendo antes aberto a bolsa e remexido como a procurar *baton* que passou nos lábios, mirando-se num espelhinho, lhe passou cinqüenta francos, com habilidade mágica.

Ele disfarçou, olhou em volta; ninguém se importava mais com essa mulher que viera anunciar tacitamente que estava nevando lá fora. Depois chamou o garçom, pagou, deixou gorjeta; e saíram. Ela, lindíssima e chique. Ele, como um pintor de Montparnasse "brigado com a família".

Como nevasse e, àquela hora o bulevar estivesse envolto num halo acolhedor, juntaram-se um ao outro, curvaram-se um pouco e desceram na direção da Rue des Rennes. Ela dizia, agarrada ao braço dele:

— *Comment as-tu fait pour arriver à cette condition-là, mon pauvre Minou.*

Ele não podia responder, porque as lágrimas-lhe estavam paradoxalmente na garganta. E ela disse, cosida a ele, vagarosamente o puxando ora para a parede, ora para a sarjeta:

— *J'ai une drôle de destinée: n'avoir béguin que pour les malheureux!...*

Em dado instante, parando, disse:

— *Ça y est. Nous y sommes.*

Tocou uma campainha. A porta abriu-se quando a porteira lá do seu nicho comprimiu um objeto debaixo do travesseiro. Entraram; automaticamente uma lâmpada se acendeu, mostrando a escada e o elevador. Então, em pé, lhe agarrou a cabeça e lhe deu um grande beijo no rosto. Ele sentiu o efeito da palavra bálsamo.

Depois, no pequenino apartamento, acendendo o aquecedor, vendo a temperatura da água na banheira com a mão, onde o anel brilhava cor de querosene, abrindo depois um pacote de sabonete de violetas, ajudando-o a despir-se, a entrar na banheira, reclinando-o, ensaboou-o, como um filho. Riu da água mudar de cor, equilibrou-o em pé, na banheira, envolveu-o numa grande toalha felpuda, veio abraçada nele para o quarto, pôs-se a enxugá-lo, dando-lhe beijos pelo corpo.

Com a cabeça no travesseiro de paina, o corpo como que descido duma cruz, ele chorava...

* * *

De manhã, coisa de dez horas, ela acordou, foi fazer e trouxe chocolate com brioches. Tirou da mala de couro caro, com quinas

metálicas, um lenço de cambraia, que lhe deu como guardanapo, estirou-se na cama, em sentido contrário, contou uma porção de coisas. Que levara meses e meses em Clermont-Ferrand. Que viera duas vezes a Paris. Que logo na primeira soubera pela porteira que ele se tinha ido embora. Cuidara então que embarcara. Depois, na outra vez, uma coisa lhe dizia que estava ainda em Paris. Como fora estúpida em não telefonar para a Embaixada! Tinham muito que conversar! Não, não estava bem, rompera com o inimigo, viera de vez, ia agora posar para Henri Zo. Trouxera de Clermont aquela mala. Era tudo! Mais nada... A pedra do anel de platina tinha uma luz pura, na claridade da manhã que a janela e a cortina coavam. Também ia responder a um cartão de Paul Chabas que a queria como modelo, mas na Bretanha, à beira-mar. Abriu a carteira, com uma seriedade doméstica encantadora, contou as notas, disse que dentro duns quinze dias teria dinheiro para lhe comprar um terno, camisas, meias, sapatos. Queria? (Beijocou-o.) E que ia tratar dele. Estava magro. Precisava, decerto ir embora. Iriam almoçar nalgum restaurante, queria saber da vida dele, devia lhe contar tudo, ficaria com ela até regularizar a volta. Sim, decerto precisava voltar. Tinha (referia-se a si mesma) "*une drôle de destinée...*" Saiu com a bandeja, voltou, agarrou a toalha felpuda, viu as manchas, deu uma risada, foi ver outra toalha, disse que ia tomar um banho bem esperto. Que ele ficasse quietinho e não demorava nem vinte minutos. Sumiu num corredor, trancou-se no banheiro. Deitado, ele ouvia o jorro da torneira, a zoada do aquecedor aceso.

Viu-a vir, de combinação, buscar peças de *lingerie*, tirar o anel, deixá-lo na mesinha de cabeceira e antes de chegar ao corredor lhe enviar um sorriso sadio, trancando-se depois, no banheiro.

Mário vestiu-se com uma rapidez incrível. Meteu-se no sobretudo, pôs o chapéu, foi ao corredor, escutou o ruído dela na banheira, a cantarolar. Voltou pé ante pé, agarrou o anel, abriu

a porta, viu o lugar do elevador, desceu pela escada, sem o menor ruído, saudou a porteira com uma calma estudada. Ela logo viu que só poderia ter sido o homem que subira com a Pervanche. (Tinha o dom, quando os inquilinos entravam alta noite, de adivinhar quais eram, se subiam sozinhos ou acompanhados.)

Já na rua, um nervosismo satânico lhe aligeirou os passos. A Pervanche que perdoasse, mas ia embarcar para o Brasil. Sim, para o Brasil! Ia vender aquele anel que só pelo tamanho da pedra, dois ou três quilates, daria alguns contos em dinheiro brasileiro. Com o que desse, em milhares de francos, compraria uma passagem, meter-se-ia no primeiro trem para Cherburgo ou La Palisse, ficaria por lá à espera do navio. Passaria, antes no *Hôtel des Amandiers* para pegar o passaporte, trataria do *visa* no porto mesmo, para não ficar em Paris senão horas. Do Brasil mandaria o dinheiro e uma carta. Ela entenderia e havia de perdoar. Não havia outra solução. Como gesto, era hediondo. HEDIONDO. Parou na rua, ficou aflito, tornou a acelerar o passo, foi para o centro, do outro lado do Sena. (Ela sairia do banheiro, ficaria assustada, pensaria que tivesse descido para comprar cigarros, daria pela falta do anel, abriria muito os olhos, ficaria pasma, zonza, mas entenderia.) Ele escreveria do Brasil, mandaria dinheiro para indenizá-la. Sabia o endereço, anotara ao sair para a rua. Repetia rua e número, rua e número, rua e número, falando alto, seguindo, seguindo, procurando uma joalheria discreta. Quando viu estava na Rua Richelieu, diante duma loja de duas vitrinas, com jóias. Entrou. Um homem sentado consertava um relógio, metido numa espécie de nicho; e de lá disse:

— *À vos ordres, Monsieur.*

E vagarosamente, se ergueu, ficou do lado de dentro do balcão, à espera. Era uma fisionomia agradável, prestimosa.

Procurando não gaguejar, Mário tirou o anel do bolso interno do paletó, apresentou-o, perguntou se podia fazer o favor

de avaliar. Que vira, na vitrina o anúncio de que compravam jóias.

O homem pegou no anel, olhou, curvou-se para Mário, que ficou rubro pois pressentiu que aquele homem, escrupuloso nas mãos, nos olhos e na fisionomia, lhe ia perguntar delicadamente a proveniência da jóia. Mas o homem apenas disse:

– Vale uns quinze francos. É cromo e vidro.

Como Mário não pegasse no anel, brincava com ele na mão fechada, sacudindo-a, corrigindo que nem quinze francos, uns doze!

Mário agradeceu, segurou o anel que lhe era apresentado, saiu.

Deu cinco passos, parou na beira da calçada, sentindo uma angústia terrível, física e espiritual. Um atarantamento feito de remorso, de decepção, de castigo e de ódio de si mesmo.

– Como é que eu fui fazer isso, meu Deus?! A que ponto eu cheguei! E agora? E agora? E agora?!...

Andando, atravessando as ruas, esquinas, falava sempre:

– E agora? E agora? E agora? – Pôr aquilo num envelope e mandar entregar? Jogar na sarjeta? Guardar? Voltar lá, humilhar-se? (Via a Pervanche a lavá-lo na banheira, como mãezinha lavando um filho já adolescente a conselho do médico, por causa dalguma pneumonia, a jogar-lhe água, com a mão em concha, no peito, a outra mão lhe sustendo a nuca). – Sou um monstro, e a que ponto eu cheguei!... Meu Deus, meu Deus... Isto não tem nome, não tem explicação, não tem perdão! Isto é a prova mais hedionda de que o Delhorme agiu certo em me negar uma passagem, para eu não ir conspurcar corpos e almas... Sou um monstro...

Sentou-se num café, lembrando que tinha o troco do garçom da noite anterior, dos cinqüenta francos da Pervanche. Ficou a olhar o chão, esvaziando-se da ignomínia, esperando um intervalo de dez minutos de inércia total, para então decidir. Decidir o quê? Mas o quê?

IV

Foi entregar-se à prisão simbolicamente, rumando para a Bastilha. Sentou-se aos fundos do bar *Soubise*, ficou à espera de sofrer mais, se é que isso era possível.

O Imediato chegou.

Mário seguiu-o para Vincennes, como um autômato. Viu, da uma às cinco, o Imediato fazer ginásticas incríveis com quinhentos francos; perdê-los, descompor o cavalo, o jóquei, a polícia que consentia em jogo roubado, o presidente do conselho de ministros, o presidente da República, a França, o azar, e ainda por cima essa amaldiçoada chuva! Empapados, até aos ossos, voltaram para Paris, num táxi decrépito. E o Imediato falava sozinho, vendo a cortina do aguaceiro:

– O cavalo *Guimet* não ganhou, ele que é um esplêndido lameiro?! Hum! Roubalheira na certa. Deixa estar que foi bem feito! Quem me mandou, num tempo destes, vir jogar em cavalos de meio-sangue?

Estavam encharcados. O táxi seguia pela orla do bosque; e de repente, começou a falhar, a dar solavancos, até que parou. O chofer saltou, ergueu o tampo do radiador, pôs-se a "fuçar" e a apertar as velas. A chuva escorria-lhe pela jaqueta impermeável como por uma calha. Depois começou a virar a manícula com um furor de endemoninhado. Nada. Então todos abandonaram o carro e ficaram na estrada a fazer sinais para os automóveis que passavam superlotados. As poças d'água buliam sob os pingos enviesados. Conseguiram aboletar-se num carro que antes os respingou com

uma lama que parecia diarréia. Mário mancava grotescamente. Entraram às cinco e meia, mas já estava escuro e de luzes acesas. E esse carro que, na guerra, em 14-18, tivera o destino melhor de conduzir feridos em Château-Thierry, os deixou rente ao toldo duma esquina do Boulevard Magenta. Correram para um *bistro*, viraram goles de rum, lá foram, às carreirinhas, resguardando-se debaixo de toldos, cosidos às paredes, para o bar *Soubise*, na Bastilha. Donato, Durand e Kid entraram num autobus.

Mário, atrás, mancando, disse ao atravessarem uma rua.

– Estou com uma pontada. Acho que tenho febre.

O Imediato só respondeu no bar:

– Isso passa com outro rum. Foi a friagem. Da uma às cinco, na chuva, na lama!

Mário engoliu com repugnância o líquido dum cálice desbeiçado. Ficou olhando para o chão onde a água que lhe pingava da roupa formava uma poça no ladrilho. O Imediato pediu jantar para dois, mas Mário corrigiu que era para um só. Não tinha fome. Não era cerimônia, não. Além de não ter fome, estava se sentindo mal.

– *Apportez un cognac. On crève de froid. Fermez cette porte!* – berrou o Imediato a um sujeito que deixara entrar um golpe gelado de correnteza de ar.

O outro respondeu de lá, fechando a porta:

– *C'est pas rigolo l'hiver!*

Mário, humilde e tiritante, assistia ao jantar do Imediato. Olhando-lhe o feitio, o Imediato chamou a proprietária do *Soubise*, disse que ali o amigo era doutor. Não parecia, mas era! Que, doravante, ele podia entrar, pedir o que quisesse, conhaque, rum, café com leite, brioche, lá um ou outro sanduíche, almoço mesmo. Que servisse, que tratasse direito esse moço, que pusesse tudo na sua conta. A dona aquiesceu, fazendo mesuras. Gente veio para a mesa: conhecidos do Imediato. A chuva produzia

um estrondo que se ouvia cá dentro. E o Imediato e os outros puseram-se a fazer hora. O assunto era o Havre, gente do Havre, conhecidos. (Como estava beltrano? Que fazia agora Sicrano?) Depois a chuva amainou, os homens foram embora. E a freguesia que enchia aquilo por causa das bátegas, começou a sair também. O Imediato fumava, escrevia a lápis num papel, pensava, ia ao telefone, voltava, procurava coisas nos bolsos, cuspia para o lado, reacendia o charuto, até que o jogou fora.

Saíram sem pagar. O garçom e a dona disseram, numa voz só: "*Bonsoir!*"

– Tenho hoje material para quinhentos e tantos francos. Vende-se que é uma beleza, às dúzias. Há gajos que compram tudo. Em 10 minutos se esgota o expediente. É gozado. Atrás dos postais há uns endereços – onde os bestas, principalmente os americanos, vão gastar dinheiro e charppanha com marafonas que eu não queria nem dadas. Você vai ver só como é. – (Mário fez menção de parar.) – Deixe de histórias. Não é você quem vai vender. É cá o degas. Só quero que veja. Depois lhe passo uns cobres.

Seguiram, calados.

Na Porte Saint-Martin, perto dos teatros, Mário quis despedir-se. Mas onde ir dormir, essa noite? E teve receio do imediato estrilar. Notou que era homem forte, além de audacioso e insolente. Teve medo. Estavam agora no Boulevard Poissonière. Numa esquina pararam; transeuntes passavam para baixo, para cima, nas duas calçadas. Os quarteirões eram massas cinzentas, úmidas da chuva que parara. Depois o movimento foi diminuindo. As pessoas já não vinham tão agrupadas.

Viram aproximar-se um homem vagaroso.

– A caras como este, a gente não oferece. É preciso uma certa "examinação" psicológica.

Passaram mais outros homens. Depois, um, como que atrasado, apenas aparentemente pertencendo ao grupo, mero

acaso de rua. O Imediato acostou esse indivíduo, que fez que não interessava, com a cabeça. Outro ouviu, olhou o que o Imediato mostrava, seguiu indiferente. Mário, na beira da calçada, assistia, disfarçando. Um sorriu, continuou. Outro quis agredir com a bengala. O Imediato respondeu com uma blasfêmia cheia de consoantes grossas, em vernáculo. O baixotinho retirou-se, com a sua dignidade. Surgiu uma rapaziada alegre; o Imediato examinou as caras, ficou quieto, foi mais para adiante um pouco, perto dum globo elétrico, ficou esperando gente saída de cafés. Um grupo veio tomando aspectos individuais, mostrando as pessoas. Vinham juntas, mas não se conheciam. Do meio para o fim do bloco, o Imediato foi mostrando os postais, abrindo-os como baralhos, a torto e a direito. Insistia, seguia a pessoa, dando carreirinhas, pedia que examinassem, que "*c'était três drôle*". Ninguém quis. Um velho apareceu, ar de ourives, ou de qualquer outra profissão; vinha devagar, não tinha pressa de ir para casa, era franzino, vestia com aprumo, tinha o rosto escanhoado, um feitio de vícios escabrosos. Parou. Escutou. Examinou. Comprou; disse qualquer coisa, a explicar decerto o que preferia. O Imediato, nesse mister, partia do simples para o complexo: era previdente.

— *Mais oui, certainement, Monsieur le marquis, ayez l'obligeance d'attendre.*

Abriu o sobretudo e o paletó, tirou do bolso interno outro envelope cheio, sacou mais postais, dando um passo para debaixo da luz.

— *Voilà le genre que Monsieur le marquis préfère!*

O homem disse, com voz de pai de família comprando vitualhas para casa:

— *C'est ça, mon vieux, c'est ça...*

E foi comprando, morosamente, com um brilho chapado nas ventas de marsupial. Mário, donde estava, reparou, que era magricela mas bem velho, com cara franzida, e que tinha as pálpebras com almofadas de cárdio-renal. Já sozinho, o Imediato disse, aproximando-se:

– Você viu? Foi tiro e queda. Cento e vinte francos por uma coleção de postais. Mas este emprego é para o Durand. Sou besta? Você viu aquele juiz que quis me agredir? Vou mas é deixar isso no *Café Parterre*, lá com o homem do *rayon* de cigarros, para o Durand.

Desceram, tomaram a Rua Richelieu, rumo ao *Parterre*, no Palais Royal. Numa esquina, o Imediato ainda ofereceu os cartões a um homem, a outro, a vários, até chegarem perto dum caminhão onde jactos d'água quase os iam molhando. Passaram para o outro lado, porque uns homens tão velhos como *monsieur le marquis* varriam e lavavam a rua cantando. Mário, vendo-os, sentiu uma opressão na garganta. Cada qual ganha, pois, a vida a seu modo... O varredor cantava:

Mesdames, désormais, Lamode – hélas! – n'admet. Que la jambe épilée.

Um velhinho, todo curvo, dando ao chão luzidio da Avenida da Ópera vigorosas vassouradas em semicírculo, aconselhava as *rodeuses* ali da esquina de Pyramides:

Rasez les poils follets. De vos charmants mollets.

Pouco adiante, rente à massa pardacenta do Louvre, o Imediato parando um pouco, disse:

– O seu nome todo é...

– Desculpe-me, mas não tenho o menor interesse em dizer o meu nome.

O outro olhou-o com desdém e poderio.

– Está bem. Foi indiscrição minha. Mas olhe, estou certo que ainda havemos de ser amigos. Muitas coisas nos unem...

Mário sentiu os músculos dos braços se retesarem e depois se flexionarem como movidos por uma corrente elétrica, quando o ex-comissário completou a frase:

– Somos ambos estrangeiros aqui; da mesma terra, ambos brigados com a família... Temos os nossos segredinhos e as nossas contas. Não é por esporte que estamos em Paris, nesta situação.

Sim, é claro, deixemo-nos de história. Temos as nossas culpas no cartório, olá se temos! Quanto à opinião que você tem de mim, estou me lixando pra ela.

Aproximou-se dum desconhecido e, tartamudeando, ofereceu os postais, explicando do que se tratava. Baixando a cabeça, Mário atravessou a rua, aparentando estar sozinho. Uma onda de sangue cascateavalhe nos ouvidos. Ouviu os passos do Imediato que atingindo a calçada, perguntou:

– Já vai? Bem. Até amanhã. Ah... É verdade, há de estar sem níquel. Olhe, tome. Chega?

Estendia-lhe uma nota de vinte francos.

Mário viu a nota enxovalhada, a cor suja daquele dinheiro. Teve uma vontade atlética de derrubar a socos e pontapés esse cínico que com ar de proteção insistia, mexendo com a nota no ar. Mediu a distância que os separava. Um metro; menos; talvez uns sessenta centímetros. Uma energia selvagem correu-lhe pela medula. Sentiu uma constrição no queixo, percebeu que todo o seu torso se empinava, como o dum felino, para a arremetida. Obedeceu à ordem súbita que lhe impelia o corpo; curvou-se um pouco para ganhar impulso, abriu os braços, arreganhou as mãos, uniu os pés, soergueu-se e jogou-se.

Mas o baiano, recuou para um lado, abaixou-se numa agilidade de marinheiro em bairro de marafonas na hora de rixas e lhe vibrou um golpe com o pé, de viés, um golpe que arremedava o punho e a lâmina duma navalha se abrindo veloz. Mário ia cair de borco no chão com a cara em primeiro lugar. Mas o Imediato, retendo-o com ar de camaradagem, dançava diante dele, meio agachado, dava pulinhos, riscava o ar com gestos de pantomina, parecia um desses bonecos que, balançando de todo o jeito, estão sempre equilibrados, e lhe disse:

– Eu não sou de Pernambuco, nem do Rio, menino, mas fui fuzileiro naval três anos. Vê lá!...

Meteu no vão das pernas de Mário novo golpe. Mário tropeçou para a frente, como quem cai duma escada, mas o Imediato, o susteve, repetindo:

—Vê lá!...

Mário atirou-se ao adversário que o enlaçou.

Queria, mas não tinha forças para se desvencilhar; então, debatendo-se, recorreu a um vocábulo que nunca tinha pronunciado em toda a sua vida. Soltando-o com um safanão, o Imediato olhava para ele, meio sério, meio a rir:

—Você é idiota! Querer fazer o *bamba* comigo! Ora deixe disso. Eu já aleijei um estudante na Baixa do Sapateiro. Já desarmei muito polícia no Recife. Logo comigo que você quer descarregar o seu mau humor... Que azar!... Como escolheu mal! Que diabo de moço nervoso. Ó gente...

Abaixou-se de novo, como quem vai apanhar um objeto, fingiu que ia vibrar um golpe pela esquerda, vibrou-o pela direita, ameaçou de novo, agachado, recuou, arremeteu, liquidou a manobra, sustentou com uma risada satânica Mário, cujo corpo caía.

Erguendo-o pelas axilas, atirava saliva, ao falar.

— Este golpe, agora, eu até pensava que já estava esquecido, que não sabia mais... Foi só pra tontear. Deus me livre e guarde de fazer mal a um patrício. E logo uma pessoa fraca! Eu só quero é pegar um dia um desses *francêis*, um desses agentes cheios de pose que pensam que têm o rei na barriga, esses bigodudos, e meter o pé! Uai!... Quero ver vir uma brigada inteirinha e espalhar "eles". Isso agora até serviu de exercício...

Mário, com o rosto em fogo, saiu, rente às paredes do Louvre, desvairado pela cólera e pela vergonha. O Imediato ficou parado um pouco, depois o seguiu, dizendo, à medida que se aproximava:
— Escute aqui, seu moço... Doutor, ó doutor!...

—Vá-se embora, homem. Eu chamo a polícia.

– Pois chame! Chame o agente. Você vai ver eu fazer o agente de peteca. Vou fazer ele maxixar. Ele e você vão fazer o parafuso aqui, diante de mim.

Mário atravessou a rua, limpando a cara, compondo a roupa. Por mais que apressasse o passo, quase a correr, ouvia o Imediato aproximar-se cada vez mais. Então, parou, esperou que ele chegasse, e com uma súplica tenaz lhe disse:

– Vá-se embora, pelo amor de Deus.

– Embora, por quê? Eu não quero seu mal. Eu não agredi o senhor. Foi o senhor que quis agredir-me e justamente quando eu lhe estava oferecendo dinheiro. Eu sei que está sofrendo, está doente, não tem quarto, está passando miséria aqui, longe dos seus! Que foi que eu fiz de mais? Só lhe ofereci dinheiro. Vamos combinar uma coisa: está tudo esquecido. Eu perdôo e o senhor perdoa. Pronto! Mas eu sei que o senhor precisa de dinheiro. Tome! E, outra vez, estendia a nota de vinte francos. – O senhor vai fazer o favor de aceitar este dinheiro. Não é nenhum desaforo nem nenhuma afronta que eu lhe estou fazendo. Tome, faça o favor! E eu vou logo embora.

Mário encarava-o ainda afogueado pelo ódio, já agora não desse homem, mas de si próprio.

O Imediato meteu-lhe a nota na mão. Vendo-a cair, abaixou-se, pegou-a, tornou a metê-la nos dedos de Mário que a rasgou em diversos pedaços. Separaram-se depois dum olhar de desafio.

Devia ser bem mais de meia-noite.

Mário mais adiante parou para refletir e para descansar. Doía-lhe um pé que o obrigava a mancar. Dormir onde? Um agente dobrou a esquina e lhe pediu os documentos de identidade.

Palpando-se, explicou que deixara o passaporte e o "*Permis de séjour*" no quarto do *Hôtel des Amandiers*, noutra roupa. Foi, então, convidado a ir até ao comissariado. Explicou que estudava medicina, que trabalhava no hospital, que tinha aulas com o professor tal,

implorou; mas nada. Cofiando os bigodes diante desse moço de barba de cinco dias e sobretudo molhado, o *flic* ordenou-lhe que seguisse, na sua frente, até à Rua du Faubourg Saint-Honoré. Quanto ao vexame, compreendia. Iria, pois, pela calçada do outro lado, para não envergonhá-lo.

Lá chegando, morto de pejo, viu-se numa saleta que tinha um fogão ao centro a aquecer um escrevente, um bêbedo e um chofer que atropelara uma mulher. Pouco depois outro agente entrou, trazendo uma *rodeuse*. (Era uma mulher com o aspecto típico da *glue*: entrou fumando, fumando ficou e o cigarro estava tinto de *rouge*).

O escrevente chamou Mário para uma sala ao lado; ouviu-o contar que os seus papéis estavam presos num hotel onde devia. Não lhe tomou nota do nome, disse que não fizesse mais isso, que pusesse a vida em regra, no hotel não lhe podiam reter os documentos, que dormisse na sala do comissário, caso quisesse.

Mário, todo atrapalhado, ia entrar para uma sala com bancos onde dormiam sujeitos da mais variada categoria. Mas *o flic o* chamou, e lhe abriu o escritório do comissário, que estava vazio.

Mário desatou os sapatos, encolheu-se numa poltrona dura que nem tábua, e resolveu cortar todas as ligações com quaisquer pensamentos. Sentia febre, palpava o lugar da pontada, tinha a roupa gelada aderida ao corpo. Tiritando, encolhido, como num banco de terceira classe de vagão de província, conseguiu cair num marasmo até que toda a realidade e todo o delírio se desvaneceram. Dormiu. Lá para tantas, sonhou.

Sonhou que estava no Rio, que era mendigo, que tinha fome, e que não podia andar direito por causa dumas chagas nos tornozelos. Ia, então, caminhando com muito cuidado, arredando um pé do outro pé, quase comicamente, por causa das dores. De repente, viu que estava defronte da Santa Casa de Misericórdia,

mesmo em frente do portão do serviço funerário. E que desse portão saíam sujeitos descalços, carregando na cabeça caixões para longínquos defuntos. Reparou para os homens e para os caixões. Nisto alguém o encarou e lhe perguntou:

– Quer ganhar vinte mil réis?

Apenas percebeu que esse tal era a cara perfeita do Imediato.

– Vamos lá! Quer ou não quer ganhar vinte mil réis?

Disse que sim e, apalermado, acompanhou o homem que tinha entrado numa porta. Junto duma pilha de caixões ordinários forrados de um cetim carnavalesco, o homem disse, consultando um papel:

– Este caixão vai para a Rua das Laranjeiras; preste atenção, é numa estalagem, perto da fábrica de tecidos. Sabe onde é a fábrica de tecidos? Vá ligeiro, que o enterro é para daqui a três horas e lembre-se que tem de ir a pé, hein!... Chegando lá entregue esta guia no endereço, não tem que receber nada. Basta lá assinarem aqui embaixo; aqui, ouviu?

E mostrava o papel. Mário notou que o papel era um postal com gravuras eróticas.

E logo se abaixou para pegar o ataúde; ia já disposto a fazer força, mas notou que era um caixãozinho de criança, azul, leve; parecia até feito de papelão.

Lá foi ele seguindo pela Rua de Santa Luzia. Atravessou a Avenida, entrou no Passeio Público, depois na Glória. Tomou a Rua do Catete. Atravessou o jardim do Largo do Machado e, sempre com o caixão sobre os parietais, foi andando... Passou por casas de pessoas conhecidas, mas não viu nenhuma. De mais a mais, tinha fome, ia ganhar vinte mil réis. Como fosse agora pelo meio da calçada, um svjeito parecido com o conde Leal lhe disse, com furor, que fosse pelo meio da rua, que no meio da rua é que era o caminho para conduzir carga.

Pediu desculpas, com ar obediente, e seguiu pelo meio da rua, entre os trilhos. Mas passavam automóveis, era preciso desviar-se a todo instante. Ia andando. De quando em quando, como as pernas lhe doessem, parava, abaixava-se; com uma das mãos equilibrava o caixão, e com a outra soerguia as ataduras das pernas que, com a marcha, teimavam em lhe cair sobre os maléolos, como algemas frouxas, sangrentas e bárbaras. Depois sentia medo de chegar tarde. Dava-lhe um nervoso!... Apressava o passo; mas as gazes do curativo lhe caíam de novo, como argolas úmidas, sobre o peito dos pés.

Chegou à estalagem. O carro de terceira classe lá estava. Havia operários, vestidos de preto, esperando para acompanhar o enterro. Entrou, viu no papel o endereço, ou melhor, o número da casa da estalagem. Era a casa do Justiniano. Mas ninguém o reconheceu. Afastaram-se, mas não foi porque o tivessem reconhecido; foi para haver passagem franca. Entrou, com muita cautela, para não roçar as pontas do caixão na porta, nem nas paredes. Depôs o caixão sobre uma cadeira porque a mesa estava ocupada com o cadaverzinho do Segundo Clichê. Limpou o suor, um suor quase visguento que lhe tinha grudado a poeira toda do trajeto, qual máscara dúctil, na cara encovada.

O Segundo Clichê lá estava sobre a mesa, entre umas flores. O Justiniano, enquanto assinava o papel, dizia, soluçando:

– Coitadinho... Já ganhava a vida, já ajudava a gente. Ah! Se ele crescesse!...

Mário ajudou a pôr o corpo no caixão.

– Pegue você pelos pés, assim, que eu seguro aqui pelas costas...

E depuseram o Segundo Clichê bem dentro do esquife. Coube direitinho.

Mário, então, tornou a limpar o suor, olhou o corpo da criança, enrolou a rodilha de pano sujo, num gesto circular, como via os labregos do Mercado fazerem, e saiu, devagar.

Na porta, perto do Justiniano, que o acompanhava com uma gratidão estupidamente alvar, quis dizer: "Fui eu quem o matou..."

Mas o Justiniano não o reconheceu nem à entrada nem à saída.

Voltou a pé, fazendo o mesmo trajeto. Não se incomodava mais com as ataduras que lhe balançavam no peito dos pés. Tinha vontade de assobiar. Ia ganhar vinte mil réis.

No pequeno escritório da Empresa Funerária entregou o papel que provava que ele tinha, de fato, entregue em endereço certo o caixãozinho. O chefe que era perfeitamente a cara do Imediato, disse então:

– Muito bem. *Seu* Januário, diga ali na Caixa pra darem vinte mil réis a este homem. – E apontava Mário com o prognatismo do queixo.

* * *

Quando acordou, despertado pelo ruído do servente que procedia à limpeza, percebeu que era manhã.

– *Allez, allez, foutez le camp!* – dizia um gendarme na sala ao lado, dirigindo-se aos que dormiam pelos bancos. Safaram-se, estonteados e sonolentos, cada qual com a sua catadura. Depois entrou o agente, deu-lhe bom dia, disse que ia para Marbeuf dormir o dia inteiro, mas que antes lhe oferecia um cafezinho num botequim perto da igreja de São Roque. Mário aceitou, mas foi a custo que apertou o laço dos sapatos. Tinha os pés inchados, como bolos; a pontada nas costas era como se uma tenaz lhe prendesse fibras de carne, ou lhe estivesse dependurada numa costela.

Viu, no café, que eram oito horas. Bocejando, o agente o aconselhou a ir buscar os seus documentos no tal hotel, do

contrário poderia vir a ter mais dissabores. Que não lhe podiam prender os papéis. Que os pedisse, que não era favor algum. E, bocejando, se foi, depois de pagar.

Mário saiu, parou, viu tudo na rua rodar diante dele. As têmporas estalavam-lhe. Os pés era como se estivessem amarrados em bolas de chumbo. Devia estar com uns trinta e nove graus de febre. Foi então que viu a igreja. Entrou, vagaroso e infeliz como um mendigo, arrastou-se para o banco, perto da pia, sentou-se, começou a achar que devia voltar à casa da Pervanche, deitar-se, dizer-lhe:

Fais ce que tu voudras. Je m'en fous!

Uma sineta agitada o fez ajoelhar, como todo o mundo. Era o *Sanctus*. Encolheu uma perna, ergueu o corpo, sentou-se outra vez. Deu-lhe então uma ternura!... Ficou a olhar o altar aceso. Queria chorar, mas tinha a alma empedernida. Na hora da Elevação, a sineta tocou, tocou, tocou. Fez menção de ajoelhar-se caiu para o lado, resvalou na tábua, deu com a testa no chão.

Agora, alguém o erguia, por debaixo dos braços. Pôde ainda ver gente a cercá-lo, gente de ar triste, gente de catacumbas. Seguro de cada lado, teimava em cair, frouxo, bambo, apatetado. Em cair, ou em fazer genuflexões diante da nave toda iluminada?!

* * *

Quarenta e três dias depois, numa manhã de maio saiu curado (?!) do Hospital Santo Antônio.

Manhã de céu límpido. Árvores, com folhas tenras, dando às ruas a certeza da primavera.

Escapara de morrer dum pleuris. Sabia que era o dia 3 dum mês afável e que tinha que ir andando a pé, devagar, para sentir calmas impressões de convalescente. Foi seguindo, reparando com curiosidades mansas os aspectos que lhe entravam pelos olhos a

dentro numa dança de cromatismos e linhas. Porta Saint-Martin. O teatro. (Lembrou-se, sem querer, de Rostand.) Boulevard de La Bonne Nouvelle. Teatro Gymnase. (Lembrou-se de Bataille.) Depois do Boulevard Poissonière sentiu a verdadeira fisionomia da cidade. Parou a ler cartazes diante do *Le Matin*. Atravessou para o outro lado. Espiou com displicência as tábuas de câmbio e a exposição de moedas estrangeiras numa vitrina do *Crédit Lyonnais*. *No* terraço do *Napolitain* já havia sujeitos sentados, lendo jornais. *"Ces Messieurs de l'apéritif"*. Praça da ópera. Multidão matinal. Veículos. A avenida com os seus quarteirões cinzentos. Paris! Tal como nos postais que vão ter a todas as partes do mundo. A igreja da Madalena. Rue Royale... Seguia comovido como um estrangeiro que dá o seu primeiro passeio pelos pontos clássicos. E se fosse até às Tulherias? Como seria agradável, entre árvores e crianças, fazer horas! Parou na Concórdia. Que amplidão! Que harmonia de faces! Longe, além do Seria, o Palácio Bourbon. Dum lado, o gradil das Tulherias; do outro, a perspectiva dos Campos Elísios, com a jóia singular da *Étoile* fincada lá em cima. Primavera! Que beleza!...

De mãos nos bolsos, virava-se um pouco para todos os lados, admirando tudo com uma alegria atual. Sentia-se quase turista. Quantos, para verem o que ele estava vendo, não vinham de longe, sôfregos, fascinados, descendo nas estações tumultuárias? Os vagões a essa hora despejavam massas de burgueses, milionários, artistas, mulheres, raparigas, rapazes, que queriam ver o que ele estava vendo. Que fascinação era essa? Os bárbaros a cobiçavam. Os amantes a queriam para tálamo. Os poetas, os pintores, os intelectuais sonhavam com ela, como único prêmio. Os revolucionários vinham pelos caminhos que a ela vêm dar. Sentou-se num banco, no jardim das Tulherias. Como queria bem a essas crianças que tangiam arco, correndo, em algazarra! Invejou a sorte patriarcal dum velhinho com cara de cenoura

que vendia bolas multicores. O sol avivava minúcias nas coisas. Passavam táxis, lá fora, como anos antes passavam fiacres e amazonas. Passou uma avó empurrando um carrinho onde uma criança era uma quermesse de guizos e fitas. Levou mais de hora no seu banco público virando a cabeça em todas as direções, observando tudo.

Adiava a urgência de telefonar para dois lugares essenciais. Num ou noutro, ou em ambos, haveria a solução à sua espera. Nem por hipótese temia as antigas respostas negativas. Sentia cansaço, suores nas fontes. Natural: todo convalescente apresenta durante alguns dias fenômenos vagotônicos. Resolveu abrigar-se num terraço de café ali na providencial Rua de Rivoli, com suas famosas arcadas. Tomou um café expresso. Preferiu providências mais vagas. Procurar Sérgio Shebanov no Café de la Rotonde e no Dôme. Se não o encontrasse, ir ao apartamento da Pervanche. Bateria e, quando ela aparecesse, sem entrar, parado na porta o suficiente para devolver a jóia, pediria perdão; ela que fizesse o que bem entendesse.

Logo desistiu desse intento. Vê-lo assim, recém-saído do hospital, seria motivo para ela, além de perdoar, o recolher. Não merecia isso.

Andando, vagarosamente, por causa da fraqueza, ia raciocinando através de tais meandros que todo o alento se transformou em pessimismo. Chegou à conclusão (com uma clarividência que o decepcionou) que nunca mais voltaria ao Brasil e que todos os passos em vez de o levarem a uma solução apenas o levavam, a um beco, à última porção interna e final dum labirinto. Por mais que andasse era como se uma cela, uma espécie de guarita o revestisse, como um túmulo vertical, levando-o pela correnteza dum esgoto até ao mar onde se desmantelaria. Veio-lhe uma certeza súbita de que, cada vez que mudava os pés, se estava afastando irremediavelmente de Lúcia. Andando, ao acaso, foi ter a

uma rua de comércio ordinário onde descobriu um restaurante módico. Contou o resto do dinheiro que ainda conservava. (No Santo Antônio, por duas vezes, na camaradagem de eventual companheiro de enfermaria, alguém lhe dera 40 francos, além de dois pares de meias e vários lenços.

Almoçou um macarrão dúctil que cheirava a alho. Todo o otimismo, com que saíra do hospital, se convertia, aos poucos, como o avesso dum tapete, numa confusão de remendos. Tomou o *metrô* até à Porta Dauphine, disposto a entrar no Bosque e se estirar debaixo das árvores para então decidir a vida. Só ele estava triste, pois já acabara de vez o desconsolo da paisagem, o ar friorento das pessoas e o aspecto enregelado das fachadas. O chão já não tinha montes de folhas encharcadas. Aspirando o ar de primavera, sentiu um alívio tamanho que ficou desligado de considerações. Escolheu um sítio sossegado como um cartaz de repouso na campanha. Estirou-se na relva macia, alisou-a, estendeu as pernas, cobriu a cara com o chapéu, ficou sentindo uma luz doce envolvê-lo. Desandou a fazer um inventário de probabilidades. Não tinha moradia, nem dinheiro, nem amigos. Só tinha a convalescença, essa espécie de ânimo difuso, orgânico, qualquer cousa como a primeira experiência dum arbusto de estufa transplantado sem a proteção estática de árvores maiores.

Apalpou o bolso do paletó, fez um ar de satisfação. Lá estava o anel de cromo e de vidro da Pervanche. Agora, devagar, para não se cansar, dentro de uma ou duas horas desceria até aos bulevares, passaria pelo *Hôtel des Amandiers*, por causa do passaporte e do "*Permis de séjour*" já caducados e... E, o quê? Ah! Sim. Ia voltar para o Brasil. Como os bichos doentes que rumam com as asas ou com as patas, para a floresta natal. Ficou duas horas absorto em pensamentos cujo núcleo era este: se Deus o poupara do pleuris, se obtivera alta dum hospital, não seria para o superlativo de ainda vir a sofrer mais, ao desamparo, numa cidade como Paris.

Ia acontecer qualquer coisa. Sentia que, durante esses quarenta e três dias, estivera apenas posto à margem para, como mercadoria embalada, seguir consignado a alguém.

Ergueu-se duas horas depois, limpou-se dos gravetos que estavam aderidos ao único terno que possuía, resolveu ir engraxar os sapatos para ir até à rua Du Bac e ao Banco. Existia o Delhorme. Mesmo ausente, representava uma proteção. Um homem como aquele teria agido durante esses quarenta e três dias. Ia encontrar uma carta, dinheiro, a passagem, conselhos. Voltou de *metrô*, meteu-se na cidade.

Na Rua Royale entrou numa *brasserie*, já agora repleta de empregadas da Rua do Faubourg Saint-Honoré que escolhiam doces e chocolates; foi ao telefone, ligou para a firma do Delhorme. Depois duns dois minutos de perguntas e respostas sussurradas, desligou, vexadíssimo. Não havia nada. Nem sombra de coisa alguma. O Delhorme continuava lá na Inglaterra. Não havia possibilidade nem mesmo dum empréstimo insignificante. O novo gerente era implacável. Ligou para o Banco. Outra decepção! Saiu, vacilante, pôs os olhos nas colunas da Madalena, caminhou para lá, como se fosse entrar e cair de joelhos. À medida que se aproximava do templo sentia refrigério na alma. Fora numa igreja, na de São Roque, que se desligara das peias demoníacas do Imediato.

Por que, numa tarde tão linda, desesperar?

As colunas da Madalena lá estavam, sustendo o tímpano. A escadaria aparecia através das pessoas que passavam em duplo sentido. Através das árvores, a rua, riscada ao comprido pelos veículos, mostrava lateralmente, limitada pelos quarteirões, a multidão primaveril. Só ele era o simulacro do outono e do inverno, a única folha morta rastejando ao sabor do destino.

À medida que se aproximava da igreja, comparava a sua exceção humana à quantidade da multidão. Estava ali como

mancha. Por mais que se misturasse aos transeuntes, era *diferente!* De novo a certeza, plena e indubitável como uma comprovação algébrica, lhe veio de que todos os seus passos o levariam cada vez para mais longe de Lúcia. Isso lhe cavou no semblante uma depressão, dessas que fazem qualquer circunstante observar consigo mesmo: "Esta pessoa está seriamente doente".

Quase na extremidade da Rua Royale, parou, rente à calçada e se apoiou a um poste. Compreendeu que estava com febre. (Ultimamente, àquela hora, lhe vinham tremores e sensações estranhas.) Pensou na conveniência de ir fazer a barba. Olhou as lojas, defronte e dos lados. Caminhou, enviesando para as paredes; resolveu descansar, ficando parado diante duma vitrina, a olhar artigos em exposição. Tirou o chapéu, encostou a testa no vidro frio. Compreendeu que estava sujo, que a roupa azul-marinho tinha nódoas e parecia ter passado por um máquina de triturar. Inclinou-se para ver a sola dos sapatos repelentemente cambados e secos. Estudou-se, minuciosamente, naquela vitrina, tão bem como num espelho. Passou a mão pelo rosto; uma pessoa triste também passou pelo seu uma outra mão, também vagarosa, como a dele. Franziu as pálpebras, e a pessoa repetiu. Ah! Estava mudado, esguio, esquálido, cor de cera, com o cabelo crescido sobre as orelhas e sobre o colarinho. Inspecionou-se do peito aos pés e viu que tinha em si, esquemático e essencial, o aspecto não dum convalescente, mas dum ex-homem. Olhou em volta, a ver se reparavam nele. E nisto sentiu um calafrio de verdadeiro susto e de viva surpresa. O sangue lhe fugiu do corpo para o coração. Uma mulher passou e era, no começo, de perfil, depois, pelas costas, Lúcia sem dúvida alguma. O mesmo modo de inclinar o pescoço, durante a marcha, o mesmo andar, o mesmo talhe e, principalmente, a mesma presença de contorno e de substância humana, da cabeça aos pés. Tão fácil os Almadas estarem em Paris! Ia imersa numa pureza de atitude, como alheia a tudo e a todos.

Repondo o chapéu, Mário estugou o passo, alcançou-a, passou pela sua frente. O rosto era diferentíssimo. Que decepção!...

Teve uma tonteira, viu as portas, as árvores, as pessoas e a frontaria da Madalena bailarem como num rodopio na hora de cegueira causada por qualquer envenenamento. Só aquela mulher ficou intata, consistente, como um primeiro plano de pintura.

Limpou o suor que lhe empastava as têmporas, foi seguindo essa mulher, a menos de três metros. Cuidou que isso lhe faria bem. Mas, pouco a pouco, sumiram as linhas gerais e específicas daquela semelhança. Contraía os maxilares, para disfarçar a emoção e o pranto. Via agora tudo através das lágrimas. Sem saber como, proferiu duas, três vezes a palavra perdão. Engolia as lágrimas sentindo-lhes o gosto na língua, entre as gengivas, na garganta, no esôfago, como sumo de fruta. Viu aquela mulher atravessar para a Madalena, não subir os degraus, deter-se no mercadinho de flores, ao lado, escolher violetas, pagar, sumir num táxi. Deteve-se então por ali, como a sentir o clímax que ela deixara; mas o seu olhar seguiu o *Berliet* até ele se tornar parte integrante do trânsito. A ausência logo substituiu o clímax. Sobreveio novo acesso de pranto que lhe desfigurava o rosto, que lhe dava ao busto o aspecto grotesco dalguém que estivesse rindo às sacudidelas.

Tomado de respeito humano, entrou para o vão duma porta que conduzia a uma escada. Resguardando-se ali, chorou estranguladamente. De repente teve que disfarçar, porque estranho personagem descia os degraus demandando a rua. Visto de baixo para cima, parecia um gigante, a barba ruiva espalhada pelo peito a modificar-lhe o contorno hercúleo dos ombros. Ao passar por Mário, aquele mágico, ou filósofo, resfolegando ainda pelo esforço da descida de vários andares, o encarou um pouco, pediu licença e passou.

Trocaram duplo olhar curto e espantado. Mário disfarçou e prosseguiu pela calçada, sentindo, porém, que o fantasma opaco o seguia. Não tardou a vê-lo ao seu lado e ouvi-lo perguntar com voz quase sacerdotal:

—Voulez — vous que je vous amène chez vous? On voit que vous êtes malade. Est-ce que je pourrais vous aider?

— Merci bien, Monsieur.

— Où demeurez-vous? Êtes vaus étranger?

Mário, sem responder se intrometeu na multidão. Na esquina seguinte olhou para trás e já não o viu. Como refúgio, entrou num barbeiro. Esquisita aquela loja: os barbeiros e cabeleireiros eram todos eles barbados e anciãos.

Agora, com a cara ensaboada, sentindo a carícia da navalha, podia pensar quieto. Ah! Se estivesse com mais dinheiro, teria tomado logo outro táxi para acompanhar aquela mulher parecida com Lúcia. A idéia lógica de que nunca mais a veria encheu-lhe o peito de sufocação. A toalha tapava-lhe os braços, como se estes tivessem sido amputados. Tratou de pôr as mãos por cima e por fora da toalha. "Um absurdo, pensar que aquela criatura fosse Lúcia. Absurdo, como? Tão simples ela estar em Paris, Londres, Roma, Washington! Mas, no meu caso, seria absurdo qualquer coincidência."

O ancião que o barbeava era vagaroso e demorou a escanhoá-lo. Enquanto isso, Mário apalpava os pulsos, calculando se teria febre. Reparava bem nas mãos. À luz que vinha da rua e a todo instante modificada pela passagem dos transeuntes, aquelas mãos no centro tinham uma coloração térrea, e nos dedos eram quase translúcidas, principalmente nas polpas. As unhas arroxeadas pareciam cadavéricas. As juntas, grossas como nós. E as veias, em relevo tortuoso, pareciam de gente velha. Apertou-as, como se as quisesse esvaziar. Elas encheram-se mais para trás. Soltou-as. Ficaram altas, azuis.

Continuou, com uma curiosidade de profissional, o exame. Espalmou a mão direita sobre o coração. A princípio não sentiu nada. Apertou mais o contato. Então quase imperceptível, uma coisa viva começou a transmitir duas pancadas, com intervalos, à palma da sua mão. Aquele coração não se queria fazer de notado, prudentemente se servia de sinais convencionais, dum código de propedêutica (tum-tac, tum-tac), expedindo sílabas reiteradas dum constante pedido de atenção. Não era bem um S.O.S. Não havia desespero. Que coisa, um coração!... Desde o seu primeiro instante de vida lhe estava ali a bater, a fazer sinais. Bateria até quando? Pararia de dia, em plena rua, inopinadamente? Ou iria parar de noite, depois de semanas e semanas de esmorecimento, ficando cada vez mais imperceptível? Que tamanho teria? Qual a sua área? Os seus diâmetros? Teria influência nos seus atos, ou, pelo contrário, sofreria? Ah! Esse coração já palpitara cheio de sentimentos bons, quando, na infância e na adolescência, fremia ante a só lembrança de Lúcia. No colégio, entre os onze e os quinze anos, esse coração vibrava quando lia ações heróicas, querendo seguir o destino de certos personagens. Tinha vibrado, muita vez, nos pequenos e puros fatos cotidianos, quando rapazinho; queria ser bom, ser grande, imitar varões de sábias virtudes. E ainda hoje, na Rua Royale, ressuscitara, como um fóssil comprimido entre gnaisse e feldspato, e agitara as asas, quisera romper aquele peito para seguir, como um filhote de condor, o táxi que sumia.

Já na rua outra vez, descobriu um pórtico que dava passagem para um dédalo de construções medievais, com lojas, mercadinhos, portas, escadas, janelas, águas-furtadas, becos, vielas e corredores. Tudo contrastando com as edificações do tempo do prefeito Haussmann.

Percorreu de ponta a ponta aquele meandro, observando os carrinhos de frutas e de queijos, as vitrinas dos belchiores, os grupos que bebericavam nos bistrôs, a algazarra dos gavroches, os

conciliábulos das comadres; defendeu-se das bicicletas. Incrível que aquilo existisse ali atrás da Rua Royale, exatamente no trecho entre o Faubourg Saint-Honoré e a Madeleine. Homiziou-se num desses hotéis anônimos cuja sigla era apenas uma lanterna acesa, pois nesse ínterim anoiteceu. Pagou o quarto, estirou-se na cama, com os olhos muito abertos na escuridão.

O teto funcionou como tela de cinema. E nessa tela passaram pessoas e coisas: a mulher sósia de Lúcia, o gigante barbudo, o altar da igreja de São Roque. Que significaria tudo isso? A Graça, essa intimação súbita que tanto vem com a doçura dum cordeiro como com o ímpeto dum dragão?

Agora, ali, podia chorar sem ser preciso disfarce. Chorar enquanto quisesse. Até a consumação dos séculos.

V

Ao meio-dia deixou aquele trecho de rua interna, tão parecido com outro nos fundos da Rue Dauphine. Instalou-se num café onde enquanto se empanzinava com brioches lia jornais franceses e estrangeiros presos num suporte portátil. O noticiário do mundo era pretexto para adiar pensamentos a seu respeito. Mas havia a vida. Pelo menos a dos outros, pois as calçadas estavam repletas. Pagou e saiu. Parou no mesmo lugar onde na véspera lhe surgira a visão de Lúcia. Nisto, ouviu o seu próprio nome. Voltou-se e quase caiu, tamanha a surpresa e a alegria.

Era Sérgio.

– Pois ainda estás em Paris? Ou é um sonho? És tu mesmo?

– Há mais de ano que te procuro, e Deus sabe como e por quê!

– Mas que foi que te aconteceu? Estiveste doente?

Olhava-lhe o terno, os sapatos, a gravata retorcida, a palidez do rosto, a transparência das mãos.

– Por que nunca me escreveste durante a tua *tournée*? Ah! Como eu te procurei. Imagina que saí ontem de manhã dum hospital. Quarenta e três dias numa enfermaria, com um pleuris. Não tive coragem de dizer que era médico, de pedir um quarto particular. Aliás, me achava sem os documentos, presos num hotel.

– Virgem Santa! Vamos entrar aqui. Beber qualquer coisa, conversar. Eu te cuidava no Brasil. Mal cheguei, fui à Rua Daru. Desembarquei às oito horas e ao meio-dia já te ia ver. A porteira

contou uma trapalhada. Não freqüento rodas de hotéis de brasileiros. Nem a embaixada, nem o consulado; não me passaria pela cabeça que estivesses ainda aqui. Disse comigo: "Acabou o curso, foi embora e preciso mandar pagar aqueles dois mil francos." Mas estou impressionado com a tua aparência. Aliás um pleuris, creio eu, deixa marcas por uns dias. Mas, hás de desculpar, não é só o teu ar de doença. É também...

– Já sei. A miséria, esta roupa, esta cara, a alma.

– Que foi que te aconteceu, Mário?

– Meu tio morreu, as remessas de dinheiro foram abruptamente interrompidas. Escrevi, telegrafei, e nada. Meu caro, passei fome. Conheci a miséria, aqui em Paris. Dormi ao relento. Só tenho este terno, este par de sapatos, a roupa branca que visto. E se tenho ainda uma nota de cinco francos e uma pratinha de dois, devo-as a um companheiro de enfermaria, que fez presente de quarenta francos, dois pares de meias e alguns lenços. Os meus papéis de identidade mofam no último ordinaríssimo hotel onde fiquei devendo uns dias. Não houve meios de saber onde pararias. Fartei-me de perguntar pelos cafés de Montparnasse.

Sérgio envolveu-o num exame sumário, avaliou as coisas, tomou-se duma ternura de parente e amigo, de tão comovido.

– Vais morar comigo, no meu novo ateliê, em Passy. Aluguei-o há dias. E vamos tratar do teu regresso. Pois então? Quer dizer, meu querido Mário, que aqueles dois mil francos te fizeram falta. Pobre! Como havia eu de adivinhar? Estavas tão bem! Por que me deste aquele dinheiro?

– Se não tos desse os teria jogado em corridas de cavalos, como fiz com o resto.

– Hein? O quê?

– Depois te contarei.

Sentados numa *brasserie*, contaram suas respectivas peripécias, uma ascendente, outra descendente. Uma verdadeira gangorra.

– E a Pervanche?

– Quanto à Pervanche só te digo uma coisa: que eu merecia que ela me jogasse vitríolo na cara!

– Por quê? Preferiste alguma outra? Deixaste-a? Quem a mandou não se decidir nunca entre Paris e Clermont? Pra lá, pra cá, feito uma lançadeira de máquina Singer!

– Deixemos a Pervanche de lado. Tens no ateliê lugar para mim? Durmo até no chão.

– Claro que por uns dias, pois vou tratar da tua volta. Não quero que fiques impressionado. Mas não te acho nada bem. Não me refiro às roupas. Estás mesmo deveras curado? Saíste do hospital ontem? Ora que coincidência. Meu pobre Mário! Mas e a Pervanche?! Em Paris, ou em Clermont?

– Definitivamente em Paris.

– E sabia que estavas num hospital? Visitou-te? – Não sabe de nada.

– Vem comigo. Vais gostar da instalação do meu novo apartamento. Agora estou numa nova fase, em pintura. Vais apreciar. Quando me lembro que em Paris levava dias e dias, em pleno inverno, a correr casas para vender uma telazinha! Até ficava com as mãos roxas e feridas nas juntas, de tanto frio. Tinha que ir bebendo pelo caminho, entrando em tascas. Dinheiro para luvas, onde, como, por quê? Além disso, quando se usa um sobretudo hediondo e esverdeado de tão velho, as luvas ficam grotescas e a gente tem a impressão de que vai ser vaiado. De vez em quando eu parava, encostava as telas nos joelhos, esfregava os dedos, tirava estalidos para os desentorpecer. E falava sozinho, para me animar: "Hei de vendê-las, nem que vá para a porta do Louvre oferecê-las a japoneses." Como era difícil a gente, naquele tempo, encontrar quem estivesse bem na vida e tivesse amor à arte! Cheguei a expor quadros em montras de especiarias! Eu sofri muito, Mário, para agüentar anos e anos aqui em Paris, logo depois da Grande Guerra. Cheguei a morar nos fundos duma loja.

Pagava a estada corrigindo defeitos e furos de traças em estampas bolorentas. Vamos tomar um táxi.

Era um apartamento moderno, em Passy, num prédio servido por elevador. Pelas largas janelas, com cortinas funcionais de aço, se via todo um vão de Paris, tendo ao centro, ao comprido, o Sena com as suas pontes, e, como bastidores laterais, monumentos, igrejas, museus e palácios. Os quarteirões mostravam suas fachadas, seus telhados, suas águas-furtadas, suas chaminés; eram cubos cinzentos ou pardos por entre árvores em simetria. Aquilo tudo, lá de cima, parecia uma maqueta posta sobre uma pelúcia esverdeada.

O apartamento tinha quatro peças. A sala de estar, ou o ateliê, enorme invadido pelo sol, com móveis arcaicos; cavaletes escondiam, viradas para as paredes, telas pintadas na Espanha. Os livros e os quadros menores não estavam em promiscuidade e desordem, e sim dando ao conjunto da sala uma harmonia moderna em vez da confusão do estúdio da Butte. Os pincéis não mais sobre papelões, mas limpos, virados para cima, dentro de jarras e majólicas. Havia tubos de tinta, arrumados como numa loja. E os quadros tanto eram pequeninos como postais, emoldurados em filetes brancos, como de metro quadrado, com molduras de gosto, provisórias. E o amigo violão, inseparável de Sérgio.

A peça ao lado era o quarto de dormir, constituído por um largo canapé e um oratório andaluz, havendo na parede dos fundos um quadro que Mário se aproximou para ver.

– É uma *Descida da Cruz* de Ribera. Fiz a burrada de comprar isso na Espanha com o que obtive do que vendi em Pau, Carcassona, Tolosa e Biarritz. Sou mesmo maluco.

– É muito bonito. Estou até me lembrando dum capítulo de Dostoievski quando Michkin e Rogójin observam uma *Descida da Cruz* e fazem considerações.

Sei, sei, estou lembrado.

As outras peças, na extremidade oposta, eram a cozinha dum lado, toda esmaltada e, do outro, o banheiro moderníssimo, de cor.

O que eu economizei na Espanha para ficar com este Ribera 40 por 70! Só consegui comprá-lo por causa dum defeito na tela, no tecido ressecado. Levei um mês para consertá-la. Eu morava então em Burgos, numa casa de cômodos. Um conglomerado de cubículos e tugúrios. Inquilinos os mais extravagantes. Ao meu lado residia sozinho um russo, ex-oficial, ex-governador de província, ex-motorista de táxi em Madri. Em plena miséria, retinha uma coleção de selos e outra de balalaicas. Coronel Wladimir Não Sei O Quê. Velho, cardíaco, exilado desde 17, sem saber da mulher e da filha que tinham sumido em Roma. Todos os dias a me dizer que entrasse... que entrasse. Não me interessaria uma coleção de selos? Ou de balalaicas? Ah! Que pena! E aquele quadro ali? Adquirira-o em Valadolid quando viera à Espanha em missão imperial. Fugira dos maximalistas, com a esposa, a filha, os selos, as balalaicas e o Ribera. Só as balalaicas ocuparam um vagão de São Petersburgo para Odessa, e um camarote de Odessa para Nápoles. Outro vagão para Roma; meses depois, outro vagão para Bordighera. Por último, um carro de bois, para Burgos. Claro que depreciei o Ribera por causa do defeito. No íntimo, me sabia capaz de consertar o esfiapado da tela num canto rente à moldura. Discutimos preço, durante semanas. Cá o tenho, agora. Hás de estranhar que eu, pintor de vanguarda, que participei de *bagarres* Dadá na Sala Pleyel em Paris, que fui cubista, que sou surrealista, me haja interessado por um clássico espanhol em péssimas condições de conservação. Ora, pensei logo e ainda penso em vendê-lo. Cheguei há duas semanas. Danei-me em ver que ainda levavam as mesmas peças nos teatros. E embirrei com a cor dos prédios dos bulevares. Falava sozinho, da estação para

o hotel. Falava assim: "É preciso urgentemente que a arte nova arrase estes bairros infetos. Urge substituir estas vísceras de escuridão interior, escadas e corredores, por vãos longitudinais com elevadores. Hei de falar com o prefeito para pôr os artistas vadios de Montparnô e da Butte trabalhando em cima de andaimes e taipas, como forçados, com as telas amarradas nos artelhos, para, se fugirem, tropeçarem. Os sujíssimos pintores, os nauseabundos artistas, os desgrenhados acadêmicos. E os críticos, com chicotes a espicaçá-los. É preciso dinamitar, pelo menos, metade de Paris. A cidade moderna não admite mais essas alfurjas e congostas que rodeiam Santa Genoveva". Mas, depois, menino, senti que era Paris mesmo! Fiquei tão alegre! Que saudade! Precisas conhecer o maestro Cabanon, meu vizinho aqui do lado. Os meus quadros da minha fase "Sena" não valiam nada. Mas agora estou com saudade deles. Quando entrei na Espanha, tendo vendido quarenta e oito quadros desde Pau até Carcassona e Tolosa, tive a sensação dum patriarca que após andar a vender os filhos da tribo emigrasse para a terra dos filisteus. Mas gostei como que da Espanha! Do chão, da terra, do homem, da paisagem, do sol, do temperamento, da luz, de tudo. Ou Rússia, ou 'Espanha, menino. O resto é monotonia. Estou vendo o príncipe Wladimir, ex-coronel imperial. Sessenta e seis anos. Cardíaco. Exilado. Perdido. Sozinho, sem saber das filhas que foram de Roma para Berlim, para Londres, e que nunca mais lhe escreveram, sequer. Meio atoleimado, todos os dias a me dizer que entrasse, que entrasse. Tinha as pernas inchadas e com eczemas. Vestia um uniforme que eu não sabia se era pijama. Ao respirar tinha um gato no peito, chiando... As pálpebras duras, caíam sobre os olhos como *marquise* sobre portas de cinema. Que resignação, que ar desprendido! Eu perguntava se ia melhor. "Quase bom!" respondia. Eu perguntava se já tinha tocado, "hoje". Dizia que não, por causa do esforço, que se tinha poupado para mim. E logo tocava umas coisas de

folclore, com cúpulas ortodoxas, *barines*, procissões, mercados, crimes, amores e estarostes. Eu ia embora comovido, deixando debaixo da manga dele, cinco pesetas, dez. Estou vendo aquela cabeça anelada, aquelas mãos brancas, aquele instrumento que ele encostava no coração como um filho. Como eu era idiota antigamente, na minha fase futurista! Lembro-me do primeiro quadro que vendi. Só o título! "Campo de aviação visto pelo lado esquerdo do piloto ao baixar". Vendi-o a um argentino da Rua Tronchet. Eu disse ao argentino: "Moderno. Arrojado. Original. Sem influência. Meu. Exclusivo". Mas agora fico a reparar em ti, pois aí onde estás, perto da janela, te vejo melhor, e estou deveras impressionado. Mesmo agora, te fixando bem, sinto dúvidas se és tu mesmo. É preciso dar um jeito nisso. Se eu fosse tu, francamente, voltava ao hospital, ia-me àqueles senhores dos capotes brancos:

"Perdão, alta por curado é equívoco, ironia, *plaisanterie*. Com licença!" E enfiava-me, vestido mesmo, debaixo das cobertas do primeiro leito vazio.

– Não estou lá muito bem, não!

– Queres deitar? Por que não te estiras aí, à vontade? Tira os sapatos, desaperta o colarinho. E eu que estava fazendo tenção de levar-te a almoçar no *Poccardi*. Queres tomar um banho morno? Comer alguma coisa? É lógico que precisas descansar. Aposto como estavas andando na rua desde a hora em que saíste do hospital. Pensei irmos almoçar no *Poccardi* para depois irmos tratar dos teus papéis, no consulado, vermos o preço duma passagem, etc. etc... Mas também, para quê pressa? Iremos qualquer dia destes. O que eu acho melhor é deitares. As minhas camisas devem servir-te. Hás de querer tomar um banho.

– Já telefonei para o consulado e para a Rue du Bac. Não chegou nada.

– Essa demora, do Brasil, é conseqüência de formalidades de inventário. Tu ficas aqui comigo até te fortaleceres bem. Dentro

de semanas te arranjo a passagem e te ponho toda essa trapalhada de papéis em ordem, para a viagem. Estou sem dinheiro suficiente. Mas... (deu uns passos pelo estúdio, e acrescentou com desenvoltura de súbita inspiração e sinceridade:) venderei o Ribera! Não é uma idéia formidável? Tens vergonha de ir de segunda classe? Não, vais mas é de primeira. A única coisa de valor aqui é o Ribera. Não sei quanto me darão. Hão de exigir documentos. Estão aqui nesta gaveta! Mas, se não der, vendo a minha riqueza artística e a minha miséria doméstica. Aluguei esta joça mobiliada. Estou sem estoque de telas minhas. Torrei quase tudo em Biarritz, Pau, Cannes e Tolosa. Depois o que pintei, em Carcassona e em Tarbes, vendi também. Vim da Espanha com uns cobres, mas paguei este apartamento três meses adiantado. Minha idéia é pintar aqui três meses e ir fazer uma exposição no Norte. Até Antuérpia e Ostende. Mas vendo o Ribera. Ao cabo de três meses terei dinheiro para os novos aluguéis. Já acabou definitivamente a minha "fase realista" que, como lucro, me fez dormir até debaixo das pontes. No dia do teu embarque faço questão de tomar uma bebedeira.

Uma tosse esquisita apoderou-se de Mário. Ergueu-se, foi escarrar na privada, voltou suando frio, apalpando os punhos, a verificar a febre.

Sérgio notou, veio sentar-se ao lado dele, apalpou-lhe a testa, ficou apreensivo.

– Bom não estás ainda. Foi um milagre o nosso encontro. Não te quero assustar, mas não resta dúvida que precisas convalescer direito. Queres saber duma coisa? Amanhã te levarei ao Dr. Ribadeau-Dumas, meu médico e meu amigo. Sujeito competente. Contas-lhe o que tiveste. És médico, os dois que se entendam. Enquanto isso, irei pedir notícias da Pervanche ao Devambez.

– Mora onde sempre morou quando não está em Clermont Ferrand.

Ah! Ainda na Rue des Rennes: então, ótimo.

* * *

A porteira descera após ter dado ao hóspede de Sérgio uma xícara de chocolate com *croissants* e em seguida a poção que o Dr. RibadeauDumas havia receitado.

Sérgio ultimara uma arrumação sumária na casa, principalmente no ateliê porque o antiquário Simon, da Rue du Faubourg Saint-Honoré, devia chegar *às* dez horas com o pretendente *à Descida da Cruz*. Mário por sua vez fizera a barba com a gilete do amigo, tomara banho quente e agora, sentado diante da janela, contemplava a manhã. Atento a qualquer toque da campainha, via ao longe as pontes Mirabeau e de Passy, todo o cais de Javel e de Grenelle, a sombra verde do Campo de Marte; a antena de inseto da Torre Eiffel; o Sena, ao centro e ao comprido; a massa dos quarteirões; o vão das praças; a linha marrom das ruas; as cúpulas negrejantes de palácios; uma floresta de chaminés. Lá da estação do Campo de Marte subia a fumaça de locomotivas. E isso, por analogia, lhe fez nascer idéias e mais idéias, que superpostas, criavam na sua imaginação uma espécie de convite ao retorno. Do outro lado, o céu puro parecia redoma e a atmosfera funcionava feito lente.

Enquanto isso ele procurava estimular-se. "O meu apetite vai voltar: aumentarei de peso. Se quiser sair um pouco, poderei. Tenho que aceitar a oferta, isto é, o sacrifício de Sérgio. Não há outro jeito. Dentro de quarenta e quatro horas provavelmente, com o dinheiro da *Descida da Cruz*, terei a minha passagenzinha de volta para o Brasil."

E então via mentalmente a entrada da Guanabara, as fortalezas, o Pão de Açúcar... Sérgio tinha toda a documentação sobre a autenticidade da tela; esse Simon, com lojas em Paris, Amsterdam

e Cannes, era um perito, com agentes em Florença, Dresde e Munique. E clientela afamada: ricaços da Europa e das Américas. Poderia até adiantar o dinheiro.

As locomotivas fumarentas, saindo da estação, paralelas ao cais de Grenelle e *à* Allée des Cygnes, jogavam no ar, como plumas, estrofes de convite *à* fuga. Ir para onde? Para o sul, para perto de Lourdes, para a paisagem que a própria Nossa Senhora escolhera nos Pirineus? Para a beira-mar? Para a Itália? Florença, por exemplo? Viver numa casa no alto de Fiesole, toda rodeada de ciprestes, com frescos do Della Robbia no alto das portas? Ou então, no convento, em cima, arranjar uma cela com os frades? E de lá contemplar Florença. (Calcula só, Mário – abria diálogo consigo próprio! – Repete, Mário, repete: Florença! Soletra essas sílabas mágicas: Flo-ren-ça!-Depois de Roma é a cidade que está mais perto de Deus. Teres, como degraus para a vista, San Miniato, o Duomo, Santa Maria della Novella, Santa Croce, o Arno, os jardins Boboli...). Purificares-te para o Brasil!

Que beleza! Ficar radicalmente curado, sem pneumotórax, sem remédios, só com a presença dos senhores da Renascença, como se fosse hóspede de Lourenço, o Magnífico. Florença, tesouro de Deus e dos homens.

Viajar. Poder viajar, depois duma transformação do espírito e do corpo. Encher-se da inocência primeva; e, num reinício de energias, reparar que a cor azul, a cor verde, as cores todas não são as mesmas de quando as via através do pecado, e sim as que os noivos vêem quando passam no rumo ocasional das felicidades terrenas.

Viajar. Acabar de convalescer numa aldeola pitoresca, bucolicamente, entre habitantes de roupagens coloridas e vozes de bichos de vale, observando o nascer do sol no reflexo alucinante das geleiras oblíquas, ouvindo na hora do dilúculo o rumor amigo das ribeiras que fazem girar moinhos.

Convalescer estirado na varanda dum solário, na espalda dum sanatório, vendo de lá extensões de províncias limítrofes. E dessas terras silenciosas receber um largo conselho de sabedoria definitiva. Sentir a amizade, o volume e o consolo da paisagem feita de gradações de marrom, de verde-musgo, de vermelho e de anil. Ou então, poder atravessá-la, velozmente, rumo a outras mais cristãs embora mais taciturnamente plácidas. (E ires ficando com saudade dum pinheiral ainda tenro, dum castelo entrevisto entre ardósias e duma estaçãozita onde aldeões, Mário, ao te verem, tirarão o chapéu, reconhecendo em ti o senhor doutor... Desbarretares-te para eles, tu também, e depois te contentares, para as analogias dos teus pensamentos, com os acidentes imprevistos do trajeto.) Guardar na retina, com emoção, um viaduto que se atravessou, uma ponte que passou com um ruído oco de cantarias em arco.

Reter, com leve tristeza, a visão duma criança raquítica, que desceu duma parada do trem e se foi por um atalho, dando a mão a uma mulher extraordinariamente misteriosa. Abranger, em certas curvas, a entrada lôbrega de túneis, os arcos atarracados duma ponte internacional. Ir marginando a cornija de penhascos dum golfo.

Ver passar, da janela do carro-restaurante, em diagonal, pelo campo, longe dum campanário e dumas casas agrupadas, uma menina que conduz centenas de gansos, magicamente agitando uma varinha, como um condão. No *court* de tênis dum hotel (posto numa praia como um pires num guardanapo), ver, numa manhã assim, de primavera como esta, ingleses jogarem com raparigas trigueiras. Escutar, nas outras mesas do *Sud-Express*, conversas sobre *golf*, sobre pólo e sobre tiro aos pombos, por passageiros cosmopolitas. Ouvir gabarem coquetéis em moda nos *Sporting-Clubs* e comentarem concursos hípicos. E achar tudo isso frívolo, voltar as costas para essa gente que não percebe o

enternecimento que há em não falar, em não pensar, em não fazer nada mais do que ficar olhando a dádiva de Deus, que colocou, como enfermeira solícita, toda essa natureza por aí além.

Saltar numa plataforma de madeira, entre dunas, acariciar um cão que nos fareja, passar para um automóvel, e nele percorrer estradas retilíneas, sentindo no ar, que vai retrogradando todos os bálsamos desses pinheirais que o mar acalenta. Ver passar aldeias, torres de alta voltagem, postes telegráficos, comboios cobertos de lona, pontes metálicas e províncias que deságuam em latitudes.

Colear montanhas. Chegar, de sapatões ferrados, alforge às costas, como um bom bufarinheiro a uma estalagem, diante duma praça comunal. Amesendar-se entre gente rústica e venerável, dar-lhes as santas boas noites, e cear à luz bruxuleante dum candeeiro posto debaixo duma imagem sacra, ouvindo lá fora, junto à porta de aldrabas maciças, os guizos da mala-posta. Sentir-se avô de si mesmo, ter a sensação de regredir cem anos. Dormir num quarto de abóbadas. Manhã cedinho, sair, levado pela mão encantada da primavera, estirar-se na relva, numa vertente do vale, esperando que os minutos se tornem suficientemente longos para ressarcir as horas dum passado desvairadamente mal vivido. Levar assim convalescendo, duas, três semanas, bebendo leite, comendo desalmadamente, retemperando as energias, e... uma bela tarde, dizer adeus a tudo isso, levar mais uns oito quilos, não do corpo, mas da natureza, da terra, do perdão, e voltar até à plataforma de madeira entre dunas; passar para o trem internacional; ficar vendo a paisagem através da fumaça cheirosa dum cachimbo; desembarcar em Paris, numa estação,– correr de táxi, às pressas para outra; tomar um trem lotado de ingleses e americanos; chegar ao litoral, ver guindastes, trilhos, mastros, proas, chaminés que parecem anúncios de cigarros; não ter de quem se despedir, mas deixar uma gratidão para tudo e para todos; entrar para bordo; deixar as suas coisas num camarote, voltar ao passadiço,

ficar olhando o porto, as casas, as pessoas, as lanchas, as frutas boiando n'água, os burgueses subindo com famílias; debruçar-se na amurada, ouvir um apito agudo, ver a ponte, junto à escada de bordo, ser retirada; sentir o bojo do navio descolar-se da pedra, puxado por um rebocador como um mamute por um cão; sentir o cais, a cidade, a França irem ficando enviesados; ficar no tombadilho dizendo baixinho: "Obrigado, meu Deus, pela tua misericórdia!"; conter as lágrimas, esconder-se entre uns escaleres grandes, pintados de novo, pendurados sobre a anca de bombordo, ouvir risadas no bar, trechos de música (essa música de bordo que o vento rasga e distribui pelos salões, pelos camarotes, pelos *decks* e pelas escadas dos transatlânticos); chorar; e, de então em diante, esperar o prodígio que há de surgir ao fundo do oceano, à direita... Coqueiros, areais, jangadas, pássaros, estrelas novas...

Depois de quinze dias, no mínimo, deixar certa manhã o camarote, e subir, postar-se no passadiço, ficar olhando uma ponta de terra marrom e verde avançando mar a dentro; ouvir passageiros matinais dizerem que é o Cabo Frio; ver cardumes, na água transparente, abrirem lampejos; ver o sol e o mar formarem uma sala de paços perdidos até um litoral de serras onde as penhas se permutam com plastões de clorofila. Ver a Gávea surgir; e ficar com o sangue aos borbotões no coração; fechar as mãos, arregalar os olhos, ficar vendo a pátria a abrir, como um marsupial, a sua baía para o navio. Ver o Corcovado, e não poder agüentar, voltar para o camarote, jogar-se de bruços na cama, chorar, chorar... até sentir o ar da Guanabara, aquele calor, aquela luz! E então, pela escotilha, de joelhos na cama, ver as fortalezas, ver o casario, ver o Flamengo, Jurujuba, a Glória, Santa Tereza! E tornar a esconder a cara na colcha, de bruços, como um muçulmano, até virem bater no camarote para a visita da alfândega e da Saúde do Porto.

Depois...Ah!...depois...Armazém 18. Os morros com casebres... Descer, tonto, apoiado às cordas, com um embrulhinho, como um emigrante; pisar a terra como uma criança pisando uma ábside sem ser sacrilégio; seguir, desconhecido e anônimo, pela praça batida de sol; passar por um café de marinheiros; ver exposições numa vitrina (cascos de tatu, peles de cobra, bugigangas, flechas, bandejas forradas com borboletas do Sumaré, postais, besouros, lagartos); trocar uns francos na lojinha dum cambista, subir a avenida, ver as placas das esquinas transversais até à Rua Larga; continuar, meter-se na multidão até à Rua do Ouvidor, achar tudo sem diferença, apesar da diferença; ver *camelots* vendendo canetas-tinteiro; espiar de longe a porta do Garnier, ver os cafés, procurar os cinemas (mas mudaram os cinemas) atravessar a Rua 7 e a Rua da Assembléia; ver, imutáveis, a charutaria Londres, a Casa Carvalho, a Galeria Cruzeiro, as bancas de jornais! Ver um, três, dez conhecidos, e disfarçar; tomar um bonde, ficar quieto, muito bem comportado na ponta do banco, junto do motorneiro português; ver o Largo da Carioca, o Mosteiro, a Imprensa Nacional, o Lírico, uns arranhacéus bem bons, avenidas, o Municipal, a Biblioteca, uma nesga da Escola de Belas Artes, cinemas, praças. E gente, no bonde, a falar! Ver a Rua do Passeio, o jardim, a Lapa, o relógio da Glória, o coreto, a Rua do Catete com as suas lojas de móveis, com os seus casarões de cômodos, com as suas quitandas, com os seus açougues; o Palácio, tinturarias, hotéis, o ponto de descida na esquina da rua da tia Marta, ali onde dum ônibus da Light descem passageiros.

Saltar, ofegante, subir a rua, ver aproximar-se a casa, entrar pelo portãozinho, bater palmas, esperar, ouvir passos, cair, engasgado, nos braços da tia Marta, ficar sentado no sofá diante da alegria dela. Depois... a tia Marta ligando o telefone para a Rua São Clemente: "Façam o favor de chamar Dona Lúcia! Com urgência. Sim, a tia dela é quem fala. Marta! Lúcia?! Escuta, sabes

quem está aqui, ao meu lado? É ele, sim; desembarcou agora mesmo. Hein? Vens já? Queres falar? Claro, pois então!"

Ele a pegar no telefone, a dizer, numa confusão de pranto: "Quem fala aqui é... Mário." Oh! Deus bom, Deus infinitamente misericordioso... Lúcia a falar, a responder, a perguntar, a dizer que vinha já, que em menos de quarenta minutos chegaria... E desligar. E ele a sentar de novo no sofazinho, enquanto a tia Marta indo, vindo, da sala para a coziriha, lhe arranjava o almoço que estava quase pronto. Ele a preparar, por sua vez, o que iria dizer: "Lúcia, Lúcia..."

* * *

Por volta das dez horas Sérgio reapareceu acompanhado pelo antiquário Simon e respectivo *expert*. Não vinham ver a tela, já a conheciam pois Sérgio a deixara durante dias na loja da Rue du Faubourg Saint Honoré. Vinham aguardar o pretendente à compra.

Sérgio disse-lhes que morava ali e que eles, portanto, como visitas, deixassem do lado de fora qualquer intento de lucro exorbitante e ilícito. Vendia *a Descida* não porque estivesse na *purée* e sim para se tornar freguês e comprar-lhes "pechinchas".

Ambos aproximaram-se com ar velhaco e um deles disse:

— *Vous savez très bien que les Ribera et les Murillo ça se fait encore aujourd'hui.*

O pintor então sacou duma gaveta a documentação referente à autenticidade.

Quando deram com a telazinha na parede, os quatro (inclusive Mário) permaneceram calados uns instantes. Depois o sr. Simon fez o seu preposto retirar o Ribera lá do prego; e voltando-a para a claridade da janela a admirava como já havia feito uma semana antes.

O outro, com um feitio zangado para a janela, como a querer mais luz, mudou a tela mais para a esquerda. (Rato de museu, tendo vinte anos de peregrinação pela Itália, Alemanha e Holanda, era o perito da firma da Rua do Faubourg Saint-Honoré; o sr. Simon não decidia nada sem o seu veredito. Aparentava ser um servente, mas diante duma dúvida então perdia o ar grotesco e provava por *a* mais *b* a asserção, asseverando-a com perfeitos conhecimentos de *expert*).

Encostado à janela, o sr. Simon ficou a ouvi-lo garantir a autenticidade, fazendo hora para a vinda do sr. Teodósio, o candidato à compra, e que devia estar a chegar.

A conversa encaminhou-se para um quadro de Rubens que Sérgio vira estarem embalando na loja da Rua do Faubourg Saint-Honoré. Entusiasmados, os três teciam elogios à tela e ao comprador, um ricaço do Rio, cujo comissário, a casa Delhorme, em Paris, tinha fechado a compra essa manhã mesmo.

Ao ouvir tal nome, Mário prestou mais atenção. O judeu coxo e o sr. Simon contavam o caso a Sérgio. Havia meses que o Alaric, que estava substituindo o Delhorme, andara negociando a compra do quadro que viera de Dresde para a loja da Rua do Faubourg Saint-Honoré, em consignação. Um inglês e um árabe tinham chegado quase ao preço exigido por Dresde. O Alaric, oferecera uma fortuna, depois de consultar o Delhorme nos Estados Unidos e o Nuno de Almada no Brasil, pela *Western*. Na antevéspera viera do Rio a confirmação da proposta e mandando entregar ao Forestier que seguia para a América do Sul pelo *Alcântara*. Simon exigira confirmação, por código; esta chegara; estavam embalando o quadro quando Sérgio fora saber do pretendente para a *Descida da Cruz*.

Ele explicava, agora, a Mário, que se tratava dum dos estudos que Rubens fizera para o seu quadro *A Fuga de Ló*, e que era quase tão belo quanto o original, mas incompleto, vendo-se o desenho

da saída da cidade de Sodoma ainda sem tinta, esboçado apenas sobre raias quadriculadas. Uma maravilha que andara pela Holanda, pela Alemanha, pela Inglaterra, que estava segurada em três companhias. Seguia, na outra sexta-feira, para o Brasil. E o felizardo era um ricaço das Docas Reunidas, o Nuno de Almada, um que até cavalos de corridas tinha em Paris e em Londres. Do quadro, propriamente, só estavam completos a chuva de fogo sobre a cidade, a muralha, um jumento carregando vasos e alfaias, e a mulher de Ló fugindo de Sodoma... Uma obra-prima. Quanto não 'valeria, se fosse uma tela acabada! Caíra no mercado de antiguidades devido a liquidação dum inventário em Dresde, entre parentes brigados, os Van Beresteyn; desde 1621, possuíam os seus antepassados esse quadro que lhes viera às mãos ainda ao tempo de Maria de Médicis. Que era indubitavelmente de Rubens, embora houvesse críticos que afirmavam ser a pintura de discípulos e só o desenho do mestre. Mas fosse lá como fosse, para quem conhecia o quadro *Fuga de Ló*, a consangüinidade de ambas as telas era evidentíssima. Que ele, Simon, ao tempo do Delhorme, já vendera para esse mesmo ricaço do Rio um Mierevelt e um Terburg.

– Este seu Riberazinho, perto dessa *Mulher que fugiu de Sodoma* é um filhote de pombo. Não só em tamanho, também em valor, em classe, compreende?

Simon não parava de contar que viera gente de Londres e de Genebra, para ver o Rubens. Nunca cuidara que aquilo saísse da Europa. No máximo, América do Norte. Mas, para o Brasil...

Consultou o relógio, disse que o candidato *à Descida da Cruz* devia estar a chegar. Sérgio, ouvindo isso, resolveu abrir a porta, para facilitar as coisas. E, ao abri-la, recuou. Um gigante de barbas tagóricas, rente ao portal, fazia menção de pedir licença, verificando o número do apartamento num papel, e articulava,

com o seu vozeirão gregoriano, em tom interrogativo, o nome do sr. Simon, o antiquário da Rua do Faubourg Saint-Honoré.

– *C'est à propos d'un tableau...*

E nisto Simon acudiu lá de dentro:

– *Ayez l'obligeance d'entrer, Monsieur Teodósio.*

Feitas as apresentações, o gigante de barbas aarônicas escureceu a sala.

Convidado a entrar para o atelier, fez que todos o precedessem, e, ao chegar a vez de Mário, disse:

– *Je crois vous reconnaître...*

Mário ficou indeciso se devia mentir. Mas, para encurtar considerações que decerto viriam, disse que sim, que já o tinha visto, mas não se lembrava bem onde.

– *Pardon, vous devez vous souvenir très bien. On ne peut jamais oublier quelqu'un qui nous regarde avec amitié dans un moment de détresse.*

E, deixando Mário entrar, o seguiu. Logo parou, deu com a tela apoiada à parede, rente ao chão, ficou a olhá-la, quieto, imutável, longo tempo; depois pediu licença, aproximou-se, ergueu-a, virou-a para a luz da rua, examinou-a com a cara quase grudada nela, tornou a repô-la no chão, inclinando-a na parede, e afastou-se. Sentou-se no canapé, pôs as mãos grossas de lavrador ou de marinheiro nos joelhos; e então, o seu olhar azul, que a barba ruiva tornava mais cerúleo ainda, começou a percorrer a cabeça, o corpo, os braços e as pernas desse Cristo bambo e frouxo que escorregava pelo madeiro abaixo como um fardo.

Simon quis conter o empregado que, ao lado desse sr.Teodósio começara a gabar a tela, a provar a autenticidade, a conservação, o esplêndido estado; mas foi o próprio Teodósio quem, com um gesto calmo, o fez calar e recuar. Ficaram então os cinco, enfileirados, de olhos postos n'A *Descida da Cruz*.

Uns três minutos depois, o sr. Teodósio se ergueu, saudou com doçura de pastor que volta para a montanha, reentrou para a

sala de estar e ante Simon que o seguiu tranqüilamente, e Sérgio que se preparava para quaisquer informes, esclareceu:

– Fico com a tela. Gostei muitíssimo. O senhor, conforme há dias Mr. Simon me esclareceu, é brasileiro; consinta pois que falemos na mesma língua, pois eu sou português. Contou-me também que o senhor é um antigo prêmio de viagem vindo do Brasil para estudar em Paris. Só queria fazer uma pergunta, caso não fosse indiscrição minha: por que quer desfazer-se duma jóia dessa?

Aqui o meu amigo o sr. Simon depois lhe dirá as razões.

– Então, está muito bem. Quanto ao pagamento, devo entender-me também com Mr. Simon?

– Não sei se foi avisado que há certa pressa.

– Estou às ordens. Pode ser amanhã ou hoje mesmo. Até agora, caso prefira. Eu também tenho relativa pressa, dentro de dias vou fazer conferências na Bélgica.

– A pressa é grande, mas não imediata. O senhor conde pode querer mandar examinar a tela por outras pessoas ainda.

– Não é preciso. Trata-se dum Ribera, evidentemente. Quanto ao preço, continua a ser o que Mr. Simon me falou há dias? Ou o senhor quer acrescentar ao valor genuíno algo mais à guisa de estima pessoal, enfim... – E ante o ar sorridente de Sérgio: – Então pago metade agora e no dia 30 entrego o restante a Mr. Simon. Concordam ambos, proprietário e intermediário? Digo mais: posso pagar a conta agora e deixar o quadro aqui, só o levar no dia 30. Talvez lhe convenha mais esta proposta pois, artista que é, há-de sofrer ter que se separar dum Ribera.

O negócio foi liquidado ali mesmo, com diálogos em francês e português tendo, enquanto o conde contava o dinheiro junto dos outros, Mário chamado Sérgio ao quarto e instado com ele para desfazer a venda.

– Não quero que faças isso. Estás sendo empolgado por um sentimento que eu não mereço que tenhas por mim.

Sérgio deu-lhe um empurrão amistoso, fazendo-o cair sobre a cama, e voltou para a sala, logo recebendo o dinheiro e, com agradecimentos, se despedindo do sr. Teodósio e do sr. Simon que saíam juntos seguidos pelo empregado coxo que piscava cheio de tiques.

– Só mesmo esse atamã nos salvaria. Não comprou caro nem barato. Disse-me Simon que se trata dum caso interessante de cultura. Foi diplomata, aposentou-se cedo, travou intimidade com Allain Fournier, Psichari e Péguy. Tem uma vila em Neuilly, para as bandas do Boulevard Bineau. Como o espaço é grande, montou duas alas entre uma alameda. De cada lado uma Colegiada. Assim, enquanto não se torna realidade a tão prometida Cidade Universitária, ele, esse conde, hospeda estudantes portugueses, ou melhor ibéricos, usando o sistema de Oxford e Cambridge. Bem, mas vamos ao que interessa. Graças a esse barine meridional podes embarcar de primeira classe e levar algum dinheiro contigo. Com o que eu ganhar na minha exposição em Ostende e Antuérpia compro depois não um quadro sacro, que não me interessa, mas qualquer coisa sensacional, por exemplo, um Modigliani... Quando achas que podes embarcar? Quem sabe é o Dr. Rubadeau-Dumas. Ou tu mesmo; dá lá a tua opinião. Estuda o teu caso. *Nosce te ipsum*. Agora vamos pôr num banco estes dinheiros, passar na *Mala Real Inglesa*, saber o preço da passagem e as datas das próximas partidas de vapores.

Abriu e fechou a bolada de dinheiro, deu uma gargalhada.

– Só mesmo tu farias que eu, um espírito de reação, pusesse dinheiro nessa coisa estupendamente enigmática, um banco. Considero os banqueiros uma espécie ambígua.

* * *

No edifício dum banco na Rua Caumartin, Sérgio, seguido a pequena distância por Mário, perguntou ao porteiro, que o atendeu com solícita compostura, se havia perigo em depositar ali alguns mil francos, por uns dias. Se o Banco estava firme, se eram falsos os rumores de uma quebra e de uma corrida.

O homem, perfilado no seu uniforme, olhou-o com desdém máximo, feito de petulância, e de caridade, como se estivesse diante dum pobre diabo. Apenas respondeu:

– *Vous inirez, j'en suis sûre, à Charenton...*

Mas Sérgio, talvez por causa do espírito desse amanuense que lhe prognosticava entrada breve para um hospício de loucos, resolveu ir colocar o dinheiro mais adiante, no British Bank. Assinou papéis, expôs o documento de identidade, entregou aquilo a um indivíduo, foi mandado a outro que contou o dinheiro e lhe entregou um caderno de cheques.

– Se eu voltar e pedir já os cobres, aquilo vem grávido, com juros de segundos... O dinheiro em circulação se mutila. Parado, cresce por cissiparidade... Nunca vi dinheiro tão grande como estas notas do banco de França; parecem sudários... Sim, senhores, tenho uma conta-corrente. Será que os transeuntes não percebem esse fenômeno na minha cara? Estás satisfeito? Ah! Precisas umas roupas de dentro e um terno. E eu também. Quanto antes! Um terno novo nos dará ares tranqüilos. Depois, em lojas avulsas, iremos vendo camisas, gravatas, meias, sapatos, chapéus, etc.,etc. Eu, pelo menos, confesso que este terno me dá ares clandestinos de seminarista em *travesti* com roupa dum primo civil. Estou ignóbil. Tu, então, pareces tu mesmo num retrato de uns cinco anos atrás, um desses retratos tirados em jardins públicos e que, por terem sido mal lavados e fixados, desbotam... Se eu andasse limpo, o judeuzinho coxo teria aconselhado o Simon a pedir mais pelo Ribera. Essa é que é a verdade. Mas, ó diabo, agora é que me lembro, pus o dinheiro todo no banco é

não sei se posso voltar lá e retirar, hoje mesmo, alguma parte. Será contra a praxe, será proibido? (Danou-se a rir). Será melhor esperarmos uns dias. Fica feio voltar logo. Será que no papel que me deram está previsto esse caso? Vais enfim embarcar, hein, felizardo! Que sorte! Queria estar no teu lugar! Isto é... Vamos beber... Eu hoje preciso beber.

Entraram para o terraço dum café.

– Quero provar coisa nova. Sempre evitei essas bebidas que se servem no bar dos hotéis de luxo, e às quais o Paul Morand ergueu um hino. Tenho para mim que todas essas essências híbridas, de nomes arrevesados e cosmopolitas, são uma injúria à clara cerveja dos germanos e uma inversão organoléptica. Por isso, *garçon, deux bocks, s'il vous plaît*.

Shebanov bebia regaladamente a sua cerveja, quando um indivíduo, com pequeno curativo na mandíbula, se destacou da multidão que passava e lhe deu um abraço, sentando-se na terceira cadeira, sem pedir licença. Era um professor de matemática de Pau, que "fizera força como que, para ele, Sérgio, vender os quadros que expusera", donde ter ganho uma *manchinha*, como "comissão". Apresentado a Mário, o homem explicou a ambos que os dentistas dos Pirineus eram uns imbecis, que viera a Paris para arrancar o siso encravado.

Bebeu, sentiu-se melhor, palpou o queixo, continuou a beber, a contar casos, a rir alto, e no décimo *bock* estava francamente contra o plano Young que, a seu ver, em vez de acertar a paz mundial, ia criar complicações. Explicava, em francês do Midi, que o que aquela gente queria era reunir-se em conferências, ora numa cidade, ora noutra, viajando com pastas e secretários pela Côte d'Azur, à custa do povo, hospedando-se em hotéis principescos, redigindo protocolos, aumentando esquadras, ocupando territórios, refazendo fronteiras, intrigando Londres com Moscou; e desandou a descompor Mussolini, a imitar-lhe a

atitude com que aparecia nos jornais ilustrados, chamando-o de besta, não do Apocalipse, mas de verdade, zoologicamente. Que quanto ao outro vizinho, o tal de Afonso XIII, lhe parecia mais desfrutável do que o rei Carol.

— *D'ailleurs, les deux me donnent envie de dégueuler, t'as compris?*

Mas um sujeito que estava numa cadeira ao lado, na mesa próxima, e que bebia um "sirop", inopinadamente se ergueu apoplético, afastou a cadeira, quis bater no professor de matemática, em Sérgio, em Mário, desafiou-os para um duelo a faca, revólver, a soco. Era espanhol, não admitia que insultassem o chefe da sua pátria em plena via pública, ou em recinto fechado. E nem mesmo em pensamento, por mímica que fosse. E fazia gestos, queria enfiar farpas no queixo enrolado do francês liberal.

— *Laissons ce pauvre toréador tranquille.*

Mas o homem não se sentava, queria brigar. Que reformasse ali, em público, os conceitos emitidos. Exigia, bilioso e inflamado. Então foi Sérgio quem resolveu cantar a ária do toureador, da *Carmen*, encarando o estrangeiro com ar de *cabaretier* da *Boîte à Fursy*. O espanhol chamou o garçom, pagou a sua despesa, ficou em pé, abotoou-se dignamente, encarando Sérgio, parecendo convidá-lo a vir até à fronteira, até Irun, para então, lá, se baterem.

Ia-se o homem integrando na multidão, num jeito protocolar, de busto pomposo, quando o francês se ergueu, e lhe pespegou um empurrão. O espanhol resvalou numa velha que passava puxando um cachorrinho. O caniche danou-se a latir e a investir. E o francês tornou a sentar-se dando uma risada que tinha três empostações, uma craniana, uma peitoral e outra abdominal.

— *Garçon, trois bocks, s'il vous plaît.*

E muito depois, bebendo seu undécimo *bock*, o francês explicou que se ficasse bom do siso, não em sentido figurado, mas do terceiro molar inferior esquerdo, iria tomar aulas de escultura

com Bourdelle. E, pachorrentamente, sacou do bolso uma série de fotografias de estatuetas de santos que estava fazendo em Pau, nas horas vagas. Umas virgens admiráveis, uma Joana D'Arc, uma Santa Genoveva. Depois, guardando aquilo, olhando a rua, onde não havia mais vestígios de espanhol nem de velha nem de cão, se pôs a conversar desabridamente sobre marxismo, anarquismo, sindicalismo, o diabo... Sérgio se punha em campo oposto para lhe gozar a dialética.

Deixaram o terraço do café por volta de meio-dia, o francês para o seu dentista, Sérgio e Mário para *o Printemps*, onde aquele queria ter o prazer algo sádico de pagar uma conta com um cheque.

Hora e meia depois, enfarpelados em roupas escuras e sóbrias, com botinas rangendo, tendo dado o endereço para os embrulhos de roupas de baixo, foram almoçar no *Poccardi*.

Sérgio devorou toda uma prateleira de *hors-d'œuvres*, bebendo Chianti. Falava no quadro de Rubens, falava no Ribera, dizia alto, assustado consigo mesmo:

– Hão de estes burgueses acreditar que vi há dias, na Rua do Faubourg Saint-Honoré, um Rubens, uma tela de 1621, e que, com esta cara, com esta fome, vendi um Ribera? Paris é assim. Só Paris apresenta paradoxos destes.

Saíram para o bulevar depois de experimentar todos os queijos do tabuleiro do *Poccardi*; meio zonzos, Sérgio por causa do Chianti, Mário por causa da pontinha de febre que lhe vinha sempre àquela hora (restos de aderências de pleura, segundo cuidava).

Foram à *Mala Real Inglesa*, no Boulevard des Capucines.

Entraram, depois de dar uma olhadela num navio da letra A, em miniatura, posto dentro duma vitrina à entrada, como um brinquedo placidamente encalhado num aquário, entre algas e polipos. Ao olhar para aquilo, Mário, com a sua febrícula, se viu

(uns dois segundos durou essa visão) num pequeno camarote, entre companheiros desconhecidos. Estaria já na linha do equador. Haveria festejos, música, risadas.

Apoiados no balcão da agência, disseram ao que vinham. O empregado declarou as datas das próximas partidas, indicou num mapa os camarotes ainda vagos para maio, citou os nomes dos vapores, o preço em libras, tomou nota do nome do pretendente, perguntou mais ou menos a provável data escolhida, sugeriu o navio tal, mostrou o esquema do *deck*, tomou um apontamento, ficou esperando que decidissem, pediu o endereço, disse quanto era necessário como sinal, sorriu, encarou-os, considerou que espécie de gente seriam, foi atender um casal, mas sempre, com certa deferência, esperando a solução que os dois dariam.

Agradeceram, disseram que voltariam.

No Hôtel des Amandiers, o encarregado do expediente ouviu a queixa e a descompostura, mostrou a conta atrasada, num borrador, foi chamar o servente; meia hora ficaram os dois no corredor escuro vendo entrar e sair uma gente avulsa.

Depois de terem fumado três cigarros, o gerente apareceu com a mala, abriu-a, mostrou uma muda de roupa encarquilhada, um *cache-col*, o passaporte e o "*Permis de séjour*"; explicando que não tinham, absolutamente, confiscado aquilo. Sérgio repetiu a descompostura, pagou os cento e trinta francos. Saíram com a mala, pareciam tal e qual, com as suas roupas novas, e aqueles sapatos que rangiam, levantinos indo embora para Esmirna.

No dia seguinte as providências prosseguiram.

– Hoje, vamos ao Consulado, dar um jeito no passaporte. Acho que temos que pagar um novo; este deve ter caducado. Depois, Cité, para o *visa* e o carimbo da Prefeitura de Polícia.

Saíram do consulado com tudo em regra. Servira-os um funcionário, através dum guichê; não viram o cônsul nem brasileiros. Aquilo estava deserto.

À tarde, saíram da Cité, com tudo em ordem, deixando uns francos para o protocolo e uma gorjeta para o agente que os fizera preterir outros.

– Agora vamos até o *Black and White*, porque assim subimos de *metrô* para Passy, com o maestro Cabanon, nosso vizinho de apartamento à direita.

Às sete horas estavam na entrada do *Black and White*, onde desceram dum táxi que parara em tudo quanto era esquina, bifurcação e encruzilhada, desde o Châtelet até ao Boulevard Malesherbes.

– *Est-ce que M. Cabanon est encore là?* – perguntou Sérgio ao *groom*.

– *Oui, M'sieur.*

Então, pela porta-revólver desse *dancing*, viram pessoas de ar cosmopolita sentadas em bancos que pareciam selas e discos, bebendo substâncias proibidas em Nova-Iorque, mas com nomes *yankees*. Duma sala invisível, vinha o som de um tango. Devia haver *gigolôs* sul-americanos, de boas casimiras, dançando lugubremente com raparigas que freqüentavam aquilo mais *o Accacias* e o *Mac-Mahon*. Chapéus, na portaria, catalogados por uma menina com ar de vivandeira, atestavam que a freqüência estava a acabar. Choferes esperavam, pela calçada, conversando em gíria indecifrável. *Garçons* escanhoados vinham até à porta, falavam com o *chasseur* que punha um apito na boca e tocava um si bemol. Um carro se aproximava. Outro. Ali no vestíbulo já aceso com um lustre cubista, o garçom deixava de ser garçom, parecia um conviva enjoado; a luz do teto dava-lhe momentaneamente um ar rutilante de mágico e de equilibrista; depois sumia lá para dentro, atirando na rua um cigarro quase que intato. Começou a sair gente com o feitio de ter cumprido uma obrigação besta. A porta-revólver girava inutilmente os seus gomos, como biombos preguiçosos. Pares ligavam-se de novo na rua, entravam para os táxis; e enquanto os via, Sérgio imaginava que o pobre do

amigo Cabanon, um gênio, lá estava sobre um estrado, tocando violino, muito alto como um pernalta de casaca, e a executar, agora uma música havaiana, decerto com carranca de ironia, numa obediência resignada ao horário das quatro às sete.

O melhor era fumar, ali pela calçada, e incutir naqueles motoristas raivas difusas, ódios teóricos, para com os fregueses. Decerto, dentro de minutos, aquela joça ficava vazia, e Cabanon guardaria o violino numa caixa, reuniria os cadernos de música e sumiria por detrás duma cortina.

Começou a escurecer. Quando as luzes da cidade se acenderam, as calçadas começaram a ficar cheias de gente apressada e as ruas se entupiram de *autobus;* então, o maestro Cabanon apareceu, de sobretudo leve, acompanhado dum outro músico tristonho e da amante que o não largava.

Sérgio apresentou a esse seu amigo de poucos dias o seu velho amigo Mário, médico, de volta por esses dias à pátria, mas que não podia embarcar sem ouvir a Sinfonia de *Reading Gaol*.

O maestro cumprimentou, disse que tinha muito prazer, apresentou o companheiro e a amante; depois os convidou a irem de *metrô*. Sérgio, com uma conta-corrente de muitos mil francos (menos o dinheiro das compras ciclópicas) optou por um táxi. O maestro era um tipo esquálido, bilioso, sisudo, e durante o trajeto não deu palavra, agarrado à caixa do violino.

Em Passy, na Chaussée de la Muette, saltaram. A porteira, com cara de abadessa, saudou-os.

No vestíbulo do sexto andar, lado direito, o maestro Cabanon, adaptando uma chave invisível na fechadura duma porta laqueada, se despediu, com a amante e o violoncelista, prometendo reunirem-se às nove, depois do jantar.

Sérgio também adaptou uma chave invisível na fechadura da porta à esquerda do vestíbulo.

Lá para as nove horas, o homem triste do violoncelo veio, entre baforadas de fumo argeliano, dizer que M. Cabanon os esperava.

Foram. Uma *Salomé*, de Regnault, na sua moldura de cópia, sorria na parede, com a salva e o cutelo sobre os joelhos. Atrás, e por cima do piano de cauda, a sombra opaca e encardida duma máscara de Beethoven.

Cabanon não era homem para perder tempo oferecendo licores ou cigarros. Explicou, afinando o violino, que ia tocar para Mário, que ainda não conhecia, *o Noturno* do C. 33, inspirado no poema de Wilde e imediatamente a seguir a sinfonia *De Profundis*, inspirada numa carta do mesmo autor, trabalhos musicais esses muitas vezes rasgados e refeitos.

Dito o que, tirou o gorro, deixando ver uma calva que lhe alterou a fisionomia. A amante sentou-se ao piano e o homem triste se sentou numa cadeira com o violoncelo entre os joelhos afastados. Os três distribuíram entre si umas folhas soltas. A Pervanche, se ali estivesse, pularia como um gato para o canapé. Mário ficou numa poltrona, e Sérgio, de cachimbo aceso, se encostou no peitoril da janela.

O maestro Cabanon olhou os dois companheiros, fincou a orla do bojo do violino entre a clavícula e o queixo, e sob a luz fraca através da qual o fácies de gastropata ficava algo envelhecida, começou a interpretar a sua criação. A amante martirizava o piano com a energia dos dedos, como numa função de artesanato, logo depois, porém, surgindo em afagos a sua habilidade de virtuose. O violoncelista tocava virado para a parede, como a ler nela a partitura. Os três explicavam, um definindo, o outro acentuando, e o terceiro comentando, a tragédia da *Balada de Reading Gaol*.

"Todavia, todo homem neste mundo mata o que ama. E sabei: que uns o fazem com um olhar de ódio; outros com palavras acariciantes; o covarde, com um beijo, o bravo, com uma espada".

"Uns matam o seu amor quando ainda novo; outros quando já antigo. Alguns o estrangulam com as mãos do desejo; outros, ainda, com as mãos do ouro. Mas os melhores se servem dum punhal porque os mortos esfriam, assim, mais depressa."

Depois o violoncelo, só para Mário entender a analogia, explicou que "tudo na minha tragédia é odiento e mesquinho. Nós somos os jograis de coração partido, os clowns da dor."

E mais ainda, "que um dia na prisão, sem chorar, é um dia durante o qual o coração é duro como as pedras. Toda a parte onde se encontra a dor é terra santa. Aquele que vive mais de uma vida, deve morrer mais duma morte".

Foi então, sentado ali, que Mário sentiu o delírio. Se alguém reparasse nele, assim magro e translúcido, a roupa azul-marinho, nova e frouxa ainda o tornando mais magro, os cabelos empastados sobre a testa, o olhar fundo, o queixo saliente, as narinas quase que translúcidas, cuidaria estar diante dum morfinômano.

Agora o trio teve o poder de fazer entrar mais uma pessoa naquela sala que podia ser comparada, na sua pobreza limpa, à uma cela de mosteiro ou de penitenciária. E a pessoa que entrou, só para o delírio de Mário, foi Oscar Fingall O'Flahertie Wilde, como no desenho de Toulouse-Lautrec, num paradoxal uniforme híbrido de *gentleman* e sentenciado.

Naquela parede, que o olhar do violoncelista fitava, a mão de Aubrey Beardsley traçava vinhetas suspensas como flores sobre águas.

Meia hora depois estavam todos na intimidade que as bebidas proporcionam. Sérgio, de cachimbo; M. Cabanon, de gorro: o homem triste, com a sua tristeza; a amante do maestro com um cigarro espetado em descomunal piteira; Mário, com a sua febrícula.

VI

Dois dias depois, às três da tarde, na agência da *Mala Real*, Sérgio e Mário, diante do balcão, ultimavam o pagamento da passagem.

Escolheram o vapor do dia 15 de junho, visto o Dr. Ribadeau-Dumas, numa demorada consulta, ter aconselhado um prazo maior para conclusão da convalescença.

Pagando, no guichê, Sérgio dizia a Mário:

—Tenho horror à libra. Nisto sou como o egípcio, o indiano, ou qualquer outro colono britânico.Tenho horror ao que me acorrenta. Vê só como são novíssimas; parecem lustradas pela camurça dum avarento. Louvado Deus, sou duma inocência seráfica quanto ao valor deste metal vilipendioso. Sem falar nas notas. Ora, quantos francos serão precisos para uma libra? Todos os dias isso oscila, cai, levanta, é uma complicação dos demônios.

Voltando ao balcão, com o recibo, viram a passagem que discriminava o nome do vapor, o número do camarote e a data da partida. Receberam também etiquetas para as malas. Sérgio perguntou, com ar cínico, se aquilo era para amarrar nos tornozelos, deu uma risada homérica e saiu abraçado a Mário que guardava tudo no bolso, muito comovido.

– Agora façamos horas. Devemos estar às cinco em Passy porque o *atamã* vai buscar a *Descida da Cruz* hoje. E tem cara de pontual. Precisas de mais alguma coisa? Queres comprar alguma lembrança, algum livro, ferros para a tua especialidade? É só ir dizendo.

– Quero ir até à Rua Royale, ao ponto em que te encontrei, e passar um pouco na igreja de São Roque.

– Então vamos.

E os dois, anonimamente singulares na multidão, se meteram calçada acima, vagarosamente. Andar com Sérgio era distraído, porque via tudo, comentava, fazia espírito, parava diante de vitrinas, observava as pessoas, punha-lhes apelidos jocosos, lia os anúncios de jornais nos quiosques.

O templo àquelas horas estava fechado. Vieram para a Rue Royale. Passando devagar viam, nas *brasseries*, velhas, *midinettes* e funcionários do Ministério da Marinha escolhendo doces antes de se instalarem nas mesas. Em dado poste Mário parou, como a imaginar que revia aquela mulher misteriosa.

– Desde que saí do Santo Antônio, hoje é o primeiro dia que o cigarro tem gosto de cigarro mesmo. Quando se está doente, ou em convalescença, o fumo toma um gosto estranhíssimo...

– Vamos tomar chá, comportadamente, ali, entre moças e senhoras? Há de ser bom.

Era um ambiente tranqüilo, apesar da algazarra alegre de gente que entrava e saía.

Tomaram chá, comeram variedades de doces de massas, puseram-se a fumar, recebendo sugestões para uma conversa tranqüila.

Depois Sérgio pegou num lápis, começou a fazer cálculos; queria saber em quantos francos aquelas libras lhe tinham diminuído a conta-corrente do banco. Esteve entretido nisso enquanto Mário pensava numa porção de coisas. Uma pianola, a um canto, começou a tocar *Those Days.* O tempo era uma pauta. Os pensamentos subiam e desciam por ela, trazendo lembranças: a pensão da Avenida da Ópera. O apartamento da Rua Daru. O hospital. A Faculdade de Medicina, no Odeon. O curso do Dr. Gouverneur. O diploma. Jorge Tancredo e senhora... O tio

Zózimo. O bar do Hotel Esplanada. O consultório na Rua da Assembléia. A casa nas Águas Férreas. As espeluncas e os casinos. A enfermaria do Santo Antônio, com aquele servente de tinturaria, seu companheiro de fundo de sala que lhe dera quarenta francos, na véspera de ter alta. Vincennes, cheia de lama e de neve. As duas noites ao relento, ao longo do Sena, apanhando pontas de cigarros, ou diante da perspectiva dos Campos Elísios vista do arco do Caroussel. *A Descida da Cruz*, naquela parede em Passy. Cristo na cruz, para redimir os homens. Aquele hércules de barba ruiva, espécie de Cirineu moderno... O fundo de poente com laivos de desespero e de angústia, daquela tela. Os pés de Cristo, presos ainda no madeiro, e todo o corpo a escorregar, como do portaló dum barco um velho marujo se agachando sobre as vagas para colher um afogado. Depois viu não a sala cheia de mesas com moças e senhoras tomando chá, servidas por garçonetes, ao som de *Those Days*, mas sim um tombadilho lívido, entre a Madeira e os rochedos de São Pedro e São Paulo. Ele, Mário, morto, enrolado num lençol. Depois, erguido a bombordo, e dois marinheiros ingleses lhe balançando o corpo para o atirarem a mais de metro da amurada. Ele a cair, numa velocidade de lingüeta de chumbo, varando o Atlântico. A claridade, primeiro, da superfície. Depois, a treva líquida, quase pastosa, que o seu corpo cortava como um cutelo caindo do alto. Viu anêmonas, corpos estelares que se contraíam emitindo e encolhendo pseudópodos. Percebeu grandes peixes luminosos e oblongos, envoltos em algas e atmosferas elétricas. Monstros marinhos, leviatãs cor de ônix, abrindo fauces; ídolos orientais, com barbatanas flácidas, evoluindo pesadamente em torno de raízes que eram o germe submerso de ilhas. Até que pousou no fundo fofo do oceano. O chão era tenro, por causa do lodo que ao ser revolvido sujou a água. Havia outros corpos caídos ali antes do dele. Gente morta e resignada, como vítimas dum *pogrom*. Já estavam inchados, da

estada; eram violáceos, tendiam à forma esférica; e entre eles descobriu o corpo do Segundo Clichê.

Quis então, desesperadamente, livrar-se do lençol que o transformava em múmia. Viu descer, como um escafandro, o velho das barbas ruivas que o desatou e logo subiu como um arcanjo de Rilke, satisfeito de sua missão rápida. Mário, uma vez libertado, deu três passos na direção do Segundo Clichê, tocou-lhe os cabelos. Tanto o garoto como ele ascenderam em jato, longitudinalmente. Cardumes e mais cardumes, cor de quartzo e alabastro, espadanavam bolhas cromáticas e sonoras.

Ia Sérgio chamar o garçom para pagar a despesa, guardando o lápis e o papel no bolso, quando Mário se apoiou na beira do mármore, fazendo-lhe um sinal de angústia; e, logo se levantando, deu uns passos como a procurar a saída. E foi bem no momento em que atingiu a calçada, onde antes estivera parado junto ao poste, que teve a hemoptise.

Abraçando-o pela cabeça, Sérgio fazia sinal, chamando um táxi. Gente parou. Mário estava ensangüentado na aba do paletó e nos sapatos. Suava frio e abria a boca, vergado para a sarjeta, como se quisesse vomitar.

Um táxi parou. Sérgio e um homem tentaram colocá-lo no assento de trás; mas caía, não cabia nem entrava. O homem prontificou-se a entrar primeiro e puxá-lo lá para dentro.

O garçom, na calçada, recebia agora o dinheiro. Sem esperar o troco, Sérgio subiu para o carro, deu o endereço, agradeceu ao transeunte que descia.

Dali até Passy, nervosíssimo, com o braço passado nas costas de Mário, Sérgio dizia vezes seguidas:

– Não é nada. Não foi nada. Emoção. A passagem. A certeza do embarque. Entendes? Chamo o Dr. Ribadeau-Dumas, tudo se conserta logo. Que coisa, hein?.

Em Passy, para o retirar do carro foi um custo. Sérgio, franzino e desajeitado, tentava arrancá-lo da almofada; mas, bambo, derreado para trás e para um lado, Mário não entendia onde estava, o que queriam dele. O seu rosto, onde os olhos eram dois carvões, tinha uma palidez impressionante.

Sérgio deu um berro com o chofer que placidamente olhava, de cabeça torta, as peripécias da remoção. A porteira e uns *badauds* que pararam a espiar, ajudaram afinal. Mário saiu para a calçada, com os braços passados nos ombros de Sérgio e da porteira, os joelhos a dobrarem, os sapatos mostrando a sola. Diante do elevador, a porteira, puxando com o pé uma cadeira, dela se abeirou, dando um jeito para Mário se sentar. Parece que ele entendeu, pois caiu aí. Então, ela disse, com as mãos nas ilhargas, que se achavam sem sorte, pois o elevador estava estragado desde o meio-dia, que já havia telefonado cinco vezes para a "conserva" e que ninguém tinha vindo ainda ver.

Foi então que Sérgio viu Teodósio aparecer, pontualmente. Chegou quando Mário escorregava para a cadeira. Ouviu o que a porteira disse, sungou as mangas, agarrou Mário como quem levanta uma criança deitando-a ao colo, e subiu o primeiro lance da escadaria, dum só hausto; virou, subiu o segundo andar; virou, começou a subir o terceiro. Atrás dele, correndo, sem fôlego, Sérgio. Depois a porteira, preocupadíssima.

O gigante atingiu o quarto andar, parou, suspirou fundo, consertou o peso de encontro ao peito, virou, subiu o quinto andar, alcançou o sexto. Do vão entre o terceiro e o quarto andar surgiam Sérgio e a porteira, espiando para cima.

Uns bons segundos depois, Sérgio chegou ao vestíbulo do seu apartamento, bufando, desarticulado; a porteira atrás dele a falar e a acabar de subir; o gigante esperava. Sérgio viu naquele pescoço taurino a mão branca de Mário, como na beira dum barco a mão fria dum afogado. Durante a subida, Mário tivera a

sensação de estar ao mesmo tempo a cair e a voar, de encontro a escuridões.

Deitaram-no sobre o canapé do quarto, virando para a parede onde estava o Cristo descendo da cruz.

Teodósio e Sérgio afastaram-se para observá-lo. Ele estava largado, com os membros lassos, e tinha um grande ar de reflexão na fisionomia deformada. Via-se que pensava na morte. Na morte, e em mais nada. Naquele rosto passavam sombras alternadas de cobardia física, de resignação e de abandono.

– Está queimando de febre. No automóvel delirou. Fiz o chofer vir mais devagar do que se estivéssemos num fiacre. Ele teve uma hemoptise: estávamos tomando chá na Rua Royale, de repente se levantou esquisitíssimo, como quem vai fugir, não entendi, fez menção de procurar o lavabo, correu para a rua e teve a hemoptise na calçada. Foi minha a culpa. Eu não devia ter consentido. Andamos a pé mais de hora pelo bulevar. Quando guardou a passagem que lhe comprei para o dia 15 do mês que vem, me disse que queria ir à igreja de São Roque. Mas a igreja estava fechada. Então disse que queria ir à Rua Royale. Foi minha a culpa. Ainda anteontem, com ele ainda fraco, o deixei beber umas três cervejas.

Mas, enquanto Sérgio se lastimava, Teodósio, retirando o capotão de três palas, de pegureiro das montanhas, o estendeu sobre Mário, e se ajoelhou para lhe desatar os sapatos.

Sérgio ficou apalermado no quarto, até lhe vir a única idéia lógica: chamar o Dr. Ribadeau-Dumas. Despejando-se pelas escadas abaixo, garantido pelo corrimão, foi telefonar da portaria. Mas o médico, responderam de lá, estava para a campanha.

Foi a porteira quem o tirou da confusão, indicando-lhe um médico do *quartier*.

Resolveu ficar esperando embaixo. Fumava, nervoso, ora na calçada, ora na entradinha; mas, de repente, atiçado por uma

idéia, resolveu subir. Jogou o cigarro fora, e já estava no primeiro lance, quando a porteira sumariamente o chamou e lhe fez ver a inconveniência de permanecer no edifício "*un monsieur qui crachait du sang...*" Coçando a cabeça, Sérgio subiu. Encontrou Teodósio tentando, com grande dificuldade, desfazer o laço de gravata de Mário que, ora bambo, ora hirto, não atinava com o que queriam dele.

– Sentes-te melhor?

Mário tinha os olhos fechados. Uma palidez extraordinária como que lhe afilava o nariz e exagerava o contorno da mandíbula. Estava com um tique, o de passar os dedos pelos lábios dum livor violáceo; e era como se limpasse um veneno corrosivo.

– Escuta uma coisa, Mário! Presta bem atenção; sou eu, o Sérgio. Escuta, qual é o endereço da Pervanche?

Sempre com os olhos fechados, Mário respondeu. Repetindo alto, para não esquecer, Sérgio saiu, embarafustando escadas abaixo. Na rua chamou um táxi, confabulou com o chofer, escreveu um bilhete na banca da porteira (que se viu atrapalhada para lhe arranjar um envelope), mandou à procura da Pervanche. Depois subiu pausadamente, refletindo.

Vinte minutos depois o médico chegou; pediu informações que Sérgio se apressou em prestar, mandou que sentassem Mário na cama, percutiu-lhe as costas, auscultou-o, disse que o podiam recostar de novo, ficou meio embaraçado. Então, sempre com os olhos fechados, muito devagar, Mário explicou que era médico, que estava em Paris a estudos, que uma série de embaraços financeiros o obrigara, ao adoecer, a ser recolhido a uma enfermaria do Santo Antônio onde durante quarenta e três dias cozinhara um pleuris serofibrinoso; que fora levado aos Raios X, que lhe tinham feito duas punções e que afinal, saíra, com alta. Parou um pouco, não se dignou abrir as pálpebras para ver a fisionomia do médico e acrescentou que estava com passagem

comprada para voltar ao seu país, querendo só saber uma coisa: se podia viajar assim mesmo, tendo tido, como acabara de ter numa casa de chá da Rua Royale, uma hemoptise.

Pediu-lhe o médico, maneirosamente, que se sentasse de novo. Embora apoiado em Teodósio, Mário balouçava o busto, o que pareceu irritar o médico durante o exame. Agradecendo, ajudando a cobri-lo, foi receitar; e ao despedir-se nada adiantou quanto à anterior pergunta de Mário, explicando que voltaria no dia seguinte e como deveriam usar a poção. Sérgio então disse que o médico assistente era o Dr. Ribadeau Dumas (não encontrado agora por estar na campanha); o velhote respondeu que, ainda assim, na ausência de "*ce cher maître*", estava às ordens. Mas, escadas abaixo, visivelmente amofinado por o elevador não estar funcionando, aconselhou outra espécie de viagem: para um sanatório, imediatamente; e isso se houvesse ainda tempo, esclarecendo categoricamente:

— *It a les deux poumons abimés... Et si, par hasard, il crève cette nuit, il faudra me fair savoir, pour que demain je ne me dérange pas...*

Sérgio perplexo, mal estendeu a mão a esse homem que se despedia. Voltou ao quarto, veio para a sala, não parou mais, perdido em vários pensamentos que analisava em forma de interrogações. Devia telegrafar para o Brasil? Mas como arranjar o endereço? Perder-se-ia a passagem, ou haveria possibilidade de ser passada adiante? Não seria melhor esperar o Dr. Ribadeau-Dumas e ouvir sua opinião? Poderia Mário morrer de repente? Não tinha cara de burro esse médico que saíra dali ainda agora? Sanatório? Qual? Onde?

Por fim, vendo a placidez de Teodósio, parou à porta do quarto, muito espantado ao reparar que o barbaças, sentado na *Voltaire*, ao lado da cama, rezava pachorrentamente um terço cujas contas dedilhava. Só havia um expediente a seguir: esperar a vinda de Pervanche. Precisamente, quando mais enleado estava

em aflições, ouviu rumores na escada; e a Pervanche entrou pela sala adentro, com uma braçada de flores. E ofegava de cansaço...

E logo aquela sua voz gutural, com certas sílabas nasais, aquela sua voz típica, encheu a peça.

Ouviu a algaravia de Sérgio, muito séria, depôs o ramalhete sobre o sofá, fez perguntas, considerou coisas, tornou a pegar nas flores, entrou no quarto, caminhando até ao leito, disse em dois tons diferentes o nome de Mário, ficou atrapalhada com as flores, entregou-as a Sérgio (que ficou desorientado), puxou uma cadeira, deu um esbarrão em Teodósio que se erguera para lhe ceder a poltrona, agradeceu, sentou-se, ficou a olhar Mário, com o rosto muito próximo do dele, que parecia dormir, assim com a testa alagada de suor.

A Pervanche, ainda de luvas, enxugava as lágrimas. Depois olhou para Teodósio, sem entender aquela presença ali; parece que cuidou que fosse o médico, mas viu o rosário, ficou aflita, ergueu-se, puxou Sérgio, foi fazer-lhe perguntas lá fora, perto do elevador. Miudamente inteirada de tudo nuns bons dez minutos, voltou, já sem chapéu e sem luvas, ordenou a Sérgio que fosse aviar a receita, ouviu-o explicar que o Dr. RibadeauDumas estava para fora de Paris, que Mário tinha já a passagem comprada para regressar, mas que a hemoptise, essa tarde, estragara todos os planos, que não sabia o que fazer, etc., etc.

Lá desceu ele, com a receita na mão. Pervanche voltou ao quarto, sentou-se, ficou muito imóvel a contemplar o doente; depois observou Teodósio, que Sérgio minutos antes, dissera ter sido quem lhe comprara uma tela (mercê de qual dinheiro tinha adquirido a passagem) e quem trouxera Mário nos braços, os seis lances de escadas, por estar o elevador estragado. Teodósio deixava-se observar placidamente. Nisto ela deu com o anel de vidro e cromo em cima do criado-mudo. Foi então que se virou repentinamente para a cama, pois Mário, de pálpebras fechadas, falava:

— *Tu es très bonne, toi. Comme tu es gentille d'être venue! Je ne suis pas bien, du tout, mon amie...*

* * *

Na segunda visita de Pervanche, Mário melhorara. A febre havia baixado; recebeu-a a sorrir; meia hora depois, porém, já delirava, como se sublinhasse pensamentos pueris.

O conde reapareceu. Sérgio agradeceu essa cortezia tão vantajosa, chamou-o, junto com Pervanche para uma das janelas da sala e expôs-lhes a situação de Mário, pedindo-lhes conselhos. Teodósio ouvia tudo com atenção especial, sem fazer perguntas, mas Pervanche indagou pontos obscuros desde seis meses para cá. A narrativa de Sérgio durou mais de hora. Repetia, em suma, o que o próprio Mário lhe contara desde o encontro na Rue Royale. Puseram-se a trocar impressões e urdir projetos que dependeriam da opinião do Dr. Ribadeau-Dumas. Por fim Pervanche pôs o chapéu e calçou as luvas. Instou com Sérgio para que fosse telefonando até saber se o médico já voltara a Paris. Agora ela ia para o ateliê de Henri Zo. Voltando ao quarto para despedir-se encontrou o conde sentado na beira da cama, com a mão do enfermo entre as suas. Como aquela grande barba ruiva mexesse, cuidou que ele estivesse a conversar com Mário; só quando se aproximou percebeu que o estranho filósofo rezava. Sérgio achou do seu dever desmanchar a cerimônia entre ambos, e apresentou-os.

Fizeram amizade tão instantânea que Pervanche esqueceu as horas, só se retirando já noite difusa. Sérgio acompanhou-a até à rua.

Devem ter conversado muito lá embaixo devido à dificuldade em passar um táxi, pois o pintor demorou a subir. Quando entrou no quarto deu com o católico sentado à janela contemplando

o céu que miríades de estrelas ainda pontilhavam. Lá embaixo e em volta, arredondado como um brejo pardacento coberto por pirilampos, Paris estava inerte. Pelas luzes se podia inferir o trajeto das avenidas e ruas, ver a abertura das praças, a linha transversa das pontes, os limites repetidos dos quarteirões. Dos monumentos, palácios, museus e catedrais não se percebia senão a provável massa. Em certas partes, um nevoeiro violáceo transformava as luzes em nebulosas rentes ao chão. Aproximando-se do peitoril, Sérgio teve a impressão de ver a cidade como a veria um aviador em seu vôo noturno, de grande altitude, porque aquela abertura diante de Passy, era como uma *fullwindow* dum *tablier* de aeroplano.

Apagou a luz e sentou-se, então, ao lado de Teodósio que continuava a observar a cidade. Mas uma das mãos do estrangeiro, mão avermelhada de profeta pendia para fora do peitoril. Aquilo era como um gesto de pedinte, pois a palma estava virada para cima. Algum tempo depois rodou para baixo; obedecendo a essa rotação a cidade como que subiu num relevo súbito. Sérgio entendeu que aquele homem dizia, por esse processo, qualquer coisa grave, não para ele, Sérgio, mas para si mesmo. Aquilo era como que litúrgico. Equivalia a dizer que nessa cidade Cristo imperava, Cristo reinava, Cristo vivia. A mão iria calcar qualquer substância? Esboçava uma bênção? Uma apóstrofe?

Olhando de soslaio para Teodósio, Sérgio pensou em encíclicas, epístolas e anátemas; mas aquela fisionomia apenas demonstrava placidez, invés de arroubo.

Puseram-se ambos a olhar para longe. Uma opacidade opalescente como que se aglomerou em disco definindo a área do *quartier*, o resto sendo sombra cinérea. E viram por sobre aquela fosforescência um pássaro voar em declive para cá, para lá, como um aspersório balançando.

Nisto, os dois reentraram porque ouviram a voz de Mário.

Muito acesos na treva relativa do quarto estavam os olhos dele, como dois avisos luminosos e orgânicos de mais um acesso de delírio.

— *Alta, por curado, ah! ah! ah! Eux, ils sont drôles, ces messieurs du Saint-Antoine!* Levaram-nos aos Raios X. Éramos seis. Seis pobres diabos; tossíamos e coçávamos as axilas. Tresandávamos como animais num vagão. Sentia-lhes o bafo na minha cara. Todos pareciam pensar na morte. O melhorzinho era eu. Assisti à radioscopia dos cinco. Metidos, um por vez atrás do *écran*, lá exibiam as costelas, o pêndulo do coração, as condensações e as cavernas! Quando chegou a minha vez, o assistente ditou que, debaixo da clavícula, eu tinha duas linhas curvilíneas que ou eram aderências duma sínfise, ou duas cavernículas juntas formando um oito deitado. Ah! ah! ah! O oito deitado é símbolo, sabes do quê, Sérgio? Pergunta aí a esse filósofo, que ele deve saber! A imagem do oito deitado é símbolo do infinito... Mas o pórtico do infinito é a morte. Hoje de manhã... hoje não, quero dizer aquela manhã, trasanteontem, creio eu, ou não sei mais quando, me deram alta, por curado. Era preciso desocupar o lugar. Vim para a rua com uma caixinha de cápsulas. Joguei-as na sarjeta. Esses meus colegas de França não formulam, botam um número. 127. *Voilà!* 127. Saímos os seis. Nunca mais esquecerei o nosso bando na rua, perante a primavera. Magros, vacilantes, esvaziados, dentro das roupas amarrotadas, de fundilhos murchos, mas sorrindo, como alforriados por não adiantar mais nada qualquer condenação. Sérgio, já reparaste? Há tipos que a gente vê e logo pensa: "Aquele pobre diabo não durará!" Foi o que eu pensei deles, quando atravessaram a esquina, rumo aos seus bairros. E foi o que eles pensaram de mim quando os saudei em resposta neutra, aos nos separarmos, pois *il fallait se debiner...*

Nisto encarou Teodósio, passou a língua nos lábios, prosseguiu:

– Pior do que o corpo, porém, está a alma. Com muito gânglio em volta. Torpeza e ignomínia!

Calou-se, passou a mão pelo criado-mudo, a procurar o anel da Pervanche, tateou-o, tornou ajuntar a mão à outra, sobre a colcha, perguntou:

– Ela já foi? Por que não levou isto? Sim, isto! (Agarrou o anel, enfiou-o num dedo, mirou-o, com um esgar.) O meu anel de armas; de vidro; vidro de janela. Anel de armas dum canalha, dum ex-homem!

– Mau, mau... Deixa de dizer bobagens. Amanhã o Dr. Ribadeau-Dumas chega de Issigny e resolve o teu caso: sanatório, por uns tempos, até que possas viajar.

– Sanatório? Estás louco, ou o quê? Embarco de qualquer maneira. Olha, Sérgio, escuta uma coisa. Põe-me a bordo nem que eu esteja agonizante. Peço-te pelo amor de Deus...

– Calma. Estás aí, estás bom.

– Isso já é outro assunto. E quanto a tal assunto tenho a minha opinião... Como direi?... técnica, profissional. Deixa de história. Este é o fim... Isto (mostrava-se) é o fim lógico, forçado, característico; força alguma humana e nem sobre-humana, nem esse homem aí que surge agora na minha vida, poderá evitar. A minha tragédia está no fim; eu só queria, era um pequenino prazo de vida, mais. O senhor acha (voltou-se para Teodósio) que eu possa durar um pouco, ainda? O senhor não me conheceu antes, a sua opinião é que há de valer! Esta febre não me larga desde o inverno. Há meses que ando tateando estes punhos magros, tendões só, que andei todo o inverno a esconder em mangas puídas e sujas. Há três meses que tusso, como se uma garra me apertasse o laringe, amassando-o como um espargo. Já tive três hemoptises. A primeira foi apenas um filete de sangue; cuidei que fosse do estômago, por passar dias e dias com fome. A segunda foi no banco da igreja de São Roque. Acabar... é uma solução. Dá-

se com todos. Uma bela manhã, zás, pronto! Mas preciso dum prazo. Peremptoriamente, no consulado, sempre me negaram uma passagem. Pudera, um filho da baronesa de Sincorá, um médico, um jogador, sobrinho dum antigo diplomata, voltar à pátria, recambiado? Ahn!... Ficava feio, não é mesmo? Mas agora é preciso que eu embarque. A morte que espere, ora essa! Sei que não mereço piedade nem dela; estou de acordo, aceito tudo, acho até certo; mas é horrível este baque escada abaixo, quando eu estava já no alto vislumbrando qualquer perdão. O meu caso me aflige, como angústia, pelo que me é negado. Morrer, acabar? Está muito bem, pois então? Mas eu preciso rever Lúcia, tenho uma explicação a dar. Uma explicação que requer a minha presença. Ajudem-me! O senhor aí, com o seu rosário, faça alguma coisa por mim! Não seja mera testemunha, apenas! Faça alguma coisa por mim! E o que lhe peço nem é pueril nem é utópico!

Descobriu-se, pôs as pernas para fora do leito, disse que queria ir para o canapé.

Concordaram. Viram-no erguer-se cambaleando, apoiar-se neles e no quadro.

– Este Cristo aí está mais morto do que eu...

– Mas vai ressuscitar ao cabo do terceiro dia e levará o meu amigo pela mão aonde precisa e anela tanto ir – disse-lhe Teodósio, mansamente.

– Então está tudo bem. Não peço mais do que isso. Não é pedir muito ao Todo-Poderoso.

Ambos o viram em hábitos menores, deploravelmente esquálido, tossir, examinando o lenço a ver se continha raias de sangue, ajeitar-se no canapé. A tosse sacudiu-o em repelões asfixiantes. Uma tosse metálica, dum timbre uivado.

Sérgio e Teodósio, rentes ao canapé, olhavam-no. E ele também os olhava dum modo difícil, como se os visse deformados e flous. Foi então que Teodósio propôs num tom alto e pausado:

Não sei se o convite que lhe vou fazer lhe agradará. Eu possuo uma vila em Neuillv. Vivo lá com os meus livros e o meu pomar. No centro do pátio tem uma figueira velhíssima, com um banco embaixo. Quer vir convalescer na minha vila em Neuillv, até esperar o dia do embarque para o Brasil? Aqui o seu grande e bom amigo, que na Espanha adquiriu por ordem de Deus esta tela, o senhor Sérgio Shebanov, bem que lhe pode dar conforto neste apartamento. Mas em Neuilly ficará muito melhor enquanto espera o dia do embarque. Vamo-nos aconselhar com o médico, seguir à risca o tratamento que ele determinar. Com a graça do bom Deus o senhor embarcará no dia marcado. Não será preciso nem adiar... O sr. Sérgio, acolá naquela sala, já esteve mais de hora a contar-me as suas vicissitudes. E para que nos reuniu Deus, aqui, à sua volta? Seria por coincidência inútil? Claro que não. Neuilly é quase campanha. É silencioso, calmo. Gostará da figueira e do poço!

– Ou me enforco numa, ou me atiro no outro...

– Não faça gracejos amargos; de nada lhe adianta fazê-los. A minha figueira velha teima e faz teimar em viver. O meu poço é um oráculo. Em Neuilly, a paisagem que se descortina não é nada trivial nem doentia. Tudo ali ajuda a convalescer. E os livros também. Tenho lá quartos para hóspedes. Quer me dar o prazer e a honra de aceitar o meu convite? Insisto em que pense nas circunstâncias do nosso conhecimento. Aceita? Ou melhor, amanhã falaremos. Amanhã estará em outras condições de discernimento para estudar a minha proposta. E quanto ao sr. Sérgio aqui, conto que me ajudará, ora não?

– Ele aceita. É lógico que aceita. Esplêndido. O senhor caiu mesmo do céu. Deus lhe pague. – Mário pôs-se a soluçar, tanta a emoção. – Ânimo! Vais ficar bom – disse ainda Sérgio, voltando-se agora para o amigo. – E então o viu direito, sob um aspecto verídico. Sim, era nitidamente a tuberculose. Que

extraordinária transparência de pele sobre os ossos! Que malares! Que permeabilidade quase roxa ao redor das narinas! Como era branco, cheio dum palor impressionante, esse pescoço, desde as orelhas até às clavículas separadas por um vão reentrante! E essas mãos, mãos de moço, como que encarquilhadas sobre o peito que tinha dificuldade de se ampliar na respiração! Com vinte e cinco anos, era uma criança de cabeça revolta, de fronte fugidia. Mas as orelhas, os maus pensamentos e a mancha azulada da barba de três dias eram atributos de velhice. Não soube esconder a sua impressão e retirou-se para a sala, cabisbaixo, pensando em telegrafar para o Brasil, adiar a data da partida, trocar a passagem, entender-se no dia seguinte com o funcionário da Mala Real.

Agora era Teodósio quem se aproximava, para se despedir. O feitio com que Mário o olhou, agradecendo, disfarçando, como se fosse proibido demonstrar angústia, comoveu Teodósio que procurou reconfortá-lo. Mário agradeceu, calando-se logo, porque a rouquidão, a falta de timbre e de pureza das palavras não o deixavam provar seu sentimento. De que valia essa tristeza? Por que essa necessidade de chorar, e por que o inútil subterfúgio de calar, de fingir, de servir-se da obscuridade daquele canto que desmanchava o contorno das coisas mas que avivava o contorno do rosto de quem queria esconder-se?...

– Dependemos do que disser o Dr. Ribadeau. Amanhã voltarei de tarde. Tenho a certeza de que iremos ambos para a minha vila em Neuilly. O amigo irá com o sr. Sérgio que levará a mala. Eu irei sobraçando a *Descida da Cruz*. O tempo é uma coisa veloz. Em dias chegará a hora de partir para o Brasil. Até lá se refará, não é mesmo?

Mário não respondeu. Escutou Sérgio fechar a porta, aproximar-se da mesa de cabeceira, destampar o vidro da poção, e enquanto enchia a colher, dizer:

– Nem calculas quanto a Pervanche ficou sensibilizada com o teu gesto na noite em que te levou para o seu apartamento. Contou-me que te lavara na banheira, como um Filho, ao sentir a tua febre. Que cuidara que fosse pneumonia. Que bem depois, quando deu falta de ti ao voltar do quarto de banho, compreendeu que, em teu desespero, acrescentado pela febre, ponderaras ser melhor ir embora, para não lhe dares trabalho. Como isso a comoveu! Depois, quando descobriu que contudo tiveras o gesto pueril, mas delicado de ao menos levar uma lembrança, o anelzinho *Tecla*, então ficou ainda mais grata, mais comovida... Grande alma, a Pervanche!... Esteve, enquanto dormias, a brincar com o anel, e metê-lo no dedo, a sorrir, tão desvanecida!

Mário decerto pensou (se possível lhe era ainda raciocinar direito) como as ações duma pessoa podem ser más e parecer boas, ou, sendo más, produzir efeitos bons. Pôs-se a pensar em Pervanche. Depois, quando tais pensamentos se esgarçaram, o que aconteceu ao mudar do canapé para a cama, substituiu essa análise de consciência por uma súbita e desesperadora saudade de Lúcia.

Sérgio apagou a luz do quarto de banho e logo depois a da sala de estar, vindo despir-se perto de Mário, enquanto isso fazendo uma série de considerações otimistas que o doente escutava em retalhos porque a fraqueza e a combustão da febre o separavam de realidades formais e acústicas, apenas ouvindo como que ao fundo duma perspectiva, uma voz que incutia confiança.

Agora, sim, a treva total, neutra, deixava Mário pensar de modo categoricamente lúcido, sem a deformação de coisas e presenças. Uma sufocação de prantos justapostos o asfixiou um pouco, para imediatamente o aliviar, como se um banho lhe tirasse a febre, deixando-o apto a receber uma visita secreta. E essa visita veio. Teve-a ao seu lado, durante minutos. Apenas não lhe disse coisa alguma, talvez por não ser presença e sim mero simulacro caridoso.

Ele adormeceu somente lá para as cinco horas, quando operários, médicos, enfermeiros, professores, soldados e alunos começavam a acordar.

* * *

Três semanas depois, o assistente do Dr. Rist (a quem o confiara o Dr. Ribadeau-Dumas) consentiu que Mário deixasse a cama e saísse do quarto.

Aquelas três semanas, mediante as providências do especialista e a decisão extraordinária de Teodósio, arredaram o doente dum limiar tétrico. A passagem fora trocada por outra sem data, na previsão de futuros adiamentos. O assistente do Dr. Rist tentara instalar pneumotórax seletivo no foco da infiltração, mas as aderências da pleura não permitiram. Resolveu então alcoolizar-lhe o frênico, como medida temporária. Ao cabo duma semana a febre e a expectoração diminuíram.

Mário ocupava um quarto na vila pessoal de Teodósio. Parecia cela de convento, impressão essa que a tela de Ribera exagerava com suas cores antigas e o seu tema religioso típico.

A vila achava-se inclusa num jardim-pomar que altos muros vedavam das duas ruas e que um gradil mais o respectivo portão fechado separavam do edifício contíguo.

Adstrito à sala de jantar e à biblioteca da vila, Mário procurava através das janelas a figueira e o poço. Raramente estava sozinho, embora Teodósio andasse a fazer conferências na Bélgica. Quando não era a presença alegre de Sérgio era a de personagens com catadura de intelectuais que permaneciam a ler e a copiar incunábulos.

Daquelas mesmas janelas via no fundo do jardim-pomar uma alameda ladeada por duas alas de sobrados por, cujos pórticos entravam e saíam pessoas com ares de estudantes. Na quarta semana o assistente do Dr. Rist lhe deu liberdade condicional.

Descobriu então a figueira e o poço. Pouco permaneceu sentado ali. Tinha curiosidade em transpor mas era o tal portão no meio do gradil.

Obtido isso, percorreu as primeiras vezes a alameda e transpôs os pórticos centrais das duas alas assobradadas. Num, uma placa de bronze informava: Colegiada São Dâmaso. No outro, placa similar esclarecia: Colegiada Santo Antônio de Lisboa. Dentro de cada ala, extenso e largo corredor, cujas portas eram numeradas. Ao cabo de poucos dias travou relações com normalianos, sorbonianos, alunos da Faculdade de Direito, da de Medicina, da Escola de Ciências Políticas e Sociais, da Escola de Pontes e Calçadas, do Colégio de França, etc. Uns falavam espanhol, porém a maioria falava português, pois provinham alguns do Brasil e os demais de Portugal.

Após relativo convívio, que principiou no amplo refeitório que interligava as alas na extremidade sul e na vasta biblioteca que com a capela interligava as mesmas alas na extremidade norte, veio a saber direito o que era e quem era, afinal, o proprietário. Claro que se tratava do seu benfeitor, aliás de estranho *curriculum vitae*. Conde Teodósio da Terra Chã. Latifundiário alentejano, que deixara as charnecas e a Universidade de Coimbra para ser diplomata. Com o advento da república em sua pátria, requerera aposentadoria e se fixara em Paris, passando a freqüentar a turma da Rue de Cujas, na Rive Gauche. Tinha herdado, a essa altura, terras de oliveira e de gado; arrendara tudo a famílias que prestavam contas a um procurador. Mas as condições do arrendamento eram utópicas, gênero Tolstoi. Delas só lhe advinham prejuízos que os bens provenientes de heranças duns tios não conseguiam cobrir, estando previsto matematicamente que ele acabaria pobre no lapso apenas de mais uns dez anos, segundo prognosticavam as cartas e os balancetes semestrais do procurador, o qual não conseguia lhe transmitir sua aflição. Nem por isso o fidalgo

era um irresponsável, ou um romântico. Adquirira logo após a Grande Guerra, que passara aliás no setor da Expedição Portuguesa no *front*, aquela esquina ali numa Neuilly ainda desabitada, plena *banlieu*.

Se durante a guerra perdera muitos patrícios desconhecidos, também perdera camaradas íntimos da vanguarda católica; por exemplo Psichari e Péguy.

Intelectual ativo, adequara as duas alas duma fábrica falida ao sistema de colegiadas para estudantes ibéricos disseminados até então em pensões e mansardas no Boule Miche. Tal projeto, que parecia destinado a malograr, se fortaleceu paradoxalmente pelo espírito de imitação de Oxford e Cambridge. Os inquilinos dispunham de residência, refeições, *curts* de tênis, piscina e salas de estudos. Não imperava disciplina conventual, toleravam-se atrasos de pagamentos, partidas de cartas, dissensões políticas e doutrinárias. E isso porque o Terceiro Conde da Terra Chã entendia que o período estudantil, ou universitário, não era regime canônico, mas constante procura de opções.

Com o regresso de Teodósio de universidades belgas e flamengas, se estabeleceu entre ele e Mário uma gradual perda de cerimônia, mantendo este, porém, o complexo de protegido, tuberculoso e falhado.

Sérgio aparecia com relativa freqüência. Pervanche, que apelidara a vila de *Maison à Tagore* (por causa da aparência física de Teodósio), e que apelidara as colegiadas de *Thébaïde à Pafnuce*, pois estreara em Paris como corista da ópera *Thaís* antes de se tornar modelo de pintores), combinava sempre com Sérgio as vindas. É que, tanto quanto Mário, ou mais do que ele, tinha também ela os seus complexos; no seu caso, os de mundana boêmia do *Dôme*, do *Select*, do *La Rotonde*, conjuntura esta que o tal de Tagore ou Pafnuce lhe via na cara, pelo modo tolerante de recebê-la. Mera impressão, decerto. Pois na única vez que veio sozinha quem lhe

abriu o portão foi o próprio Teodósio que estava ali perto a regar os canteiros. Ele não só a levou ao quarto de Mário, cuja porta ao sair deixou bem escancarada, como à hora do almoço a conduziu não ao refeitório coletivo mas à sua sala particular de refeições, onde cortou para ambos (isto é para ela e Mário) o pão e serviu vinho; no fim do almoço até lhe pediu um cigarro ao vê-la retirar da bolsa o maço de Abdulla e logo recolhê-la constrangida.

Era extraordinário o dom desse homem tornar permeável a mente duma pessoa cujos pensamentos atingia e cuja cerimônia e respeito humano sabia arejar com bonomia e distinção.

VII

O assistente do Dr. Rist continuava no ritmo de duas visitas semanais. Auscultava e percutia os pulmões de Mário, detendo-se mais nos lobos superiores; não conseguia disfarçar. Teodósio, por sua vez, prestava mais atenção na melancolia do seu hóspede. Este, dada manhã, lhe contou que vinha passando noites de vigília insuportável. A conversa foi no banco sob a figueira e rente ao poço.

Ali mesmo, noutras ocasiões recentes, lhe confessara sua vida errada, conquanto não se demorasse em pormenores humilhantes. Desta vez, Teodósio ponderou:

–Todo homem enquanto não se chega à sombra da religião dá por paus e por pedras; os mais sensíveis, esses então se emaranham, mormente quando intelectuais. Um deles, há séculos, escreveu: "*Não posso aturar comigo nem posso fugir de mim*". Outro, mais atordoado ainda, escreveu há pouco tempo. "*Perdi-me dentro de mim /porque eu era labirinto*". Milênio e tanto antes, já escrevera o filho de Mônica: "*Inquietum est cor nostrum donec requiescat in te*".

Não será o caso que o atormenta alguma idéia ainda não aceita pela sua suscetibilidade? Por exemplo, escrever a alguém que se acha muito longe e muito perto? Ontem durante o seu primeiro passeio a Neuilly para comprar cigarros não lhe viria ao espírito uma inspiração achada na estrada? Nos seus solilóquios em face da paisagem (todo convalescente, acha a natureza renovada quando sai pela primeira vez) não lhe renasceria a idéia duma carta preparando o espírito de alguém para o seu retorno? Disse-

me uma noite destas que nos seus meses de miséria em Paris se recolhia à Biblioteca Nacional, mas, que lá não encontrou nos livros escolhidos ao acaso o trecho que lhe conviria. Já que quase não freqüenta nenhuma das colegiadas, talvez porque o encontro com a mocidade lhe cause rebates relativos ao tempo malbaratado, então use a minha livraria particular. Vamos lá dentro. – Foram. Teodósio abeirou-se duma estante, extraiu um volume, folheou-o. – Cá está. E já foi dito há muitos séculos por São Paulo: *Santificatus est enim vir infidelis per mulierem fidelis.* "A esposa fiel salvará o marido que errou". No seu caso o afligem as amarras arrebentadas. Se a idéia que o preocupa é escrever à sua mulher, aqui tem na minha mesa pasta com papéis. E ao lado máquina de datilografar, além de tinta e caneta.

Esta semana anda aflito. Tem motivos. O assistente do Prof. Rist ainda não lhe disse quando poderá embarcar. Mas creio que essa modificação de ânimo não decorre da moléstia nem da demora da cura. É da alma. Já que aludi a prováveis razões, como hoje está um dia de ventos frios, fique aqui e tente escrever. Tome como núcleo esta frase: "Aquela que se acha distante e da qual me julgo irremediavelmente separado está ultimando o meu merecimento para o perdão." Tem-me contado episódios lancinantes da sua vida, e segundo me disse ainda não completou vinte e cinco anos de idade. Quanto a mim, tenho que ir a Paris a um simpósio sobre Lamennais.

Uma vez sozinho, Mário escreveu a carta que vinha adiando desde bordo do *Köln*. Releu-a, cortou muita coisa, copiou-a. Foi lê-la deitado em seu quarto. Voltou ao escritório de Teodósio, condensou parágrafos e mais parágrafos em quatro períodos que encheram página e meia. Enfiou-a num envelope, pôs o endereço de tia Marta. Desandou a fumar. À tarde, viu quando Teodósio voltou; como não participar da alegria do cenobita por seu provável contrato com Gallimard para a edição da *Vida de Santo Agostinho*?

– Que é que se passou aqui na minha ausência? Parece estar mais contente do que eu... ?

– Escrevi para minha mulher. Não fechei o envelope. Quero que leia e dê opinião.

– À noite.

Mário ficou meio decepcionado com aquele adiamento. Teodósio recolheu-se aos seus cômodos, reapareceu só de camiseta e calções riscados, traje típico de banho em Biarritz e Deauville.

– Vamos até a piscina.

Mário acompanhou-o. E no trajeto interno se sentia sem jeito ao lado daquele homenzarrão que mais parecia, agora, um arquimandrita a banhos em Marienbad.

Instalado na diminuta arquibancada, viu-o dar mergulhos, braçadas, resfolegar, ir trocar de roupa numa cabina, reaparecer em trajes de tênis e acolá na quadra rebater com desenvoltura os lances de estudantes espanhóis que nos arremessos bradavam "Olé! Olé!!"

Pela primeira vez, por instâncias de Teodósio, jantou no refeitório comum às duas colegiadas. Era dia de prato espanhol. Comeu pouco, sentia a habitual febrícula vespertina. Em meio à algazarra, em menos de quarenta minutos ficou ciente da política universal, dos *raids* de aviação.

Quando ambos voltaram à vila, Teodósio pediu e leu a carta, considerou-a ótima, embora triste e com alusões incompreensíveis para ele. Mário então, no banco sob a figueira e rente ao poço, levou mais de duas horas a contar a sua vida, desde a infância. Na Bemposta, a caduquice da baronesa, a questão das minas de cobre. Depois, o noivado com Lúcia, sua vizinha da Fazenda São Romão. O fim das duas propriedades. Sua formatura em medicina. O vício do jogo desde o tempo de estudante. A idéia de vir a herdar a maior mina de cobre do mundo. O acórdão do

Supremo Tribunal. As dívidas, os empréstimos, as mentiras, os golpes desonestos, a morte do Segundo Clichê, a fuga da mulher em noite de temporal, a ida para S.Paulo, o castigo do tio... mandando-o aperfeiçoar-se na França. Aperfeiçoar-se em quê? Nariz, garganta e ouvido? Sim e não. Aperfeiçoar-se mesmo em corridas de cavalos. O primeiro ano de juízo e disciplina; a visita do casal Tancredo; o nível de existência de Lúcia no Brasil em casa dos Nunos de Almada; os campos de corrida; o Imediato; o Freitas; as remessas de dinheiro extra; a interrupção das duas, isto é, a do tio, por falecimento e a outra misteriosa, mas que afinal provinha donde a mulher trabalhava; a miséria; o frio; a fome; o desmaio na igreja de São Roque; a hemoptise na Rue Royale; o encontro com Sérgio; a solução com a *Descida da Cruz.*

– No seu caso particular, Ele teve que descer... para o salvar.

– Sérgio e o senhor foram e têm sido tão bons para comigo! Ora, eu não mereço; minha própria esposa me deixou por causa de dissabores e complicações resultantes da minha falta de caráter. – Contou o caso dos dezesseis contos do Dr. Silva Soares. Contou o caso do encontro com Pervanche em noite de inverno e de neve; como o acolhera em seu apartamento, o banho que lhe dera para aplacar a febre, e mesmo assim ele fugindo com o anel dela por julgá-lo de brilhante e platina...

Teodósio escutava, impassível.

– E sabe o senhor? Era de vidro e metal comum. Pois mesmo assim, qual a dedução dela? Que eu, embora ciente de que se tratava de jóia sem mínimo valor, a levei como lembrança apenas. Ora diga-me o senhor: pode uma ação ignominiosa, hedionda, parecer boa?

– Bem, há aqui o perigo duma comparação entre a atitude de sua esposa e a desse modelo de Montparnasse. Parece-me que uma agiu pelo cérebro quando o viu abandonar, pelo jogo, uma criança com meningite; que a outra, ignorando sua capacidade,

para o erro mas ciente do seu estado de miséria, o cuidou ainda capaz de querer uma lembrança do seu último arrimo. Ambas foram lógicas. E agora a resposta à pergunta anterior. Não é resposta minha, mas dum grande amigo meu, que a bem dizer substituiu junto a mim Péguy. Escreveu Mauriac: *"Mesmo os seres que nos parecem decaídos, ainda possuem a fonte secreta da pureza"*. E eu vou mais longe, quanto a vocês dois aqui em Paris: ela, mundana, teve um desregrado ensejo para ser boa inefavelmente. Mas passemos a outro assunto, o da sua carta para o Rio. Quero passar para a minha agenda o nome e o endereço de sua mulher.

– O endereço não é o que está no envelope. Esse é o de tia Marta. O autêntico, dela, não sei de cor. Essa família plutocrata, onde Lúcia exerce o cargo de preceptora, tem vários palacetes como residências.

– Bem, vou copiar fielmente o envelope. Pronto. Feche-o; amanhã, quando for assinar o contrato com o editor, porei sua carta registrada no correio.

* * *

Teodósio passou o dia seguinte inteiro no centro de Paris, só regressando ao anoitecer. Ao perceber que Mário o aguardava com alvoroço, lhe apresentou o recibo do registro.

Pelo que me disse o Prof. Rist, que visitei em seu consultório, você já poderia embarcar. Mas isso vai depender mesmo duma radioscopia. que o mais aconselhável seria em agosto. Ora, já estamos em julho; logo...

Percebeu, daí a dias, que Mário após a confissão, se esquivava dele, envergonhado. Encurralou-o num corredor, bateu-lhe nas costas, bradando, efusivamente:

– Deixe disso. Largue a biblioteca, vá distrair-se nas colegiadas, jogar damas, xadrez. – E vendo que o verbo "jogar" o arrepiava: – Lembre-se que o meu herói e personagem Agostinho fez cada

uma! Contudo, séculos antes de Freud soube fazer desrecalques e transferências.

Tendo esperado em vão antes do almoço a visita de Sérgio e Pervanche, Mário resolveu dar um passeio até a ponte. Mesmo porque não fazia calor e a tarde estava lindíssima; foi mais além; mentalmente ia fazendo outro itinerário.

Andando, atravessou Neuilly; mas só percebeu isso quando as casas, os muros e a calçada terminaram, tão imerso ia em solilóquios. Caminhava pelo acostamento dum dos lados da estrada que se afasta de Paris. Orientava-se quanto às horas observando a sua própria sombra cada vez se enviesar mais no chão macadamizado. Automóveis e caminhões passavam pela pista dupla. Sinais indicavam os quilômetros, as curvas, as localidades próximas.

"Se não fosse a tela de Ribera, ou antes o encontro com Sérgio e o conhecimento com Teodósio, a minha moléstia ainda estaria alerta, insidiosa, caseificando-me os pulmões centímetro após centímetro, dando à minha magreza o padrão clássico da tísica. A Providência é um enigma abstrato mas que se objetiva ora numa criatura semelhante no corpo e no clímax à Lúcia, como aquela da Rue Royale, ora numa criatura surrealista como o pintor Sérgio, para afinal se definir deveras nesse estranho Teodósio com aspecto de apóstolo civil."

"Definir-se? Acaso se teria ela, a Providência, definido como uma solução ao meu futuro? Pois se eu, Mário, ainda tenho febre, ainda cuspo sangue! A Providência, antes de ser chamada assim, tem um nome mais coetâneo com a realidade – Justiça. Ela tem que ser lógica, que provar à humanidade, estatisticamente, que os erros acarretam conseqüências e não se cometem gratuitamente. Em verdade eu me arrependi, me emendei ante o espectro do castigo, da morte?, ou em verdade a doença e a falta de recursos me impediram de continuar abismo abaixo? Sérgio e Teodósio me salvaram. Isto é, salvaram a tempo não a minha vida, pois

isso não tem já agora importância, mas a minha alma, isolando-a num retiro propício a eu dialogar com a minha consciência, a eu escrever à Lúcia, a eu supor, como evasão ao castigo, que ainda voltarei ao Brasil. Que foi que escrevi a ela? Um pedido veemente de perdão. Uma afirmativa de arrependimento. A confissão de que fui castigado. A hipótese de poder ir clinicar no Interior. Sim, apenas isso. Não pedi que me recebesse. Nem que voltasse a morar comigo. Apenas a pus na conjuntura de "rever" o meu caso e então decidir."

Desandou a tossir. Arrimou-se numa árvore, da extensa alameda que ladeava a estrada. Veio-lhe à mente a idéia de que a morte o surpreendesse naquele trecho da estrada. Cairia de repente com uma hemoptise fulminante, dessas que esvaziam do sangue um corpo tal como um saco de cereais, ao furar, se esvazia. Parou de tossir, ficou na dúvida se deveria caminhar para a frente, ou volver a Neuilly.

Trôpego e suarento, foi sentar-se num botequim de esquina, onde a estrada se bifurcava. Pediu um Hennessy. Bebeu-o devagar; quando se sentiu melhor, voltou para Neuilly, num ônibus cuja parada era ali. Sentado entre caixeiros-viajantes, camponeses e suburbanos, continuou a pensar.

"Na carta não aludi à passagem já comprada. Para que pôr Lúcia em alvoroço, fazê-la equacionar o problema que esse regresso armava?" Fechou os olhos e prosseguiu no solilóquio referente não ao Brasil, nem mesmo à França, mas ao trajeto daquele ônibus. "Faz de conta que não vou indo para Paris. Que o sol já descambou. Que fiquei na estrada, que já é noite, ou madrugada mesmo. Estou de bruços, meio atravessado na terra que sorve caridosamente a hemorragia. Alguém, ou várias pessoas, vão dar comigo. Uns cuidarão que foi crime. Outros, que foi um derrame. Claro! Magro como estou! Com as costelas de fora! Ficarei rodeado de gente. Sim, pois este meu caso anônimo tem que se transformar em lição útil. Ou talvez eu fique sozinho

no acostamento da estrada, e chame a atenção dum casal ainda novo, vindo ou indo para uma viagem de núpcias. Homem e mulher pararão, descendo dum automóvel trepidante. A mulher, mais imaginosa do que o homem, talvez repare com argúcia que eu, temendo e fugindo da cidade, tivesse querido vir ao encontro da morte antes dela me ir caçar num quarto. Mas o homem redargüirá que de nada me valera ter fugido porque os homens da cidade são persistentes e me viriam buscar a todo transe para o protocolo dos inquéritos e das autópsias..."

Irritou-se consigo mesmo: "Arre! Chega de romantismos mórbidos."

Desceu numa esquina do Boulevard Bineau, entrou na vila, decidiu barbear-se enquanto esperava a hora do jantar. Aclarado por uma lâmpada suspensa acima da pia, examinava o rosto. "A fibrose é mais comum na velhice. Ora, eu completei vinte e cinco anos um dia destes; só me lembrei bem depois. Como tive pleuris, no meu caso a fibrose já existe. Aliás, depois do pneumotórax, da cirurgia plástica, dos sais de ouro, etc., as estatísticas vêm provando que a lesão, mesmo bilateral, regride".

Jantou sozinho, porque Teodósio tinha ido a Paris combinar o contrato do seu livro com o editor. Resolveu esperá-lo sentado no banco debaixo da figueira e rente ao poço.

Mas Teodósio jantara no centro da cidade.

– Então deu um passeio mais alentado do que os outros. Bravos. O tempo anda bom. Está um verão de éden. Vou me recolher mais cedo. Tenho que dormir no quarto pegado ao seu porque Gertrudes encerou o meu e a cera me causa dores de cabeça. Ela tem o seu dia de encerar. Por que lhe hei-de proibir, se faz isso de joelhos, cantando *a Maria da Fonte?* É portuguesa, mas do Norte.

Daí a alguns minutos, Mário entrou também. E atirou-se na cama, a ler a *Vida de Maurice de Guérin,* contada por sua irmã. Enjoou do assunto. Despiu-se, pôs o termômetro. Estava com febre. 38 e

2. Abusara do passeio. Apagou a luz. Mas vinha uma subclaridade do corredor. Quase sempre deixava a porta e a janela abertas, como nos sanatórios suíços. Lá para tantas, ouviu aquela voz gregoriana proferir no quarto contíguo, e em sua língua:

– Salve Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança, nossa, salve!

Pensou em rezar. Valeria a pena? Mesmo valendo a pena, sentiu respeito humano, embora estivesse sozinho e no escuro. O melhor era prestar atenção.

– A vós bradamos, os degredados filhos de Eva.

Aquela voz lhe incutiu pânico. Ergueu-se, veio para o outro quarto, atraído pelo sortilégio do que cuidava ser covardia.

– Alguma coisa? Alguma pergunta? Ah! Quer saber se já escrevi para o Brasil. Ainda não; fica para um dia desta semana ainda. Precisamos antes conversar mais um pouco. – E vendo-o olhar para o outro leito: – Já sei. Ficou com receio de perder o sono e pôr-se a repisar o passado.

Mário encarou Teodósio que em mangas de camisa (uma camisa grosseira de algodão) estava ajoelhado diante duma cômoda cuja lamparina, à velha maneira portuguesa, aclarava lindíssima estátua da Imaculada.

– Se quer, durma aí nesse outro catre que está mesmo à espera dum ateu. – Juntou as grossas mãos de bufarinheiro afundando-as nas barbas, e prosseguiu: – ... Por vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas.

Dentro dalguns instantes, sentado na borda do outro leito, Teodósio arrancou as botinas, dizendo baixo:

– Que isto é um vale de lágrimas, não preciso dizer-lhe.

Levantando-se, compôs no encosto da cadeira o paletó, tornou a sentar-se na beira da cama para acabar de despir-se.

O hóspede teve a impressão de ser um passageiro em alto mar, na cabina do comandante, e por isso indiferente à travessia e à treva exterior.

— terceira parte —

I

Na madrugada desse domingo, Nuno de Almada e o Maia, recostados no fundo do *Rolls-Royce*, viam passar o Largo dos Leões e a Rua do Jardim Botânico.

Nuno, mais do que nos dias anteriores, duvidava agora das possibilidades de vitória de *Crispim*. O fato de desde a véspera *Vulcain* estar sendo cotado como franco favorito o irritava. Tinha receio duma partida má, do estado da pista gramada e do azar do jóquei, ultimamente em fase de más chegadas.

O Maia, até então sonolento, pareceu despertar de vez e, a procurar fósforos, sacudiu o ânimo de Nuno:

— Que cara! Sou capaz de jurar que estás com medo até de *Pons* e de *Santarém*!

Passando-lhe o isqueiro, Nuno disse, como numa advertência a si mesmo:

— *Vulcain* é que é o perigo. Mas hoje acordei tão pusilânime, que tenho medo até de *Cascabelito*.

Diante do muro da casa do Mariano o carro foi roçando a sarjeta e parou. O chofer sacolejou as aldrabas do portão colonial da quinta. Esperaram um tempo enorme. Já na calçada, a desentorpecer as pernas, o Maia descobriu o botão duma campainha elétrica e ficou "dormindo" com o dedo a apertá-lo.

— Parece mesmo um convento. Também isto não são horas de acordar um homem.

Uns ferrolhos rangeram, rematando o ruído e os passos no lajedo lá dentro daquele jardim que mais parecia pomar. E um homem, entreabrindo o portãozinho que era como um

complemento do portão central, perguntou o que queriam. Mas, reconhecendo o carro e o chofer, tornou a fechar a aba esverdeada e foi abrir o portão que dava acesso ao solar.

– Não é preciso, ó Domingos. Basta que você dê uns berros debaixo da janela do Mariano. Ele já sabe, já o avisamos ontem, no *Jóquei Clube.*

– Mas vossências sabem que são quatro horas da manhã?

– Que tem isso? Se ele o descompuser, nós "garantimos" você, seu Domingos.

Pouco depois, ao lado do automóvel, Nuno e o Maia riam, ouvindo o Domingos gritar rente a uma janela. O que ele dizia era incompreensível, parecia um fornecedor anunciando a sua mercadoria: o sotaque e a empostação tanto eram de serenata como de pregão de mercado.

Durante alguns minutos, aquele vozeirão porfiou em mudar de diapasão, até que calou. Um bom quarto de hora de silêncio. As árvores, tapando a frontaria da casa, teimavam em segurar um trecho da noite agarrado àquele arremedo de floresta.

Depois apareceu o Mariano, metido num chambre, a larga cabeça de William Farnum dando simultaneamente a idéia dum frade antes da missa cedinho, e dum ator velho, já "canastrão" iniciando sua labuta de jardineiro.

Não houve meios de convencê-los que entrassem. O máximo que concederam foi sentarem-se na borda dum poço, à espera do café. Dos claustros vinha o reflexo mortiço dos azulejos; e o arvoredo, deixando ver nesgas de cantaria, fez o Maia esconjurar:

– Cada vez tenho mais horror do antigo, do colonial. Sinto a sensação perfeita de que isso aí dentro é uma igreja da Bahia. Por que invés de saíres na tua *Fiat*, aliás uma caranguejola detestável, não sais, para seres coerente contigo mesmo, num coche que te cederiam das *Janelas-Verdes*, ou do *Ipiranga?* Por que em lugar do

laparotão do Domingos não nos veio abrir um negrinho retinto, das ninhadas do Recôncavo? Vai vestir-te, anda, homem, que temos que visitar o *Crispim*. Anda logo que não quero representar aqui de personagem de Rugendas.

– Vestir-me? Vou assim mesmo.

– Ótimo. Olha, Mariano, o Nuno está doente, nervoso, com medo do *Crispim* fazer feio esta tarde. Vamos vê-lo. Ele há de levar esta nossa visita tão matinal em apreço, lembrar-se da nossa aflição na hora da "onça beber água". Que diabo, são 3.200 metros! Um premiozinho de cem contos! Ele vai com 54 quilos, tem que se medir com *Vulcain* até agora invencível, tem que perseguir *Santarém* que se habituou a correr na frente, de ponta a ponta, enfim, tem mesmo que perder... E se não formos lá, agora, esta noite o Nuno dirá: "Pois é, nem tu nem o Mariano fostes reconfortá-lo, incutir-lhe coragem." Temos que ir, temos que iludir o cavalo e o respectivo dono que o Grande Prêmio depende mais da nossa visita agora, do que das patas do craque esta tarde. São manias de ricaço, isso faz parte do negócio, é um complemento de macumba, um cerimonial indispensável.

A bandeja nas mãos felpudas do Domingos era como coisa de altar nas mãos dum bárbaro, mas o café estava esplêndido.

– Vais benzer, com esse cordão do teu chambre, o ás da coudelaria Almada.

Subiram os três para o carro.

Na *Vila* já havia gente. A nevoazinha da manhã deixava ver um ou outro cavalo, com mantas no dorso, um moleque agarrado ao freio, passando para os exercícios de galopes. Jóqueis, parecendo corcundas, metiam um pé no estribo, jogavam-se para o alto, e o ruído de cascos, galopando, atiçava Nuno e o Maia. Na suntuosa residência de *Crispim* havia já, rente à entrada, um grupo de gente. De longe se distinguia um grupo: o Maxence, *entraîneur*, o veterinário, o Lara, o jóquei, enfileirados, de costas,

contemplando lá dentro do, box o cavalo. Mulheres, numa vitrina de joalheria, não estariam mais embevecidas! Era um animal de três anos e meio, negro, fino, curto, muito inquieto. Quando Nuno se aproximou por entre o grupo que abriu uma ala de respeito e simpatia, *Crispim*, visto de perfil, parecia esculpido em ébano, só as ventas parecendo membranas.

Nuno, o Maia e o Mariano, de cotovelos na balaustrada, calados, faziam o seu ato de adoração. Nuno sério; o Mala radiante; o Mariano atento. O *entraîneur* e o Lara, seguidos do jóquei como reforço, deram informações do exercício que Crispim acabara de fazer. Só uma milha. O tempo? Segredo. Mas o Lara tinha nas bochechas uma alegria fungada, e o jóquei batia nas botas com o chicote, dum modo que significava confiança.

Aquilo bastou para dar ânimo a Nuno. Um ânimo que quando viu entrar para o pátio *Cascabelito*, aos pinotes, se transformou em arrogância. Nisto, o Maia entrou no *box*:

– Não, não consinto, a alfafa é para ele só, Maia! – disse o Mariano, sob a risada dos outros.

Mas o Maia já estava alisando o pescoço de *Crispim*, dando umas palmadinhas naquela tábua lustrosa, e exclamava com voz de oráculo:

– *Crispim*, meu nobre amigo, tu que tens sangue real, tu filho de *Novelty* e de *Blarney*, orgulho da coudelaria Almada, que merecias só correr em Epsom e em Longchamps, que ainda hás, com a graça de Deus, de dar muita bordoada, na Argentina, nos cavalos de Martinez de Hoz, pelo amor de Deus ganha este premiozinho de hoje, abre um boqueirão na frente de *Vulcain*, não deixes fugir teu irmão por parte de pai, *Santarém*, ganha pelo que vales, pelo que te rogamos, e, principalmente, para nos poupares do mau humor insuportável do teu nobre dono e meu amigo, e compadre, Dom Nuno de Almada. Um momento, tem paciência ainda agora escuta as besteiras que te vai dizer o Mariano, que

sendo médico, por força também é veterinário e que sendo meu amigo, por força também é um pouco teu consangüíneo!

Soltou o pescoço de *Crispim* e arredou. O Mariano, passando os cordões do chambre em volta do peito de *Crispim*, abriu os braços, disse:

– Depois do apelo do Maia-pangaré, venho, em nome de Pégaso, dizer-te que jogarei em ti, cem pules. Creio que já me entendeste. E é só!

E saíram os três, seguidos do grupo da coudelaria; iam apressados; deixaram a *Vila Hípica*, enviesadamente, como evitando invisíveis fotógrafos e esquivando-se de repórteres, num jeito que era como se saíssem do edifício da Bolsa, numa hora de pânico para os outros e triunfo provável para eles.

De tarde, quando o carro de Nuno de Almada parou rente à estrada dos sócios, no novo Hipódromo da Gávea, já uma multidão abarrotava as três tribunas. Alguns milhares de automóveis enchiam a praça fronteira e as ruas em volta, os bondes e os ônibus continuavam a despejar gente. Havia muito sol, o céu estava bem azul e a paisagem mantinha o capricho de incentivar sozinha o turismo. A nesga da Lagoa era um espelho e, lá longe, rente ao mar, o casario branco do Leblon parecia ninhadas de ovos dessas duas monstruosas tartarugas agrupadas que eram os morros dos Dois Irmãos.

Mal terminou a quinta corrida, já os quadros suspensos mostravam as cotações iniciais do seguinte páreo, o Grande Prêmio. Bandas de música alegravam o recinto. Multidões enchiam os gramados e multidões estavam a postos nas três grandes *marquises* abertas como gavetões para a pista. As autoridades máximas do país já haviam chegado e aquela gente toda ouvira, de pé, o hino nacional. Mas, agora, a atenção se demonstrava através dum burburinho crescente.

Os concorrentes desfilaram diante das tribunas. Primeiro, vindo da *pelouse*, passaram espaçadamente, devagar, com seus jóqueis coloridos; à medida que iam surgindo eram aclamados. Aplausos soavam quando os números bem visíveis na anca, sobre a manta, rente à sela, os identificavam. O povo confiava mais em *Santarém* e *Vulcain*. Agrupados lá para baixo das "Populares", começaram a voltar, mostrando seus galopes de velocidade, com ruídos de cascos sobre a grama. Um rente à sebe, outro pelo meio da pista; este meio de lado, a crina ao vento; aquele de focinho estirado, um modo veemente de atirar as patas. *Vulcain* tinha a ligeireza da corça numa planície. *Pons* passou zunindo. *Santarém* coriscou. *Cascabelitto* vinha vagaroso, ainda se mostrando, com um jeito de parada militar. *Ramuntcho* saiu atrasado do *pesage*, passara corcoveando na ida, voltou em galões, parecia impossível contê-lo. Por último surgiu então, pequenino e negro, *Crispim*, que, em galões incríveis, alcançou *Ramuntcho* e com ele ficou paralelo, como que por mero intuito estético, para imitar um friso:

Nuno, depois que *Crispim* entrou, subiu para a tribuna dos sócios, andou a cumprimentar o Presidente, ministros, embaixadores, membros de delegações de Buenos Aires (com os quais tinha almoçado, duas horas antes), e acabou indo reunir-se à família que chegara muito antes dele.

Trazia já o binóculo com a correia traspassada ao peito. Encarou o disco da chegada, estendeu a vista pelo campo, virou-se para as tribunas, sentiu-se curiosamente observado, sorriu quando o senador Louzada, de binóculo, ia soletrando a massa crescente de apostas que um quadro-negro, rente à sebe, mostrava com sucessivas alterações. *Vulcain* depois de apostas quase iguais com *Santarém*, de repente passou a franco favorito. Uns bons dez minutos passaram. O Lara dissera, à entrada, que o Lineu, ausente, telegrafara de Paris, mandando a "turma" apostar

em *Vulcain*. Isso irritara Nuno, que, logo depois ao subir, ouvira o Carlinhos dizer:

—Vocês vão ter uma surpresa com *Queixume*! E não se queixem que não avisei!

Agora o Professor Magalhães estava ao seu lado, impenetravelmente absorto, admirando a multidão colorida e movediça, lá embaixo.

Os concorrentes passaram, rumo ao ponto de partida. Tão vagarosamente e esparsos iam que pareciam não chegar lá tão cedo. Por fim se enfileiraram. *Cascabelito*, empinado, atrapalhava o alinhamento. Pela mão dum moleque recuava, atirava-se, atrapalhava.

Nuno, via através das lentes, no círculo luminoso, junto à cerca cinzenta da pista, *Crispim*, muito quieto, ou por manha, ou por segurança.

Leonor, com seu binóculo de madrepérola, de teatro, gritava para Lúcia e para a mãe:

— *Crispim*, o Crispinzinho nem dá confiança! Olhe, Dona Lúcia, é o que tem jóquei com a jaqueta rubra!

Lúcia olhava, mas a falta de prática a fazia baralhar as cores. Nisto houve um alarido.

— Largaram!

— Saíram! Ótima partida. Esse *starter* é formidável!

Nuno, livre do Maia, que tinha a mania de "torcer" pessimistamente, podia seguir a carreira direito, apesar duma certa emoção. *Vulcain* pulou na frente, seguido de *Pons*. No pelotão atrás, *Queixume*, *Cascabelito* e *Ramuntcho* juntos, pelo meio da raia. Mas, do lado de fora já *Santarém* fazia das suas, investindo e obliquando para dentro, em segundo. E momentos depois já vinha na frente, longe até de *Vulcain*. *Crispim* saíra por último mas cavava um vão entre *Ramuntcho* e *Pons* que atrasara já. *Vulcain* correu um pouco na anca de *Santarém*, mas logo este se foi distanciando, sozinho, num

passeio, a muitíssimos corpos do segundo. *Crispim* só era agora perceptível pelo cor do jóquei tão pequenino estava no bolo formado por quatro cavalos. Da arquibancada popular, o nome de *Santarém* formava um coro. E por ela passou ele, a uns sete corpos de *Vulcain*. Em último vinha *Pons*. Mas quando *Santarém* passou pela tribuna dos sócios, já *Ramuntcho* fazia companhia *a Pons*, na rabada. E *Crispim* corria ao lado de *Queixume*, por dentro, ambos em terceiro. Na curva que tão garbosamente fizeram, como que se entortando com donaire, as caudas mexendo, as ancas virando, *Santarém* disparou espetacularmente. Agora ia num trem de velocidade incrível, porfiando *Vulcain* e *Queixume* por diminuírem a distância. Nuno de Almada notou que o seu jóquei retinha *Crispim* na anca de *Queixume*. Em frente das arquibancadas, porém do outro lado, não era tamanha assim a distância de *Santarém* à *Vulcain* e o povo vaiava *Pons* e *Ramuntcho* que ainda acabavam de fazer a curva.

Livrando-se do binóculo, Nuno de Almada olhou o professor Magalhães e depois o senhor Louzada; este lhe disse, reconfortantemente:

– Para a distância de 3.200, teu cavalo está sendo maravilhosamente contido. – Calma, vai bem, vai bem. *Santarém* e *Vulcain* estão se esbodegando à toa, para ti ou para o Carlinhos...

Nuno fincou de novo o binóculo nas órbitas. Um alarido o chamara à curiosidade súbita. Era *Vulcain*, na ponta, fazendo a curva. O corpo dele passava avançando pelo de *Santarém* com uma investida segura. *Queixume e Crispim* vinham a seguir; mas, enquanto *Queixume* parecia sumir, na curva, apagado pelo bloco que se lhe juntava, *Crispim* surgia, sempre rente à cerca. Era difícil a noção de perspectiva, os cavalos vinham como que paralelos, em pelotão. Nuno crispara os dedos nos bojos do binóculo vendo *Vulcain* passar para segundo, para terceiro para quarto, enquanto *Queixume* sumira na retaguarda, vencido até por *Pons* e

Ramuntcho. *Santarém* ganhava, embora por pouco, de *Crispim*, cujo nome era um brado uníssono no prado. Diante das "*Gerais*" e da "*Especial*", *Crispim* e *Santarém* alternavam de lugar umas cinco vezes, incrivelmente, mas a gritaria desabrida os fez ficar paralelos.

— *Santarém!*

— *Crispim!*

-*Santarém! Santarém! Santarém! Santarém!!!*

— *Crispim!*

Sob os látegos dos jóqueis, um e outro, em galões, aos ímpetos, se imitavam, à porfia. Mas *Santarém* cedeu; *Crispim* sentiu-lhe o fôlego de fogo no ventre e embarafustou, acuado, voltando *Santarém* de novo à frente, apenas meio focinho. Depois, em vez de meio focinho, meio corpo. Ambos eram bonitos, em suas cores tão diversas, mas seus pescoços ficaram de novo paralelos, superpostos, como de gêmeos, num galope igual, as ventas esticadas, de irmãos, avançando em arrancadas. Pareciam esculpidos em metal, na tarde gloriosa, puxando fraternalmente heróicos um carro de triunfo. Nuno, zonzo, surdo, a vista fulgurada, viu quando os dois atingiram a beira do disco, como vindos duma fuga alucinante, ou como querendo prestar um auxílio súbito.

Crispim. Crispim! CRISPIM! CRISPIM!!!

Um berreiro ensurdecedor aclamava a chegada. Nuno de Almada não viu direito. Pareceu-lhe que ambos tinham cruzado o vencedor perfeitamente iguais, fugindo ambos do clamor. Mas Leonor se atirava a ele! Sujeitos abraçavam-no, machucando-o até. Nas arquibancadas, tropel de gente a descer; vozerio aplaudindo o número de *Crispim* e depois o de *Santarém* que eram afixados.

O presidente cumprimentou Nuno. Os argentinos da delegação do *Jóquei Clube* rodeavam-no, risonhos. Leonor dava pulos e batia palmas, estendia a mão ao pai, preparada para descer com ele. Enquanto isso, campainhas retiniam profusamente confirmando

o resultado. Nuno desceu, com a filha e amigos. O Maia esperava-o embaixo, de cartola marrom, os braços preparados para um escândalo. Seguiram para a cerca, unto ao portão e, por entre fotógrafos, Leonor foi segurar *Crispim*, trazê-lo para *o pesage*. Palmas estrugiam. Chapas foram batidas diante do craque. *Vulcain* entrou garboso, como se tivesse ganho. Depois entrou *Crispim*, seguro pelo Maia. Vinha todo ensaboado de espuma.

* * *

Certa manhã, Nuno recostado no *Daimler*, na Rua São Clemente e Praia de Botafogo abaixo, ia pegar o Mala em Paissandu, para o almoço na *Rotisserie*.

Quase na Curva da Amendoeira o carro cruzou com outro também seu, que o Baltazar dirigia. A um sinal do colega, Marcos parou o carro. O *Cadillac* contornou o refúgio, veio lentamente parar ao lado.

Era, apenas, um recado do Alaric. "O quadro de Rubens tinha chegado". E o Baltazar não soube informar mais nada.

Quando o Maia entrou abrindo a portinhola com espalhafato, Nuno lhe disse logo a novidade:

– Grande coisa! Fui eu que, vendo passar o Baltazar rente a calçada lhe fiz sinal que parasse e lhe disse que te avisasse. O Alaric tinha telefonado e tu já havias saído. Então me telefonou, para adiantar expediente. Mas é um Rubens autêntico? Achei o preço tão barato! Hum!

– É que está incompleto. Apenas uma parte foi pintada, o restante ficou apenas desenhado. Conheço fotografias de perto e de longe, bem como radiografias. O Delhorme, como sabes, muniu-se de toda a comprovação. O Simon é muito sério. Aquela gente toda da Rua do Faubourg Saint-Honoré é muito direita. Olha que me venderam um Mierevelt por um preço bem razoável!

O Carlos quis dar-me por ele quase o dobro! A tela chegou pelo *Alcântara.* Sem demora ficará desimpedida.

– Não deixes de avisar os críticos, do contrário ficam enciumados e te boicotam. Onde vais pôr o quadro? Em São Clemente ou na Avenida Atlântica.

– Em São Clemente. No vestíbulo, defronte do gobelin; ou talvez do lado, no outro vão. Vou reunir amigos quando o inaugurar no lugar definitivo.

– Quando isso? Numa noite de bridge?

– Não. Sexta-feira, aniversário de Ana Maria. Recepção a partir das vinte e duas horas. Antes, jantar só para os parentes. Abro exceção para Dona Lúcia e você.

– Dona Lúcia, heim?

– Hein, o quê?

– Nada. Bonita como quê! Misteriosa. Enigmática. Se para certas mulheres se achou a palavra (para nós intraduzível) *oomph,* para outras o termo *vamp,* para a professora de tua filha se há ainda de descobrir um adjetivo adequado. Por exemplo, melisândica, ou isôldica. Ou um nome próprio tirado de Homero.

Como é o nome todo dela?

– Lúcia Montemor.

– Olá! Até parece Lúcia de Lammermoor. O mais interessante nela é que se deixa observar. Geralmente, toda preceptora tem um feitio embuçado gênero Irmãs Bronte. Algo intermediário entre o estado civil de solteirona e a investidura monacal. Certo ar ortodoxo, se bem me exprimo; ou, melhor ainda, não direi puritano, mas sim fundamentalista.

– Não entendo.

– Explico-me. Mulheres assim, tipo heroínas de Baring, quando tratadas mal pelo destino não perdoam tentativas alheias de *sans façon.* Estão sempre em "guarda", excluem-se de qualquer comunicação pela voz, pelos gestos, pelas roupas; ao passo

que Dona Lúcia conquanto marcada de modo suave por vários complexos, tem desde o semblante aos pés o que eu chamaria a compostura da *Fonte*, aquele quadro de Ingres.

– Como assim? Não percebo.

– Como aquela mulher de ar quase mitológico representando a fonte. Dá de si através do cântaro, não veneno, nem tentação, mas água! Água pura! Puríssima, tendo passado embora por crateras. Dá-se conta do exterior, do que se passa à sua volta, e permanece impassível.

– Às vezes sabe como reagir. Só pelo ademã de compor o cabelo ou de rodar a aliança no dedo. Certa vez, há semanas, na frisa do Municipal, minha mulher levara-a conosco a ver *A Marcha Nupcial*...

– Ana Maria? Ignorava que tua mulher tinha dessas ironias com as amigas!

– ... ela endireitou a gola como para me advertir que estava estranhando a insistência do meu olhar. Outra ocasião, na biblioteca, onde eu procurava *O Tempo Redescoberto*, de Proust só para me aproximar da sua estante, ela me estendeu de lá *A Fugitiva*, do mesmo autor, e se retirou com a maior naturalidade. Sem disfarçar, sem reagir, sem ofender, repõe a pessoa no seu lugar.

– Já te disse que ela provém dos viveiros de Homero ou Sófocles. Por isso não se vexa nem nos humilha. Devia chamar-se Alceste ou Hebe.

– Esquecia-me que você foi professor no Pedro II onde regeu a cadeira de História.

– De História, não; de Literatura Clássica. Só depois de aposentado, quando então dei para aplicar dinheiro em ações, foi que fiquei burro.

– E a prova dessa esclerose, que você mesmo reconhece, é que não acertou o nome que essa criatura devia ter. Penélope, já que o marido anda pelo estrangeiro num arremedo de Ulisses.

Terminado o expediente nos escritórios, a sede carioca das Docas Reunidas ficou praticamente vazia. Quando se viu sozinho, Nuno foi até os arquivos de aço, abriu o de seus negócios pessoais, do qual mais ninguém tinha chave, retirou uma pasta, trouxe-a para a sua mesa, desprendeu de grampos três envelopes cujo conteúdo constituía o exíguo

DOSSIÊ MÁRIO MONTEMOR

Paris, 3 de outubro de 1923.

Meu caro Nuno:

Conforme o teu pedido — que trouxe a rubrica de confidencial mas sem pressa — mandei o Potu, que é habilidoso para averiguações, indagar se estava aqui em Paris, a estudos, o médico brasileiro Dr. Mário Montemor.

Na Embaixada ignoravam; mas no Consulado, embora não o conhecessem, responderam que já, por três ou quatro vezes viera de Ribeirão Preto correspondência registrada para tal pessoa e fora entregue no guichê em hora de expediente. Do livro de assinaturas dos destinatários, tomou então Potu o endereço: Avenida da Ópera, 127, quinto andar, pensão. Lá fingiu encontro por acaso, vindo a saber que ele freqüentava o Hospital Lariboisière pela manhã e ia a aulas de especialização na Faculdade, pela tarde. Que recebia mesada de Ribeirão Preto por intermédio do Banco Francês e Italiano, não passando de dois mil francos. Que tais remessas mandava-as o Dr. Zózimo Dutra, diplomata aposentado e agora fazendeiro. Pelo que, e em vista de tuas ordens, mandei lhe escrever e assinei uma carta comunicando-lhe ter todos os meses, enquanto durasse sua estada em França, dois mil francos à sua disposição na Rue du Bac. Sendo a carta em papel e em envelope timbrados, não se tornaram necessários o número e o nome da firma.

Trata-se de moço distinto, simpático, reservado. Recebi-o pessoalmente. Não a mim, mas ao caixa perguntou donde provinha a remessa. Argutamente lhe foi respondido não se saber visto a ordem vir através duma firma do Rio que cumpria decisão de terceira pessoa não especificada. Ambos, o caixa e ele, deduziram então,

que fosse da parte do próprio Dr. Zózimo (que no momento se ficou sabendo ser seu tio). Com certeza resolvera tal aumento dadas as despesas extraordinárias com os cursos.

Esta vai às pressas, no eventual intervalo de muitos afazeres. Abraços.

J. Delhorme.

*

Paris, 16 de setembro de 1924

Prezado Nuno,

Não! Não me esqueci do sr. Montemor.

Prosseguindo o Potu as suas averiguações, tivemos que alterar a ficha quanto ao endereço, por se haver ele mudado para um apartamentozinho em Courcelles.

Claramente especificaste que só lhe entregássemos a mensalidade no caso de comportamento normal. Ora, isso de juízo em Paris em gente moça, se deve aquilatar com critério elástico, dentro duma faixa de tolerância. De modo que, conquanto o Potu tenha verificado que o Dr. Montemor freqüenta corridas, continuei a fornecer-lhe as mensalidades; mesmo porque isso de hipódromos servem de teste não somente para cavalos.

Sem mais, visto na correspondência epistolar e telegráfica te pormos a par dos negócios, fecho estas linhas.

J. Delhorme

*

Londres; Mapleton Hotel, 5-6-25 .

Amigo Almada,

Dispondo aqui em Londres de mais vagares do que em Paris, quero conversar contigo a respeito do Dr. Montemor. Vão mal as coisas para o lado do teu protegido. Equivoquei-me. Desde meses tenho evitado escrever-te sobre tal assunto; mas a confiança que depositas em mim me obriga a ser franco e a confessar-te que nem sempre nesse caso obedeci às condições que me impuseste.

Assim fiz, porque minha opinião sempre foi que trapalhadas e cabeçadas só se consertam anulando-lhes tanto as causas agudas como os efeitos imediatos, outro meio radical sendo dar conselhos que sacudam a vítima e a reponham nos eixos. Nem podia eu deixar de ser humano ao ver daí a meses por mais duma vez diante de mim um outro Dr. Mário, mal vestido, com barba por fazer, ares de batteur de pavées, a pedir-me adiantamentos e, ultimamente, passagem para o Brasil, mesmo que fosse de terceira classe.

Na verdade, as minhas longas estadas aqui em Londres fizeram Potu relaxar a vigilância e afinal perdê-lo de vista, sem conseguir informes nem mesmo no Consulado, e outro sendo o morador do apartamento da Rue Daru nº 27. Tendo ido a Paris e ficado ciente disso tudo, te telegrafei indagando se podia "devolver" o Dr. Mário ao Brasil, tendo tu respondido em código — "Vai mantendo aí, ora dando, ora negando dinheiro a esse desmiolado que é marido da preceptora de minha filha. Não convém e é inadmissível que com a presença dele aqui esta senhora venha a sofrer mais dissabores e vergonhas, do que os que já sofreu, aponto de ter-se visto na contingência de largar o marido. Dá-lhe com critério algum dinheiro espaçadamente, mas que seja quantia de tal ordem que dela ou delas não se sirva para poder voltar. Disseste-me, e eu já sabia porque li em O ESTADO DE S. PAULO, que o tio dele, ex-ministro e fazendeiro na Mogiana, havia morrido em Santos. Claro que a providência relativa ao regresso compete aos herdeiros ou ao inventariante. Não temos que nos imiscuir nisso".

Esse telegrama cifrado me mostrou uma fase por mim desconhecida da vida pregressa desse moço. E também me fez deduzir que o teu ponto de vista — mantê-lo distante da esposa — coincidia com o do inventariante e até com o do próprio

Dr. Zózimo, quando vivo. Do contrário, como entender a tua atitude e a da família reconhecidamente rica do finado diplomata?

Assim, pois, cumpra-se a ordem mandada em tua primeira carta e reforçada agora pelo telegrama.

Acabei-me convencendo que não tenho vocação para converter ninguém. Há espécies várias de delinqüentes; mas este moço é delinqüente contra si mesmo; é um autoflagelador.

Está pois encerrado, caro Nuno, o nosso dossiê sobre o Dr. Montemor. Nunca mais me dês empreitada igual a esta. Solicitação que te faz

J. Delhorme.

P. S. Volto hoje para Paris.

Esta carta de Londres chegara na semana passada e fora respondida imediatamente nestes termos:

Rio, 24 de Junho de 1925.

Querido Delhorme:

Rematemos de modo sensato as providências sobre o caso Montemor. Se me propus ajudá-lo ainda ao tempo do tio, não tem lógica nem propósito, que abandonemos esse rapaz nas circunstâncias atuais. Porém seria insensatez deixá-lo voltar a afligir a esposa. Paga-lhe uma passagem direta de Marselha, do Havre ou de Bordéus para Santos, e dá-lhe 5.000 francos. Persuade-o, de modo severo, a procurar os herdeiros do tio no Estado de S. Paulo.

Para melhor garantia da paz de Dona Lúcia, sua esposa, somente tomarás estas providências quando eu te telegrafar de Nova York, para onde sigo com a família e a preceptora de Leonor, logo após a Assembléia Geral. A solução que sugiro e determino visa simultaneamente a tranqüilizar-te livrando-te duma prebenda, e a pôr a salvo a dita senhora. Mas a condição que exijo é categórica e dela te faço fiador. Abraços do

Nuno

II

Ao repor aquela correspondência na pasta e guardá-la, Nuno se interpelou com evidente mau humor: "Que raio de idéia minha consultar este estuporado dossiê? Ah!" Bateu na testa. "Foi por causa da carta desta manhã. Onde a meti?" Vasculhou os bolsos, as gavetas da escrivaninha. "O envelope não era endereçado a mim nem tinha sobrescrito a máquina. Minha mulher, minha filha e a preceptora haviam saído às nove horas. Ana Maria me disse que iam à Casa Eritis e que estava com idéia das três prosseguirem até Teresópolis aproveitando lá o fim-de-semana. Fiquei em casa porque me tinham telefonado que o caminhão com as seis estantes e o quadro de Rubens deveria estar saindo da Alfândega. Nisto ouvi falatório no parque e logo depois no jardim; desci depressa, enxerguei o caminhão parado ali na rua São Clemente, bem na esquina e impedindo o bonde que descia e o que subia. Já haviam aberto o portão lateral defronte da garagem, mas o acesso estava impedido por causa das obras na pérgola. Tinham vindo então para o da frente. Pus-me a gritar com o porteiro que invés de agir atendia ao ajudante do Tornycroft e a uma mulher, ao mesmo tempo. Ante os meus berros, ele me entregou uma papelada, foi escancarar o portão por onde logo saiu a tal mulher que reconheci ser a tia de Dona Lúcia. Providenciei a subida do Tornycroft pela rampa até o pórtico. Ele parou tão acertadamente, ladeando a porta nobre do vestíbulo, que foi fácil ao motorista e aos dois ajudantes descarregarem-no enquanto eu e Martinho os

orientávamos quanto aos lugares diferentes onde deviam depor as estantes e a tela.

"Mas eu devia presidir a uma reunião importante na cidade, já estava atrasado. Atendi afobadamente ao Martinho quando ele, munido do dinheiro para as gorgetas, me pediu para assinar a guia da empresa transportadora. Custei a encontrá-la, só aparecendo e me atrapalhando os documentos aduaneiros, os almaços do despachante e um envelope com vários carimbos em cima de selos da França. Afinal surgiu a guia; assinei-a e larguei tudo nem sei onde. A caminho do carro recomendei ao Martinho e ao Ciríaco que não bulissem, até eu voltar, nas estantes engradadas e no quadro embalado."

"Positivamente presidi mal e às pressas o Conselho Fiscal. Mas se todos já saíram, por que motivo ainda fiquei, se me sinto tão alvoroçado? E o pior é que já agora não é a urgência de voltar para casa que me ataranta, do contrário eu não teria aberto o arquivo e me posto a ler a correspondência do Delhorme. Ah! Sim. É a carta. A carta trazida pela tia de Dona Lúcia. Onde a meti? Não está em nenhum bolso, em nenhuma gaveta da escrivaninha. Pela certa ficou entre a papelada."

Afinal desceu, percebendo que o ascensorista e o porteiro deram graças a Deus quando o viram tomar o carro parado no refúgio da Avenida Central ali na esquina da rua Teófilo Ottoni.

Durante o trajeto, pensava:

"Pouco ou nada li de Freud tão em voga entre psiquiatras e psicólogos. Pela certa o meu amigo Juliano Moreira me explicaria: 'Não foi a chegada das estantes nem do quadro que te excitou. Foi a carta que a tia de Dona Lúcia, ao saber que a sobrinha se achava ausente, entregou ao guarda-portão. Trata-se de *geste manqué*; isto é, um ímpeto do teu subconsciente te fez largá-la como se ao pegá-la sentisses um choque. E tu o neutralizaste repondo-a no chumaço de documentos onde a metera o guarda-portão'."

Em casa, mandou sustar o almoço até nova ordem. Não teve outro remédio senão consentir que Ciríaco, Martinho e um dos jardineiros desengradassem as estantes e o quadro. Enquanto eles caprichavam nisso, ao invés de assistir, foi procurar a papelada, sempre com a idéia presa na carta.

– Martinho, onde estão os documentos do despacho da Alfândega?

– Não ficaram com o senhor?

Haja procurá-los.

Nada.

–Terei levado para a cidade? Terei esquecido dentro do *Daimier?* Ciríaco foi ver.

Nada.

Ao sentar-se para o almoço, explicou aos três mais a outros criados onde queria que pusessem as estantes. E quando eles acabaram de desembalar o Rubens, veio lá da sala com um copo na mão, admirar a tela. Pouco se demorou. Tinha a tarde toda disponível para isso. Foi terminar o almoço. A copeira lhe disse quando ele rejeitou a sobremesa:

– Natural, não é mesmo? A patroa não está.

Agora a turma limpava o chão, varrendo, lavando e brunindo os losangos azuis e brancos que tinham ficado repletos de sarrafos, pregos, cordas, barbantes, encerados, taxas e pedaços de aniagem.

Levou boa parte da tarde a contemplar a tela, mas de carranca fechada para assim a famulagem, que vinha espiar, não lhe pedir explicações. De vez em quando se via a abrir as gavetas da escrivaninha, a revistar as credências e os dunquerques, as poltronas e os sofás, até mesmo os bolsos do jaquetão.

"Melhor este Rubens inacabado fazer simetria com o Gobelin, cada qual ocupando um vão da parede cuja porta central dá para a primeira sala. Por enquanto não o mando dependurar. Deixo-o

encostado, à espera de que Ana Maria volte de Teresópolis. Aliás, ela não pode demorar porque sexta-feira é seu aniversário e tem que vir presidir os preparativos para a recepção. Ainda não lhe disse que logo após a Assembléia Geral iremos todos passar dois meses em Nova York. Inclusive Leonor que fará questão de levar a sua preceptora. Não lhes disse nada porque tudo vai depender do resultado da Assembléia Geral. Sei que conto com a maioria; em todo o caso..."

* * *

Domingo, estando Nuno no Iate Clube com o Maurício Gudin e o Guerra Duval, a turma que lavava os três boxes da garagem, no parque, ao remover esquadrias, aniagens, encerados, cordas, barbantes e pregos para o porão, encontrou um maço de papéis entre os sarrafos. Ainda bem que não o molharam com o jato da mangueira. Lamelas trouxe-o para a sala onde estavam enfileiradas em ângulo as seis estantes e largou-o numa das prateleiras.

Nuno, de volta do Hipódromo da Gávea, enquanto não o chamavam para o jantar deteve-se no vestíbulo, para o que acendeu o lustre inteiro; empolgou-se com a tela embora ainda encostada embaixo, na parede; deu ordem para que se telefonassem o dessem como ausente; foi percorrer a futura segunda biblioteca por enquanto vazia, apenas com a estantes. Calcou o comutador e de repente deu com a papelada.

"Arre! Até parece bruxaria."

O copeiro Alexandre explicou o milagre, e desceu à adega para escolher o vinho predileto do patrão.

Este, então, com a maior cautela extraiu apenas a carta. Quando Alexandre voltou com duas garrafas, perguntando qual a que devia abrir, lhe respondeu:

– Qualquer uma. Leve a outra para vocês lá na copa.

Vendo-se assim sozinho, analisou o envelope. Bem no centro, uma ortografia alta, nervosa, traçara:

Exma. Sra.
D. Lúcia Montemor.
Aos cuidados de
D. Martha da Cunha e Lello. Rua Silveira Martins, 148 Catete

RIO DE JANEIRO
BRASIL

"Só pode ser do marido. Não tendo mais a quem recorrer, não vacilou em quebrar a tranqüilidade de quem só a encontrou longe dele."

Durante o jantar solitário, a carta inclinada rente a um galheteiro assumia a função dum *écran* minúsculo onde os pensamentos de Nuno se sucediam pelo sistema cinematográfico da dissolvência encadeada.

"Não tenciono em absoluto violar a carta e nem mesmo interceptála. Meu intento único é adiar a entrega para quando já houvermos, Ana Maria e eu, preparado o espírito da destinatária. O reforço desse preparo será antes a comunicação da viagem aos Estados Unidos. A conversa só poderá ser depois do aniversário de minha mulher. Exatamente mesmo, quando for preciso reunir os documentos individuais para o visa no consulado norte-americano e na Polícia Central. Portanto, se antes disso, isto é, se nesse ínterim Dona Marta reaparecer ou a sobrinha a vier visitar, é lógico que virá à baila a malfadada carta. Se suceder qualquer das duas hipóteses, então, em face da estranheza do sumiço e respectiva reclamação, porei a governante, o mordomo, minha mulher, a própria Dona Lúcia e eu próprio à procura desta carta que dentro de dez minutos voltará ao lugar onde a encontrei.

Só que ao invés da prateleira baixa, uma acima, por ser menos fácil.

"Mas, Dona Lúcia, ciente do teor da carta, aquiescerá em embarcar conosco? Creio que sim... Suponho que sim. Certeza integral não tenho, a deduzir da conversa que há um ano se travou entre ela e minha mulher."

Agora as cenas decorriam ali no pequeno *écran*, mas em *flash-back*:

"Alugáramos uma *suíte* no Palace Hotel, em Poços de Caldas. Ana Maria e eu dormíamos num apartamento, e Leonor mais a preceptora dormiam no outro. Ambos ligados por uma porta. Ora, certa manhã fria e nevoenta achava-me eu de *chambre* sentado numa *chaise-longue* no amplo balcão que dá para o parque, a aquecer-me ao sol indeciso, a fumar cachimbo e a ler o *Estado de São Paulo*, quando ouvi Ana Maria dizer lá dentro: 'Quem é? Ah! É você, Lúcia?! Entre'. Incógnito mas não intruso, escutei sem ser pressentido este diálogo:

'Sente-se. Já tomou café? Onde está Leonor?'

'Dormindo ainda.'

'Que cara é essa?'

'Imagine, Ana Maria, com quem esbarrei na piscina! Margarida Tancredo. E sabe o que ela me contou numa conversa de mais de hora? Que esteve com o marido na Europa e que em Paris se encontraram sabe você com quem? Com Mário. Ela contou-lhe que estivera comigo no Guarujá, e a mim me contou que esteve no apartamento dele em Paris.'

'Nós sabíamos que o tio o mandara aperfeiçoar-se na Europa. Nunca dissemos a você, crentes de que soubesse; e também para não turvarmos águas plácidas.'

'Não sei se fizeram bem, mas agradeço a boa intenção.'

'Ele nunca lhe escreveu desde que você o deixou?'

'Nunca.'

'E se um dia voltar, reabilitado, você lhe reabriria um crédito de confiança?'

"Houve demora na resposta:

'Isso só Deus é quem sabe. Aquela noite em que saí de casa, o Destino, a fim de testar o grau da minha decisão, armou um temporal para que eu ou voltasse ou varasse a tempestade continuando a fugir. Você bem sabe que não vacilei.'

'Desculpe uma pergunta: você quando se casou com ele já não o conhecia de sobra?

'Para papai e para a baronesa de Sincorá, mãe de Mário, esse casamento foi apenas de interesse dos dois. Queriam ver se não acabavam de perder o que ainda restava, após hipotecas,penhoras e vendas, da Fazenda de São Romão, e da Fazenda da Bemposta, que eram limítrofes. Mas para nós, que engatinhamos juntos nos dois terreiros de café e nas largas tábuas dos salões decrépitos, o amor foi uma espécie de planta dupla que crescia na cerca e que duas famílias regavam.'

'Compreendo.'

'Suponho que no seu caso, Ana Maria, e no de Seu Nuno de Almada, o amor foi o aparecimento inesperado dum mistério entre dois desconhecidos.'

'Exatamente. Vimo-nos umas dez vezes. Daí a dois meses ficamos noivos e daí a outros dois meses casávamos.'

'Ao passo que eu conheci até demais meu marido que em criança eu supunha ser meu irmão, quando já menina supunha ser meu primo, quando já estudante considerava meu noivo com o beneplácito e a insistência das duas famílias. Tal sentimento se intensificou quando ficamos cientes do descalabro material das duas fazendas; e até nos casamos quando ainda estávamos de luto. Mário, pelo falecimento da baronesa vitimada por miocardite; eu, pela morte de meu pai que sucumbiu durante a gripe espanhola de 18. As duas famílias provinham de latifundiários da região das

Garupas. Plantavam café. Papai, absorvido pela política, pois foi deputado em duas legislaturas, herdara a banca de advogado do pai, do avô e do bisavô que viviam trançando pelas antigas comarcas do Senhor Bom Jesus do Livramento do Bananal, São José do Barreiro, São Miguel de Areias, São João Batista de Queluz e Nossa Senhora da Piedade de Guaiapacaré.'

"Ana Maria encarou-a, com ar pensativo. Lúcia ponderou, como a rebater-lhe um pensamento não expressado:

'Podia parecer que a afeição que nos empolgava nada mais fosse do que o hábito do convívio cotidiano, da rotina vulgaríssima. Mesmo porque ele se fartou de me dar provas de falta de juízo, de irresponsabilidade. Que podia eu esperar dum marido que quando ginasiano berrava com a mãe por causa de dinheiro, que quando da lua-de-mel entrava em casa altas horas da noite, que seis meses depois empenhava o meu piano que afinal perdemos por falta de resgate?! Que se atrasava no pagamento das contas de gás, luz e telefone a ponto de serem interrompidos? Se aturei, se perdoei não foi com certeza por me faltar brio nem discernimento, mas sim porque me sentia na obrigação instintiva de dominá-lo, de corrigi-lo.'

'Cuidava isso possível?'

'Cuidei, até que uma, ou antes duas provas de falta de caráter me fizeram largá-lo. Mas o larguei pensando no reflexo que isso teve em mim, e não por o considerar um indivíduo capaz do que foi. Talvez o larguei quando mais precisava de mim.'

"Calou-se, encarou Ana Maria, fugiu para o seu quarto, não apareceu para as refeições, só voltou ao natural na viagem de regresso ao Rio."

Da sala de jantar Nuno passou pela sala das estantes, depôs o envelope dentro da papelada que mudou para a prateleira superior onde só na ponta dos pés se poderia vê-la. Recolheu-se cedo aos seus aposentos.

Perdeu o sono.

Os pensamentos, acometiam-no em rajadas.

"Que idade terá ela? Menos três ou quatro do que Ana Maria. Contudo, ambas se prepararam no Colégio Bom Conselho, de Taubaté, para a existência, isto é, para o Acaso. Vestiam uniformes iguais, aprendiam as mesmas lições, como se idênticas viessem a ser as suas vidas. É justo, uma haver sido obrigada a desmanchar a residência e a outra morar em três palácios aqui no Rio? Ah! As duas podem servir não de exemplos mas de amostras do que é a Sorte, o Destino. Que soluções estabeleceu a Sociedade, estatuiu a Justiça para casos como o de Dona Lúcia? A separação... O desquite; às vezes, a anulação do casamento. Em dados países, o divórcio, a possibilidade de novo matrimônio. Ela não se separou do marido mediante graduais decisões. Largou-o de chofre, repentinamente, ao surpreender-lhe atos quase imediatos de indignidade abominável. Foi em tais condições que despencou sobre nós, como ave atingida por um disparo. Há três anos que vive aqui, a bem dizer integrada na família. Sentimos por ela crescente simpatia, sem dúvida alguma bem mais do que correspondida. "Integrada" não é o termo exato, pois dispõe duma personalidade em ascensão que a diferencia das outras pessoas devido ao clímax sobre-humano que lhe revela uma alma vivaz num corpo resignado. Isso é tão notório aos olhos de qualquer um que o próprio Maia logo que a viu a comparou a seres mitológicos... Alceste, Hebe. Mas a interrupção da vida conjugal íntima não lhe acarreta um solipsismo anômalo, pela obrigatoriedade do comportamento? Mesmo assim, isto é, obedecendo a entraves de ordem ética e religiosa, ela deixa de continuar a se sentir mulher, corporalmente, já que o é de modo tão sensível através do temperamento?"

Nuno revirou-se na cama, abrangendo quase o lugar de Ana Maria. Procurava estancar o raciocínio, tendo escrúpulos

em sondar ou pelo menos em rondar tamanho mistério, cuja condição *sine qua non* é a ambivalência.

Ambivalência?!

Noite adentro, no círculo de treva ora centrípeta ora centrífuga da insônia em que se debatia, três palavras paroxítonas sacolejavam no seu cérebro como três dados de marfim: incluso. Intruso. Excluso.

* * *

Daí a dias o sócio escreveu-lhe esta carta:

Paris, 9 de julho de 1925

Caro Nuno:

Cá estou de novo em Paris, neste meu posto crônico. Embora ainda não haja tempo para resposta tua à carta, com a qual fechei a nossa correspondência particular relativa ao Dr. Montemor, lastimo informar-te que quaisquer ordens a seu respeito serão inúteis, infelizmente.

Pensei telegrafar-te; mas somente uma carta é cabível nesta triste conjuntura.

Como era natural, indaguei do Potu informes sobre ele. E estranhei que o caixa me devolvesse intato o dinheiro que eu lhe deixara afim de ir fornecendo pequenas quantias ao Dr. Mário, o que não ocorreu porque este levou quase dois meses sem aparecer, apenas havendo telefonado ultimamente quando o caixa saíra para o almoço.

Potu disse-me que nunca mais vira o médico. "Com certeza regressou ao Brasil. "Mandei-o indagar nas companhias de navegação. Ao cabo de horas reapareceu e declarou com aquela sua voz de eunuco: "Está com passagem reservada e paga na agência da Mala Real Inglesa. Partida adiada indefinidamente por motivo de doença. Copiei o endereço dele do livro de passagens reservadas."

Toquei imediatamente para Neuilly.

Era uma espécie de vila numa esquina entre altos muros. Atrás erguiam-se dois sobrados compridos. Através do portão de ferro vi no jardim um homem com enorme

regador a borrifar um canteiro de rosas. Veio atender-me. Reconheci-o logo. Tanto dos retratos publicados em jornais e revistas como de o haver visto em livrarias e exposições. Era o conde Teodósio da Terra Chá, que durante anos até 1914 mantivera o grupo dos escritores católicos dos célebres CAHIERS.

Fingindo não reconhecê-lo, e de fato nunca lhe fui apresentado, indaguei se era ali que estava morando o médico brasileiro Dr. Mário Montemor.

Abriu o portão, para que eu entrasse; paramos perto dum poço revestido de hera. E então falou:

"Não está mais aqui. Non est hic. E sim no cemitério local para onde o levamos há cinco dias visto não ter vindo do Brasil resposta à comunicação e à pergunta se deveríamos remeter o corpo para lá. E o senhor quem é? Parente? Amigo?"

"Conhecíamos-nos daqui de Paris. Costumava visitar-me nos escritórios da empresa. Permaneci muito tempo em Londres, donde voltei há dias. Como não soubessem dar-me notícias dele supus que houvesse embarcado. Na Mala Real informaram-me que de fato ele estava com passagem reservada e paga mas ainda sem data certa para a partida por se achar doente. E lá me forneceram este endereço."

"Vamos para o meu escritório."

Fomos. Instalados um diante do outro na biblioteca, trocamos primeiramente algumas frases protocolares sobre o infausto passamento, que é como toda gente faz em tais ocasiões. Depois ele entrou em minúcias:

"Ao voltar do centro de Paris e dar com aquela cena — o pobre moço morto estirado na cama entre duas velas que Gertrudes, a empregada, acendera — compreendi o motivo de tantos estudantes dentro da vila vindos da alameda e dos pórticos. Comuniquei-me logo com o Dr. Ribadeau-Dumas e com o cônsul brasileiro. Ambos chegaram quase ao mesmo tempo. Constatada a morte, o médico só se demorou o tempo suficiente para lavrar a certidão de óbito. O cônsul foi telegrafar para S. Paulo servindo-se de nome e endereço encontrados numa das folhas do passaporte. Tendo aguardado a resposta à consulta sobre transferência do corpo, providenciou já na hora extrema o enterro. Quanto a mim e ao pintor Shebanov tudo fizemos por ele, porém demasiado tarde." Mostrou-me um quadro na parede, prosseguiu. "Quando todos o abandonaram quer no Brasil quer na França, uns para o deixarem a sós com a sua consciência, outros para o deixarem a sós com as suas tentações, a Graça o

atingiu na igreja de São Roque onde ele desmaiou pois que, como o anjo de Rilke, ela é terrivelmente bela e atlética.

"Ele faleceu lá?"

"Não; aqui no jardim, perto do poço e da figueira ao voltar dum passeio a pé. Caiu com uma hemoptise. Mas a causa mortis foi infiltração caseo-ulcerosa dos dois pulmões. Aquele que ali está, que morreu na cruz para remir a humanidade, no caso do Dr. Mário, teve que descer dela para o salvar. Grande notívago que foi, andando a esmo por estradas e ruas, subconscientemente procurava e logicamente O encontrou aqui nesse cassino espiritual onde acertou a última PARADA. Da minha parte, agi valendo-me do nome e do endereço duma tia do casal, no Rio, que o Dr. Mário me deixara copiar do envelope da carta que escrevera quatro dias antes à sua esposa. Não, não telegrafei. Pois se antes, quando ainda havia recurso, não se teve pressa, para que se ter agora que nada mais era viável? Remeti para o Rio, junto com a minha carta, o passaporte, o diploma de médico, o certificado de especialização e a certidão de óbito. Tudo sob registro." Como se tivesse acabado de desincumbir-se de missão cujo relato exigia ênfase, voltou ao natural, convidando-me a percorrer as colegiadas. Quando me despedi desse alentado alentejano que ao abraçar-me roçou o meu rosto com as suas enormes barbas a João de Deus, tive a sensação de durante estes anos haver sido cúmplice dalgum equívoco, do qual também foste parte. Quero, não em carta, mas quando eu for ao Rio, que me elucides esse mistério. Teu amigo ainda estupefato,

Delhorme."

III

Sexta-feira. Aniversário de Ana Maria. Terminou o jantar oferecido apenas a nove casais. Motivo dessa regalia: serem parentes.

Às vinte e duas horas, a criadagem acabou de recompor a sala igualando-a às demais. Começa agora a recepção propriamente dita.

Os automóveis, à medida que se esvaziam no pórtico, se vão enfileirar nos dois lados de São Clemente e da rua transversal. E isso porque nove outros (Renault, Mercedes, Sunbeam, Delaunay, Benz, Fiat, Lancia, Stutz e Delage) estacionam na alameda interna do jardim até o começo do parque. As sebes de murta que acompanham o gradil em ângulo reto já não vedam o palacete como durante o dia porque os globos luminosos dentro das moitas de hortênsias aclaram a fachada, o peristilo e as paredes.

A desenvoltura com que os convidados, entrando, se orientam para os sucessivos salões testifica intimidade antiga e freqüência relativa. Em todo o caso, corbelhas indicam o salão Luís XV, onde deve estar Ana Maria, ao passo que vozerio, risadas e fumaça de charutos e cigarros na sala Regência garantem a presença ali de Nuno, muito embora ele, não podendo ser ubíquo nem simultâneo, seja substituído aqui e acolá pelo irmão Eduardo ou por Thompson e Alaric.

Na pérgola, a orquestra atrai para o parque a parentela juvenil de Leonor e, para as cadeiras e as mesas rococó que ladeiam a piscina, os rapazes e as moças, pois não faz frio e há luar. As estátuas das Quatro Estações geometrizam o bucolismo desse espaço.

Quem se distraiu lá fora e reentra atravessa a sala Mierevelt onde as matronas Lara e Almada – várias matriarcas paulistas que tagarelaram durante o banquete familiar mas que encabulam em sociedade – aglutinam rodas de amigas ainda da geração da Belle Époque da Avenida Paulista e de Higienópolis em São Paulo e das ruas Voluntários da Pátria e Conde de Bonfim, do Rio; discorrem não mais como outrora sobre leques, camafeus e febre amarela, e sim sobre os vestidos Dior, Poiret e Chanel dentro dos quais passam para a sala Degas suas rivais de Campinas e Jaú que, comandadas pela viúva Crisóstomo Cunha e pela fazendeira Alice Bebert, não se misturam com paulistanas nem com cariocas.

Uma verdadeira frota de carrinhos com iguarias, louças, talheres, copos, guardanapos, taças, garrafas e magnuns gira suas rodas delicadas sobre losangos bicolores e tapetes orientais indo fazer rápidas e constantes cabotagens nos recintos de maior aglomeração; por exemplo, na sala-museu, de cujas paredes pendem preciosidades acadêmicas e vanguardísticas. Um Frans Post, de 1660; um Agostinho Pereira da Silva, de 1729; um Nicolas Antoine, de 1821; um Monvoisin, de 1846; um Facchinetti, de 1889; um diminuto Castagneto, de 1894. Os copos e os cinzeiros em cima dos dunquerques indicam ajuntamento maior da geração nova diante dum Picasso da fase azul; dum Matisse e do período das odaliscas, dum Léger pós-cubista; dum Segal pintado ainda em Berlim; duma Anita Maffalti expressionista; dum Rego Monteiro influenciado pelos mexicanos; dum Cícero Dias apresentando um engenho pernambucano visto a bem dizer *à vol d'oiseau*.

Depois a frota rabelaisiana ruma para o largo, isto é, para o jardim e para o parque onde corsários (estudantes e normalistas, namorados e noivos) lhe fazem abordagem. Vai em seguida estacionar no porão, como num estaleiro. Ali há quatro bilhares, e enquanto os oito parceiros fazem pontaria ou esfregam giz nos

tacos, os futuros substitutos comem caviar, canapés de enchovas, empadinhas, croquetes, e bebem gim, conhaques, uísque, Malaga, Madeira e Porto.

Se no andar térreo e no andar superior há constante vaivém nas salas, ali no porão o tenente Lara, o coronel Brito, o capitão-de-fragata Muniz e o engenheiro Nunes, na mesa dos fundos enquanto comem, bebem e esperam, aludem em voz baixa ao aniversário da Revolução de 24 em São Paulo, referem-se ao general Isidoro Dias Lopes exilado em Buenos Aires, e a amigos do grupo Os Dezoito de Copacabana, presos na ilha Grande. E isso, embora num côncavo de mistério, diminui a atmosfera frívola da recepção.

Frívola sim, conquanto no bar do outro lado do pórtico e onde sempre se isolam os *turfmen* não se fale de mulheres mas de éguas, não se elogiem homens mas cavalos, não se comentem dividendos mas *forfaits*.

* * *

Vinte e três horas e meia. Tempo exato em que há vinte e nove anos nasceu Ana Maria. Inauguração da tela de Rubens. Junto da escadaria o relógio-carrilhão de Antuérpia convoca toda gente: a que no *boudoir* de Ana Maria admira os presentes recebidos; a que nas salas, salões e galerias mostra que ainda há classes sociais; a que namora em redor da piscina; a que faz parte da burocracia das Docas Reunidas; a que mistura política doméstica com política internacional.

A criadagem que desde as vinte e duas horas não cessava de sitiar toda a área interna e externa da mansão, agora forma uma circunferência no vestíbulo por onde ecoa o espocar das rolhas.

O poeta surdo e nefelibata Hermes Fontes enaltece "o himeneu de Veuve Clicquot e Cordon Rouge". Nenê Cintra lhe responde bem no ouvido:

– Pois eu patrioticamente prefiro o celibato indígena do guaraná...

Corrida a cortina de veludo, ouvem-se palmas, exclamações. Nenhum discurso. Assim que Nuno e Ana tocam suas taças logo se generaliza um contraponto de tinidos cristalinos. Todos querem aproximar-se mais do quadro. Nuno põe-se a contar como aquele Rubens lhe viera ter às mãos. Primeiro o histórico, desde os tempos de Maria de Medicis. Depois, os primitivos donos. A seguir, o sumiço. Por fim, o reaparecimento em Dresden. Pormenoriza as negociações de Delhorme em Paris quando a tela apareceu à venda no Faubourg Saint-Honoré. Provavelmente se tratava dum trabalho mais gráfico do que plástico, talvez a primeira idéia ou um dos ensaios para *A Fuga de Loth e Família*, propriedade do Louvre. Que achavam os amigos do lugar ali entre a escadaria e a porta do primeiro salão, paralelamente à tapeçaria *O Batismo de Clóvis?*

Leonor, que fora quem puxara o cordão da cortina, é entregue a Lúcia e a Águeda. Alguns convivas a beijam antes dela subir para seus aposentos.

– Desfeita a aglomeração do vestíbulo, vários afluentes humanos refluem para suas matrizes – diz Homero Prates a Eugeninha Álvaro Moreira.

De fato salas e salões se repovoam de novo.

Nuno se sente pegado pelo braço. É o Dr. Frota que o leva escoltado pelo bando masculino a ouvir na biblioteca o Prof. Fernando Magalhães descrever o seu sonho mais recente.

A sala das estantes virou deveras excelente biblioteca para bibliófilos porque Delhorme arrematou num leilão da Rue du Four o acervo do conde de Poncins; alguns volumes tiveram que ser reencadernados porque a travessia marítima os danificara.

O célebre obstetra da Maternidade das Laranjeiras provoca risadas em individualidades da política e das finanças cujos filhos ele "sacou" cá para fora, para este mundo:

– Imaginem vocês que era no dia do dilúvio. Bem na hora das cataratas celestiais se despejarem sobre a Terra. A arca já estava fechada, pronta para, quando houvesse suficiente calado, principiar a singrar. Os passadiços, o bojo, a popa, a proa, o convés, as escotilhas, tudo estava superlotado de animais, sem contar a família do patriarca Noé. Eu, por equívoco, era parte, e me achava ali como um Pero Vaz Caminha, isto é, a fim de tomar notas. Ribombavam trovões; raios espetavam-se nas serras como farpas nas papadas de mamutes. A enchente já atingira o local onde a arca havia sido minuciosamente construída e calafetada. Foi então, quando balouçou, no primeiro sinal de que seria eficiente, que vi – e os bichos viram – surgir correndo para nós, isto é, para a arca, para Noé, para mim a família do grande] urisconsulto Clodoveu. Ele, como sempre, de sobrecasaca e os malares do rosto parecendo maçãs vermelhas; a senhora Dona Anália, de vestido desbotado, triturado; a prole feminina com ares cândidos de anjos adultos de procissão em Olinda. Não diziam nada, não chamavam, não pediam que esperássemos. Bastava, para entendermos (e eu entendi, o macaco entendeu a girafa idem, idem o elefante) que a pressa, a angústia, a decepção, o ar de misericórdia da matrona surda, do homem boníssimo, o atarantamento das filhas iam ter o dom de fazer a arca parar. Dito e feito. O monstro de troncos e tábuas parou, deu marcha à ré, a primeira marcha à ré técnica da História. E assim foi poupada da intempérie e da exterminação total essa família da Rua Haddock Lobo que desde então todas as tardes anda da porta do Garnier para a Confeitaria Colombo e da Confeitaria Colombo para a porta do Garnier, a mostrar que é gente de antes do Pentateuco.

Ataulfo de Paiva solicitou:

– Fernando, não caçoe dessa gente. Aquele homem veio de Viçosa, do Estado do Ceará, como um santo despachado da Úmbria medieval para nos ensinar a Bondade.

Nuno, Eduardo e Agenor Porto foram acometidos duma espécie de convulsão de riso. Saíram, desceram até a pérgola onde a orquestra tocava um *blue*. Ali, aliviado entre o irmão fazendeiro e seu médico, Nuno teve que olhar para o céu a pedido insistente do juiz Hermenegildo que lhe mostrava uma constelação.

– Saiba o amigo que de estrelas só conheço as de cinema porque sempre que o meu barbeiro me vem escanhoar leio a *Cena Muda* para não ouvir futebol.

O Prof. Agenor despediu-se.

– Vou sair à inglesa.

Logo após ele saiu Maurício Gudin agitando como adeus a sua cabeleira prematuramente branca. Imitou-os o Prof. Moreira.

– Também já nos deixa? Qual! Você é mesmo um Juliano Apóstata.

Casais parentes da família, tanto os Lara como os Almadas, também se foram esgueirando. Nuno ia reentrar quando apareceu vindo lá de dentro assim de casaca e cartola, *cache-col*, luvas e bengala, o Maia.

– Retiro-me por abandonado. Tu te estás vendendo caro a nós financistas. – Todos sabiam que ele só tinha dívidas, que Nuno o herdara do velho Amaro e para disfarçar a constante ajuda o encarregava de tornar vernáculos os relatórios, as atas dos Conselhos Fiscais e das Assembléias Gerais, tolerando-o como suposto e eventual substituto de escrevente. Deste agora para crítico de arte, colecionador. Já me vou resignando à ingratidão dos homens e ao desdém das mulheres. Ontem pintei o cabelo. Envelheço tetricamente. Vim aqui hoje trazer os meus respeitos a Dona Ana Maria, mas também para te dar uns conselhos quanto ao Frigorífico Atlante. Sei que só eu dizer-te isso bastará para segunda-feira mandares o Thompson ou o Alaric à Bolsa dos Corretores. Ris? Já sei: comprarás ações, ganharás e dirás como sempre que foi idéia genial tua. Quem te abriu os olhos quando

os americanos quiseram te solapar nos Moinhos montando outro maior em Campos? Arrastavam-te as asas, fingindo ir a Teresópolis ver os teus viveiros de periquitos. E quanto ao lado sentimental? Quem te arranjou a Marwenga, a cortesã de mais alto coturno que já pisou aqui? Sim, aqui!

– Aqui em casa? Homessa!

– Aqui, o Rio, o Brasil, a América do Sul, homem! Quem te avisou que a Leonardi, a intérprete de *Manon* te enganava com o secretário fascista da Embaixada Italiana? Franzes os olhos? Esta reminiscência te faz mal? De quem te serves para enganar Ana Maria? "O Maia está no São Sebastião, com cólicas na vesícula biliar..." Cólicas, eu? Vesícula foi coisa que me extraiu o Gudin com trezentas pedrinhas. Tenho ainda a outra, sim, mas essa mesmo... E agora, a propósito dessa tua pretensão a um romancezinho lírico, nada, nem sequer uma palavra. Sonso! E muito boa-noite. Era o que eu tinha a dizer.

– Qual romance? Vai ver que bebeste muito. Já proibi o Martinho de te servir mais de cinco doses.

– Pensas que sou palerma? Fui companheiro de farras de teu pai, o velho Amaro, em tudo quanto é praia de banhos da Europa. San Sebastian, Biarritz, Deauville, Cannes, Viareggio. Conheço muito bem os Almadas. Pensas que não vi teus derriços e derretimentos com Penélope esta noite, ela a dizer que já bebera o suficiente, a fingir que tapava com os dedos o copo, a taça, e tu a insistires ora com Sauternes, ora com Château-Lafite e ainda agora com Veuve Clicquot?! Outrora eras franco, aconselhavas-te comigo. Hoje em dia me eliminas, apenas me toleras. Adeus.

– Espera. Vou mandar levar-te de carro.

– Obrigado. Prescindo. Prefiro andar a pé um pouco. Vou até o Largo dos Leões à residência da mulher dum caixeiro-viajante que está percorrendo a Baixada Fluminense.

Nuno viu-o ladear a fila de automóveis, oferecer ao guarda-portão um charuto (dos vários que surrupiara pelas salas). No vestíbulo quase esbarrou no Alaric que o levando para a biblioteca lhe entregou uma carta.

– Chegou esta tarde. Vi pelo envelope timbrado que era do Delhorme; por isso não a deixei nos escritórios. Esta recepção tornou o senhor inacessível.

– Obrigado. Decerto só nos veremos segunda-feira. Prepare tudo na sede das Docas Reunidas para a Assembléia Geral das dez horas da manhã. – Subiu para os seus aposentos. "Até parece noite de Natal ou de passagem de ano. Os presentes para Ana Maria invadem até o meu quarto." – Acendeu mais luzes. Sentou-se ao contrário numa cadeira Aubusson, como num selim, rasgou o envelope.

* * *

Lera depressa; e ainda por cima preocupado: e se Ana Maria subisse, o encontrasse? Perguntaria o que era. Sentiu-se mal. Ficou imóvel, com as folhas numa das mãos, o envelope na outra. Sabia o que era. Já havia tido dois ou três acessos assim. Tendo ido consultar o Prof. Agenor Porto, seu amigo, este o auscultara, lhe medira a pressão, lhe passara uma descompostura. "Ora, o que havia de ser? Trata-se de extra-sístole. Acaso esperas outra coisa do gênero de estafa em que vives?!"

Fechou-se no quarto de vestir, acendeu o abajur para poder ler direito. Dobrou as folhas, meteu-as no envelope, enfiou-o no bolso interno da casaca.

"Afinal de contas esta notícia é confidencial. Somente pra mim. Pela certa Dona Lúcia será informada oficialmente... diretamente pelos parentes do marido. Ou lhe telegrafam ou lhe escrevem lá de Ribeirão Preto. Talvez apareçam aqui para a comunicação. Ou

talvez suponham que ela saiba mediante carta de Paris. Devo ou não devo imiscuir-me nisto? Preciso sair, ficar sozinho, apanhar ar. Bom pretexto é levar o casal Muniz Aragão ao Copacabana Palace Hotel. Deixo lá os dois e durante a volta resolvo melhor."

Desceu. E em obediência reflexa a um instinto se encaminhou para a sala onde Ana Maria se entretinha com a sua equipe de amigas prediletas. Instalou-se ao lado de Noêmia Hime, fingiu prestar atenção aos comentários dela sobre o filme de Griffith, que estavam levando no Odeon.

Nisto entrou Lúcia, sinal de que Leonor já pegara no sono. Ana Maria a faz sentar ao seu lado porque as amigas se acham situadas na frente. Lúcia não se acanha nem se inibe; tampouco se sente subalterna. Nesses dois anos e tanto já se familiarizou com a roda íntima e a roda social de sua antiga colega do Bom Conselho. Traja um vestido Lanvin, sabe que é a primeira e a última vez que o vestirá em recepções porque para cada uma das anteriores Ana Maria lhe deu um novo, ainda amarrotado da caixa. Devido a este pensamento tão feminino ou então por mera fórmula protocolar sorri para todas e até para Nuno de Almada, pronta a encetar conversa. Lembra-se de tia Marta. "Desta vez não foi convidada. Para quê?! Não vem mesmo! Mas se ela me visse assim! Já por duas ou três vezes quando Ana Maria me mandou fazer compras sozinha no Parc Royal, na Notre Dame e no Sloper, passei de Rolls Royce pela Rua Silveira Martins. Marcos desceu, foi tocar a campainha. Tia Marta veio falar comigo e até sorriu ao perceber que ainda sou passível de vaidade e de donaire. Pois é. Já se foi o tempo em que eu ia de bonde dar aulas na Tijuca e em Vila Isabel. Distraía-me durante o percurso a ler anúncios nos andaimes e nos muros. *Bromil. Elixir de Nogueira. Kelvinator. Lâmpadas Philips.*" Pôs-se a conversar com Natália Cordeiro.

Nuno acende um cigarro. A esposa olha-o de relance; ele apaga o cigarro esfregando-lhe a ponta no cinzeiro que é uma concha

apanhada em Itanhaém. Fingindo não estar preocupado, olha semblante por semblante as amigas de Ana Maria. Quando percebe que o seu silêncio poderá parecer tácito sinal de debandada, reenceta conversa com Noêmia Hime. Nisto um primeiro grupo se levanta e principia a despedir-se; outro bando o imita. O esvaziamento daquela sala provoca saída nas demais. "Vasos comunicantes". Ele, esposa e Lúcia os seguem até o vestíbulo onde Águeda e Eusébia, paramentadas de branco, vão passando mantilhas, chales, capas, luvas, cartolas, chapéus, bengalas.

Carros, chamados pelo apito do Marcolino, sobem a rampa. Apesar do ruído dos motores e dos pneus, Lúcia ouviu Lalá Medeiros ao subir para a limusine dizer a Ana Maria:

– Ali onde está Dona Lúcia ficou muito bem *A Mulher que Fugiu de Sodoma.*

* * *

Durante o trajeto até o Copacabana Palace a conversa foi sobre o último encontro de Nuno com Muniz Aragão, em Berlim, no Hotel Adlon. A esse tempo, isto é quando Guerra Duval era o embaixador brasileiro, ele desempenhava o cargo de chanceler. Agora estava estagiando no Itamarati, aproveitara para se casar, constava que ia ser nomeado embaixador na corte inglesa. Ainda sentia profunda gratidão pelo Barão do Rio Branco, seu protetor desde o tempo da Rua Larga.

Quando o casal desceu após ele, Nuno se aboletou de novo, mandou Marcos seguir até Ipanema ou mesmo o Leblon. Queria refrescar a cabeça. Naquele trecho entre o Arpoador e os Dois Irmãos, não podendo evidentemente reler mais uma vez a carta, a tateava como numa suposta leitura pelo sistema Braille.

"Mas que coisa! Acho melhor me entender com Ana Maria, encarregá-la de entregar a Dona Lúcia a carta do marido e fazê-la

ler esta. E isto quanto antes. Já não é sem tempo. Mesmo porque Dona Lúcia pode querer aproveitar o domingo e ir visitar a tia, ou pode dar na cabeça desta vir visitá-la. Em qualquer dos casos viria à baila a carta que ela trouxe...

"Nada de pressa nem de atarantamento. Estudar bem, antes, como agirmos eu e Ana Maria. É claro que a notícia constituirá um choque turvando estes anos de paz. Em contrapartida significa uma libertação total, a disponibilidade que a viuvez implica legalmente. Se tivesse sido um casal harmonioso, causaria desespero, pranto. Ora, ela abandonou o marido por motivos categóricos. Por conseguinte vai sofrer um golpe proporcional, provisório, teórico apenas. De modo que esse estado de viuvez passa a ser um resgate. Portanto, eu e Ana Maria temos que nos adiantar aos parentes de Ribeirão Preto. Aliás estes abandonaram o rapaz na Europa e talvez nem se manifestem, considerando o casal separado desde o começo de 23.

"Ela é muito moça. Soube fugir cedo das vicissitudes. Soube reagir com brio. Tem pela frente um futuro. A viagem aos Estados Unidos, inclusive simbolicamente significa uma travessia pelo Gulf Stream, um estágio em outro hemisfério."

– Marcos, vamos para casa.

A treva, embuçada nos espaços sucessivos que o *Daimler* varava, oferecia ao passageiro auxílios colaterais. Por algum tempo, por exemplo, o farol ora verde, ora vermelho numa ilha que o espiava desde o Leblon até Ipanema, emitia mensagens versáteis. Mais adiante, tentativa de invasão de mariposas quando o carro teve que parar numa esquina em obediência ao sinal vermelho.

Evadiu-se desses ataques feitos de flancos, pondo-se a pensar no programa quando nos Estados Unidos.

"Invés de hotel, instalo-me na vila que adquiri do espólio de meu caro amigo Loewenstein; assim, seleciono alguns móveis e obras de arte que dizem transformá-la num museu; vendo

boa parte e trago o resto para cá. Enquanto Ana Maria, Leonor e provavelmente Dona Lúcia visitam a Virgínia e Maryland a convite de Mistress Cheeson, o marido e eu temos dois encargos importantes a providenciar: os planos para o prolongamento das docas de São Sebastião e de Paranaguá. E a escolha sensata de *know-how* competente, já que meu mano Eduardo resolveu aproveitar nem sei quantos alqueires da sua Fazenda Moreninha repletos, atulhados de pedreiras. As geadas o têm apavorado, de modo que, conforme me disse a rir, embora vista brim ou linho branco já se sente enegrecido de pez, de betume, pois tem uma idéia fixa: fábricas de concreto e asfalto.

"Quanto a mim, fica superintendendo as várias empresas o meu cunhado Sílvio Lara; no que concerne aos Moinhos e às Docas Reunidas confio no Thompson e no Alaric. Das docas e dos trapiches, quer do Rio e de Santos, quer de São Sebastião e Paranaguá o dinheiro cai de cornucópias. Com relação às obras dos arranha-céus para as respectivas empresas, o Baldassini que se apresse. E os meus cavalos? Ora, ora! o Maxence que zele pelo renome do meu *stud*."

Nisto Marcos pisou no freio de baixo e puxou violentamente o de mão. O *Daimler* quase corcoveou.

Reerguendo-se, Nuno perguntou:

– Estava dormindo, Marcos? Afinal, quem vinha sonhando? Eu ou você?

– Um bêbado atravessou de repente... Se o pegasse ele virava couro curtido.

Como a inesperada ameaça dum acidente, dum desastre, traz consigo a evidência dum perigo mortal, Nuno desde aquele trecho até a Rua São Clemente veio fazendo sem querer uma espécie de exame de consciência.

"Por que motivo lhe soneguei até agora aquela carta trazida

pela tia? Será que quando Ana Maria amanhã... ou domingo... ou segunda... ou terça-feira lha entregar a mando meu, sim são necessários alguns dias para estudarmos o melhor jeito de prepará-la para a infausta notícia e para a leitura da carta de Delhorme, será que em suas reflexões, depois, Dona Lúcia considerará uma cilada o meu comportamento? Ou, sagaz, bonita e distinta como é, não me tem na conta dum sacrílego e sim dum oponente que nos lances da vida é movido por um sentimento impossível de dominar mas que não causa remorsos nem censuras, antes o aperfeiçoa? Nestes dois anos e tanto que é que temos feito, senão rebater golpes, cerimoniosamente?"

Esta última comparação acudiu a ambos, simultaneamente. A Nuno, que quando os faróis do carro se apagaram em frente à garagem se preparou para descer pondo a mão no trinco da portinhola. E a Lúcia que, já pronta para se deitar, espiou pelas frestas da veneziana. A impressão dos dois foi, por mera coincidência aliás, que no parque assim às escuras, a piscina parecia uma quadra de tênis.

IV

Segunda-feira cedo.

Lúcia, sentada numa estala tirolesa, dessas que têm no encosto um recorte em forma de coração, tomou depressa o café da manhã porque principiara a lhe dar dor de cabeça o cheiro das flores murchas de dezenas de corbelhas trazidas ali para a copa. As maiores e ainda em bom estado haviam sido transferidas no domingo para a igreja de Santo Inácio, que era perto.

Ana Maria tinha ido levar Leonor ao dentista na Rua Senador Dantas.

Lúcia dirigiu-se ao jardim para tomar ar, mas se deteve no vestíbulo diante da tela de Rubens.

Tudo se apresentava como visto de frente e do alto: a muralha lateral e posterior da cidade; a porta de bronze, escancarada; nuvens esvaziando seus ventres sulfurosos sobre palácios, átrios, foros, praças, ruas, sinagogas, alcouces e residências; um anjo com espada flamejante ordenando a fuga urgentíssima a duas mulheres que transportavam alfaias e baixelas no dorso dum jumento.

Comparticipara da colocação do quadro ali onde agora estava definitivamente. Revia Ciríaco e Martinho; um, com a escada de abrir; o outro, com buchas e escápulas para serem embutidas na parede; Ana Maria e ela afastando por sobre os losangos azuis e brancos a grossa moldura para que cal e estuque não a manchassem; Martinho subindo degrau por degrau com a tela; Ciríaco, já lá em cima, procurando depois prender o fio de aço na

escápula superior enquanto Nuno se empenhava em encaixar a base nas duas escápulas de suporte; de longe, Ana Maria dizendo: "Um pouco mais para a esquerda, foi muito, agora um quase nada para a direita. Não tanto, menos, apenas dois centímetros. Chega. Chega!"

Evocou ainda os debates que a temática desencadeara, a maior parte das conversas se transformando em apresentação e defesa de teses as mais sofisticadas. O simbolista Felipe de Oliveira, de camélia na lapela, postulou que Sodoma e Gomorra, muito próximas uma da outra acolá em Cananéia, não haviam sido destruídas por se terem tornado as capitais simultâneas do Vício. Mas sim porque, coexistindo outras cidades ainda, além de Adama, Seboím e Segor – que eram as menos distantes – somente as duas foram castigadas como advertência às demais.

Graça Aranha, ostentando a Legião de Honra na casaca, levantou uma dúvida, ou consulta: tratando-se de castigo em escala demográfica total, por que motivo se concedeu fuga à família de Loth? E por que razão foi imposto à esposa dele não olhar para trás? Pois tudo quanto ela visse não lhe serviria para exortar à virtude as outras populações?

Naquela espécie de simpósio Lúcia se interessara muito mais pelo sentido da expressão "estátua de sal".

Maximiniano de Figueiredo opinou que aquela mulher veria tais horrores que a sua sensibilidade se derreteria em tamanha quantidade de lágrimas que estas quando secassem dariam para se plasmar uma estátua de sal.

Após ouvir as interpretações de Nazareth Prado e Muniz Aragão, reforçadas por políticos como Antônio Carlos e sociólogos como Pontes de Miranda, Lúcia submeteu a uma análise a sua fuga do Cosme Velho. Esquecera literalmente tudo? Nunca mais se voltara para trás?

O zelador do Petit Palais, de passagem pelo Rio a caminho de Buenos Aires, afirmou, antes de se dissolver a aglomeração ali no vestíbulo, que, quantitativamente, aquele estudo gráfico-plástico-cromático de Rubens para a *Fuga de Loth e Família*, era mais ousado, mais amplo do que a tela definitiva que se acha no Louvre; pois esta apenas expunha a família do patriarca da Caldéia rente a uma porta num trecho de muralha, ao passo que no quadro que todos estavam admirando, não havia aquele *close-up*, mas em contrapartida mostrava grande trecho de perspectiva urbana imponentemente trágica.

Estava Lúcia absorta mas já agora de olhos fechados a fim de não contemplar a tela da Proibição, quando o chacareiro Lamelas surgiu no portal.

– Entrou no parque pelo portão de serviço, e não quer subir uma senhora que a procura.

Lúcia saiu, e por uma das arcadas viu na rampa a tia Marta que ao lhe perceber a surpresa, sorriu como a absolver-se de ter vindo sem telefonar.

Como iria ficar radiante assim que soubesse que lhe fora arranjado o lugar de professora de piano da menina Leonor! Aliás, decisão de Ana Maria, com o beneplácito de Nuno; até deram a entender que Dona Marta alugasse mobiliada a residência, visto não lhe faltarem cômodos em São Clemente, na Avenida Atlântica e em Marquês de São Vicente.

– Quanta saudade! Tenho uma surpresa para a senhora. Adivinhe!

– E eu outra para a Lúcia do meu coração. Primeiro quero que me desculpes só muito raramente aceitar convites para almoços e recepções. Sou tão inibida! Visto roupa tão fora da moda! Cumulam-me de tantas gentilezas! – E após se abraçarem: – Pensei não te encontrar, como na última vez quando vim trazer-te aquela carta. Tinhas saído com a Sra. Almada e a menina, segundo

me foi dito. Voltei para casa ralada de saudades e preocupações. Mas hoje te encontro. Ultimamente me tens ido ver sempre com pressa; além do mais, viajas tanto!

– Isso de nos vermos espaçadamente vai acabar. Arranjei-lhe o cargo de professora de piano da menina Leonor.

– Ela tem queda para o teclado? Bom ouvido? Aprende com facilidade?

Mas Lúcia não respondeu. Refletia, meio aérea, cerrando um pouco os olhos.

– Que carta? Não recebi carta nenhuma. Por que não a deixou, então?

– Mas claro que a deixei. Uma carta como a que te trago hoje junto com este pacote que parece ser um livro registrado. Aquela e estes vieram da França. Quem não conhece os selos franceses com a moça semeando, não é mesmo? Não recomendei que te entregassem por me parecer que seria indelicadeza da minha parte; devia ter dito, já que havia tanta lufa-lufa no portão. Se infelizmente aquela carta se extraviou, agora te entrego pessoalmente a remessa chegada hoje cedinho. De quem será, filha? Estou tão nervosa! A carta e o pacotinho vieram subscritados a máquina; a outra era a mão; decerto a letra dele..., de Mário. Deixei-a com o guarda-portão e saí depressa porque descia a rampa a falar alto e zangado com o porteiro o sr.Almada enquanto um caminhão buzinava, e nos dois bondes, o que descia e o que subia, os motorneiros sapateavam nas campainhas.

– Por que não me telefonou depois?

– Esperei que tu o fizesses. Como não me telefonaste desconfiei que me encobrias algum desgosto causado pela carta. Que, por eu ser tão zonza, julgaste melhor o silêncio, já que não sei consolar-te. Esta carta de agora, mais o volume registrado e que recebi com diferença de menos de uma hora entre um e outro, não serão dele, talvez, mas também vêm de Paris. Olha, espia os selos

e os carimbos. Toma. Não quero entrar. Pronto, já estou com a enxaqueca. Pudera! Com semelhante extravio!

Sem pegar a correspondência, Lúcia enveredou quase a correr para o gradil da frente a fim de entender-se com o porteiro. Quando tia Marta, ofegante, a alcançou junto do quiosque, ouviu este diálogo:

– Bom-dia, seu Estácio. Há pouco mais duma semana esta senhora trouxe uma carta para mim. Eu não estava. Deixou-a com o senhor.

– Devo tê-la entregue então à governante ou ao mordomo. – O porteiro olhou de alto a baixo para a pessoa que acompanhava a preceptora de Leonor. – A senhora entregou-me uma carta? A mim? Eu nunca a vi!

Lúcia interveio:

– Como não? É minha tia, professora de piano. Tem vindo almoçar aqui algumas vezes. O motorista Marcos vai sempre buscá-la na Rua Silveira Martins.

– Ah! Então está explicado que eu não a reconheça. Tem entrado de carro pelo portão lateral. Com licença, vou telefonar lá para cima. – Entrou no pavilhão, custando a reaparecer. Elas, do lado de fora, ouviram-no fazer uma pergunta a Mlle. Perrier e depois repeti-la a Martinho. Tanto que ambos não tardaram a aparecer. A governante vindo pela rampa; o mordomo, por entre as sebes de murta. Ambos tornaram a redarguir quase em uníssono o que já haviam declarado pelo telefone de serviço:

– Não nos foi entregue nenhuma carta para Dona Lúcia.

– Pois eu a entreguei a este senhor – E ante a atitude dele: – Pelo santíssimo nome de Jesus não me contradiga.

– Ora, minha senhora. Por quem é. Eu sirvo os Almada desde o tempo do patrão Amaro. Há quinze anos. Faça o favor de perguntar ao sr. Nuno, à Dona Ana Maria, se alguma vez já houve reclamação por sumiço de correspondência ou embrulho.

Dos patrões, de Mlle. Perrier, do sr. Martinho, e mesmo da Sra. Dona Lúcia nunca recebi reprimenda. Não há-de ser uma pessoa estranha que me há-de desautorar.

Martinho tratou de repô-lo em seu lugar e condição:

– Que é isso, Estácio? Deixe-se de arrufos e basófias.

Assim de rédea curta, o porteiro andava pela grama desde o pavilhão até o gradil, e vice-versa, tirando e repondo o boné. De repente estacou e disse, cofiando as suíças:

– Estive a dar tratos à memória...

– ... ou ao besunto – emendou Martinho.

– E agora calculo o que se deve ter passado naquela estuporada manhã.. A senhora não esteve aqui no momento exato em que eu me via em apuros com a chegada dum caminhão que não podendo entrar pelo lado da garagem voltou em marcha à ré até a Rua São Clemente e atravancou dois bondes que vinham em sentido contrário? Vai ver que me entregou a dita carta no momento pior da barafunda. Isto é, o patrão a gritar comigo, o ajudante do Tornycroft (era um Tornycroft ou um Saurer?, sei lá!) a entregar-me a guia do transporte mais os papéis do despachante da aduana. – O mordomo ria do seu linguajar aportuguesado. – Em meio a tanta mixórdia lhe entreguei tudo e corri a escancarar o portão. Ele fez um chumaço da papelada toda e batendo com isso na perna seguiu para o pórtico a fim de indicar o caminho ao caminhão.

Ainda assim, Estácio apalpava os bolsos, reentrava no quiosque e após abrir gavetas e portinholas do móvel sobre o qual estava o telefone e erguer o travesseiro de sua cama no tabique pegado, reapareceu, atarantadíssimo.

Martinho esclarecia, voltado para Dona Lúcia e Dona Marta:

– Refere-se à manhã em que chegaram as estantes e o quadro. A senhora não estava, Dona Lúcia; tinha ido com a patroa e a menina ao cabeleireiro, donde as três foram passar o fim-de-

semana em Teresópolis. – E empurrando Estácio com irritação, se foi juntar ao grupo de mulheres. – Provavelmente a carta ficou no meio da papelada que o sr. Nuno largou em cima de qualquer móvel do vestíbulo ao dar ordens relativas às encomendas liberadas pela alfândega.

Agora ele e Mlle. Perrier ladeavam Lúcia, e respectiva tia. Transposto o comprido pórtico, os quatro entraram no vestíbulo, acompanhados de perto por Lamelas e Moreira que haviam assistido lá embaixo à cena e à conversa. Os dois ouviram muito bem quando a governante ponderou:

– É. Temos que perguntar ao sr. Almada. Ainda bem que é hora da Assembléia Geral marcada hoje, segunda-feira. Do contrário seria mais fácil acharmos agulha em palheiro.

Então Lamelas, aproximando-se, a chamou e fez sinal também para Dona Lúcia, enquanto se dirigia para a sala das estantes.

– Ontem, com a trabalheira de levarmos quase o dia todo corbelhas e ramalhetes para a igreja de Santo Inácio, nos esquecemos de contar o que acháramos, sábado, num dos boxes da garagem coletiva, entre sarrafos, encerados, pregos e aniagens. E dirigiu-se para a primeira estante. Não vendo nada nas prateleiras, se pôs nas pontas dos pés, espichando o corpo.

Dando um bote, Moreira, empurrando-o sem querer, retirou da prateleira superior um rolo de papéis que estendeu a Dona Lúcia. Foi fácil achar e extrair o envelope. Intato mas encarquilhado.

– Vamos para o meu quarto, tia Marta.

Rodeavam-nas a governante, o mordomo, o chacareiro, o jardineiro, evidenciando alívio e satisfação. Cheias de curiosidade ante a expectativa ansiosa das duas, aquelas testemunhas, assumindo função eventual de comparsas, as viram subir abraçadas. Logo as perderam de vista. E como tudo era ,atapetado, não lhes ouviram mais os passos.

* * *

Assim que ambas entraram no aposento, Lúcia convidou a tia a recostar-se na sua cama. Como já se sentia calma e esse era o melhor modo de não estorvar a sobrinha durante a leitura, tia Marta primeiro tirou os sapatos, afofando depois o travesseiro.

– Que cama gostosa! Verdade que um pouco larga para a pobre de mim. Não passo duma solteirona magricela. – E alisava a fronha macia e a colcha áspera. Com estas palavras quis abrandar a tensão do momento.

Conquanto emocionadíssima, Lúcia agiria em ordem lógica: primeiro, a carta redescoberta; depois, a outra, de envelope datilografado preso ao pacote estreito e retangular. Mas isso onde estava?!

Reerguendo-se, espantada, tia Marta disse:

– Estou que nem o guarda-portão! Credo! Será que se achou a bendita carta e que perdi a minha bolsa mais o pacote e a outra carta? – Nisto bateram na porta do quarto. Era Mlle. Perrier:

– Sua tia esqueceu tudo isto lá embaixo.

– Louvado seja Deus! – exclamou tia Marta tornando a deitar-se. – Já ia fazer uma promessa a Santo Antônio.

Conquanto a posição a obrigasse a olhar para o teto, ela permanecia atenta à sobrinha que, sentada na cama, dilacerou o envelope e abriu duas folhas dobradas em quatro, sendo-lhe fácil verificar que apenas página e meia estavam escritas. Leu, releu e tresleu tudo. Lógico que em tão pouco espaço não havia pormenores.

Muito lívida, mas se dominando, fechou as duas folhas, devagar, deitou-se paralelamente à tia, estendendo-lhe a carta. E tapou os olhos. Não se satisfez em cerrar as pálpebras, sobrepôs também o cotovelo em ângulo reto bem em cima da testa.

De instante a instante, tia Marta lia alto, sem querer, uma palavra, ou mesmo um trecho. A sensação que ambas passaram a experimentar se tornou a bem dizer audiovisual, os parágrafos

como que se transformando em cenas e vozes. Tia Marta revia a sala dos pianos e das alunas, em Silveira Martins, presenciava e ouvia Mário aparecer, demorar-se, sair. Lúcia o via subindo pé ante pé a escada interna da casa do Cosme Velho, alta noite, essa imagem difusa e listrada sendo substituída por ele em Paris, porém um Mário enorme como desmesurado cartaz, os pés na Étoile, a cabeça na Torre Eiffel. Sucediam-se assim, perante as duas, *close-ups* transparentes, simultâneos, que se superpunham, se confundiam, até que tudo desapareceu, ficando apenas o quarto ali naquele solar da Rua São Clemente. Tia Marta, devolvendo a carta; e cautelosa como sempre fora, apenas se referiu aos trechos objetivos:

– Pois é. Agora que já tem o certificado de especialista, tomara que venha quanto antes tentar clínica nalguma cidade progressista da Noroeste ou da Alta Paulista. Diz aí que ainda não conseguiu vir por causa do pleuris.

Lúcia comentou somente a peroração subjetiva:

"Tenho desejado escrever-te desde que saí (ou saímos) do Cosme Velho. Uma idéia constante, fixa; mas que vim adiando, porque sei quanto tens horror aos subterfúgios. Por isso, procurei antes desemaranhar-me do vício reatado. Mas já agora mal me resta tempo estrito para o arrependimento e a despedida, que são as únicas verdades que ainda te posso transmitir."

– A despedida?! – Ergueu-se resolutamente, foi até a mesa, desentranhou dos barbantes a segunda carta presa ao embrulho, abriu-a, volveu diversas folhas para ver a assinatura. Era duma pessoa a quem Mário aludira na sua carta. Leu duas páginas, deu um grito lancinante, largando as folhas, e não parava mais de andar pelo quarto, até que se livrou da sufocação.

– Mário morreu! Tia Marta, ele morreu!...

Mlle. Perrier, que ficara de alcatéia no corredor, entrou depressa.

– Que foi? Que foi?

– Mlle. Perrier, meu marido morreu.

A governante tentou fazê-la sentar-se na beira da cama que tia Marta, atônita, deixou para pegar as folhas esparramadas pelo tapete.

– Largue-me, Mlle. Perrier! Largue-me, tia Marta, ou eu as derrubo!

E continuou a chorar estranguladamente, indo desatinada da porta para a janela e da janela para a porta, como a querer dependurar-se nos cabelos. Por fim se sentou numa poltrona e com as duas cartas nas mãos lia trechos duma, conferia-os com trechos da outra. Nova golfada de pranto escureceu-lhe a vista; e então, sim, viu claro! Mário, continuava a segunda carta, lhe escrevera quatro dias antes de morrer. E esse Teodósio se declarava testemunha e endossante das palavras escritas em estado de Graça, isto é, no auge do arrependimento.

Voltou, por isso, a ler as linhas escritas pelo marido. E elas como que se volatizavam, tamanha a súplica de perdão, de misericórdia. De modo que as palavras, mesmo lidas alto não eram brados e sim sussurros de condenado implorando a um ente distante que o ajudasse na hora do resgate.

Dali da poltrona Lúcia olhou para a parede em frente. Lá estava a estampa que a irmã Latour lhe trouxera do Colégio do Bom Conselho quando a caminho do regresso definitivo à França. Uma xilogravura representando o Bom Pastor que tendo deixado as noventa e nove ovelhas no aprisco, a ele retorna com a outra que se tresmalhara. Que instantânea saudade da Irmã Latour sempre a falar em Santa Teresa d'Ávila, em Santa Clara de Assis, em Santa Catarina de Siena! Que falta que lhe fazia agora para um conselho urgentíssimo!

Mlle. Perrier saiu, deixando a porta entreaberta. A pressa indicava uma decisão.

Vagando pelo quarto, Lúcia ora atônita, ora circunspecta segundo o fluxo dos pensamentos, sempre que se aproximava da porta via pela nesga a famulagem quase completa aglomerada no corredor; inclusive Marcos, o motorista que uma vez ou outra a levava à Rua Silveira Martins ou ia buscar tia Marta. Encostou a porta e voltando parou bem diante da cama donde a vigiava a tia Marta em atitude patética; disse não para ela, mas para si mesma:

– E eu podia e devia ter salvo esse homem. Apartei-me dele quando mais precisava de mim. Deixei-o resvalar abismo abaixo. Então a gente se une, se casa, pensando apenas em usufruir vantagens? Já que não fui mãe, me competia suprir essa falta, sustendo-o.

Tia Marta, sem proferir uma única palavra, reagiu com toda a expressão do seu semblante, cuja mímica não precisou sequer da ajuda de gestos. O silêncio eloqüente punha, em seus olhos acesos e em seus lábios hirtos, rebates imediatos de atuação mais veemente do que quaisquer réplicas. E Lúcia, angariando auxílio a esmo, colhia com avidez o sentido daquelas sucessivas mutações de fisionomia:

"Ó criatura, não transformes tua amarga surpresa e tua sincera mágua em tão descabida censura a ti própria. A verdade é muito outra: teu casamento foi um martírio."

– De qualquer modo, eu devia socorrer meu marido.

"Mais do que fizeste? Cala-te."

– Mesmo porque temos é que agir.

E Lúcia abriu uma das gavetas da cômoda, tirou a sua bolsa, guardou dentro dela as cartas. Mas restava ali em cima do criado-mudo o pacote. Cortou com uma tesoura de unhas os barbantes, teve dificuldade em desmanchar o embrulho cujo envólucro era colado.

Que livro, nada! Parecia por causa do formato e do tamanho dos dois papelões.

Abriu-o. Enumerava os componentes à medida que irrompiam.

– Ah! O diploma de médico. Mais o certificado do curso de especialização... E isto aqui o que é? Atestado de quê? – Viu de relance o título da folha onde se alternavam textos impressos e datilografados. Deixou-a cair, horrorizada. Tia Marta, inclinando-se, pegou o documento: era a certidão de óbito.

Assoando-se e fungando, Lúcia esvaziou aquela gaveta da cômoda, abriu um armário, encheu duas maletas com coisas que escolhia às pressas; e enquanto isso raciocinava em voz baixa:

– Quiseram sonegar a carta dele. Teria sido estratagema de Ana Maria a fim de salvaguardar a minha paz? – Irritou-se consigo mesma. – Por que motivo arredo uma certeza para me valer apenas duma probabilidade? É claro, é evidente que foi um ardil, sei muito bem da parte de quem... – E vendo a tia fitá-la. – Tome, segure uma destas maletas. Eu levo a mais pesada. Vamos embora.

Saíram do quarto, percorreram o largo corredor até a escadaria. Embaixo encontraram Lamelas, Martinho e Marcos. Cada qual espaçado do outro, segundo a hierarquia doméstica. O primeiro disse:

– Meus pêsames.

O segundo:

– Aceite minhas condolências.

O terceiro :

– Sinto muito.

Lúcia agradecia com movimentos quase invisíveis de cabeça. Mas os três se certificaram que ela chorava por mais que disfarçasse. Surgiu no fundo do escritório um lote de mulheres tendo à frente Mlle. Perrier. Decerto a governante estivera telefonando.

Tia e sobrinha passaram devagar a certa distância do quadro de Rubens. Mesmo assim foi como se integrassem por alguns segundos o contexto da tela; num instante fugaz houve coerência

de analogias. Logo, porém, as duas rumaram para o pórtico, desceram-no até o fundo e enveredaram para o parque.

O motorista Marcos, que as precedera assim que as viu perto, ligou o motor do único automóvel que restava na garagem, convencido de que iria levá-las, como de hábito, à Rua Silveira Martins. Mas as duas enviesaram para o portão de serviço, onde Mlle. Perrier, a correr, ainda as alcançou.

– Que descalabro é esse, Dona Lúcia? Compreendo a sua dor, a sua confusão. Contudo, tenha calma, espere! A patroa e a menina não tardam. Comuniquei-me com o sr. Almada, disse-me que vinha quanto antes, que ia abreviar a Assembléia Geral.

Lúcia olhou para ela, sem redargüir nem agradecer. Por sua vez, Marcos, tirando o boné e fazendo menção de querer segurar as maletas, se aproximou como para receber ordens e ao mesmo tempo interferir solicitamente. O olhar severo de Lúcia fez a governante e o motorista se virem juntar à criadagem de dentro e de fora que se aglomerara, perplexa, entre as duas últimas pilastras do fim do pórtico.

– Vamos tia Marta. Vamos embora!

Transpuseram o portão e seguiram pela calçada da rua transversal; o gradil do parque e do jardim parecia riscá-las. Mas logo sumiram no afã da fuga e do exílio.